

*Inventário do
Patrimônio Ambiental
e Urbano do
Núcleo Histórico de*

Varre-Saí

Projeto
MEMÓRIA FLUMINENSE
Edição 2010

*Inventário do Patrimônio
Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico
de Varre-Sai*

Marcelo Salim de Martino

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do
Núcleo Histórico de Varre-Sai.

Projeto Memória e Patrimônio, Produção de Projetos de Pesquisa,
Estudos e Documentos de Inventariação do Instituto Estadual do
Patrimônio Cultural – INEPAC/Secretaria de Estado de Cultura.

Varre-Sai
Edição do Autor
2011

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai
Estado do Rio de Janeiro.

M386i Martino, Marcelo Salim de, 1966-

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo
Histórico de Varre -Sai / Marcelo Salim de Martino . –
Miracema; RJ: Edição do Autor, 2011.

623 p. : il. p&b; color.

1. Patrimônio Cultural - Proteção 2. Patrimônio Cultural -
Inventário - Varre-Sai (RJ) 3. Patrimônio Ambiental Urbano -
Preservação - Varre-Sai (RJ) 4. Projeto Memória e
Patrimônio, Produção de Projetos de Pesquisas, Estudos e
Documentos de Inventariação do Instituto Estadual do
Patrimônio Cultural – INEPAC/Secretaria de Estado de
Cultura 5. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural -
INEPAC I. Título.

CDD: 363.70098153

Catálogo elaborado por Alyne Castro dos Santos - CRB 7: 5210

Ficha Técnica:

Marcelo Salim de Martino – Coordenador

Vitor Caveari Lage – Arte e Diagramação

Heryck Henriques da Costa – Auto Cad

Véra Lucia Mota Gonçalves – Revisão Ortográfica

Apoio:

Prefeitura Municipal de Varre-Sai

Secretaria Municipal de Educação

Departamento de Cultura

Índice

Primeira Parte

Apresentação

Ficha 01 - Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas	001
Ficha 02 - Igreja Matriz de São Sebastião	025
Ficha 03 - Casa da Dilina	059
Ficha 04 - Casa do Sr. Nelson de Oliveira	075
Ficha 05 - Casa do Sr. Luiz Pulitini	087
Ficha 06 - Casa da Olneida	097
Ficha 07 - Casa do Tancredo Righetti	111
Ficha 08 - Casa do Sr. Primo Sobreira.....	117
Ficha 09 - Bar do Fei.....	125
Ficha 10 - Casa do Antigo Cartório	137
Ficha 11 - Casa do Dr. Jácomo José Fabbri	151
Ficha 12 - Lira Santa Cecília	157
Ficha 13 - Casa do Sr. Abib	173
Ficha 14 - Casa do José Antônio.....	189
Ficha 15 - Casa do Careca	193
Ficha 16 - Padaria Santo Antônio	201
Ficha 17 - Casa da Berenice.....	209
Ficha 18 - Pousada Sobradinho	213
Ficha 19 - Anexo Pousada Sobradinho.....	219
Ficha 20 - Casa da Carmem Lúcia	225
Ficha 21 - Casa da Memélia	237
Ficha 22 - Casa do Bituta.....	247
Ficha 23 - Biblioteca Municipal Prof. Helena M. Giovanini.....	263
Ficha 24 - Bar do Sapato	281
Ficha 25 - Casa da D. Hilma	289
Ficha 26 - Igreja de Santa Filomena	295
Ficha 27 - Bar do Fernando.....	311
Ficha 28 - Casa do Pão	321
Ficha 29 - Casa do Sr. Lindolpho	331
Ficha 30 - Hotel da Ritinha.....	347
Ficha 31 - Casa da Maria Helena	353
Ficha 32 - Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho.....	367
Ocupação urbana	383
Construções, técnicas e alguns artífices da arquitetura varressaense	411

Segunda Parte

Histórico	435
Desbravamento da Região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro	437
José de Lannes Dantas Brandão e o desbravamento da região.....	449
História Administrativa da formação do povoado à emancipação	456
As primeiras fazendas e seus proprietários	483
Outras histórias	489
A escravidão negra	497
A imigração italiana.....	507
O café	520
O século XX.....	530
Vida social	536
Os bailes.....	543
Carnaval.....	545
Grêmio Dramático de Varre-Sai	548
Cinema.....	552
Música.....	557
Jornais.....	565
Correios.....	566
O vinho de jabuticabas	568
Estradas e transportes.....	573
Iluminação pública.....	579
Água e esgotos	584
Telefone.....	586
Bancos	588
Cartórios.....	589
Sociedade Amigos de Varre-Sai - SAVS	590
Saúde.....	594
Seminário Maria Imaculada	598
Educação	599
Brasão de Armas, Bandeira e Hino do Município de Varre-Sai	603
Bibliografia e fontes	607



*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Saí*

Para Chicrallina Salim de Martino, minha mãe, por estar sempre ao meu lado, partilhando e dando asas aos nossos sonhos.

Para Dina Lerner, amiga sempre querida, pelo exemplo, pela postura ética, por acreditar em nosso ideal e por não ter me deixado desistir.

Agradecimentos

O Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai não teria sido possível sem participação de pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com nosso trabalho. Com muita satisfação, registramos aqui nossos agradecimentos:

Ao Prefeito Municipal de Varre-Sai – Sr. Everardo de Oliveira Ferreira - por ter compreendido e colaborado com nosso intento.

À Maria Letícia Ramos de Oliveira, Secretária Municipal de Educação e Cultura de Varre-Sai, por partilhar de nossos ideais, pelo carinho e pelo apoio incondicional.

À Teresa Cristina Coutinho, Agente Cultural, incansável parceira e colaboradora. Sem a sua obstinação, dedicação, persistência e conhecimento não teríamos conseguido reunir tantas fontes e informações.

À equipe do Departamento de Cultura e do Centro Cultural Sebastião Vargas de Oliveira, pela atenção e o carinho com que sempre fomos recebidos.

A Vitor Caveari Lage, pela compreensão, parceria, sensibilidade e por valorizar com sua arte nosso trabalho.

À Véra Lucia Mota Gonçalves, pelo carinho de mestra querida, pelas horas agradáveis recordando coisas do passado e pela revisão ortográfica.

À Luciane Barbosa, nosso ponto de apoio no Departamento de Pesquisa e Documentação do INEPAC, pelas orientações e atenção constante ao longo desses seis meses.

Às equipes do Departamento de Patrimônio Cultural e Natural, do Departamento de Pesquisa e Documentação do INEPAC, pelo apoio e acolhimento de sempre, e a Secretaria de Estado de Cultura pela oportunidade da realização deste Inventário.

Ao Estúdio Soma, representado por Francyla Bousquet, pela orientação, pelo apoio e carinho de sempre.

À Edilma Fontes Vargas Martins, Dr. José Antônio Abreu de Oliveira, Dr. José Luiz Teixeira e a Nazira Abib Oliveira Vargas, por partilharem suas pesquisas, descobertas e conhecimentos.

À D. Philomena de Sá Vieira, pela memória invejável de seus noventa e quatro anos.

À Amélia Vargas de Oliveira (*in memoriam*), a D. Mauro Fragoso – Diretor de Patrimônio do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, a Jamilton José Vieira e à Filomena Silvia Nunes Figueira, pelas informações e esclarecimentos prestados, indispensáveis a confecção dos textos históricos.

A Adriano Novaes, pelas informações e indicações bibliográficas.

À Cristina Moreno Amim, prima querida, pela força e pela vibração positiva nos momentos difíceis do projeto.

À Regina Abib Oliveira Vargas, Juscelino Oliveira Vargas, Dr. Francilino Bastos França, Lúcia Maria Sobreira Lopes, Vera Righetti Glória, Melchior Ezequiel Coimbra Pelegrini, Selma Maria Vieira, Francisco Bernardino de Oliveira Poly, D. Geralda Ridolphi, Luiz Ronaldo Fabri Poli, Hélio dos Santos Oliveira, Marco André Balduci, D. Helena Ramos Vieira de Oliveira e a Maria de Lourdes Tupini Figueiredo, pelas importantes contribuições dadas ao trabalho.

À Maria Elmira Rosa Corrêa, Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira, José Antônio, Carmem Lúcia Oliveira, Nízia Aparecida Vargas de Medeiros, Kátia Vieira Santos, Vivalda Morucci Machado, Edmée Siqueira Machado, Jácomo José Fabbri, Maria Helena Ramos Belford, Amélia Vargas de Oliveira, Abib Antônio, Nazira Abib Oliveira Vargas, Margarida Nilza Ramos, Maria Nilda Ramos Badaró, herdeiros de Nelson de Oliveira, herdeiros de Lindolpho e Albertina Vieira, Léia Maria Sobreira Prudente, herdeiros de Godofredo Fabbri, Mitra Diocesana de Campos e Lira Santa Cecília, por terem autorizado a presença de nossa equipe em suas residências.

A Sebastião Odithes Lopes, Nilce Augusta Machado Tupini Vieira, José Jerônimo Amim Sacre, Carlos Henrique Monnerat, Edmée Siqueira Machado, Maria Bernadeth Ridolphi, Família Pelegrini, Família Bendia, Edith e Kátia Vieira Santos, Luci Mére Tupini, Marlene Ramos, Nair Amite Baptista, Maria Margarida Ramos Barboza, Kléber Velozo Campos, Margarida Nilza Ramos, Margarida Abib Ramos, Lira Santa Cecília, Maria Célia Ramos de Oliveira, Maria Poly Moreira, Maria Silvina Rosa Ramos, Maria Amélia Vargas Medeiros, à Igreja Matriz de São Sebastião de Varre-Sai, através do Vigário Pe. Rogério Cabral Caetano, ao Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas, ao Museu e a Biblioteca Municipal de Natividade, por disponibilizarem seus acervos a consulta.

Ao Sítio Velho Moinho, através de César e Fátima, pelo caloroso acolhimento.

Enfim, a todos aqueles que partilharam conosco do seu tempo, dando-nos atenção, interessando-se pelo projeto, abrindo suas casas, contando suas histórias familiares, demonstrando um enorme afeto por sua cidade e sua gente, contagiando-nos e permitindo que esse trabalho pudesse ser realizado.

Apresentação

Com quantos séculos se constrói uma memória? Uma memória se constrói com o tempo e com a preservação do seu patrimônio.

Ou isso, ou nada, e o que seria futuro desaparece no esquecimento, numa das manifestações mais dolorosas que a humanidade é capaz de produzir: perdendo sua história, esquece seu rosto, sua alma. (...).

Diógenes Moura – Memória do Corpo e da Alma – Portal da Misericórdia, Bahia.

A ideia de realizar o Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai surgiu, em 2009, quando visitamos o município de Natividade procurando propriedades rurais que pudessem integrar o Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense.

Ao chegarmos até a fazenda inicialmente selecionada, constatamos que o proprietário não se encontrava no local conforme o combinado. Para não perdermos a viagem, encaminhamo-nos até a Fazenda Bela Vista, outro importante complexo cafeeiro, fundado no século XIX. Em Bela Vista, a pessoa que nos recebeu, percebendo nosso interesse por exemplares arquitetônicos antigos, perguntou se conhecíamos Varre-Sai, que ficava distante há poucos quilômetros dali, localidade que segundo sua sensibilidade possuía muitas casas antigas que, certamente, nos interessariam.

O rapaz tinha toda razão, porque o nosso encantamento com Varre-Sai foi imediato. Ao passarmos pelo prédio da Prefeitura, pensamos estar chegando a uma pequena cidade de Minas Gerais, devido a presença de traços marcantes da arquitetura civil mineira. A essa altura, já completamente impregnados pelo encantamento do lugar respiramos profundamente e dissemos: que maravilha!

Imediatamente, a nossa curiosidade foi despertada: quem fundou essa cidade e quem a colonizou? Quem foram seus primeiros habitantes e como se deu a sua ocupação? As respostas foram surgindo aos poucos!

Descobrimos que Varre-Sai é uma cidade que, desde os seus tempos de vila, cultua seu passado e preserva sua memória.

Descobrimos o amor de Memélia pelos livros do Cartório, a paixão de Nazirinha por sua terra, ora liderando campanhas comunitárias envolvendo a população em trabalhos coletivos, ora escrevendo e publicando textos de exaltação a Varre-Sai e a sua gente.

Soubemos do amor e da dedicação da família Tupini à música e ao cinema que, por décadas, levaram cultura e entretenimento aos varressasenses; conhecemos a saga dos italianos e de suas dificuldades ao chegarem ainda no século XIX para substituírem os escravos nas imensas lavouras de café.

Enfim, conhecemos a história de homens e de mulheres que, com sacrifício, amor, determinação e ideal lançaram as bases para que, no futuro, Varre-Sai se tornasse livre e soberana.

Coincidentemente, no ano seguinte, a Secretaria de Estado de Cultura lançou o Projeto Memória e Patrimônio, Produção de Projetos de Pesquisa, Estudos e Documentos de Inventariação – Edição 2010, do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC.

Convencidos de que o patrimônio arquitetônico de Varre-Sai merecia um estudo mais aprofundado sobre si mesma, de forma a ter o valor cultural do seu patrimônio ambiental e urbano reconhecido como tal, percebemos a oportunidade e o desafio que tínhamos a frente.

Formulamos um projeto inicial e o enviamos a Secretaria de Estado de Cultura com o objetivo de que através da realização do inventário arquitetônico proposto pudéssemos contribuir com a preservação daquele importante núcleo histórico fluminense.

Selecionados, iniciamos o levantamento histórico e arquitetônico visitando casas, entrevistando pessoas, recorrendo a publicações regionais e acervos públicos e privados de Varre-Sai, Natividade e de Porciúncula.

Na medida em que nossos estudos foram se aprofundando, nos vimos envolvidos cada vez mais com a história da cidade. A essa altura, qualquer descoberta, fosse uma mera informação complementar ou uma fotografia que julgávamos perdida no tempo, causavam uma emoção sem precedentes.

E pensávamos: como queríamos ter estado ali para comemorar o Centenário de Varre-Sai! Como gostaríamos de ter participado da mais importante e justa aspiração que foi a Emancipação Político-Administrativa! Como gostaríamos de ter podido lutar com essa gente bonita, ordeira e hospitaleira na importantíssima e inédita campanha que foi instituída pela SAVS para salvar o Casarão do Felicíssimo, a Casa-Mãe ou Pombal, símbolo maior da terra de Baden Powell!

Durante a pesquisa, chegou até nossas mãos uma carta circular, datada de outubro de 87, em que a signatária, Edmée Siqueira Machado convocava a população de Varre-Sai para registrar sua história e, assim, percebemos que Varre-Sai não possuía uma bibliografia dedicada ao estudo de sua história, de seus símbolos, de suas tradições e de seus costumes, imprescindíveis para a compreensão da ocupação urbana da cidade que cresceu e se desenvolveu com o advento da cultura cafeeira na região noroeste fluminense.

Foi esse o momento em que decidimos acrescentar à primeira parte do trabalho, um capítulo que reunisse as informações disponíveis, coletadas e já produzidas, que foram sendo enriquecidas com importantíssimo material iconográfico, registrando, desta maneira, períodos diferentes da ocupação e da formação da cidade.

Temos a certeza, após esta rica experiência, que identificar e salvaguardar o núcleo de ocupação inicial de Varre-Sai representa, ainda, a possibilidade de contribuir para a preservação de manifestações que permitem a identificação dos habitantes com a cidade em que vivem, estabelecendo e renovando ligações afetivas, repletas de significados entre a comunidade e sua própria história.

Todo esse patrimônio cultural, além de constituir em referencia para o fortalecimento da identidade da população de Varre-Sai é também, e em especial, elemento importantíssimo que contribui para o conhecimento e divulgação da história de formação do território fluminense.

Varre-Sai, setembro de 2011.

Marcelo Salim de Martino - Coordenador

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas

Localização

Rua Túlio Righetti, nº 05

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

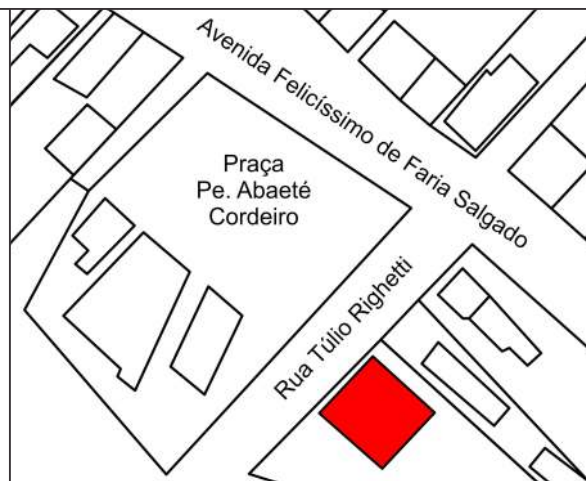
Centro Cultural e S. M. Turismo / Residencial

Proteção existente / proposta:

Lei Orgânica Municipal

Propriedade:

Prefeitura Municipal de Varre-Sai



Planta Esquemática



Fachada do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

Implantado no alto de uma ladeira, sobre um platô, em situação de dominância em relação a toda paisagem natural e construída do centro histórico de Varre-Sai e, portanto, de onde se tem uma visão privilegiada da cidade, o casarão que abriga o Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas forma um conjunto de destaque com as edificações que integram a Igreja Matriz de São Sebastião - salão, casa paroquial - e a Praça Pe. Abaeté Cordeiro (f01).

Na mesma ladeira, logo abaixo, na lateral da praça, dois imóveis residenciais foram construídos provavelmente na década de 1950, mas por serem térreos não interferem significativamente na visibilidade desse belo conjunto.



Vista do conjunto da Rua Túlio Righetti.



Google Earth.

Características do lote

Logo acima do casarão e atrás da Igreja Matriz de São Sebastião há uma grande área de mata nativa que a paróquia pretende que seja reconhecida como Reserva Particular do Patrimônio Natural. Segundo servidores do Centro Cultural são encontrados com frequência, nas proximidades da instituição, jacus, maritacas, tatus, lagartos e uma infinidade de pássaros que habitam aquela área remanescente de Mata Atlântica. Nessa reserva também está instalado o Calvário com as estações da via sacra (f01).



f01

O casarão, de aparência robusta, com dois pavimentos, apresenta um corpo principal projetado com planta retangular. Construído sobre um terreno em aclive, possui porão alto com aberturas de vãos de janelas e uma porta na parte frontal, sendo fechado nas laterais. A cobertura em quatro águas tem suas linhas suavizadas pela pouca declividade do telhado.

Na fachada lateral direita, por onde se tem acesso ao segundo pavimento, foi feito um acréscimo que se estende aos fundos do terreno em aclive, delimitando o pátio existente e formando com ele um “L” (f02).

No trecho da fachada frontal correspondente ao porão alto, é possível observar-se as estruturas do embasamento em pedra de mão deixadas aparentes (f03 a f05).



f02



f03



f04



f05

Descrição arquitetônica

A casa foi construída em pau-a-pique ou taipa de mão (f06 e f07). Essa técnica construtiva pode ser verificada através de uma vitrine instalada sobre um recorte (prospecção) na alvenaria feita num dos cômodos, realizada na época da restauração do imóvel. Possui volumetria compactada, valorizada pelo desenho da cobertura de telha cerâmica do tipo capa e canal em quatro águas com rincão (f08), beiral arrematado por larga e proeminente cimalha de madeira (f09 e f10) e pela composição ritmada dos vãos da fachada frontal no segundo piso. São seis vãos de janelas que possuem cercaduras em madeira, vergas e sobrevergas retas, mantendo folhas externas em venezianas e guilhotinas internas em caixilharia de vidro, repetidas no térreo da construção (f11 a f13).



f06



f07



f08



f09



f10



f11



f12



f13

Descrição arquitetônica

A entrada principal está localizada na fachada lateral direita que possui, ainda, outra porta de acesso no final do corpo que compõe o “L” (f14 e f15).

O acesso ao porão é realizado através de uma grande porta instalada na fachada principal (f16).



f14



f15



f16

Descrição arquitetônica

A casa possui um grande salão (f17 e f18), três salas menores (f19) e um banheiro construído na época da reforma para instalação do Centro Cultural. O porão que, inicialmente, formava um grande salão, recebeu divisória de madeira para instalação da Secretaria Municipal de Turismo (f20). De lá é possível ver as estruturas de pedra da parede e as robustas vigas de madeira que sustentam o piso do pavimento superior (f21).



f17



f18



f19



f20

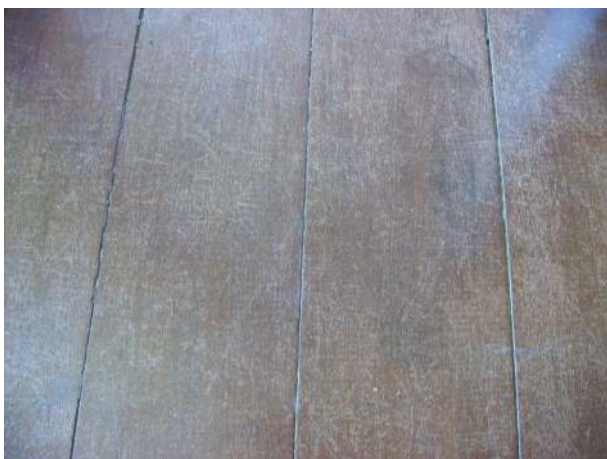


f21

Descrição arquitetônica

O salão principal e os demais cômodos possuem assoalho de madeira do tipo pranchão com junta seca (f22 e f23). O forro é no estilo saia e camisa, arrematado por uma cimalha que circunda toda a sala (f24).

A influência neoclássica da construção é percebida pela existência de bandeiras com vidros lisos e coloridos sobre as portas internas (f25 e f26). Reflexos da adoção de novos hábitos é marcado pela introdução de venezianas protegendo as guilhotinas que contraria a versão tradicional, onde as folhas são cegas e internas (f12).



f22



f23



f24



f25



f26

O estado de conservação da casa é bom. No período de restauração do imóvel, algumas colunas de concreto foram erguidas no térreo para ajudar na sustentação dos barrotes mais comprometidos da estrutura (f27).

Paredes de alvenaria de tijolos também foram construídas a fim de evitar a entrada de pequenos animais no interior do porão.

Pequenos telhados de alpendre recobertos com telhas cerâmicas do tipo capa e canal foram instalados sobre as duas portas de acesso ao pavimento superior para proteger marcos e soleiras das chuvas. São arrematados por lambrequins de madeira (f28).

Alguns barrotes do térreo estão desgastados nas juntas e necessitam de pequenos reforços.

Através de uma escada lateral chegamos ao pátio interno que possui parte da pavimentação de paralelos e outra em cimento. Dessa parte da casa podemos ter uma visão da área que foi ocupada pela construção do único banheiro que serve o imóvel (f29).



f27



f28



f29

Estado de conservação

Nessa parte da construção estão instalados dois anexos que servem como cozinha e depósito da instituição (f27). A cobertura do depósito em telha de fibrocimento interfere de forma negativa no conjunto de construções.

A última intervenção realizada foi a pintura externa nas cores amarelo e azul (f30 e f31).



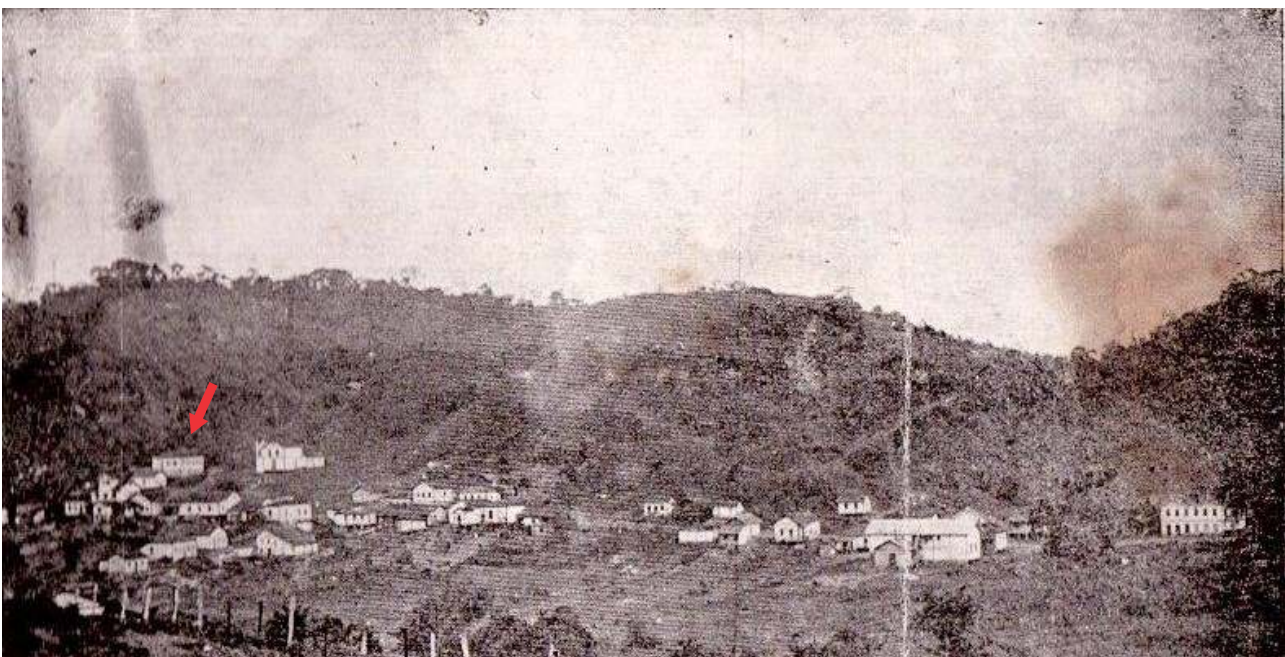
f30



f31

A história do casarão está ligada a própria história de Varre-Sai. O fazendeiro português Felicíssimo de Faria Salgado, nascido por volta do ano de 1807 era filho de Teodoro de Faria Salgado, Alferes da Guarda Nacional e de Francisca Maria da Silva, moradores da Vila de Remédios-MG, conforme relação de habitantes de 1819, existente no Arquivo da Câmara de Mariana – MG. Conforme a publicação Polis 30, de abril de 2002, *Teodoro: branco, alferes, casado, 40 anos, roceiro; esposa: Francisca Maria da Silva, branca, com 32 anos; filhos: Claudiano (17 anos), Antônio (16 anos), Venâncio (4 anos), Luciano (14 anos), Feliciano (12 anos), Fortunato (8 anos), Francisco (1 ano), Cândida (10 anos), Mariana (4 anos) e Ana (2 anos)*. Felicíssimo teria adquirido, por volta de 1848, terras nas nascentes do Ribeirão Varre e Sahe. Aproximadamente por volta de 1850, lhe atribuem a criação do povoado de São Sebastião de Varre Sahe doando à Igreja uma área de terras como forma de agradecimento por uma graça recebida de São Sebastião. Nessas terras, que ele registrou em 20 de agosto de 1855 no Livro de Registro de Terras de Santo Antonio de Guarulhos, sob o nº 430, em observância ao artigo 91 do Decreto Provincial nº 1318, de 30 de janeiro de 1854, foi construída uma capela dedicada ao santo. Anos mais tarde, por volta de 1913, a capela foi demolida e em seu local foi erguida a Igreja Matriz de São Sebastião. O fato é que Felicíssimo possuía outras propriedades na região, como a Fazenda Bandeira, registrada também nesse mesmo livro.

O casarão, provavelmente edificado por volta de 1850 (f32), foi a principal construção do então vilarejo de São Sebastião do Varre Sahe. Foi construído para servir como residência de Felicíssimo, que foi casado com Maria Angélica de Magalhães, mas segundo consta, o mesmo não chegou a se mudar porque estava doente e não podia subir o morro onde a casa foi construída. O Almanaque de Laemmert de 1850 o relaciona como eleitor de Santa Rita do Rio Negro, atual Euclidelândia (RJ). Felicíssimo faleceu em 10/12/1883 e foi sepultado no cemitério local.



f32

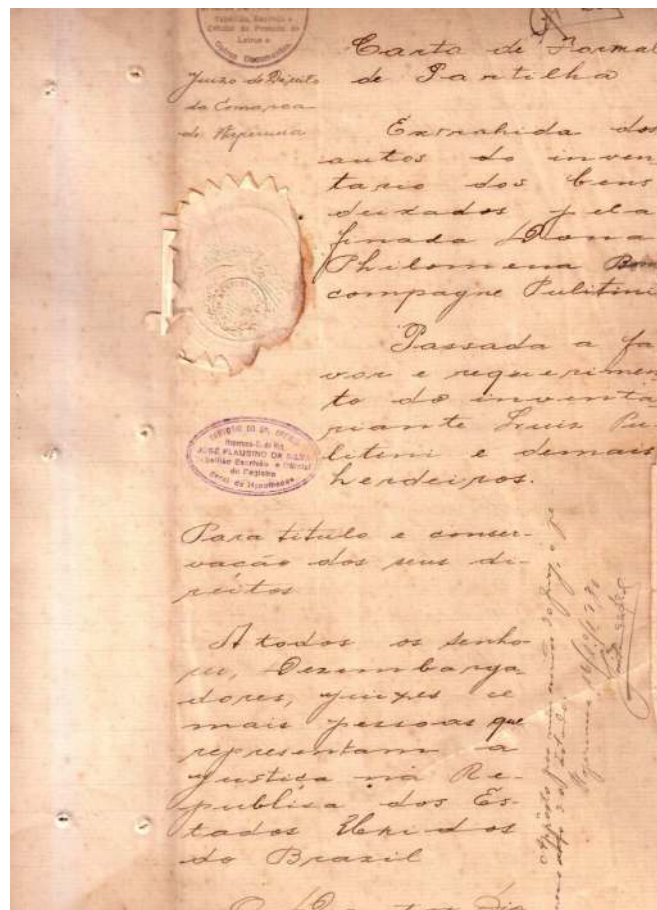
Tempos depois, essa casa foi adquirida por Leonardo Pulitini casado com Philomena Bomcompagne Pulitini (f33). Com o falecimento de Philomena em 13/05/1929, os bens existentes entraram em processo de inventário. Foram seus herdeiros, seus filhos Luiz, Guido e os filhos de Rosa Pulitini, já falecida, casada com Antônio Giovanini. Da Carta de Formal de Partilha (f34) extraída dos autos do inventário deixados por D. Philomena constatamos a existência da casa nº 10, localizada no Largo da Matriz, avaliada em dois contos e quinhentos mil réis e um paiol, no quintal da referida casa no valor de cem mil réis, no local onde atualmente encontra-se a casa nº 3 da Rua Túlio Righetti (f35).



f33



f35



f34

Posteriormente, a família Pulitini vendeu o casarão a uma associação ligada à Igreja Católica. Com a saída do padre tradicionalista Antônio Siqueira, a Mitra Diocesana de Campos, interessada em legalizar os bens de suas paróquias, conseguiu reaver o casarão que, finalmente, foi vendido à Prefeitura em 1998.

A Casa Mãe (f36), como é conhecida na comunidade por ter sido a primeira construção de Varre-Sai, sediou por muitos anos uma escola para ensino do catecismo. Com a emancipação política e administrativa do município de Natividade em 1991, a Sociedade Amigos de Varre-Sai – SAVS, fundada em 23 de maio de 1948, na época dirigida pela antropóloga Nazira Abib Oliveira Vargas, passou a pleitear do recém instalado governo a desapropriação do imóvel da Mitra Diocesana de Campos a fim de que o mesmo fosse preservado e tivesse uma destinação cultural para a comunidade (f37 e f38).



f36



f37



f38

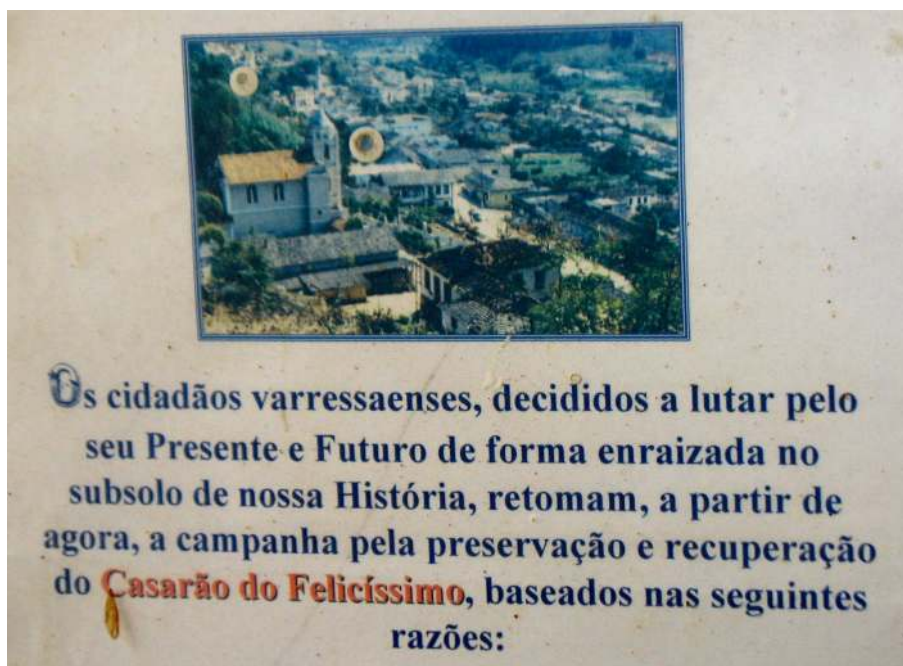
Mas a luta para instalação do Centro Cultural se intensificou em 1998, durante o cinquentenário de fundação da SAVS (f39 a f41), através de uma campanha de mobilização visando à preservação do imóvel.



f39



f40



f41

Encontramos ainda preservado na residência de Nazira Vargas um mural da época com registros fotográficos e textos que tão bem ilustram a determinação da Sociedade de Amigos de Varre-Sai para fazer valer o seu direito de preservar sua memória e os referenciais históricos de seu povo. Desse mural confeccionado em 1998 extraímos as seguintes partes:

“Os cidadãos varressaenses, decididos a lutar pelo seu Presente e Futuro de forma enraizada no subsolo de nossa História, retomam, a partir de agora, a campanha pela preservação e recuperação do Casarão do Felicíssimo, baseados nas seguintes razões:

-Varre-Sai é um dos raros lugares que contam com o privilégio de ainda ter de pé algumas das casas que remontam às origens do lugar;

-Entre essas casas destacam-se algumas que, por seu valor arquitetônico e sua história, são respeitadas e queridas por todos que desejam construir o presente e o futuro respeitando as raízes do lugar;

-Dentre essas casas que mais se ligam à nossa história, há um casarão que remonta aos tempos da fundação do povoado. É preciso, portanto, preservar este bem de valor histórico e cultural varressaense;

-Trata-se do casarão do Centenário, casarão que já existia ao lado da Igreja Matriz de madeira de Varre-Sai;

-Casarão, primeiro marco de nossa história!

-É urgente a preservação deste bem histórico ameaçado de destruição. É urgente preservar suas formas arquitetônicas no estilo dos sobrados rurais de nossa região, sobrados em processo de extinção;

-O Casarão do Felicíssimo foi o símbolo escolhido para o primeiro centenário de Varre-Sai por ser a casa-mãe do lugar;

-O Casarão do Centenário foi obra arquitetônica construída pelo mesmo Felicíssimo, tendo em vista ser a casa sede da Freguesia de São Sebastião de Varre-Sai.

-Um dos nossos mais importantes Prédios Históricos não pode continuar esquecido, deteriorado, como uma chaga aberta, uma ferida cruel na Memória de nossa Cultura Municipal, Regional e Estadual. O momento é este! Recuperação já! O Casarão não pode esperar!”

Recebemos de D. Memélia um texto belíssimo, testemunho da importância que esse imóvel tem para a população de Varre-Sai, de autoria da antropóloga Nazira Abib de Oliveira Vargas, datado de 12 de agosto de 1988, através do qual, provavelmente, foi iniciada a campanha para salvação do Casarão da Matriz. Esse texto foi posteriormente publicado no Jornal O Fluminense, Niterói, em 2 de setembro do mesmo ano, o qual transcrevemos na íntegra:

Varre-Sai: O Casarão da Matriz

Velho Casarão... Casarão dos Tempos Primeiros...

Foi daqui, de cima desta colina, que nasceu o primeiro sonho por se construir um novo lugar...

Foi daqui, de cima desta colina, vivendo a doce alegria de morar numa terra bela que se lançou a semente de uma Nova Vila...

Daqui, deste lugar, os olhares que testemunharam o festivo tilintar dos sinos das madrinhas das primeiras tropas...

A alegre correria dos primeiros habitantes, em suas matas... A chegada dos primeiros portugueses, sírios e italianos em busca de terra e trabalho.

Daqui, de cima desta colina, se ouviu o triste lamento dos negros arrancados de suas nações e feitos escravos em algumas de nossas fazendas...

Velho Casarão...

Casarão que viu nascer as primeiras casas de taipa que aqui se plantou. Casarão que viu soerguer, nas encostas do vale, o desenho dos belos sobrados...

Casarão que acompanhou o nascimento dos primeiros filhos da terra...

Casarão que ouviu as primeiras retretas da Banda da Rua de Cima, Banda do Ernestino, Banda da Rua de Baixo, do Thomáz de Aquino, do Tupini, Banda da Barra Funda, Banda das Flautas de Bambu, e tantas outras, de nossas fazendas...

Casarão dos inesquecíveis Bailes dos Cavadeiras, Casarão que acompanhou o misterioso bater dos caxambus, as brincadeiras e cantigas de roda, e o alegre chamado da campanha do Cinema do Norival...

Casarão que viveu a alegria ruidosa das Quintas dos Judas, a esperança dos jovens casais nas escadarias da Matriz, o repicar dos sinos nas festas dos padroeiros.

Casarão que conviveu com as imensas saudades que acompanharam os enterros de nossos mortos, e a barulhenta alegria dos carnavais, leilões, brincadeiras do Boi Pintadinho e de São João...

Velho Casarão, sentinela de nossa história. Memória dos tempos primeiros.

Pois bem, o velho Casarão está morrendo. É necessário uma grande campanha.

É preciso mobilizar todos os varressaenses para salvarmos a nossa memória.

Vamos salvar o Casarão!?!

Vamos lutar para fazer a vida retornar à velha colina?...

Vamos, de novo, fazer do Casarão do Centenário o que ele sempre foi: O berço de Varre-Sai.

A nossa Casa Mãe...

O coração da nossa História!

Vamos salvar o Casarão?

*Há quinze meses, um grupo de varressaenses vive um belo sonho: Transformar o velho Casarão Do “Pombal”, o Sobrado dos Tempos Primeiros, em sua Casa de Cultura. E há quinze meses que uma questão judicial envolvendo o reverendo Padre Antonio e a Mitra Diocesana, impede, ainda, a realização de uma ampla campanha para a realização deste sonho. Enquanto isto **o Casarão está caindo**.*

*Há algumas **responsabilidades** que por serem do **interesse coletivo**, são **responsabilidades históricas**. Decido, por isto, vir a público, e colocar este desafio, esta convocação para todos os varressaenses e amigos desta terra. Não importa a que partidos pertençam; nem a que credos religiosos; nem a que segmentos da mesma religião. É a História do Varre-Sai que está em jogo. É a nossa possibilidade de salvar a nossa Casa-Mãe e aí construir um foco irradiador de cultura que está em questão. Um belo projeto envolvendo a criação de um museu histórico, uma biblioteca, um pequeno auditório para cursos, shows, um teatro de arena para espetáculos populares, concertos musicais, uma sala de projeção, etc, está em questão.*

Não podemos ver cair, pedra por pedra, fruto da nossa indecisão, omissão e ausência de visão quanto às nossas raízes, o nosso Patrimônio Histórico maior, o nosso Casarão da Matriz.

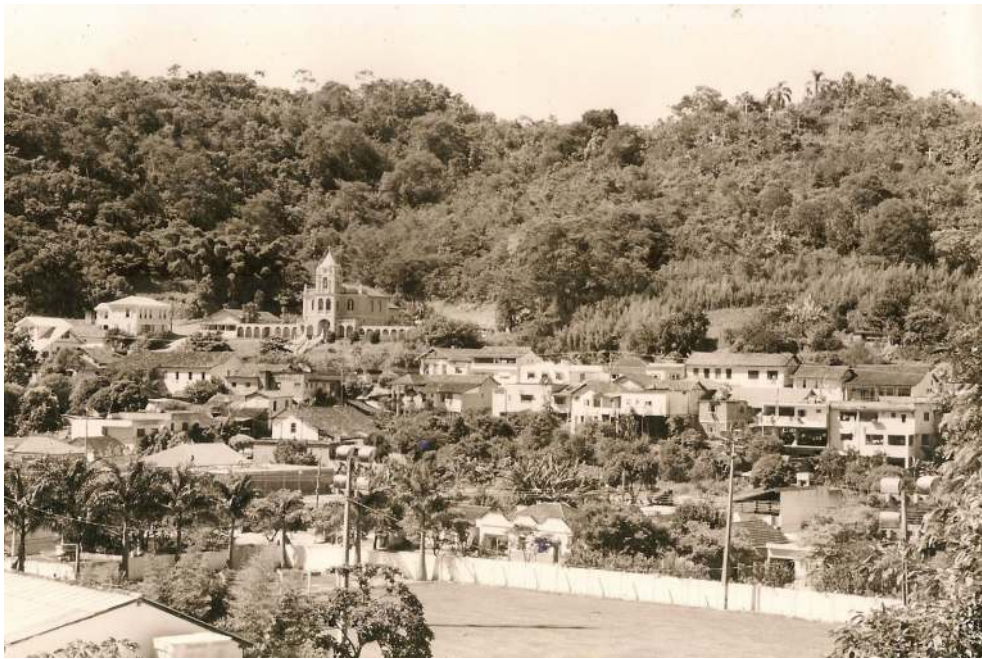
Face a isto, lançamos à Mitra Diocesana e ao Padre Antonio, uma alternativa que a todos engrandece: Entreguem o Velho Casarão à uma nova instituição, a “Casa da Cultura de Varre-Sai”. Façam, desse gesto, a marca de sua presença construtiva entre nós.

Varre-Sai, 12 de agosto de 1988.

Assinado: Nazira A. Vargas

Finalmente, em 13 de março de 1998, a Câmara Municipal de Varre-Sai, através da Lei nº 207/98, autoriza aquisição do imóvel, medindo 200 m², edificado em uma gleba de aproximadamente 1400 m², tendo 35 m de frente e confrontando do lado direito, com extensão de 40m com Paulo Fabbri e no lado esquerdo, com a mesma extensão de 40m com a Mitra Diocesana de Campos, proprietária do imóvel (f42).

Após sua aquisição em 26 de novembro de 1998, na gestão do Prefeito Dr. Silvestre José Gorini foram iniciadas uma série de obras de restauração e de reforço estrutural comandadas pelo arquiteto Francisco de Assis Leal (f43). Em sete de dezembro de 2000 foi finalmente transformado em Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas, carinhosamente conhecido por Bituta, dedicado à valorização da história e à preservação da memória de Varre-Sai (f44 e f45).



f42



f43

O Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas que recebeu esse nome em homenagem a um dos mais participativos filhos de Varre-Sai, além de sediar o Departamento de Cultura ligado a Secretaria Municipal de Educação, mantém uma exposição de longa duração sobre a cidade com registros fotográficos, documentos e pequenos históricos sobre instituições e pessoas da cidade (f17 e f18). Possui uma sala especial, instalada em 18 de abril de 2002, dedicada ao seu filho mais ilustre, o compositor e violonista Baden Powell. Lá estão reunidos discos de vinil, DVDS, CDS, fotos, capas de discos, troféus, violão e objetos pessoais. Possui ainda, farto acervo documental e iconográfico sobre a imigração italiana, onde é possível encontrar informações pessoais (f19), história das famílias e de suas aldeias e províncias italianas. O espaço também é utilizado para realização de eventos culturais da cidade (f46).

O imóvel possui um valor afetivo muito grande para a população de Varre-Sai provavelmente porque tenha nascido da comunidade a idéia de sua preservação.



f44



f45



f46



f47 - Turma de alunos defronte o Casarão do Felicíssimo.



f48



f49



f50



f51



f52



f53 - Detalhe do interior.



f54 - Detalhe do porão visto do pátio interno.



f55 - Detalhe das sapatas de pedra de mão revestidas com argamassa.



f56 - Detalhe de grampo da madre.



f57 - Detalhe da forração interna do tipo saia e camisa.



f58 - Detalhe do beiral.



f59 - Detalhe de parede de pau a pique.



f61 - Detalhe da parede e janela do porão.



f60 - Detalhe do barroteamento do porão.



f62 - Detalhe do telhado.

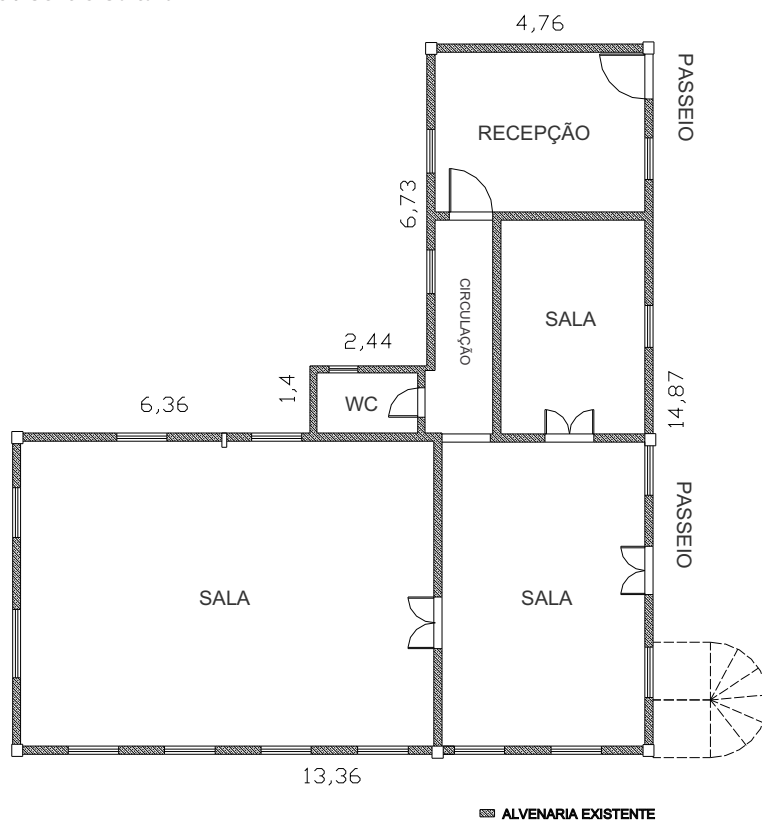
Bibliografia e Fontes:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas.
Acervo da Sra. Nazira Abib Oliveira Vargas.
Acervo da sra. Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira
Acervo de D. Amélia Vargas de Oliveira
Entrevista com a Agente Cultural Teresa Cristina Coutinho.
Site www.ferias.tur.br/informacoes/7112/varre-sai-rj.html

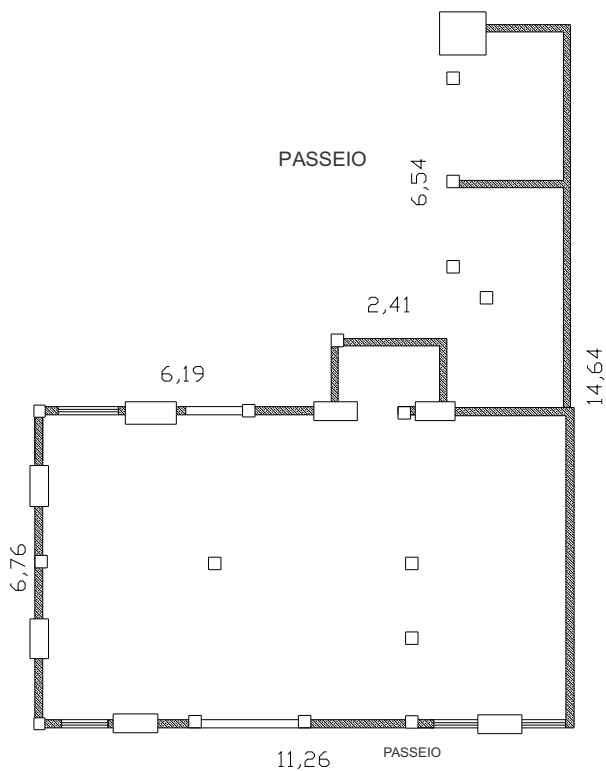
Fotografias:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f47, f48, f49, f50, f51, f52.
Acervo de José Antônio Abreu de Oliveira: f53, f54, f55, f56, f57, f58, f59, f60, f61, f62.

1º Pavimento / Centro Cultural



Térreo / Secretaria de Turismo



Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Igreja Matriz de São Sebastião

Localização

Praça Pe. Abaeté Cordeiro, s/nº

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

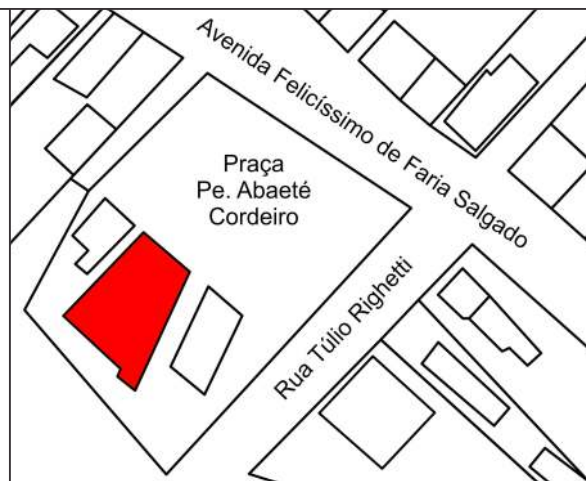
Templo Religioso / Templo Religioso

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Mitra Diocesana de Campos dos Goytacazes



Planta Esquemática



Fachada da Igreja Matriz de São Sebastião.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A Igreja Matriz de São Sebastião, incluindo o salão e a casa paroquial, está implantada no alto de uma ladeira, sobre um platô que fica numa pequena elevação no coração de Varre-Sai e possui uma situação de dominância em relação à paisagem natural e edificada do núcleo histórico da cidade. Forma com o casarão do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas, no entorno da Praça Pe. Abaeté Cordeiro, um dos conjuntos arquitetônicos de maior destaque e de onde se tem uma visão privilegiada de Varre-Sai (f01).

Na mesma ladeira, logo abaixo, na lateral da praça, dois imóveis residenciais foram construídos provavelmente na década de 1950, mas por serem térreos não interferem significativamente na visibilidade desse belo conjunto.



Vista do conjunto da Rua Túlio Righetti e Praça Pe. Abaeté Cordeiro.



Google Earth.

Características do lote

O conjunto religioso que compõe a Matriz, situado no platô que fica a meia altura da encosta florestada que serve de cenário de fundo ao casario histórico da cidade e onde se localiza sua praça central, tem sua fachada frontal desenvolvendo-se paralelamente à avenida principal. Os ambientes que constituem os espaços dessa praça tiram partido da topografia irregular do sítio. Junto à avenida, destaca-se o espaço correspondente a praça propriamente dita, que se constitui num calçadão largo delimitado por um muro de arrimo encimado por balaustradas. A área correspondente ao trecho em aclave é subdividida em duas partes por uma escadaria central de acesso ao adro da Matriz. O trecho a esquerda encontra-se gramado, sendo a parte plana mais abaixo utilizada como estacionamento (f01). Do lado direito, no centro do terreno, fica a pequena gruta de Nossa Senhora de Lourdes, revestida com pedras e protegida por dois pequenos portões de ferro (f02 e f03).



f01



f02



f03

A praça, no trecho situado ao longo da avenida, possui um coreto hexagonal (f04), com guarda-corpo de balaústre e telhado coberto com telhas do tipo capa e canal, arrematado por lambrequim; bancos de madeira com bases de concreto; algumas árvores como duas velhas amendoeiras; quaresmeiras e uma bica (f05) de pedra em estilo barroco com mascarão, com meia bacia, aplicadas sobre parede com revestimento de ladrilho hidráulico onde se lê o seguinte:

*Esta água que agora bebes,
vem de lá, do ventre de uma grotta,
território sagrado que alimentava a “Bica do Rancho”,
Rancho de Tropeiros, “Rancho do Varre-Sai”!...*

(Nazira A. G. Vargas)



f04



f05

Não sabemos se a atual bica está instalada no local do primitivo chafariz. O fato é que A Vedeta, nº 51, Ano 4, editado em Natividade do Carangola noticiou em 6 de maio de 1906, que graças à boa vontade e à disponibilidade financeira dos senhores Manoel Maximo Moreira, João Damasceno de Figueiredo e José Antonio Monteiro, a população já pode se abastecer do chafariz do Largo da Matriz, que encontrava-se há bastante tempo danificado, dificultando o abastecimento da maior parte da população do arraial.

De acordo com informações da cidadã varrissaense e cientista social Nazira A. G. Vargas, o coreto é replica do antigo (f06) e os balaústres foram confeccionados a partir de um exemplar que guardou na ocasião em que um padre retirou o último lance do guarda-corpo que ligava a escada à porta principal da igreja. *Esses balaústres da escadaria da igreja tem uma história linda, porque o Sr. Lindolpho Vieira, que era farmacêutico, convocava as crianças da época para encherem as formas de cimento.* E prossegue: *o coreto possui uma acústica fantástica! Foi projetado baseado numa mandala. Foi construído para substituir o antigo que era pequeno e não cabia mais uma banda de música inteira.* (1).

A praça foi construída num nível elevado para evitar o contato direto das pessoas, sobretudo de crianças e de idosos, com a rua e o trânsito.



f06

O acesso principal à Igreja Matriz de São Sebastião, padroeiro da cidade, é realizado através de uma escadaria central, de alvenaria de cimento armado e tijolos, com revestimento cerâmico, ladeada por extenso guarda-corpo balaustrado (f07) também utilizado como arremate em todo muro de contenção existente no sopé da colina onde a igreja foi erguida. Os vãos sequenciados de balaústres são arrematados por acrotérios, que é uma espécie de base, onde foram instalados pequenos postes de alvenaria. Duas estátuas de São Pedro (f08) e de São Paulo (f09) guarnecem a escada e instaladas sobre a base de alvenaria revestida com pedra madeira, possuem as seguintes inscrições gravadas no mármore: *SÃO PEDRO - HOMENAGEM AO EMINENTE ARCEBISPO BRASILEIRO D. OCTAVIANO PEREIRA DE ALBUQUERQUE O PADRE ANTONIO CERBELLA COM CARINHO FILIAL OFERECE – 7/4/1939. SÃO PAULO – HOMENAGEM AO CATÓLICO POVO VARRISAENSE COM CORAÇÃO SINCERO DE SACERDOTE O PADRE ANTONIO CERBELLA DEDICA – 7/4/1939.*

Parte desse guarda-corpo que terminava nas colunas da igreja foi retirada para permitir a comunicação entre a Matriz e os prédios que compõem seu conjunto de edificações.



f07

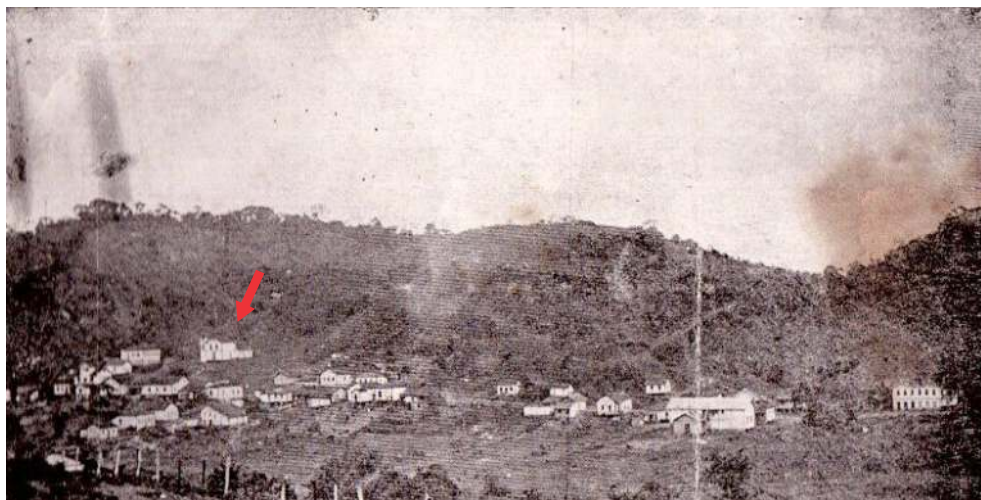


f08



f09

Em estilo eclético, a Matriz de São Sebastião, foi erguida na década de 20 do século XX para substituir a primitiva Capela que lá existia (f10). A fachada principal, de pequena testada, é marcada pela torre sineira central, que lhe confere verticalidade, acentuada pelo arco pleno, ladeado por balcões de aba corrida que ocultam o telhado do galilé, que é um pórtico situado entre a fachada frontal e a parede onde se encontra a porta de acesso à nave (f11).



f11



f10

Destacam-se os arcos trilobados, muito utilizados em construções ecléticas, influenciadas pelo estilo mourisco, com janelas de perfil metálico com vidros coloridos. Logo acima, fica a torre sineira com vãos em arco pleno (f12), coroada por cúpula de planta octogonal arrematada por cimalha, tendo em cada face um óculo (f13).

A torre central é ladeada por duas janelas bipartidas, subdividida por uma coluna e vitral em forma de cruz latina, que se repetem nas fachadas laterais. Uma larga cimalha arremata essa parte da construção que possui aba corrida com balaústres de forma curiosa, guarnecida por acrotérios com elementos decorativos piramidais (f14).



f12



f13



f14

As laterais, defronte ao adro, construídas posteriormente, possuem um amplo corredor com uma sequência de arcos plenos que ligam a Matriz a casa e ao salão paroquial, localizados respectivamente do lado direito e esquerdo do templo, coberto com telhas cerâmicas do tipo capa e canal (f15).

A casa paroquial primitiva foi demolida (f16) e em seu lugar surgiu uma construção que muito contribui para a descaracterização do conjunto.

A casa primitiva pertencia ao Sr. Antonio Pergente, que mais tarde a vendeu para a família Moruci. Nessa época, o caminho para subir até a igreja, passava por trás do antigo coreto. D. Raquel Moruci, muito religiosa que era, doou-a ao Apostolado da Oração, oportunidade em que também ofertou as imagens do Senhor morto e de Jesus crucificado. (2). D. Raquel Moruci, nascida na Itália, faleceu com 84 anos, em 31/12/1946. Por sua iniciativa foi construída a Capela de Santo Antonio da Jacutinga, também organizou e manteve as irmandades do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora do Carmo, além de realizar obras de caridade entre os mais necessitados. Seu enterro contou com a participação de todas as associações católicas, da Lira Santa Cecília e da população em geral. (Jornal Brasil Novo, nº 827, de 12/01/1947).



f15



f16

Antes de a Igreja possuir a casa paroquial, os padres, em sua grande maioria, se hospedavam na casa de D. Albertina e Sr. Lindolpho. (...) O Pe. Rozário por exemplo, quando chegou em 1937, ficou na casa de vovó. Ela dizia que ele sempre foi de muita oração, fazia muita penitência, sempre preocupado em chamar as pessoas para a igreja. Ela contava que ele dormia ajoelhado. Certa noite, ela e vovô, muito preocupados com as penitências que ele fazia, foram até o quarto olhar, quando viram uma auréola cobrindo sua cabeça. Ela dizia para nós: ele é santo! Outro caso foi com o Pe. Cordeiro (já tinha comprado a casa) ele não sabia andar a cavalo direito e naquela época a condução era esta. O cavalo deu um tombo no padre e ele se machucou muito. Foram contar para a vovó, pois já tinham ido lá para ajudá-lo e nada conseguiram. A vovó disse: podem ir embora que eu vou lá. Conhecendo como o conhecia, vovó sabia que se fosse sem a companhia de vovô que ele não a deixaria entrar. Assim, de posse da medicação necessária ela e vovô conseguiram socorrê-lo. (3). D. Albertina ainda recordou, nessa mesma ocasião em que deu informações à neta Filomena Silvia, que muitas outras pessoas eram ligadas à Igreja. Ela contou que a frequência nas celebrações era de 100% de mulheres, que pouquíssimos eram os homens que frequentavam a Igreja. Dentre esses homens destacou o Sr. Antonio Pergente, bisavô da Olneida, que não perdia uma missa. Lembrou-se de Sr. Tião e D. Filinha, e toda vez que se referia a eles dizia: eta família educada, de D. Emília que chegava muitas horas antes da missa, sentava-se na escada e rezava vários terços; das catequistas Ninica, Assunta, Verônica e Adelaide e, finalmente, de D. Maria Abib, que representava a Verônica nas cerimônias da Semana Santa. (...) Certa ocasião estava adoentada e não pode cantar a Verônica. Então pediu que eu fosse em seu lugar. Acontece que a música era em latim e eu não sabia. Então pediu a sua filha Lourdinha que copiasse a música como se pronunciava para que eu pudesse cantar (...) (4).

O salão paroquial, apesar de muito desfigurado por causa do telhado coberto com telhas de fibrocimento, forma uma espécie de varanda em “L”, que contorna toda sua extensão. Conserva a planta inicial, mostrando os vãos de porta, janelas e a cobertura original de telhas do tipo francesa, conforme testemunham as fotografias da época (f17 e f18).



f17

A capela-mor (f19), separada da nave pelo arco cruzeiro (f20), possui um baldaquino com quatro colunas arrematadas por capitéis de ordem compósita e frontão triangular, cujo centro possui elementos decorativos em forma de volutas, folhas e pequenas flores, tudo em alvenaria e estuque (f21 e f22). O retábulo do altar-mor possui três nichos (f21). No centro está depositada a imagem de São Sebastião (5), trazida da Itália em 1935, doada por Francelino Bastos França, ladeada por anjos guardiões que sustentam um lampadário para cinco lâmpadas (f23 e f24). Os nichos laterais, menores, recuados e menos ornamentados, guardam as imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria. Uma imagem do Cristo crucificado se destaca por suas dimensões, pois é quase de tamanho natural (f25). A capela-mor é circundada por uma larga cimalha de estuque (f19).

Acima da porta de entrada, está localizado o coro, destinado aos cantores em cerimônias religiosas, acessado através de uma escada interna, bipartida, com guarda-corpo e balcão com balaústres de madeira torneados (f26).



f18



f19



f20



f21



f23



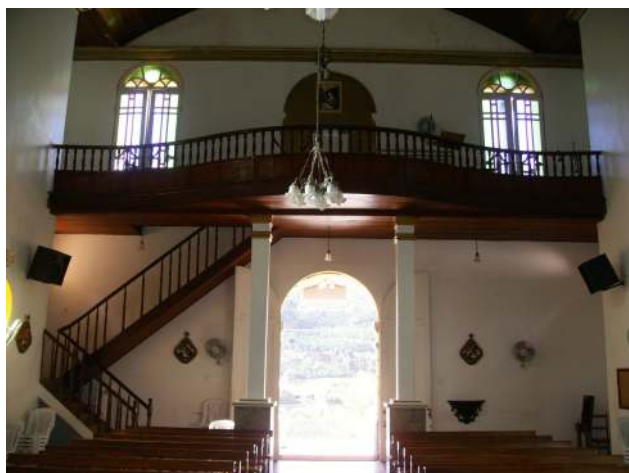
f24



f22



f25



f26

A planta original da Matriz de São Sebastião contava com nave e capela-mor (f27). Durante uma obra de reforma teve acrescida do lado direito uma capela para o Santíssimo Sacramento, que possui uma espécie de balcão de madeira com nicho de vidro, onde está depositado o Cristo morto, um sacrário e um baldaquino de metal dourado, ladeado por anjos em posição de genuflexão que sustentam um lampadário para três lâmpadas (f28 e f29). Do lado esquerdo foi construída a secretaria. O acesso a ambas é realizado por meio de arcos abertos posteriormente para fazer a comunicação com a capela-mor.



f27



f28



f29

De acordo com o testemunho da professora Edilma Fontes Vargas Martins, os altares laterais de São Judas Tadeu, Santa Rita de Cássia, dentre outros, dispostos na nave central, assim como a primitiva mesa de celebração da capela-mor foram retiradas sob alegação de que era necessário ampliar o espaço para acomodar um número maior de fiéis e por causa do desuso uma vez que as missas, atualmente são celebradas de frente para o público e não de costas como no rito romano (f30).

O telhado em duas águas foi substituído por telhas do tipo paulista e apresenta problemas em sua estrutura pois provavelmente, está com caibros e ripamento selado (f31).

Todo o revestimento original em ladrilho hidráulico (f32) foi substituído por granito, bem como a retirada da antiga mesa de comunhão que entrou em desuso com as reformas de modernização empreendidas pela Igreja Católica (f28).



f30



f31



f32

De acordo com a tradição oral, a Igreja primitiva de São Sebastião foi construída por Felicíssimo Faria Salgado, em pagamento a uma graça alcançada (f33 e f34).

A primeira festa de São Sebastião de que conseguimos informações aconteceu nos dias 19 e 20 de janeiro de 1902, conforme noticiou o *Jornal Natividade*, de 29 de janeiro. A nota informa que os fogos deixaram de ser queimados por causa da chuva que caiu em ambas as noites. A festa foi abrilhantada por três bandas: a local, a de Santa Clara e a do Tenente Cel. Tolentino França. No dia 20, às 10 horas da manhã houve missa cantada pelo Pe. Estevão Calleja, auxiliado pelo vigário de Bom Jesus, Pe. Francisco Mello. (...) *Foi cantada com maestria a missa de composição de nosso amigo capitão José Eugênio Nogueira de Faria, da qual encarregaram-se as exmas sra. D. Etelvina Donária Vieira, Floripes Moret e os cidadãos: major Manoel de Souza Vieira, capitão Faria, Leopoldino e Guilherme Damasceno, José Miguel, José Soares de Rezende Sobrinho, o menino Altivo e os maestros Ramos Baêta e Carolino Hausmann, esse último regente da Banda de Santa Clara. Regeu a orquestra, com a costumada proficiência, o apreciado maestro Ramos Baêta. (...) (6).* E prossegue: (...) *Terminada a missa houve animado leilão de prendas, em dois suntuosos coretos, ouvindo-se então os harmoniosos sons das bandas de música reunidas. Houve procissão à tarde com a pompa de costume. Subiu a tribuna sagrada depois de entrar a procissão, o revmo Padre Mello que, em um lindo sermão adequado ao santo festejado conseguiu prender a atenção do numeroso auditório. Assistiram à festa cerca de duas mil pessoas do distrito e dos circunvizinhos, convindo notar que reinou sempre a melhor ordem. (...) (7).* No dia 21 a comissão de festeiros organizou um almoço para a Banda de Santa Clara, onde também estiveram presentes os representantes da imprensa do distrito de Natividade, *O Popular*, de Emiliano Silva e *Natividade*, de Oliveira & Rocha. Ainda durante esse almoço, falaram diversos oradores, saudando bandas, maestros, padres e imprensa. Depois do almoço, a comissão convidou as pessoas e as bandas para se dirigirem ao Largo da Matriz, onde foi apresentada mais uma peça musical e discursou o Cap. Faria saudando o diretor e o regente da Banda de Santa Clara. Em seguida, o Cel. Tolentino França convidou os presentes para tomarem um copo de cerveja em seu palacete, onde novos brindes foram feitos e novas peças musicais executadas.



f33



f34

O Jornal *A Vedeta* de 11 de junho de 1905 noticiou o encerramento da festa do mês de Maria. O evento foi descrito de forma muito interessante, rico em detalhes, revelando costumes e tradições há muito desaparecidas do interior de nosso Estado como as meninas vestidas de virgens durante os festejos marianos e os concorridos e divertidos leilões de prendas. Tudo realizado com muita harmonia e brilhantismo. Além dos costumes religiosos, que vão da preparação da ladainha à realização da procissão, o artigo ainda descreve outros costumes comuns a época como o de servir doces e vinho e, um peculiar de Varre-Sai, ainda comumente usado por diversas famílias que é servir café. (...) *No dia 1º de maio tiveram começo as ladainhas em louvor à S.S. Virgem. Estas ladainhas foram rezadas pelos snrs. Major Vieira, as senhoritas Amelia Galvêas, Olivia Guimbra e o snrs. José Pereira de Jesus Sobrinho e João Damasceno, que não pouparam esforços para o brilhantismo da festa.*

Terminadas as ladainhas foram entoados escolhidos hinos sacros à Virgem. A 9, deu-se começo aos leilões, que para a crise atual foram bastante concorridos. O leiloeiro foi o espirituoso Sr. Eugênio Pimentel. Aos sábados, domingos e quintas-feiras das primeiras semanas, houve coroação pelas seguintes meninas vestidas de virgem: Levina Ferreira com Anna Moret, Julia Vieira com Alandina da Silva, Ernestina Silva com Maria de Oliveira, Maria Pimentel com Emilia de Abreu, Isolina Galvêas e Lolote Galvêas, Maria da Silveira e Ernestina Silva, Levina Ferreira e Rosa de Araújo, acompanhando-as muitas meninas vestidas de virgens. Foram oferecidas à S.S. Virgem lindas coroas entre elas uma caprichosamente feita de escamas pelas meninas Isolina e Lolota Galvêas. Desde a véspera da festa notava-se no nosso arraial grande movimento de pessoas. A limpeza e ornamentação das ruas foi presidida pelo Sr. José Pereira de Jesus Sobrinho e seu filho Malvino, os quais prestaram-se gentilmente. À noite, era belo o efeito do largo, visto da entrada do arraial, ocasionado pelas lanternas multicores dispersas aqui e acolá. A música do lugar prestou-se de boa vontade a executar as peças em seu repertório para o abrilhantamento da festa tocando durante as ladainhas e leilões. Após a ladainha da véspera foi levantado o mastro com a Imagem da Virgem Santíssima, subindo ao ar nessa ocasião grande número de foguetes. A ornamentação da Igreja foi feita pelos snrs. João Damasceno Figueiredo, Antonio d'Oliveira Santos e José Pereira de Jesus Sobrinho. As 11 horas do dia 1º do corrente foi realizada missa pelo Revdmo. Padre Frederico Rabe. Durante a missa foram entoados cânticos sacros pelo snrs. Major Vieira, João Damasceno e senhorita Olivia Guimbra e Amélia Galvêas. As flores e mais ornamentos para a Igreja, andores e ruas, foram feitos pela professora a Exma. Sra. D. Maria Fernandina Galvêas, coadjuvada pela Exma. Sra. D. Aurora Guimarães Tavares e a senhorita Olivia Guimbra. Muitas senhoritas elegantemente vestidas percorriam em grupo, acompanhadas pela banda de música do arraial, implorando em favor da Virgem.

O leilão no dia da festa foi efetuado após a missa, notando-se grande animação e concorrência. As 6 horas da tarde o repicar dos sinos e o estrugir dos foguetes anunciou a saída da procissão.

À frente abriam alas diversas pessoas do povo, alguns dos quais vestiam opas das Irmandades de S. José e Sebastião, conduzindo tochas acesas. Iam em seguida os andores pertencentes as mesmas Irmandades. Após estes um lindo estandarte azul, ornamentado de branco conduzido pela senhorita Dinoca Galvêas, vestida de branco com uma faixa azul a tiracól. Seguiam grande número de anjos e virgens. Em seguimento às virgens ia a senhorita Amélia Galvêas levando um lindo M feito pelo Sr. Antonio d'Oliveira Santos e ornamentado de rosas pela sua exma. Sra. D. Maria Fernandina Galvêas.

Seguiam fazendo alas, as festeiras vestidas de branco com capinhas azuis. As senhoritas Olivia Guimbra e Augusta Henriques, vestidas de branco com largas faixas azuis iam ao lado do andor da Virgem Maria, conduzindo pétalas de rosas, em ricas salvas para serem dispersas sobre a Virgem, quando parava a procissão sendo nesta ocasião entoado lindos cânticos pelas cantoras já mencionadas. O andor de N. S. do Rosário, lindamente ornamentado com rosas tendo à frente da imagem um glória ornado de rosas e setas prateadas. Era conduzido pelas exmas. Sras. Maria Machado Gonçalves, Maria Vieira da Silva, Maria Meyber da Silva e Maria Fernandina Galvêas dos Santos, trajando todas saias pretas, blusas brancas e capinhas azuis. Sob o pálido seguia o Revmo. Padre Rabe, devidamente paramentado para o ato.

Seguia a música e finalmente grande massa de povo. A entrada da procissão foi rezada solene ladainha, após a qual subiu ao ar no meio do espocar dos foguetes um grande balão fabricado pelo Sr. Antonio d'Oliveira Santos que já na véspera à noite tinha feito elevar um de igual dimensão. Foi servido aos músicos, depois de acabada a festa, doce, vinho e café.
(8)

A Vedeta de 31 de maio de 1908 noticiou que as comemorações do mês mariano estavam sendo muito concorridas, com ladainhas diárias com a presença de grande número de famílias da povoação e arredores, e seu encerramento seria feito pelo Rev. Cônego Dr. Cesar Iera.

Em agosto de 1908 o Sr. Genario Senisse, hábil marceneiro residente em Varre-Sai, foi contratado pela senhorita Amélia Galvêas para construir um altar na Igreja para a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Em 1912, Dom Benaci, Bispo de Niterói, criou a Paróquia de Varre-Sai, nomeando o Padre José Maria Janeiro Moita Caieiro para seu primeiro vigário. Depois de dois anos chegaram os primeiros missionários que fizeram 3204 crismas, 1727 confissões, 52 batizados e 62 casamentos.

Do Jornal A Vedeta de 29/09/1918, editado em Natividade do Carangola, extraímos a informação de que prosseguiam com muita dedicação os trabalhos da comissão encarregada de angariar donativos para a reconstrução da matriz de Varre-Sai. Ainda na mesma nota, o redator diz que (...) *É dever de toda a população católica de Varre-Sai concorrer na medida de suas forças para tão justo e louvável empreendimento* (...) (9), ao mesmo tempo em que coloca o Jornal à disposição do secretário da referida comissão, Sr. Antonio de Oliveira Santos e anuncia, que dentre em breve divulgará a relação das listas com as relativas subscrições.

Foi divulgado pelo Secretário da Comissão, Sr. Antonio Oliveira Santos, a primeira relação de donativos para reconstrução da Igreja de Varre-Sai: Oliveira & Irmão, Julio Rodrigues da Silva, Padre José Simões, Affonso Pinto & Guimarães, Luiz Berrini, Constancio Celebrini, José Antonio Sobreiro, Anisio Araujo Leite e Francisco Cosme de Freitas, perfazendo um total de 1:167\$000. Em dezembro de 1918, foi divulgada a segunda lista de donativos para a construção da Igreja de Varre-Sai. Participaram: Jacomo Fabbri, Francisco Tavares de Oliveira, Joaquim Ladislau de Oliveira, João Ramos Pereira, Francisco Gomes de Oliveira, José Tavares de Oliveira, Ludovico Gorini, Pergente Giovanini, Manoel Ramos Ferreira, Francisco José Gonçalves, Manoel Rodrigues de Moraes, Antonio Joaquim Pimentel, Adolpho Assis Vargas, José Antonio Soares, Antonio Carrião, Manoel Maximo Moreira, Modesto Sebastião Moreira, Said Antonio, Miguel Jorge & Irmão, Osório José Pimentel, Semião Moreira Fraga, D. Fidelíssima de Abreu Neves, Adelino Camilo Gonçalves,

Francisco Caetano Nery do Valle, Francisco Camillo Gonçalves, João Silvestre Teixeira, Messias Teixeira de Macedo, Silvestre Lopes de Faria, Antonio Bento de Faria, Alfredo Lopes Rodrigues, José Nunes de Moraes, José Ramiro e Dorvilio Salvador Bendia, totalizando 3:550\$000. Em 1919 nova lista de contribuintes foi divulgada: Manoel Germano Henriques, Pedro Antero Roiz de Moraes, Rachid Antonio, Joaquim Pires da Matta, Laudelino Coelho de Oliveira, D. Maria Augusta Vieira, Dr. Tancredo Lopes, Augusto de Assis Vargas, Luiz dos Santos Coimbra, Herdeiros de Maria José Roiz Campos, Antonio Giovanine, Joseph R. Santoro, Romualdo Sá Vianna, D. Tereza Ismeria d'Anunciação, Joaquim Francisco de Assis, João de Oliveira Vargas, D. Florencia Idalina Moreira e Francisco Cosme de Freitas, agora já perfazendo o total de 4:993\$000. Em abril de 1919, mais um lote de donativos foi divulgado: José Ladeira Martins, João de Almeida Vargas, Antonio Abreu Rangel, D. Maria José da Silva, José de Paula Leite, José Gallo, Marciano Antonio Pimenta, Randolpho Lopes Teixeira, Elídio Valentim de Moraes, Francisco Rosa de Souza, Silvino Francisco de Assis, Antero Vieira de Carvalho, Joviano Procópio Moreira, Felipe João & Irmão, Angelo Rodolpho, João Rodrigues França, Theophilo Paulo de Oliveira, Hypolito Pereira Neves, Elias Jorge, João Bento de Faria, Aleixo Gomes de Aguiar, Pedro Antero Rodrigues Moraes, Pedro Barjona Dutra, José Valentim de Moraes, Bento Lopes de Faria, Luis Moruci e Porphírio Antunes de Siqueira, alcançando um total de 6:919\$000. (10).

Em 20 de janeiro de 1919, realizou-se o lançamento da pedra fundamental da Igreja de São Sebastião, aí comparecendo as principais famílias de Varre-Sai. A missa cantada foi oficiada pelo vigário José Simões e finda esta teve lugar a cerimônia da pedra fundamental onde estava escrita a data já referida. Abrilhou a festa, a banda de música organizada pelo Cap. Francisco Gomes de Oliveira.

Após longo período de paralisação, as obras iniciadas pelo Padre Simão prosseguiram de maneira vertiginosa conforme noticiou A Vedeta de 1921. (...) *recomeçando agora em uma atitude de chegar ao fim. Pelos traços gerais já bem visíveis no serviço de tijolo e gosto artístico da planta, que está sendo executada, ficará a matriz de Varre-Sai em condições de ser comparada às melhores de nosso estado.* (...). (11).

De acordo com o depoimento de D. Philomena de Sá Vieira (95 anos), parte da terra do morro onde está edificada a Matriz foi retirada por juntas de bois, em grandes bolsões de couro. *Eles abriam o couro de boi no chão. Em seguida, depositavam a terra. Juntavam as pontas do couro, amarravam na junta e puxavam até o local escolhido para ser despejada. Primeiro foi tirada a terra do lado onde foi construída a casa paroquial, fizeram até uma praça a que deram o nome de D. Henrique César Fernandes Mourão, que foi um dos Bispos de Campos. A gruta, que fica mais em baixo, só foi feita muitos anos depois.*

Aquela que se tornaria mais tarde a Igreja Matriz de São Sebastião de Varre-Sai foi construída pelo italiano Francisco de Poli. (...) *Desde alguns dias estão sendo atacadas as obras para a construção da torre da Igreja Matriz desta localidade, e, com a rapidez com que vão caminhando os trabalhos, dentro em pouco tempo estarão terminados. Podemos adiantar, baseados na competência do respectivo construtor, Sr. Francisco de Poly, que a nova torre, de estilo moderno e perfeita estética, segundo o desenho que vimos, vai ficar obra prima, nada deixando a desejar. O Sr. Francisco de Poly é o mesmo construtor da Igreja de Varre-Sai, que, segundo a opinião geral, será considerada a de mais arte em arquitetura, do nosso município. Tanto basta para confirmar o nosso antecipado juízo, quando acima asseguramos que a torre da nossa Matriz ficará obra de primeira.* (12).

No dia 8 de julho de 1922, Varre-Sai recebeu graças aos esforços do vigário Padre José Simões, a primeira visita do Bispo Diocesano de Niterói, D. Agostinho Benassi. Acompanhado do Padre Moita, Vigário de São Fidélis e comitiva, chegaram à Fazenda Bela Vista, de propriedade do Major Francelino Rodrigues França. De lá, já com grande número de pessoas e de cavalheiros, partiram para o distrito de Varre-Sai. (...) *Ao aproximar-se da sede do povoado veio ao encontro de sua Revdma uma massa compacta de povo, formada pelos fiéis devotos, representando todas as classes sociais daquela zona, precedida pela banda de música local e a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, com seu rico estandarte. Ao som da música e ao espocar de foguetes e rojões dando entrada no povoado, que regorgitava de fiéis devotos, parou o préstito em frente à casa de residência do Sr. Cap. José Pinto de Figueiredo, de onde fez uso da palavra o Sr. Octavio de Almeida, que, em frases cheias de eloqüências, saudou a mais alta autoridade eclesiástica do Estado. (...)* (13).

E prossegue: (...) *No dia 9, S. Revdma acompanhado dos vigários de Bom Jesus, Santo Antonio do Carangola, São Fidélis, do padre da freguesia, dos missionários e seu secretário, inaugurou a nossa Igreja Matriz, que apesar de faltar ainda alguns retoques para a conclusão da obra, apresentava um aspecto deslumbrante. Após a inauguração, foram celebradas ao mesmo tempo cinco missas, nos cinco altares. Durante o dia subsequente, S. Revdma administrou o sacramento da Crisma nos fiéis, recebendo a confirmação do batismo de cerca mil almas.*

A noite na nova Igreja oraram os revdmos Padres José Maria Janeiro Moita e Antonio Francisco de Mello, sendo que, nessa ocasião, no novo templo e em suas imediações o povo acotovelava-se. (...) (14).

No dia 10, os fiéis organizaram um préstito e acompanhados pela banda de música local se dirigiram a residência do vigário onde fizeram uma manifestação espontânea ao Sr. Bispo. Na oportunidade usaram da palavra o Vigário Pe. José Simões e Pe. Moita. Na sequência das comemorações, o Vigário ofereceu um lauto almoço aos membros da comissão das obras da nova Matriz. (15).

Nesse mesmo ano foi fundado pelo Pe. José Simões o Apostolado da Oração, que teve como presidente por cinquenta anos a sra. Albertina Machado Vieira. Era essa Associação que, nos tempos em que a cidade não dispunha de médicos e nem de hospital, zelava pelos necessitados, realizando a parte assistencial (f35 e f36).

De acordo com informações prestadas por D. Philomena de Sá Vieira, que lida na Igreja Matriz desde 1927, época em que sua mãe recebeu a fita do Apostolado da Oração, o altar ainda era o primitivo (f37), de madeira, construído com régua de caixotes utilizados para embalar os vasilhames que transportavam querosene, cujas marcas eram possíveis de serem vistas na parte dos fundos do altar. Somente alguns anos mais tarde é que o atual altar-mor foi construído, de acordo com a planta encomendada diretamente da Itália pela família de Antonio Giovani. *A Matriz de São Sebastião ficou muito tempo no tijolo. Só foi emboçada, muitos anos depois, assim como a escada que foi construída bem mais tarde,* comentou D. Philomena. Esse fato pode ser comprovado com um convite para um chá dançante realizado em setembro de 1939, realizado em benefício as obras da Matriz.

Para o pesquisador varressaense Dr. José Luiz Teixeira, o interior da Matriz de Varre-Sai pode ter sido inspirado na Basílica de São Sebastião de Roma. Como a planta do altar-mor veio da Itália, é provável que o autor, ao projetá-lo, tenha se utilizado de elementos decorativos e arquiteturais da basílica romana. José Luiz complementa: *Padre Antonio Cerbela, quando instalou as imagens de São Pedro e de São Paulo na subida da escadaria da Matriz de São Sebastião de Varre-Sai se inspirou na basílica romana. Foi com a finalidade de mostrar a ligação de São Sebastião com Roma.*

A festa de São Sebastião desse mesmo ano foi presidida pelo vigário, Padre Montano Catazane e abrilhantada pela Banda Lyra Tupini, dirigida pelo maestro Ernestino Antonio Faria.

A Vedeta de abril de 1930, divulgou a comissão composta para preparar a Semana Santa, composta pelo Pe. Montano Catazane, Theodorico Pellegrini, D. Albertina Machado Vieira, D. Adélia Vianna, D. Carlota Cellebrini e Angelino Rodolpho.



f35



f36



f37

Em 10 de maio de 1932, saiu o edital para a construção do altar-mor, obra de Pedro de Poli executada conforme a planta encomendada diretamente da Itália pelo Sr. Antônio Giovanini (f38).

Nesse mesmo ano, sob o vigariato do Pe. Otoniel Nicássio de Oliveira, com assistência do missionário apostólico Pe. Lucas foi criada a Liga Católica Jesus, Maria e José.

Em 1933 foi fundada a Pia União das Filhas de Maria pelo Padre Oscar de Oliveira (f39 e f40).



f38



f39



f40

Em 1939 foi realizado um chá em benefício das obras da Matriz no *Cine Teatro Ideal* (f41).

Em 1943, com o saldo arrecadado com a Festa de São Sebastião, foi concluído o assentamento do mármore do altar-mor da Igreja Matriz. Na nota publicada no *Jornal Brasil Novo*, a comissão festeira de 1943, noticiou que contava com o auxílio espontâneo de todos para concluir os demais serviços da Matriz. (16).

Nesse mesmo ano, com tristeza, a população de Varre-Sai recebeu a notícia do falecimento, no Rio de Janeiro, do revmo. Pe. José Maria de Janeiro Moita Caeiro (f42), que foi o primeiro vigário que se instalou nesta Paróquia, onde permaneceu por cinco anos. O correspondente do *Jornal Brasil Novo*, José Vargas de Figueiredo, informou que o Pe. Moita destinava parte das espórtulas que recebia aos pobres do lugar. No período da varíola, o padre Moita levava, pessoalmente, remédios e roupas aos enfermos mais carentes. (17).

Em 1949, tomou posse da Paróquia, o vigário Pe. Oton Deodato de Souza. (...) *Com poucos dias de permanência já conquistou a simpatia e amizade de seus paroquianos. (...) Com seu jeito todo especial conseguiu que o povo doasse o material necessário para a instalação completa e moderna da banheira elétrica e ainda o mobiliário para a casa paroquial. (...)*. (18).

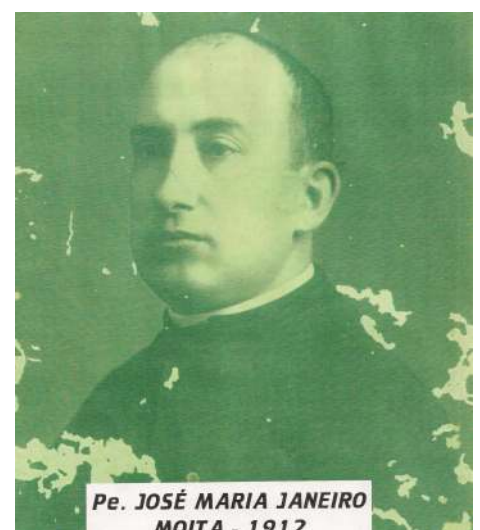
No mesmo ano, durante a Festa do Sagrado Coração de Jesus, foi inaugurada a Capela do Santíssimo Sacramento, promovida pelas senhoras D. Alcedina Fratejani Fabri, Maria de Aguiar Fabri e Adelina Giovanini.

Em 1950, o menino Antonio Carlos Giovanini, filho de Aracy e Helena Magalhães Giovanini, por ocasião de seu aniversário, doou os dois anjos adoradores para o altar-mor. (19).

O *Jornal O Norte Fluminense*, nº 236, de 20 de janeiro de 1952, registrou da seguinte maneira o aniversário de quarenta anos da Paróquia de São Sebastião de Varre-Sai: (...) *São decorridos 40 anos que por ato de Do. Benaci, Bispo de Niterói, se criou a Paróquia de São Sebastião de Varre-Sai com sede nesta Vila, e que foi nomeado o seu primeiro vigário o nosso saudoso Pe. José Maria Janeiro Moita Caeiro. A nossa Igreja que é sem favor a mais linda e confortável da Paróquia, devido a sua situação geográfica tem o privilégio de centralizar os serviços das capelas, diminuindo-lhes as distâncias, ou sejam: Rosal, com 18 quilômetros; Prata, com 21 quilômetros; Santa Clara, com 22 quilômetros; Onça, com 16 quilômetros; Jacutinga, com 12 quilômetros, e Mazeli, com 9 quilômetros(...)*, mais adiante informa que não justifica a mudança da sede paroquial para outro local.



f41



f42

Esse fato foi explicado pelo correspondente do Jornal O Norte Fluminense, através do nº 239, de 10/02/1952, onde diz que um pregador, falando em nome do Bispo Diocesano de Campos, anunciou a mudança da sede da Paróquia. (...) *Testemunhos dos ilustres e virtuosos sacerdotes Pe. Dr. José Pardo Vilar e Pe. Umberto Lindelanf que aqui estiveram por alguns anos, bem poderiam esclarecer a situação da paróquia. (...)*. A justificativa é de que nenhuma outra capela possuía situação geográfica privilegiada para centralizar assistência religiosa como a Igreja de Varre-Sai.

No dia 6 janeiro de 1952, faleceu, com 81 anos, o sr. Angelo Ridolfi, pertencente a colônia italiana vinda para Varre-Sai em 1897, onde constituiu numerosa família. Em 1920 participou da fundação do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus. (...) *Posteriormente, e por sua iniciativa fundou-se nesta Vila a irmandade de Santo Antonio de Pádua, adquirindo para nossa Igreja uma bela imagem e um rico estandarte daquele glorioso santo. Estudioso e inteligente, embora simples e modesto, tinha profundos conhecimentos bíblicos e religiosos, pregando e praticando o Catolicismo. (...)*. (20).

Faleceu no dia 6 de março de 1952, o sr. Candido Canhaci, conhecido proprietário e lavrador. Por muitos anos pertenceu a Liga Católica. Foi o doador da imagem de Jesus Ressuscitado para a Igreja Matriz de Varre-Sai. (21).

Nesse mesmo ano, Varre-Sai recebeu a visita pastoral do revmo. Bispo Diocesano de Campos, D. Antonio de Castro Mayer. (22).

No dia 4 de julho de 1953 chegou o novo vigário da Paróquia, Pe. Abaeté Cordeiro. De início, teve que resolver um sério problema com os protestantes que haviam se instalado na Vila. A população católica entendia que, pelo fato da parte central da cidade pertencer ao patrimônio de São Sebastião, outras religiões não podiam se manifestar dentro desse perímetro, motivo pelo qual se sentiam afrontados.

Nesse mesmo mês o Bispo Diocesano D. Antonio de Castro Mayer visita o vigário Padre Cordeiro.

Em 1966, o Sr. Bispo determinou que o Vigário Cooperador, Pe. Jomar de Vasconcellos Viana, devido ao estado de saúde do Vigário Pe. Oto Müting que era alemão e sofria da chamada neurose de guerra, ficasse como residente no Seminário, enquanto o Pe. Oto ficava em Santa Clara, distrito de Porciúncula, próximo a Varre-Sai.

Em 1972, o Pe. Antônio Siqueira foi para Varre-Sai a fim de substituir o Pe. Oto.

Conforme documentos pesquisados na Igreja Matriz de São Sebastião, verificamos que, a partir da década de 70, o Bispo da Diocese de Campos, D. Antônio de Castro Mayer expediu uma série de determinações tais como as verificadas em 21/11/1970: (...) *O Sr. Bispo ordena que se conserve o costume de comungar de joelhos, sinal da fé na Eucaristia, em nenhum caso se admita comunhão na mão; a confissão deve ser individual e auricular; as senhoras e moças comunguem de cabeça coberta, diante e modestamente trajadas, deve haver cautelas com certas permissões*. Essas determinações contrariavam totalmente as orientações do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1962-1965. O Concílio representou para a Igreja do Brasil a oportunidade de se reafirmar através da renovação. Além do Concílio Vaticano II, o Brasil vivia um momento político difícil. Estávamos em plena ditadura militar. Somando-se a isso, havia o envolvimento de D. Antônio Castro Mayer com a TFP, Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, fundada em 1960, por Plínio Corrêa de Oliveira e nessa época disseminada por toda Diocese.

Esses, poderíamos dizer, seriam os primeiros sinais dos conflitos que se desencadeariam em toda a Diocese de Campos na década seguinte. De um lado, os tradicionalistas liderados por D. Antônio de Castro Mayer que defendia a tradição, (...) *desde sua chegada à Diocese de Campos, em 1948; outro, o da instituição, encabeçado por D. Carlos Alberto Etchandy Navarro, bispo que sucedeu o primeiro em 1981.* (23).

Em 15 de novembro de 1981, D. Carlos Alberto é empossado Bispo da Diocese de Campos. A partir daí, são estabelecidas uma série de medidas determinadas pelo Vaticano. Em 1982, João Paulo II inicia as mudanças sugeridas por Paulo VI de internacionalizar a Cúria Romana. Em abril desse mesmo ano, os tradicionalistas distribuem documento rejeitando a (...) *missa nova, a moral nova, a profanação das igrejas, a nova Teologia, os novos catecismos, a Teologia da Libertação, a guinada para o socialismo e o comunismo, a secularização do clero, a assimilação do espírito do mundo, a reforma dos Seminários, a obsedante preocupação com a Promoção Humana, a diluição da espiritualidade, o ecumenismo, a liberdade religiosa, o horizontalismo da religião e do homem, a democratização da Igreja, a laicização da sociedade. Pugnam pela “fidelidade à tradição”.* (24).

Dom Navarro decreta que os padres tradicionalistas têm dois meses para reverem as posições tomadas, sob a pena de punição.

O Pe. Antônio Siqueira não recebeu D. Carlos que o procurou pessoalmente e não tendo renunciado ao cargo, foi ordenado a deixar a paróquia no dia 14 de setembro de 1984. No Livro de Tombo da Paróquia encontramos o seguinte registro realizado antes da saída do Pe. Antônio: (...) *iniciou-se da parte do Sr. Bispo Diocesano D. Navarro uma perseguição ao Revmo. Pe. Antônio Alves de Siqueira e aos católicos tradicionais. Como nas outras paróquias solicitando renúncia. O vigário recusou receber qualquer correspondência nesse sentido. (...). Mais adiante afirma: (...) Aqui fica consignado que o Revmo. Pe. Antônio Alves de Siqueira, pároco da Freguesia de Varre-Sai, desde 21 de dezembro de 1974 não renunciou a paróquia e jamais renunciará (...).* (25).

Dois dias após ter sido ordenado a deixar a paróquia uma manifestação reuniu cerca de seis mil pessoas, incluindo comitivas vindas de outras cidades da diocese, padres, congregações religiosas e, sobretudo, de fiéis tradicionalistas. (...) *A localização da Matriz, favorável a encenações espetaculares, contribuiu para a dramatização dos antagonismos. (...). E prossegue: (...) Intimado pela Justiça a entregar os bens da Mitra no dia 20 do mesmo mês, o trabalho se mostrou tão demorado que foi adiado para o dia seguinte, embora o padre exonerado comunicasse que não poderia estar à disposição das autoridades. Na manhã seguinte, impossibilitados de entrar na igreja para concluir a conferência dos objetos, as portas são arrombadas. Ante o inevitável, o padre desce os quase cem degraus da Matriz, carregando as Sagradas Espécies e dirigindo-se em procissão até a casa de um correligionário. Grande comoção se apodera das pessoas, mesmo as que condenavam a atitude do pároco em relação ao bispo.*

A profunda dor se transformará em resistência, quando chegar a vez das pequenas capelas rurais: troncos atravessados nas estradas impedindo a comitiva oficial de cumprir seu dever, barreira de fiéis ajoelhados rezando e cantando para evitar o que foi chamado de profanação dos lugares sagrados. Em 23 de setembro, D. Navarro escreve na sua coluna semanal “A Voz do Pastor”: “Sangue em Varre-Sai?”, onde alerta a população diocesana: “Vidas inocentes correm perigo devido ao fanatismo religioso liderado por sacerdotes católicos. Homens são vistos portando armas brancas e de fogo. Crianças, jovens e

mulheres são arregimentados como um pequeno exército e gritam slogans, ofendem autoridades da Igreja. Em meio a esta balbúrdia, sucedem-se orações e cânticos. (...) O bispo de Campos não conclamou nem conclama a ninguém a lançar mão de espada. Convoca, porém, a todos, católicos ou não, a uma Cruzada de bom senso, de combate ao obscurantismo e ao fanatismo, de reconstrução de uma sociedade mentalmente sadia, ordeira, pacífica e fraterna". (26).

Sob escolta policial, no dia primeiro de outubro, finalmente é empossado o Pe. Afonso Rauber indicado para atender a Natividade e a Varre-Sai. No dia 13 de dezembro, porém, a Juíza Denise Frossard expediu uma liminar favorável aos tradicionalistas, reintegrando a posse da Matriz. Essa liminar foi logo cassada pelo Tribunal de Alçada do Rio de Janeiro. Desta vez, o Pe. Antônio Siqueira deixou, definitivamente, a Matriz. Sua justificativa de que era *humilhante a Igreja ficar submetida ao Poder Civil*, não mais encontrava resguardo jurídico.

Em 14 de janeiro de 1985, o Pe. Joaquim Ferreira Sobrinho, Chanceler do Bispado de Campos, fez o seguinte registro no Livro de Tombo da Matriz: (...) *A Paróquia de São Sebastião de Varre-Sai viveu seus dias tumultuosos e difíceis desde o início da tomada de posse de D. Carlos Alberto Etchandy Gimenes Navarro, novo Bispo Diocesano de Campos, nomeado pela Santa Sé. (...). E prossegue: (...) O ex-pároco desta freguesia de Varre-Sai mostrou-se obstinado e renitente em obedecer às determinações diocesanas e foi destituído por decreto diocesano, ouvido sempre o Conselho Presbiterial e padres consultores. Não querendo sair, foi por um ato civil judicial feito o despejo. Os motivos são suficientemente conhecidos por todos, embora que eles não aceitam. Basta abrir o direito canônico prb e carion 1741 – Os fatos históricos correm o Brasil todo, como o mundo também; e não é nada tão obstinado e triste como a mente desses pobres fiéis que desencaminhados pelos Padres tradicionalistas e TFP perderam o rumo da fé e da história. Nos dias da posse, Varre-Sai virou praça de guerra onde se via o fanatismo religioso aliado a arma branca. (...). Mais adiante comenta: (...) Os fatos foram registrados pela TV Globo do RJ. A autoridade diocesana na pessoa do Bispo D. Carlos Alberto atestou as autoridades civis que Varre-Sai poderia se transformar em campo de sangue (...). E finalmente conclui: (...) A comunidade católica de Varre-Sai viveu dias felizes e ordeiros. Muitas pessoas alertadas pelo bom exemplo dos fiéis voltaram para a Igreja de Deus. Mesmo assim a turma não deixou descanso ao Sr. Bispo Diocesano que levado pela paternidade pastoral aguarda a volta de seus padres, mas parece que ainda não é agora. Antes da Semana Santa de 1985 a meritíssima Juíza de Porciúncula permitiu que voltassem à Matriz – ficaram até a festa do Sagrado Coração deste mesmo ano, quando o Tribunal do Rio mandou devolver a Mitra Diocesana os bens imóveis da Freguesia de Varre-Sai que continuam até os nossos dias. Também ficou com a Mitra a posse do casarão. (27).*

O Casarão do Felicíssimo, objeto de pesquisa popular como patrimônio cultural pela SAVS, nessa época, coordenada por Nazira Abib Oliveira Vargas que fez um veemente apelo, publicado em *O Fluminense*, de 27/08/1988: (...) *Voltamos a insistir e a manter nossa confiança na compreensão das duas partes envolvidas na questão judicial que envolve o velho Casarão do Centenário: devolvam a casa-mãe de Varre-Sai, a todos os varressaenses. Nós, os filhos da terra, não temos culpa da divisão religiosa que se instalou entre nós. E um Centro Cultural e Comunitário que conte com o apoio dos seguidores da Mitra Diocesana e dos seguidores do Pe. Antônio poderá se constituir num novo ponto de referência para a superação, no plano das relações de vizinhança, da dolorosa cisão que nos pesa e angustia. (28).*

A partir daí, o Pe. Antônio Siqueira adquiriu um terreno, se organizou nesse novo bairro, ao qual deram o nome de Santo Antônio, construiu a Igreja Nossa Senhora das Graças e loteou o restante do terreno onde foram construídas muitas residências. Instalou-se o cisma e a pequena Varre-Sai que nasceu de uma promessa religiosa feita a São Sebastião, viu-se diante dessas duas correntes: tradicionalistas de um lado e progressistas de outro. Tempos depois o Casarão do Felicíssimo foi adquirido pela Prefeitura Municipal que o restaurou e instalou, ali, o Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas. Felizmente os tempos são outros e hoje as duas igrejas convivem em harmonia. Prova disso, foi a recente visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima que conseguiu unir católicos de ambas as igrejas.



f43 - Encenação da Semana Santa. Da esquerda para a direita: Maria Abib, Luzia Abreu Rangel e Lindolpho Vieira. Meados da década de 20 do século XX.



f44 - Década de 30/40 do século XX.



f45 - Década de 40 do século XX.



f46 - Pintura parietal existente na residência do Sr. Lindolpho Vieira, executada entre as décadas de 40 e 50 do século XX.



f47 - Aspecto de um procissão na década de 40 do século XX.



f48 - Festa da Cruzada Eucarística em 1955.



f49 - Década de 70 do século XX.



f50 - Década de 80/90 do século XX.



f51 - Década de 80/90 do século XX.



f52 - Aspecto de Celebração no interior da Matriz anterior a obra de reforma.



f53 - Altar-mor por ocasião da Semana Santa.



f54 - Sino com brasão de armas do império.



f55 - Detalhe da escadaria.



f56 - Detalhe dos arcos da fachada frontal.



f57 - Secretaria e pátio interno.



f58 - Detalhe do arco pleno do galilé.



f59 - Detalhe do galilé.



f60 - Iluminação arquitetônica.

Bibliografia e Fontes:

CYRO, Corrêa Lyra. Documenta Histórica dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro. Documenta Histórica Editora. Rio de Janeiro, 2006.

Museu de Natividade-RJ.

O Varressaense – Jornal do Centenário, nº extra, de 18/11/1979.

(1) Entrevista com Nazira Abib Oliveira Vargas.

(2) Entrevista com D. Philomena de Sá Vieira.

(3) E (4) Entrevista com Filomena Silvia Nunes Figueira.

(5) Entrevista com o Dr. Francelino Bastos França.

(6) E (7) Jornal Natividade, Nº 38, Ano 3, de 29/01/1902.

(8) Jornal A Vedeta, nº 4, Ano 4, de 11/04/1905.

(9) Jornal A Vedeta, nº 18, Ano 17, de 29/09/1918.

(10) Jornal A Vedeta, nº 21, Ano 17, de 20/10/1918; nº 28, , Ano 17, de 22/12/1918; nº 33, Ano 17, de, 27/01/1919 e nº 43, Ano 17, de 6/4/1919.

(11) Jornal A Vedeta, nº 19, Ano 20, de 09/10/1921.

(12) Jornal A Vedeta, nº 34, Ano 20, de 16/04/1922.

(13) E (14) Jornal A Vedeta, nº 4, Ano 21, de 16/06/1922.

(15) Jornal A Vedeta, nº 4, Ano 21, de 16/06/1922.

(16) Jornal Brasil Novo, de 10/01/1943.

(17) Jornal Brasil Novo, de 07/02/1943.

(18) Jornal O Norte Fluminense, nº 126, de 31/07/1949.

(19) Jornal O Norte Fluminense, nº 150, de 05/02/1950.

(20) Jornal O Norte Fluminense, nº 236, de 20/01/1952.

(21) Jornal O Norte Fluminense, nº 249, de 04/05/1952.

(22) Jornal O Norte Fluminense, nº 259, de 20/07/1952.

(23) SANCHIS, Pierre (org.). Catolicismo: Modernidade e Tradição. Grupo Estudos do Catolicismo do ISER. Edições Loyola, (Zélia Seiblitiz), p.251.

(24) Ibidem, p. 278/279.

(25) Livro de Tombo da Igreja Matriz de São Sebastião de Varre-Sai.

(26) SANCHIS, Pierre (org.). Catolicismo: Modernidade e Tradição. Grupo Estudos do Catolicismo do ISER. Edições Loyola, (Zélia Seiblitiz), p. 293/294.

(27) Livro de Tombo da Igreja Matriz de São Sebastião de Varre-Sai.

(28) SANCHIS, Pierre (org.). Catolicismo: Modernidade e Tradição. Grupo Estudos do Catolicismo do ISER. Edições Loyola, (Zélia Seiblitiz), p.297.

Fotografias:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: Capa, f01, f03, f04, f17, f41, f42, f50 e f60.

Acervo de Margarida Abib Ramos: f06, f35, f38, f49 e f53.

Álbum do município de Itaperuna, 1910: f10.

Acervo de Sebastião Odithes Lopes: f16

Acervo de Edith Vieira Santos: f27 e f45.

Acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira: f37.

Acervo de José Antônio Abreu de Oliveira: f43 e f44.

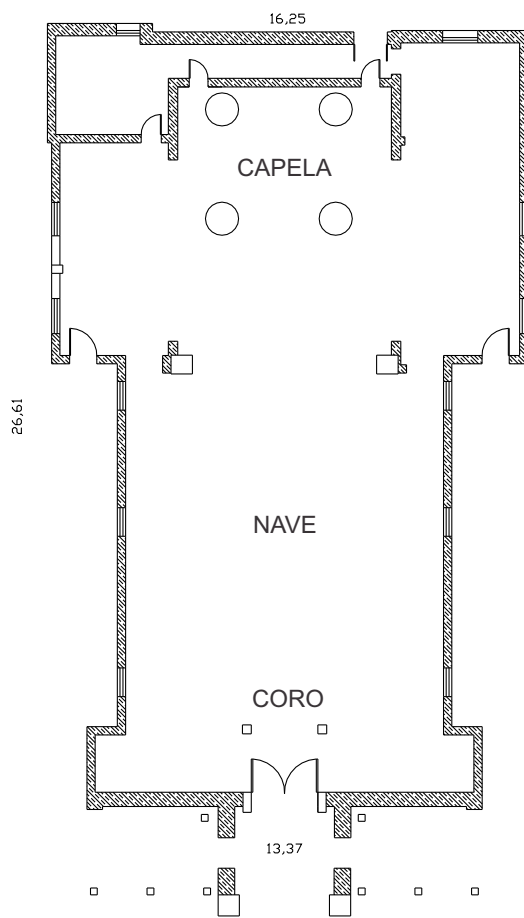
Acervo de Margarida Nilza Antônio: f39, f40 e f48.

Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f47, f51 e f54.

Acervo de Maria Helena Ramos Belford: f52.

Acervo de Margarida Ramos: f36.

Planta baixa / Igreja



IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

escala gráfica 

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa da Dilina, atual sede da Prefeitura Municipal

Localização

Praça Padre Abaeté Cordeiro, 16

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX - 1894

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Prefeitura Municipal / Residencial-Comercial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Prefeitura Municipal de Varre-Sai



Planta Esquemática



Fachada da Casa da Dilina.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel está localizado na Praça Pe. Abaeté Cordeiro (f01), a frente do lote, junto à calçada de pedra (f02 e f03). Integra o primeiro e o mais importante conjunto arquitetônico do centro histórico de Varre-Sai que compreende o Centro Cultural, a Igreja Matriz de São Sebastião, o coreto e imóveis de nº 18, 20 e 22 da referida praça.



Vista do conjunto da Praça Pe. Abaeté Cordeiro.



Google Earth.



f01



f02



f03

Construção em três pavimentos de influência neoclássica (f04). No térreo está localizada a parte comercial; no segundo, a residencial e, no terceiro, uma camarinha complementa a edificação. Essa camarinha (f05), geralmente utilizada como quarto de dormir, possui telhado de duas águas, independente do telhado de quatro águas do prédio (f01).

Na parte térrea estão instaladas cinco portas com duas folhas, com pequenas grades de ferro forjado com vergas e sobrevergas retas (f06 e f07). Essas últimas possuem cimalha de estuque (f08 e f09). Esse elemento repete-se também sobre as outras portas e janelas da construção. Através da primeira porta do lado direito acessamos ao segundo pavimento e à camarinha. A escada, com vários lances, possui guarda-corpo vazado e quartilhas com esferas de madeira torneada faz a ligação entre os pavimentos. É um belo serviço de carpintaria que começa no térreo e termina na camarinha (f10 a f13).



f04



f05



f06



f07



f08



f09



f10



f11



f12



f13

Descrição arquitetônica

O segundo pavimento possui três portas com bandeiras de vidro que abrem para um balcão com guarda-corpo de ferro forjado. Esse mesmo balcão repete-se nas portas da camarinha (f14).

As janelas internas são do tipo guilhotina com caixilhos de vidro (f15) e as externas com duas folhas de venezianas (f16).

Os únicos elementos decorativos da fachada são as iniciais do segundo proprietário AG (Antonio Giovanini), e a data 1900 circulada por uma moldura em relevo, provavelmente para marcar a aquisição ou alguma obra realizada pelo proprietário na época, ambas em estuque e uma placa circular, de madeira recortada, muito utilizada em construções de estilo romântico que predominou a partir da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX (f17).



f14



f15



f16



f17

Descrição arquitetônica

Internamente, o imóvel conserva todo o assoalho de madeira do tipo pranchão com junta seca (f18) e forro no estilo saia e camisa (f19) arrematado por uma pequena cimalha de estuque (f20). As portas internas possuem bandeira de vidros lisos coloridos nas cores verde e vermelho (f21 e f22).



f18



f19



f21



f20



f22

O prédio está em bom estado de conservação e passou por uma longa obra de reformas e adaptações para servir de sede administrativa do município, mantendo, porém, sua estrutura original (f23 a f26).



f23



f24



f25



f26

Entre a Casa da Dilina e o número 18, está localizado o Beco da Prefeitura, de onde podemos vislumbrar uma plantação de café (f27).

Várias transformações foram realizadas no imóvel como divisórias internas de madeira (f28), construção de banheiros, cozinha com estrutura de alvenaria e rampa de acesso (f04). Além da pintura (f29), que é a segunda desde a grande obra de restauração empreendida pela municipalidade em 1998 para abrigar a Prefeitura da cidade, podemos verificar que as telhas originais foram substituídas por outras do tipo capa e canal novas.



f27



f28



f29

Esse imóvel foi construído em 1894 por Tolentino Rodrigues França (f30), que era filho de Francelino Rodrigues França e de Joaquina Hermenilda de Castro. Na partilha dos bens deixados pelo pai, tocou para os irmãos Balbino e Tolentino a fazenda do Palmital, situada no município de Itaperuna. Os irmãos Tolentino e Balbino eram amigos e companheiros e, por muitos anos, foram sócios nos negócios (f31).

Em 23/04/1892 compraram do Cel. Antonio Barbosa Viana, por 66 contos de réis, a fazenda Bela Vista, localizada no caminho para Varre-Sai. Essa propriedade era (...) constituída 364 alqueires mineiros, ou sejam, 1.747 hectares de área, formados geograficamente de montanhas de terras férteis, cobertas de matas virgens, produtivas por bem das águas que tem. (1).

Tolentino era pançudo, fleumático, calorento, aonde vai chega gotejante pedindo um refresco, tirando o paletó, sacando a bota de cano curto. No calor, para fugir de uma pertinaz, pachorrenta urticária prurida, manda construir em Varre-Sai num rude lugarejo no alto de uma montanha frígida, uma légua acima de sua fazenda, um belo prédio de três andares para refrescar-se com a família, nos caniculares meses do verão (...). (2).



f30



f31

Em 1900, o imóvel que servia como casa de veraneio da família França foi adquirida pelo italiano Antonio Giovanini, filho de Pergente Giovannine e de Elizabetta Frattine (f32), natural de Bosgo São Sepulchro, província de Aretso, Itália.

Antonio Giovanini foi casado com Rosa Pulitini (f33 e f34), filha de Leonardo Pulitini e de Philomena Bomcompagne Pulitini, natural da freguesia de Quarata, município e província de Aretso, Itália e irmã de Luiz (Luigi) e Guido Pulitini. Desse matrimônio nasceram: Alfredo, Adelina (mais conhecida por Dilina), Aracy, Philomena, Aurora e Leonardo (f35).



f32



f33



f34 - Pergente Giovannine, Elizabetta Frattine e familiares.



f35 - Em pé, da esquerda para a direita: Alfredo, Adelina, Philomena e Aracy. Leonardo, Antonio Giovanini (sentado) e Aurora.

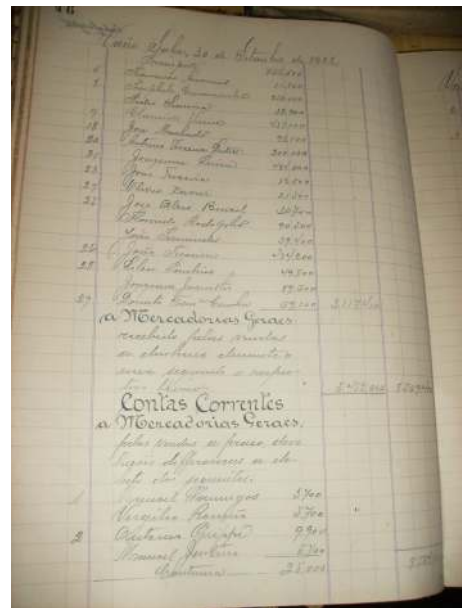
No térreo, funcionava a Casa São Leonardo, que comercializava café no atacado em grande escala, além de secos e molhados, perfumaria, armarinho, tecidos, chapéus e meias. Em registros fotográficos de 1927, constatamos ter sediado também o *Bazar Internacional* (f36 e f37).

Dilina quando completou seus doze anos iria para o internato. Em 30 de abril de 1929, sua mãe, de apenas trinta e cinco anos, que estava grávida do sétimo filho, faleceu de complicações com o traumático parto. Por esse motivo, Dilina teve que abdicar dos estudos e ficar cuidando dos irmãos e da casa paterna (f38 e f39).

Religiosa e devota de São Sebastião e de Nossa Senhora das Graças, foi uma das fundadoras da Pia União das Filhas de Maria e dedicada professora de catecismo, tendo preparado muitos jovens da cidade para a primeira eucaristia.



f36 - Inauguração da Estrada Tombos a Varre-Sai em 27/04/1927.



f37



f38



f39

O sobrado sempre aguçou a curiosidade das pessoas e guardava um ar misterioso, causando medo, sobretudo nas crianças de Varre-Sai. Passagem interessante nos foi contada pela Agente Cultural da Prefeitura, Teresa Cristina Coutinho. *Quando criança o catecismo era realizado no salão paroquial e na igreja. Como prêmio de bom comportamento, podíamos no final da aula, passear na casa da Dilina que ficava sempre fechada. Eu ia muito bem até o segundo andar. Dali não passava. Morria de medo da Dilina que era uma figura impressionante* (f40).

Em 25/04/1998 foi, finalmente devolvido a comunidade pelo Prefeito Dr. Silvestre José Gorini (f41 a f44).



f40



f41



f42



f43



f44

Bibliografia e Fontes:

(1 e 2) FRANÇA, Balbino Bastos. A Última Colheita. Quickgrafic Editora Ltda. 2003.

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas.

Entrevista com a Agente Cultural Teresa Cristina Coutinho.

Entrevista com Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira.

LYRA, Cyro Corrêa. Documenta Histórica dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro. Documenta Histórica Editora. Rio de Janeiro, 2006.

Site www.ferias.tur.br/informacoes/7112/varre-sai-rj.html

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

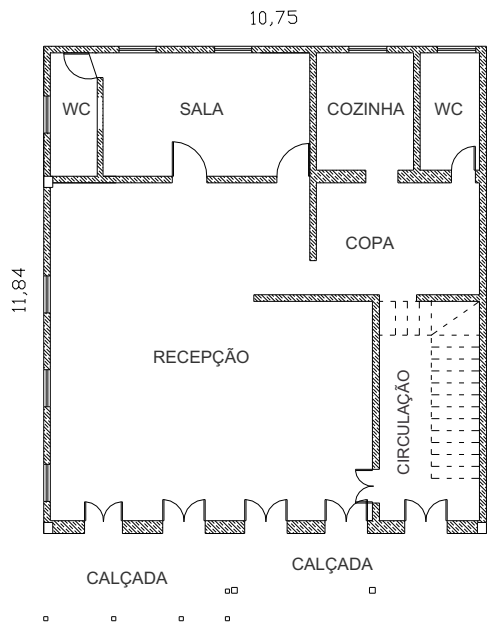
Acervo do Centro Cultural: f23, f24, f25, f26, f29, f30, f37, f40, f41, f42, f43, f44.

Acervo de Marcelo Salim de Martino: f39

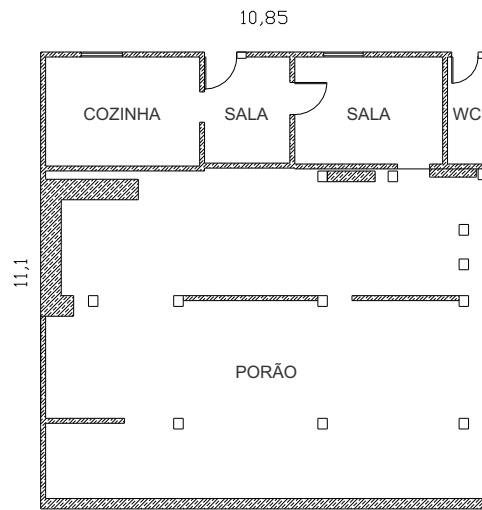
Acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira: f32, f33, f34, f35, f36 e f38.

Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f36

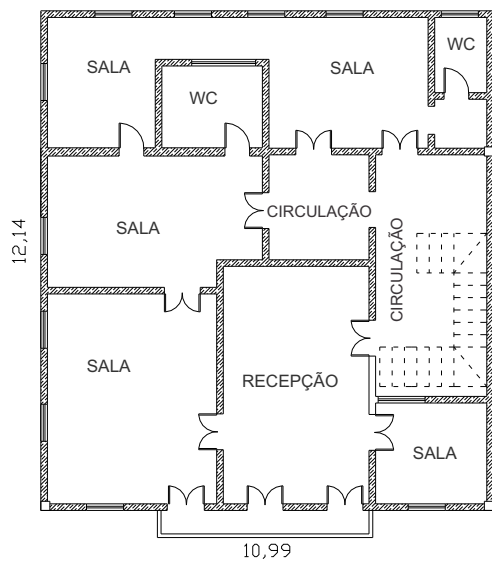
Térreo / recepção



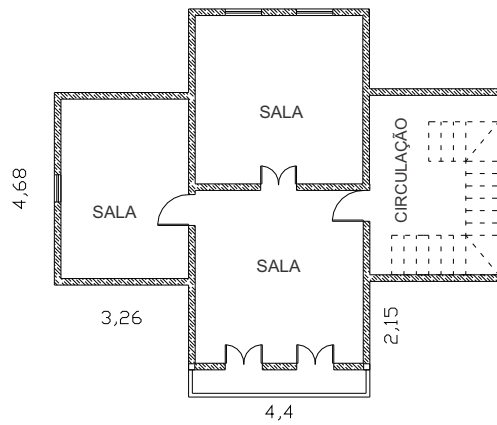
Porão / defesa civil



1º Pavimento



2º Pavimento / camarinha



CASA DA DILINA

escala gráfica 0.5 1 5



*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Casa do Sr. Nelson de Oliveira

Localização

Praça Padre Abaeté Cordeiro, nº 18

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Comercial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Herdeiros de Nelson de Oliveira



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Sr. Nelson de Oliveira.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

Esse imóvel forma com os de número 20 e 22, a Prefeitura Municipal de Varre-Sai (f01), a Igreja Matriz de São Sebastião e o casarão que abriga o Centro Cultural, um dos conjuntos arquitetônicos mais importantes da cidade. A casa está implantada em extenso lote que se estende até a Rua Jácomo Fabbri.



Vista do conjunto da Praça Padre Abaeté Cordeiro.



Google Earth.



f01

Descrição arquitetônica

Construção do século XIX, provavelmente de taipa de mão, está assentada sobre platô em declive, o que permite que a fachada principal seja térrea e a parte dos fundos apresente porão alto e habitável (f02), de onde podemos observar os barrotes e o embasamento de pedra que sustentam as fachadas principal e laterais (f03 a f05). O imóvel possui uma parte comercial e outra residencial.



f02



f03



f04



f05

A fachada principal é composta de quatro portas e de uma janela externa do tipo guilhotina com caixilhos de vidro (f06) e outra interna (f07), de duas folhas, almofadadas (f08), seguindo o padrão das portas (f01). Portas e janelas são encimadas por bandeiras em leque de ferro forjado, com peitoril, ombreiras e vergas em arco pleno (f09). Essas bandeiras foram muito utilizadas durante o século XIX até as primeiras décadas do século XX. Instaladas para melhorar a iluminação e a ventilação do interior da edificação, às vezes, tinham, também, uma função decorativa como é o caso desse imóvel.



f06



f07



f08



f09

Destacam-se os cunhais em alvenaria que também protegem e decoram a edificação (f10). A cobertura em três águas é de telha francesa (f11). Verificamos através de registros fotográficos que a tipologia arquitetônica original do imóvel era estilo chalé com beiral arrematado por lambrequim. Possivelmente durante alguma obra de reforma, a empena foi retirada para dar lugar ao atual telhado em três águas (f12 e f13).



f10



f11



f12



f13

Descrição arquitetônica

A fachada lateral direita possui quatro janelas externas do tipo guilhotina e internas de duas folhas enrelhadas (f14).

Internamente possui assoalho de madeira do tipo paralelo nas salas e quartos (f15). A cozinha é revestida com ladrilho hidráulico (f16). Possui forração de madeira do tipo saia e camisa (f17).



f14



f15



f16



f17

O estado geral de conservação do imóvel é razoável. Constatamos que a fachada lateral direita apresenta sinais de umidade ascendente (f18).

Uma janela de madeira, de modelo mais moderno, foi instalada, recentemente, na cozinha.

No porão, os barrotes que sustentam o assoalho receberam algumas escoras de madeira (f19) e parte do embasamento de pedra solta teve pequenas lacunas preenchidas com tijolos maciços (f20).



f18



f19



f20

De acordo com informações prestadas pelo Sr. Juscelino de Oliveira Vargas, seu pai Nelson de Assis Vargas, adquiriu a casa do italiano Luiz Pulitini para o mesmo viajar para a Itália (f21). Quando retornou teve que morar em casa emprestada porque tudo que possuía havia gasto na viagem. Luiz (Luigi) Pulitini, era filho de Leonardo Pulitini e de Philomena Bomcompagne Pulitini, irmão de Guido Pulitini e de Rosa Pulitini Giovanini, casada com Antonio Giovanini, proprietário da casa onde atualmente funciona a Prefeitura Municipal de Varre-Sai.



f21



f22



f23

Histórico

Nelson de Assis Vargas foi vereador, Presidente do Serrano Esporte Clube, Secretário da Cooperativa de Café, presidente e Secretário do Hospital, comerciante, produtor de café e agricultor. Nelson (f22) casou-se com Philomena Gonçalves Vargas (f23), atualmente com 91 anos. Seu pai, Francisco Camilo Gonçalves era proprietário da Fazenda Figueira Branca, em Varre-Sai (f24). D. Philomena era bordadeira. Lecionou bordado a máquina para o SESI na época do Câmera Pinto.

O bisavô, Adelino Camilo Gonçalves, era parente muito próximo da mãe de Baden Powel, que recebeu o nome Adelina em homenagem a seu bisavô.



f24

Arquivo fotográfico



f25 - Detalhe da bandeira de porta interna.



f26 - Detalhe da janela do porão.



f27 - Detalhe da janela lateral.



f28 - Aspecto do imóvel na década de 20 do séc. XX.



f29 - Trecho da Av. Felicíssimo de Faria Salgado durante a realização de festa religiosa.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com o Sr. Juscelino de Oliveira Vargas.

Fotografias:

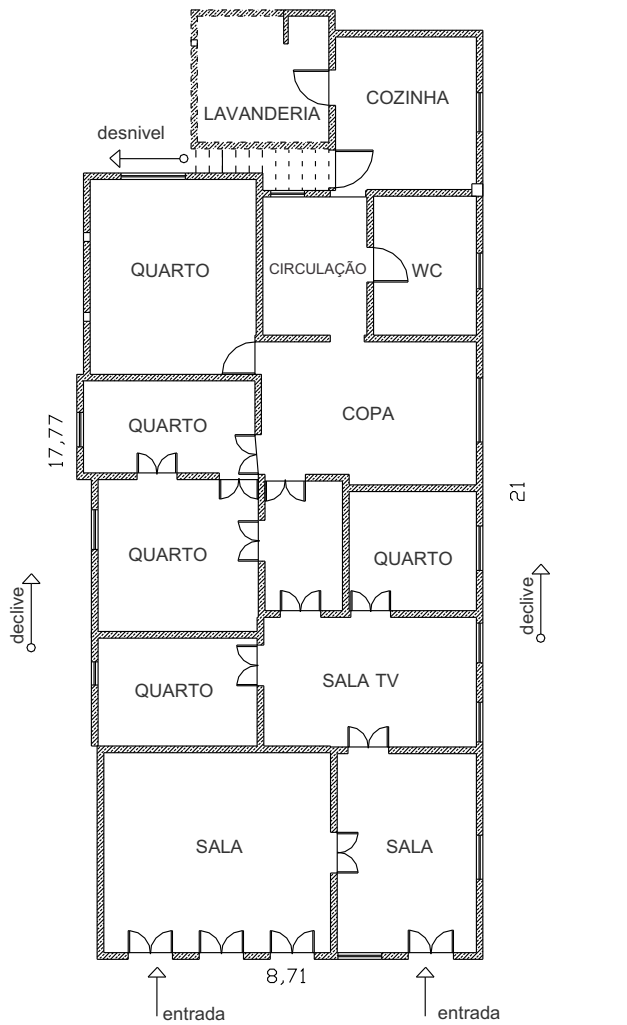
Acervo de Amélia Oliveira Vargas: f12 e f29.

Acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira: f21.

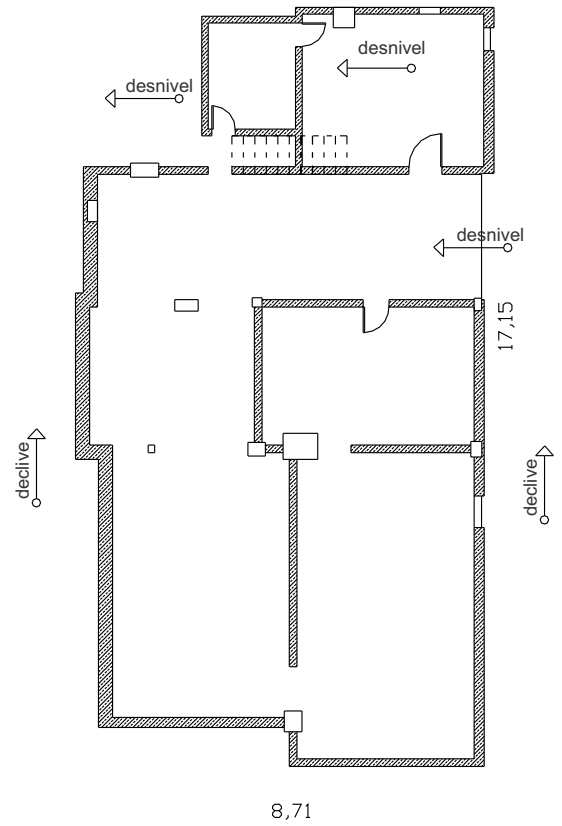
Acervo da Família de Nelson de Oliveira: f22, f23 e f24.

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f28.

Planta baixa / residência



Porão



CASA DO SR. NELSON DE OLIVEIRA
 escala gráfica 0,5 1 5



Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa do Sr. Luiz Pulitini

Localização

Praça Padre Abaeté Cordeiro, nº 20

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Comercial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Sr. Luiz Pulitini.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A maioria dos imóveis edificados do lado direito da Praça Pe. Abaeté Cordeiro e da Avenida Felicíssimo Faria Salgado, sentido Prefeitura/Igreja de Santa Filomena, está assentada sobre platô em declive permitindo que a fachada principal seja térrea e a parte dos fundos apresente porão alto. Esse imóvel compõe com a sede da Prefeitura Municipal, com os nºs. 18 e 22 da referida praça, onde também estão localizados a Igreja Matriz de São Sebastião, o Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas e as demais residências da Rua Túlio Righetti, o maior e mais preservado conjunto histórico arquitetônico de Varre-Sai (f01 e f02).



Vista do conjunto da Praça Padre Abaeté Cordeiro.



Google Earth.



f01



f02

Descrição arquitetônica

Essa construção, provavelmente edificada no final do século XIX, possui telhado continuado de duas águas, coberto por telhas do tipo capa e canal (f03).

Através de fotografias antigas verificamos que esse imóvel esteve ligado ao de número 22, sendo este a parte comercial e aquele a residencial, o que justifica o telhado continuado do prédio (f04).



f03



f04

Descrição arquitetônica

Atualmente, a casa possui uma entrada principal, uma entrada de serviço lateral e três janelas de folha cega com bandeira de vidro instaladas em substituição as antigas portas (f01).

Verificamos que durante alguma reforma, uma barra de chapisco foi aplicada na fachada frontal, assim como o detalhe do requadro da porta e das janelas. Parte do revestimento em argamassa possui marcação com frisos retos (f05).

As janelas são guarnecidas por quadros de venezianas de madeira.



f05

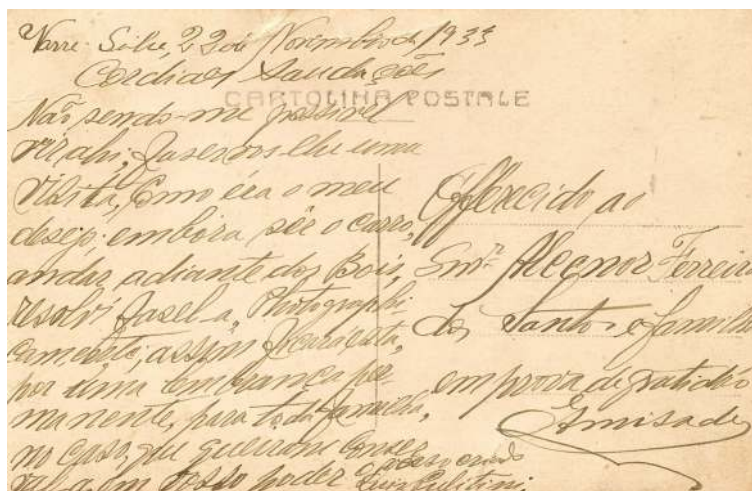
Estado de conservação

Internamente o imóvel passou por diversas reformas como a substituição do assoalho de madeira por revestimento cerâmico e do forro de madeira, por PVC. Mantiveram, porém, o telhado continuado, característica arquitetônica da construção.

Luiz Pulitini era italiano, nascido a 6 de março de 1891 (f06 e f07), filho de Leonardo Pulitini e de Philomena Bomcompagne Pulitini (f08 e f09), irmão de Guido Pulitini e de Rosa Pulitini Giovanini. Luiz foi inventariante dos bens deixados por sua mãe após seu falecimento em 13/05/1929. Nessa época contava com 39 anos, Guido com 32 anos e Rosa, mãe de seis filhos, havia falecido em 30/04/1929, de complicações com o parto do sétimo filho. Da Carta de Formal de Partilha extraída dos autos do inventário deixados por D. Philomena constatamos os seguintes bens: casa nº 10, localizada no Largo da Matriz (atual Praça Padre Abaeté Cordeiro), avaliada em dois contos e quinhentos mil réis, um paiol no quintal da referida casa no valor de cem mil réis e uma casa na Rua 15 de Novembro, nº 3, no valor de um conto de réis. Essa casa nº 10 do largo da Matriz é o Casarão do Felicíssimo, que atualmente sedia o Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas, o paiol é onde foi edificada a casa nº 03 da Rua Túlio Righethi e a casa da Rua 15 de Novembro é a atual nº 20 da Praça Pe. Abaeté Cordeiro (f10).



f06



f07



f08



f09 - Sentados: Philomena e Leonardo Pulitini, em pé: Guido e Luiz, da esquerda para a direita. 1916.



f10

Luiz Pulitini se casou já maduro com D. Santa Meloni (f11), que havia ficado viúva ainda muito jovem. D. Santinha residia na região da Boa Sorte propriedade da família Capacci. Quando ficou viúva, vendeu um pequeno sítio, e veio com a família para o então distrito de Varre-Sai, onde exerceu a profissão de costureira. Ele esteve por diversas vezes na Itália. De acordo com Jamilton José Vieira, *Sr. Luiz era um homem muito rico, proprietário de muitas casas. No quintal de sua residência havia muitas parreiras, macieiras e pereiras. Contava para nós, os netos de D. Santinha, histórias da Itália, de seus parentes, mostrava postais da II Guerra Mundial, fotografias de seus familiares. Aqueles baús repletos de fotografias e o sotaque italiano me fascinavam.*

Essa casa foi, também, sede do Banco Fluminense da Produção (f12).



f11



f12



f13 - Detalhe da calçada do tipo pé de moleque.



f14 - Detalhe do conjunto formado pelos números 18, 20 e 22 da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.

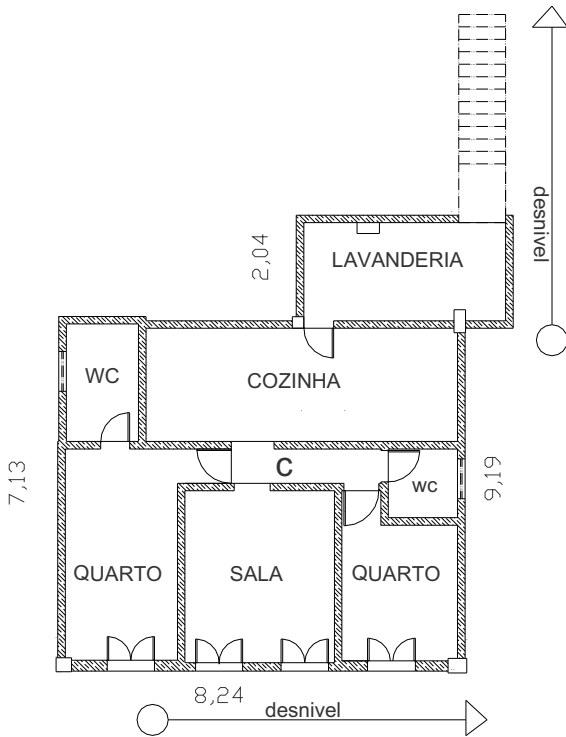
Bibliografia e Fontes:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas.
Acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira.
Acervo de Sebastião Odithes Lopes.
Entrevista com Jamilton José Vieira.

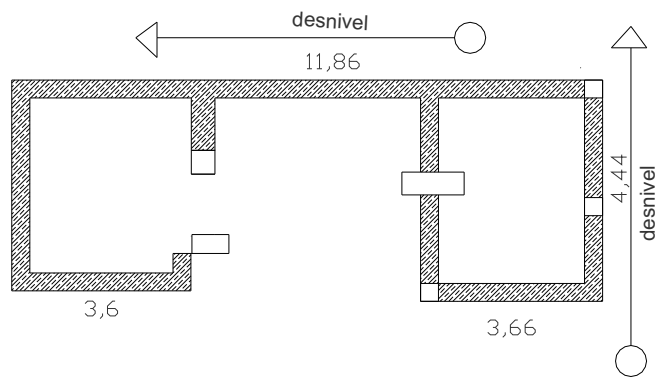
Fotografias:

Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f04.
Acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira: f06, f07, f08 e f11
Acervo de Sebastião Odithes Lopes: f09
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f10 e f12.

Planta baixa / residência



Porão



CASA DO LUIZ PULITINI

escala gráfica 0.5 1 5

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação
Casa da Olneida

Localização
Praça Padre Abaeté Cordeiro, nº 22

Município
Varre-Sai

Época de construção:
Século XIX

Estado de conservação:
Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:
Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:
Nenhuma

Propriedade:
Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira



Planta Esquemática



Fachada da Casa da Olneida.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por:
Data:

Características do lote

O casario que compõe a Praça Pe. Abaeté Cordeiro, destaca-se pelo seu grau de preservação. Apresenta o mesmo tipo de implantação que caracteriza o conjunto arquitetônico e urbanístico do Centro Histórico de Varre-Sai como um todo, posicionando-se na parte frontal do lote e definindo o seu calçamento.

A maioria dos imóveis edificados do lado direito da Praça Pe. Abaeté Cordeiro e da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, sentido Prefeitura/Igreja de Santa Filomena, estão assentados sobre platô em declive permitindo que a fachada principal seja térrea, por vezes acompanhando a inclinação do arruamento, e a parte dos fundos apresente porão alto (f01).

Entre a casa e o imóvel de nº 24 existe uma entrada, decorrente do afastamento lateral entre os lotes, através da qual acessamos o porão e o extenso quintal do imóvel (f02).



Vista do conjunto da Praça Padre Abaeté Cordeiro.



Google Earth.



f01



f02

Descrição arquitetônica

Construção do século XIX (f03), em pau a pique, com telhado em duas águas paralelas ao arruamento, coberto com telhas cerâmicas do tipo capa e canal (f04), arrematado por beiral forrado, seguido de ornamento de estuque denteado (f05). Apresenta uma planta compacta, cujo programa arquitetônico se desenvolve longitudinalmente a calçada frontal, onde se situa a parte social da casa e os quartos. Aos fundos distribuem-se os cômodos de serviço.



f03 - Inauguração da Estrada Tombos a Varre-Sai em 27/04/1927.



f04



f05

Descrição arquitetônica

A fachada principal é composta de porta central em duas folhas, almofadadas, com bandeira envidraçada e de seis janelas externas de guilhotina com caixilhos de vidro (f06). Possui janelas internas, de duas folhas cegas, com peitoril, ombreiras e vergas retas (f07). As portas internas são em cedro, de duas folhas, do tipo ensilhada e possuem bandeiras de vidro (f08).



f06



f07



f08

Descrição arquitetônica

O assoalho é do tipo paralelo (f09). Internamente, possui três tipos de forração. Alguns cômodos são do tipo saia e camisa (f10), outros de forro do tipo paulista (f11) e a cozinha com treliça de madeira (f12).

A fachada lateral direita possui beiral forrado e janelas de duas folhas, com venezianas de madeira e vidro; são emolduradas com requadro de massa (f13).



f09



f10



f11



f12



f13

Descrição arquitetônica

Foi construída com porão habitável por causa do terreno em declive que, atualmente é explorado pelos proprietários como residência de aluguel.

Destaca-se a calçada original com pavimento do tipo pé de moleque (f14 e f15).



f14



f15

Essa casa (nº 22), a vizinha de nº 20 e a atual Prefeitura de Varre-Sai (nº 9) pertenceram aos antepassados, da Família Pulitini Giovanini, motivo pelo qual a residência guarda muitas lembranças que vão de móveis do século XIX, como a cama com as barras largas, decoradas em voluta (f16 e f17), um interessante banquinho de madeira (f18), malas de viagem (f19), um grande baú (f20), cadeiras estilo austríaco Thonet, do último terço do século XIX (f21), a um rádio, um relógio de mesa (f22) e uma variedade de móveis em estilo déco (f23). Destacam-se as fotografias de crianças da família, aplicadas sobre suporte de madeira recortada com pedestal (f24).



f16



f17



f18



f19



f20



f21



f24



f22



f23

Estado de conservação

O estado geral do imóvel é bom. Pequenas intervenções foram realizadas na fachada principal como o revestimento do embasamento com uma barra de pedras encimada por outra de chapisco, mas que em nada alteraram o seu valor arquitetônico. Por ocasião de outra reforma os proprietários instalaram quatro lampiões em estilo colonial na fachada.

Histórico

A casa pertenceu a Guido Pulitini (f25) que a vendeu para Aracy Giovanini (f26), pai da atual proprietária, Olneida, que muito comunicativa e agradável, mantém a tradição familiar de só fechar a janela de sua casa (f27) quando a Matriz de São Sebastião, que fica localizada defronte sua residência, cerra sua porta e encerra suas atividades religiosas. Olneida nos explicou que sua família sempre foi muito religiosa, que eles viviam exclusivamente para o trabalho e para a religião católica. *Tudo em nossa casa girava em torno da religião. Meu pai pediu antes de falecer que déssemos comida a todos que batessem a nossa porta e que não cobrássemos nada por isso.*



f25



f26

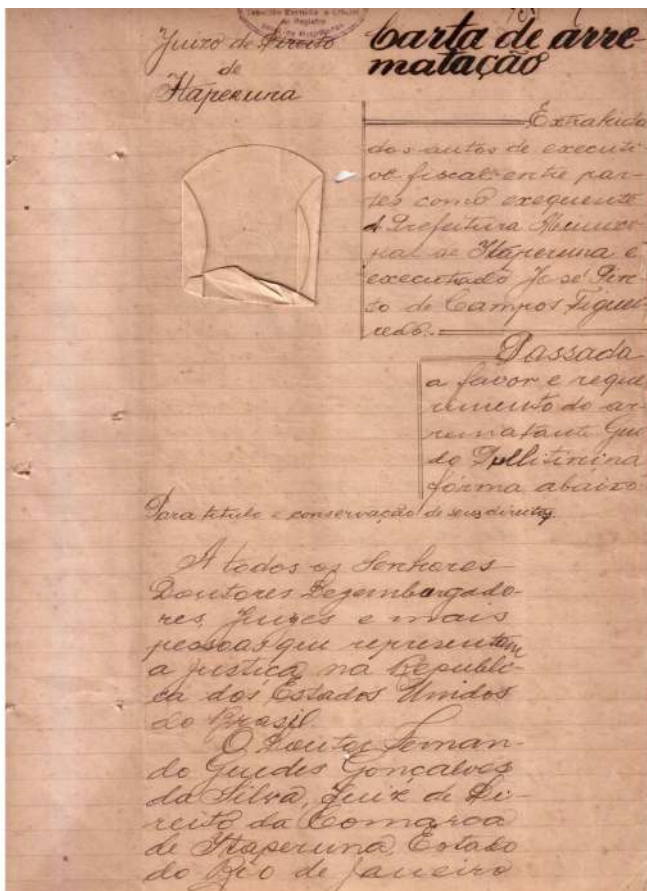


f27

Antes de pertencer a sua família, Olneida nos disse que residiam na casa umas moças que eram pianistas e realizavam frequentemente saraus e concertos para a pequena elite da época. D. Philomena de Sá Vieira confirma a informação de Olneida. *Naquela casa residiu um senhor conhecido como Juca Pinto, casado com D. Nhazinha que tocava piano muito bem e ensinou as filhas também, principalmente a Hercília que era a mais velha e casada com um farmacêutico. Elas eram da alta sociedade. Depois perderam tudo, se mudaram para a roça e tempos depois foram para os lados de Bom Jesus. A casa era muito movimentada. Faziam ótimos bailes. Eu era menina, mas me lembro que enquanto estávamos na igreja elas tocavam piano lá em baixo.*

Guido Pulitini adquiriu essa casa em 1932, de José Pinto de Campos Figueiredo, pelo valor de seis contos e quinhentos mil réis, conforme Carta de Arrematação (f28) extraída dos autos de execução fiscal entre partes, como exequente a Prefeitura Municipal de Itaperuna e executado José Pinto de Campos Figueiredo. Nessa Carta de Arrematação a casa é descrita como residencial, com cômodo comercial, com seis janelas e uma porta de frente, situada a Rua 15 de Novembro, s/nº. Mais adiante constatamos o seguinte: (...) casa assoalhada, coberta de telhas, com morada para família e cômodos para negócios, dividindo-se de um lado com Guido Pulitini, por outro com prédios do mesmo, pela frente com a rua e fundos com terrenos baldios, avalio a dita casa em cinco contos de réis (...).

Guido Pulitini engarrafava aguardente por litro conforme rótulo do acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas (f29).



f28



f29



f32



f33

Bibliografia e Fontes:

Entrevista e acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

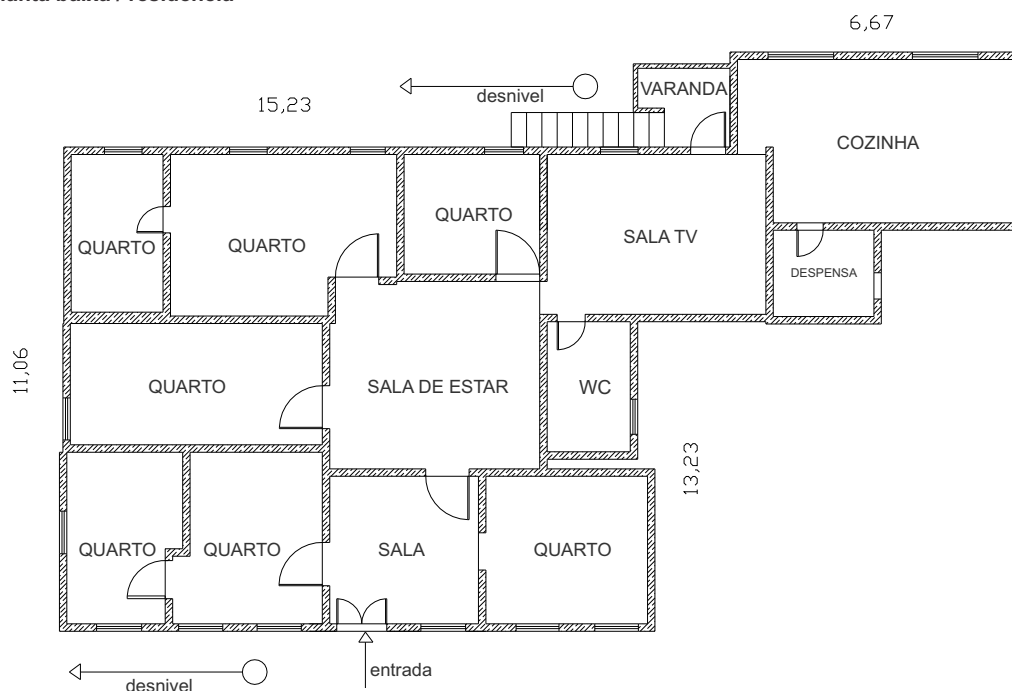
Fotografias:

Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f03.

Acervo de Olneida Maria de Magalhães Giovanini Ferreira: f25, f26, f28 e f30.

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f27 e f31.

Planta baixa / residência



CASA DA OLNEIDA

escala gráfica 

Denominação

Casa do Tancredo Righetti

Localização

Praça Padre Abaeté Cordeiro, nº 24

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX/XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial-Residencial / Comercial-Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Roberto de Oliveira Righetti



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Tancredo Righetti.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

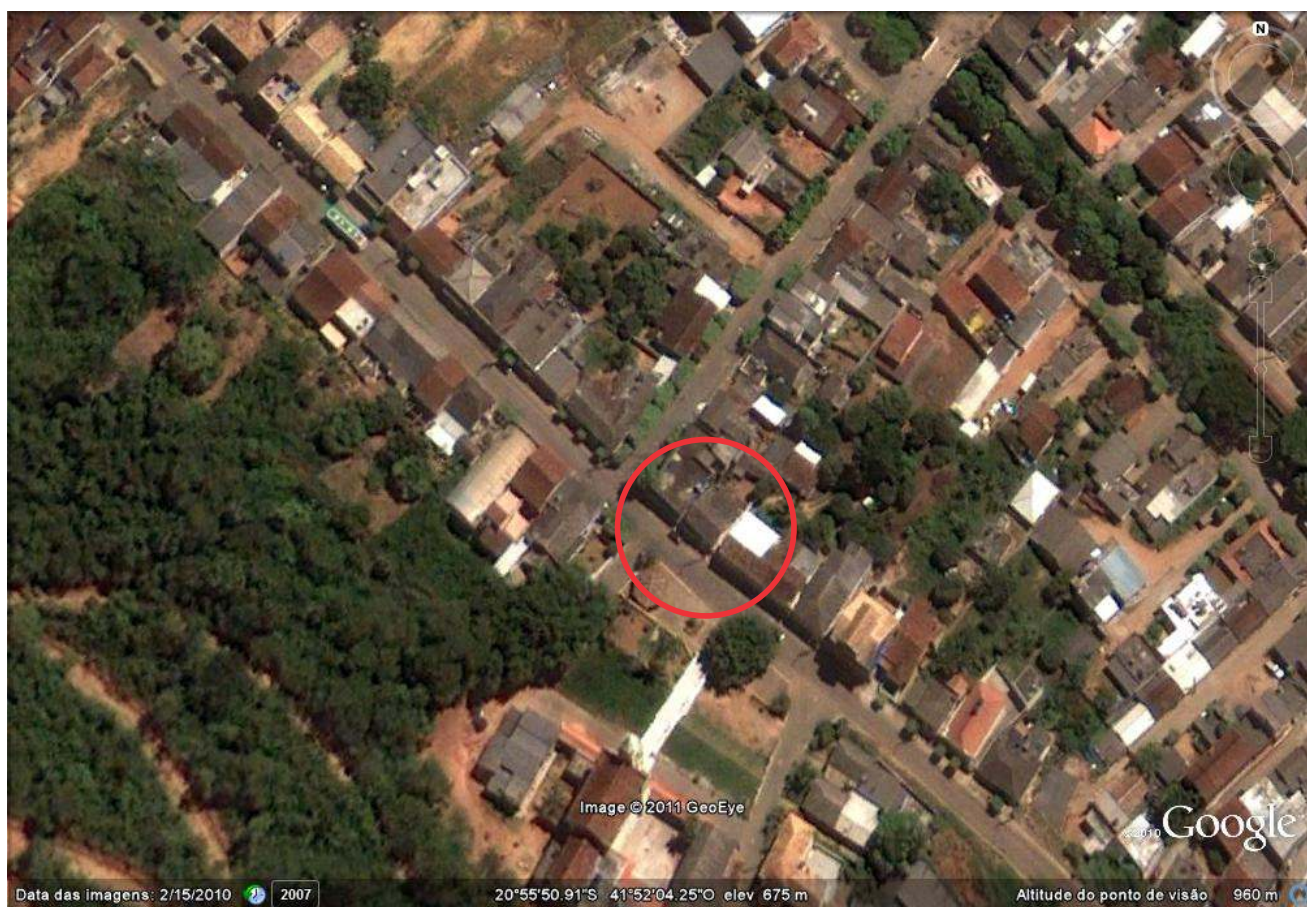
Revisado por: DPCN /INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel construído em terreno em declive integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Praça Pe. Abaeté Cordeiro e da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, a principal da cidade, também conhecida como Rua de Baixo.



Vista do conjunto da Praça Padre Abaeté Cordeiro.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Imóvel comercial e residencial, construído provavelmente no século XIX ou no início do século XX, o que pode ser facilmente verificado através da fachada lateral direita onde estão expostas madre, esteio e frechal (f01). O imóvel teve a fachada reformada provavelmente entre as décadas de 40/50 do século XX, época em que recebeu marquise de concreto e platibanda de influência déco que esconde o telhado de duas águas.

Possui duas portas de ferro, de correr, na parte comercial e uma porta e duas janelas de madeira, de duas folhas, com bandeira envidraçada, na parte residencial.

Sua preservação é importante porque mantém a horizontalidade nesta área da cidade, além de permitir uma leitura do ponto de vista de estilos arquitetônicos mais contemporâneos.



f01

Estado de conservação

O estado de conservação do imóvel é bom. Recentemente o telhado original, coberto de telhas do tipo francesa foi substituído por telhas de fibrocimento.

A casa pertenceu ao tropeiro Sebastião de Oliveira Vargas e na partilha de seus bens a mesma coube a uma de suas filhas. Sebastião de Oliveira Vargas nasceu em 19 de janeiro de 1888, era filho de Custódio Vargas Correia Junior e de Ana Marcelina de Oliveira. Tropeiro desde os dezesseis anos transportava café de Varre-Sai para o embarque na estação ferroviária de Natividade ou Faria Lemos. A viagem durava dias. Enfrentava chuvas, atoleiros e todo tipo de intempéries da natureza. Segundo registros familiares, *tudo era compensado pela amizade, pela solidariedade e pela beleza da tropa arriada, principalmente o burro Horizonte e a égua madrinha Campolina que com seu sincero, puxava toda a tropa para o seu destino, levando café e trazendo farinha de trigo.*

Sebastião adquiriu, posteriormente, a Fazenda Fortaleza. Mais tarde adquiriu a máquina de beneficiar arroz e café, localizada na Rua Bernardino de Oliveira, no local onde atualmente encontra-se instalada a firma Varre-Sai Material de Construção e onde eram realizadas reuniões partidárias, encontros onde era decidido o futuro do distrito e a mais importante de todas, que foi a realização do plebiscito da emancipação política e administrativa da cidade.

Sr. Sebastião era exímio dançarino, puxador de quadrilhas, carnavalesco, contador de piadas, gostava de uma roda de caxambu, sobretudo do tradicional Caxambu da Jove, ajudava nos leilões da tradicional Festa de São Sebastião. Foi também, um dos fundadores do Baile dos Cavadeiros, menção aos trabalhadores cavadores pela sobrevivência na vida.

Foi casado quatro vezes e três de suas esposas faleceram ao dar a luz. Faleceu no dia 4 de dezembro de 1984, deixando grande descendência.

Na partilha dos bens, coube o imóvel a sua filha Hercília de Oliveira, casada com o Sr. Tancredo Righetti.

Tancredo Righetti foi mecânico, pedreiro, proprietário de uma máquina de arroz e hábil artesão. Confeccionou diversas miniaturas do casario de Varre-Sai. D. Philomena de Sá Vieira em seu depoimento nos disse que ele mesmo se auto-referia como *o homem que fez muitas casas e não tinha casa para morar.*

Sua filha Vera Righetti Glória nos disse que ele era um homem muito trabalhador, engraçado, muito criativo, alegre e brincalhão. Era boêmio, gostava de jogo de buraco, víspera e sinuca. Fazia pão italiano como a mãe. *Papai tinha prazer em cercar as pessoas na rua para comerem o que ele havia acabado de fazer. O que eu mais gostava e sinto saudades é da risada dele.*

De acordo com Vera a reforma dessa casa foi realizada por ele, assim como a construção das duas residências existentes na Rua Túlio Righetti, próximas ao Casarão do Felicíssimo.



f02 - Aspecto parcial do conjunto da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.



f03 - Aspecto parcial do conjunto da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.



f04 - Fachada principal.



f05 - Números 24 e 26 da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.



f06 - Entrada ente o imóvel e o vizinho de nº 22.



f07 - Casamento de Sebastião de Oliveira Vargas e Leolina Jorge Soares (3ª núpcias).



f08 - Utensílios de tropeiro que pertenceram a Sebastião de Oliveira Vargas.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Vera Righetti Glória e Teresa Cristina Coutinho.

Trabalho de pesquisa realizado em 1992, pelas turmas 1301/1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo de Edilma Fontes Vargas Martins: f07 e f08.

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa do Sr. Primo Sobreira

Localização

Praça Padre Abaeté Cordeiro, nº 26

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

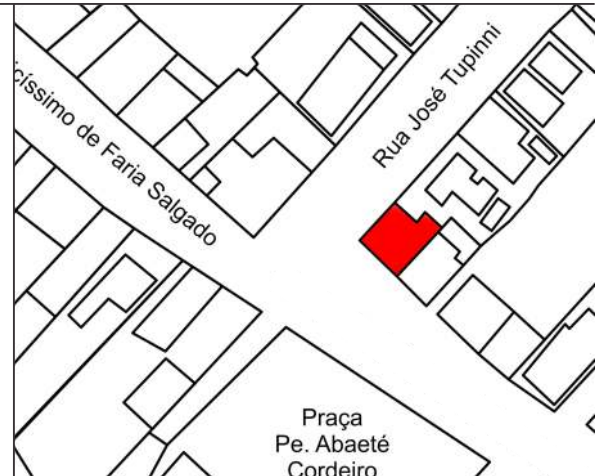
Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Jarbas do Nascimento



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Sr. Primo Sobreira.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

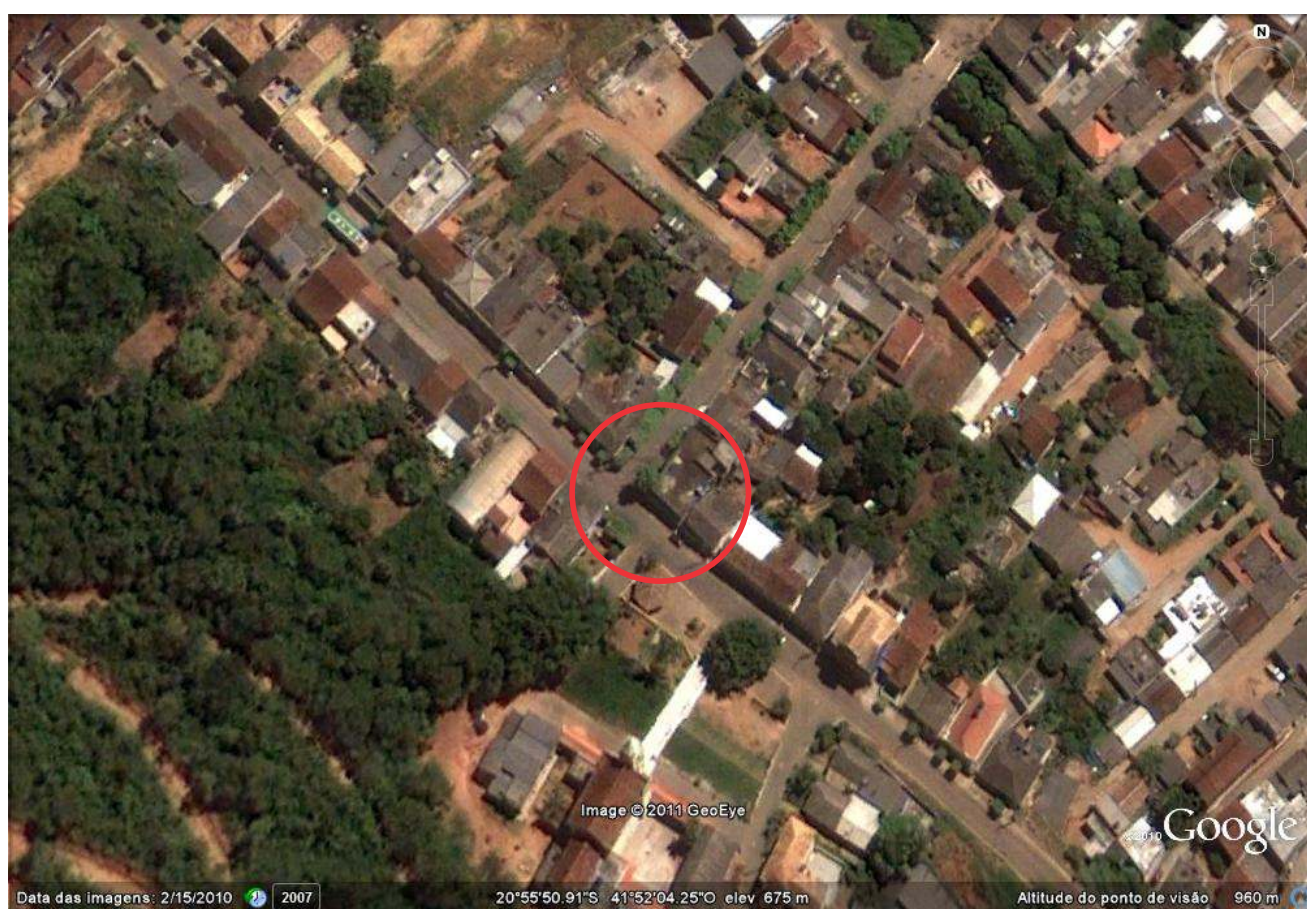
Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

Como a maioria dos imóveis edificados do lado direito da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, sentido Prefeitura/Igreja de Santa Filomena, a casa de número 26 da Praça Pe. Abaeté Cordeiro, está assentada sobre platô em declive permitindo que a fachada principal seja térrea e a parte dos fundos e a lateral esquerda apresentem porão alto.



Vista do conjunto da Praça Padre Abaeté Cordeiro.



Google Earth.

Características do lote

O imóvel localizado na Praça Pe. Abaeté Cordeiro, esquina com a Rua José Tupinni, compõe com a sede da Prefeitura Municipal, com os números 05, 18, 20 e 22 da referida praça, onde também está localizada a Igreja Matriz de São Sebastião, com o Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas e as demais residências da Rua Túlio Righetti, o maior e mais preservado conjunto histórico arquitetônico de Varre-Sai (f01).



f01

Descrição arquitetônica

Este imóvel, localizado na Praça Pe. Abaeté Cordeiro esquina com a Rua José Tupinni, provavelmente construído entre as décadas de 30/40 do século XX, diferencia-se das demais edificações remanescentes do núcleo inicial de Varre-Sai pelo tratamento de sua fachada que possui avarandado em “L”, ocupando as fachadas frontal e lateral, marcado por guarda corpo em alvenaria, de elementos marcantes como o acabamento recortado em linhas retas que remete ao gosto déco. Destacam-se as portas maciças, almofadadas, em duas folhas (f02).

A garagem que possui porta metálica de enrolar fica localizada na Rua José Tupini.

Segundo informações prestadas pelo Dr. Luiz Ronaldo Fabri Poli, essa casa foi construída por seu pai Romeu Poli.



f02

Estado de conservação

O estado de conservação é bom. Verificamos que grande parte das janelas, originalmente de madeira, foram substituídas por esquadrias de perfil metálico em alumínio (f03).

A fachada de linhas retas possui uma barra texturizada também encontrada na varanda e na platibanda. O restante da fachada possui revestimento de argamassa vincada (f04 e f05).

Agaragem que possui porta metálica de enrolar fica localizada na Rua José Tupini.



f03



f04



f05

De acordo com informações da cientista social e varressaense Nazira Abib Oliveira Vargas, nesse local ficava a residência de Felicíssimo de Faria Salgado, uma vez que não conseguiu morar no casarão que mandou edificar próximo à Capela de São Sebastião porque já estava bastante adoentado. O fazendeiro português Felicíssimo Faria Salgado, nasceu por volta do ano de 1807. Era filho de Teodoro de Faria Salgado e de Francisca Maria da Silva, moradores da Vila de Remédios – MG. Segundo consta, teria adquirido, provavelmente, no ano de 1848 terras nas nascentes do Ribeirão Varre e Sahe. Por volta de 1850 criou o povoado de São Sebastião de Varre Sahe doando a Igreja uma área de terras como forma de agradecimento por uma graça recebida de São Sebastião. Nessas terras que ele registrou em 1854 no Livro de Registro de Terras de Santo Antonio de Guarulhos, sob o nº 430, em observância ao artigo 91 do Decreto Provincial nº 1318, de 30 de janeiro de 1854, foi construída uma capela dedicada ao santo a partir da qual se estruturou a vila.

Segundo informações prestadas por Lúcia Maria Sobreira Lopes, essa casa pertenceu a Francisco Lopes da Silva, mais conhecido como Capitão Chico Lopes (f06), que a teria herdado por conta do casamento com Ana Angélica de Faria (f07), mais conhecida como Sinhazinha, filha de José Antunes de Faria Salgado e de D. Maria Antonia de Faria (f08). Essa casa ficava localizada na Rua Felicíssimo de Faria Salgado esquina com a Rua José Tupini, onde a família possuía outros imóveis. Não menos importante, é o depoimento de José Leão Teixeira de Faria, sobre Felicíssimo de Faria Salgado e sobre a casa de seu avô Juca Faria, primo em primeiro grau de Felicíssimo, publicado no Jornal O Norte Fluminense, nº 244, de 23 de março de 1952, (...) *Foi ele o primeiro povoador naquele cantinho do norte fluminense. Viera do Estado de Minas. Trouxe consigo muitos escravos e parentes. Minha mãe falava-me sempre em tio Felicíssimo, porém ele era tio em 1º grau de meu avô Juca Faria. Meu avô tinha muitos irmãos. Antonio, Augusto, Sebastião, Higinio e Ana, todos chefes de numerosas proles. Foram os primeiros emigrantes mineiros que ali aportaram, por conseguinte os primeiros na colonização da terra onde nasci, o meu meigo berço... Naquele arraial, em uma esquina da rua principal, está ainda desafiando os anos, um velho prédio, onde por muitos anos residiu meu avô Juca Faria. Ali está enterrado o meu umbigo. Ali naquele arraial passei os primeiros de minha infância descuidada e feliz.*(...).



f06



f07

Tempos depois, foi vendida pelo Cap. Chico Lopes ao Sr. Primo José Sobreira, comerciante estabelecido na Fazenda da Onça, propriedade dos Moreiras, que atualmente pertence a Purilândia, distrito de Porciúncula. Depois se mudou para a cidade, adquiriu outras propriedades como a Fazenda Vala dos Índios, Candonga e uma outra na região conhecida como Arataca. Tempos depois, construiu essa residência, especialmente projetada para atender, com conforto e segurança um filho doente que necessitava de cuidados especiais. Sua esposa Altair, mais conhecida por Lila era poetisa.

Sr. Primo José Sobreira, nasceu em Varre-Sai em 02/04/1910 e faleceu em 26/04/1965. Era filho de José Sobreira e de Maria Emília Sobreira. Foi comerciante, proprietário rural, cafeicultor, pecuarista, tendo exercido em Natividade, o cargo de Subdelegado de Polícia Civil.

Foi o doador do terreno onde foi construída a Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho, que é a única escola de ensino fundamental e médio da cidade. Participou, também, junto de seus companheiros de PTB para a criação do Ginásio Varre-Sai, atual Instituto Educacional João XXIII.

Após seu falecimento, a família doou um terreno para a construção do Mercado do Produtor, onde são comercializados os produtos hortifrutigranjeiros de Varre-Sai e outro para a construção do Centro Integrado de Educação Pública- CIEP Primo José.

Registro curioso e supersticioso se dava após o nascimento dos filhos de José Sobreira e D. Maria Emília. O primeiro banho era dado com todas as jóias da mãe mergulhadas na água. Segundo a tradição familiar, trazia sorte financeira para eles.

Atualmente a casa é propriedade do Sr. Jarbas de Nascimento, filho de Sebastião Nascimento e de Sebastiana de Nascimento, nascido a 10/06/1928.

Mudou-se para Varre-Sai em 1955, época em que conheceu Cirlei Coimbra Sobreira, sua primeira e única namorada, com quem se casou no dia 19/02/1955.

Foi guarda de trânsito e Subdelegado de Polícia de Varre-Sai.



f08



f09 - Aspecto da Rua José Tupini.



f10 - Aspecto do imóvel na década de 90.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Lúcia Maria Sobreira Lopes, Nazira Abib Oliveira Vargas e Dr. Luiz Ronaldo Fabri Poli.
Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da professora de Metodologia dos Estudos Sociais - Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo de Sebastião Odithes Lopes: f06, f07 e f08.
Acervo de Dr. José Antônio Abreu de Oliveira: f10.



Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Bar do Fei

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 05

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Herdeiros de Godofredo Fabbri



Planta Esquemática



Fachada do Bar do Fei.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel, de uso misto, situa-se no coração do centro histórico de Varre-Sai num amplo terreno em aclave, numa das laterais da Praça Pe. Abaeté Cordeiro (f01). Sua localização privilegiada, de frente para a Rua José Tupini, possibilita uma ampla visão das áreas de expansão urbana mais recentes, seguindo em direção a Rua Otávio Monerat (f02).



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.



f01



f02 - Rua José Tupini vista do Bar do Fei.

Descrição arquitetônica

O imóvel apresenta uma tipologia arquitetônica dos chalés urbanos da virada dos séculos XIX/XX, com dois pavimentos, telhado em duas águas e planta retangular que se prolonga em direção ao fundo do terreno. No térreo está localizada a parte comercial e no pavimento superior, a residencial.

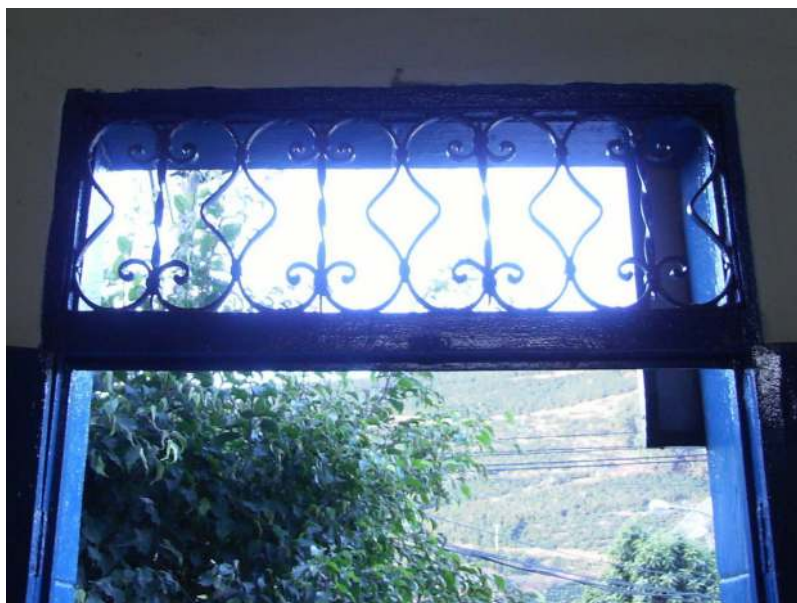
A fachada frontal, na parte inferior, é composta por três portas de folhas cegas, com ombreiras e vergas retas e bandeiras com grades de ferro forjado, acessadas por um único degrau(f03 a f05).



f03



f04



f05

Descrição arquitetônica

No pavimento superior estão localizadas três janelas do tipo guilhotina, com caixilhos de vidro, com peitoril, vergas e sobrevergas frisadas (f06). Internamente é servida por janelas de folhas cegas.

Destacam-se na fachada principal a barra almofadada de alvenaria (f07) entre os vãos das portas e as mãos francesas em forma de “S” que arrematam o beiral forrado (f08). Na empena está localizado um respiro que tem por função a circulação de ar entre o forro e o telhado (f09).

Detalhes interessantes estão nos cunhais que receberam aplicação de pequenos frisos idênticos aos das sobrevergas das janelas que arrematam as mãos francesas instaladas abaixo dos frechais (f08).



f06



f07



f08



f09

Descrição arquitetônica

O telhado de duas águas possui cobertura de telhas cerâmicas do tipo capa e canal. O beiral, arrematado por forro, foi pintado de azul colonial como as janelas internas, portas, madres, frechais, ombreiras e vergas (f10).

N a fachada lateral direita está instalado um jardim cercado com mureta de alvenaria (f11), através do qual acessamos à entrada principal da casa, localizada na varanda do segundo pavimento, construída em substituição ao antigo alpendre (f12 e f13). A varanda que é de alvenaria e laje possui cinco arcos típicos das construções das décadas de 30/40 do século XX (f14). Nessa parte do imóvel as portas e as janelas são de duas folhas, almofadadas e com bandeiras de vidro (f15).



f10



f11



f12



f13

Descrição arquitetônica

No térreo, as janelas dispostas do lado esquerdo são de duas folhas lisas com ombreiras, peitoril e vergas retas (f16).



f14



f15



f16

Descrição arquitetônica

O térreo preserva a pavimentação de ladrilho hidráulico (f17) e a forração de madeira (f18). O pavimento superior possui parte do assoalho original do tipo paralelo (f19) e parte em ladrilho hidráulico (f20). O forro é de madeira, do tipo saia e camisa (f21).



f17



f18



f19



f20



f21

Estado de conservação

O estado geral de conservação do imóvel é razoável e o mesmo apresenta-se bem preservado, mantendo suas características arquitetônicas originais. As intervenções mais significativas sofridas correspondem às obras de melhoramentos executadas ao longo dos anos como cozinha, banheiro e a extensa varanda lateral. Aos fundos observam-se alguns acréscimos mais recentes.

Segundo nos relatou Nazira Vargas esse imóvel também foi construído por Felicíssimo de Faria Salgado e nele residiu um de seus irmãos.

De acordo com informações prestadas pelo Dr. Jácomo José Fabbri, esta casa pertenceu ao Sr. Walfredo Pontes (f22), família de Natividade (f23). Foi adquirida em 2/3/1933 (f24) por seu pai, Sr. Godofredo Fabbri, filho de Jácomo Fabbri e Ignez Capaccio Fabbri, nascido em Varre-Sai em 14 de setembro de 1904. Seus pais, imigrantes italianos, chegaram a Varre-Sai ainda no século XIX para trabalharem na lavoura de café. Instalaram-se na Fazenda Santa Maria, de propriedade da família Oliveira Vargas. Tempos depois Jácomo adquiriu uma pequena casa e montou a primeira padaria de Varre-Sai.



f22



f23 - Inauguração da estrada Natividade a Varre-Sai em 1928.

Godofredo Fabbri fez o curso básico em Carangola – MG. Foi negociante na Jacutinga, na Fazenda Providência e, finalmente, na vila de Varre-Sai, onde dirigiu a Padaria Popular. Anos depois repassou a Padaria ao irmão Torino Fabbri e tornou-se produtor rural.

Em 1931, fez parte da diretoria que fundou e construiu o campo do Serrano Esporte Clube, foi Subdelegado de Polícia na década de 40 e participou da primeira diretoria para a criação do Ginásio Varre-Sai, atual Instituto João XXIII.

Político atuante, participou da coligação que elegeu Roberto Silveira Governador do Estado do Rio de Janeiro e participou da fundação do partido ARENA entre 1964 e 1984. Como representante da ARENA, no período entre 1970 e 1980, trabalhou ao lado do Deputado Luiz Fernando Linhares, para o asfaltamento da RJ 214, que liga Natividade a Varre-Sai, cuja inauguração contou com a presença do Governador Faria Lima, recepcionando-o nesta casa após a cerimônia de inauguração.

Sr. Godo, como era carinhosamente conhecido por todos varressaenses, participou do movimento em prol da emancipação de Varre-Sai do município de Natividade.

Tinha por costume receber visitantes em sua residência para um café fresco, coado na hora, à moda antiga. Tradicional também eram as festas no período natalino, onde fazia questão de reunir toda a família, composta de oito filhos, netos e bisnetos.

Faleceu no dia 30 de setembro de 1995, aos noventa e um anos, deixando muitos descendentes.

Nesse imóvel, funcionou o primeiro consultório odontológico de Varre-Sai, de propriedade do Dr. Jácomo José Fabbri, inaugurado em 03/05/1956, tendo como suas primeiras clientes Sheila Vieira dos Santos e Carmem Lúcia Oliveira.



f24



f25



f26

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Dr. Jácomo José Fabbri.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

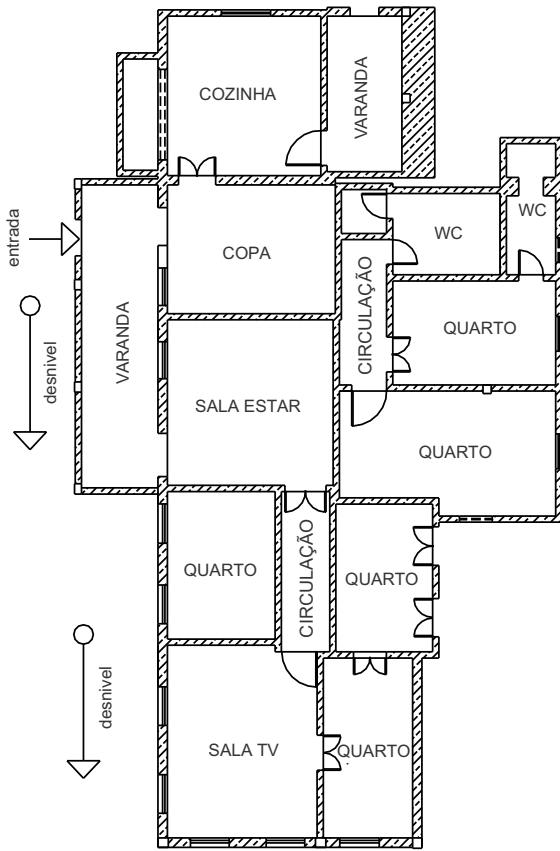
Fotografias:

Acervo de Sebastião Odithes Lopes: f22.

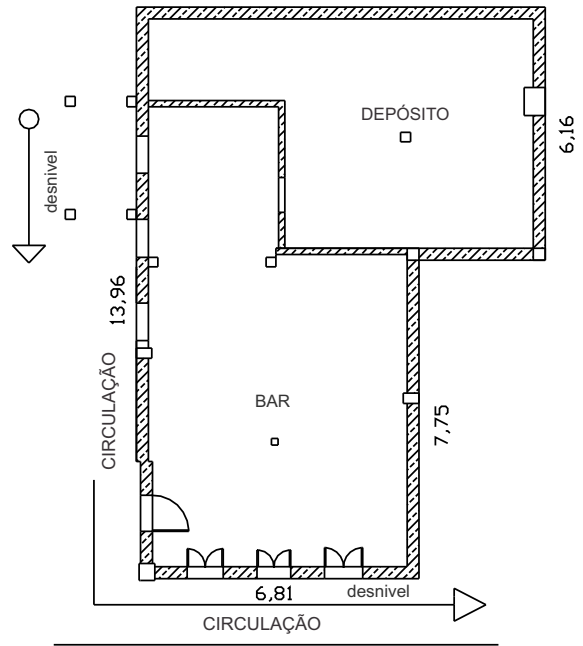
Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f23.

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f24, f25 e f26.

1º Pavimento



Térreo / bar / depósito



BAR DO FEI

escala gráfica 

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Casa do Antigo Cartório

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 11

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

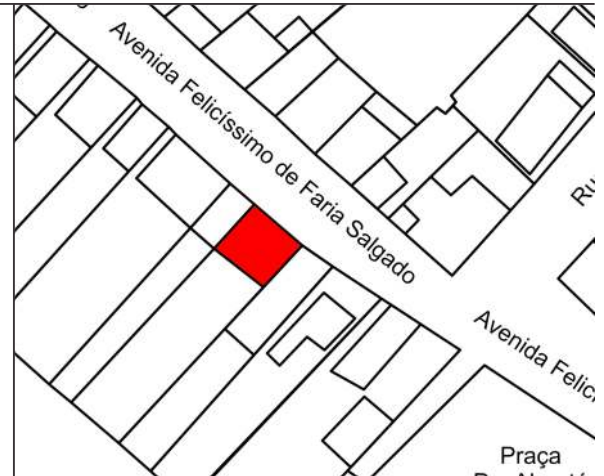
Residencial / Residencial - Cartório

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Nízia Aparecida Vargas Medeiros



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Antigo Cartório.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico ao longo da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, também conhecida como Rua de Baixo, a principal da cidade. A sua localização num trecho onde as interferências negativas havidas na arquitetura do antigo conjunto urbano se destacam, a percepção de que o imóvel ainda conserva a sua volumetria original e que mantém o antigo jardim lateral, somente se dá após um olhar mais sensível e cuidadoso sobre o mesmo.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Verificamos que o imóvel passou por grandes reformas ao longo dos anos (f01). Da planta original restam as duas janelas, o vão da porta do térreo, a escada de madeira por onde acessamos o segundo pavimento (f02 e f03), parte do assoalho do tipo pranchão (f04), uma parede interna de pau a pique, um anexo (onde outrora esteve instalado o primeiro sanitário do imóvel) (f05) que ainda conserva seus esteios de madeira (f06) e o jardim localizado na lateral esquerda da residência (f07).

A cobertura é de duas águas de telhas do tipo francesa de fibrocimento, de fabricação local, arrematada por beiral forrado. O telhado original era revestido com telhas do tipo capa e canal (f08).



f01



f02



f03



f04



f05



f06



f07



f08

Descrição arquitetônica

No segundo pavimento foram instaladas duas janelas de correr em substituição às originais que eram do tipo guilhotina com caixilhos de vidro, peitoril, ombreiras e vergas retas (f09).

Em ambos os pavimentos foram instalados sobre as janelas pequenos telhados, sustentados por mãos francesas de madeira.

Atualmente, a parte da casa que sofreu menos interferência é o jardim lateral, que possui entrada independente através de um portão de ferro forjado, de duas folhas de abrir, instalado numa pequena mureta com colunas de alvenaria, simulando um gradil, arrematadas por duas colunas decoradas com cimalha (f10). Esse jardim é uma miniatura dos antigos jardins à francesa, caracterizado pelo espelho d'água, terreno plano e simetria. Até as primeiras décadas do século XX os jardins brasileiros seguiam o modelo francês ou o inglês. O destaque é a pequena fonte de alvenaria, decorada com peixes (f11), antigamente utilizada como local preferido da sociedade local para poses fotográficas (f12 e f13).



f09



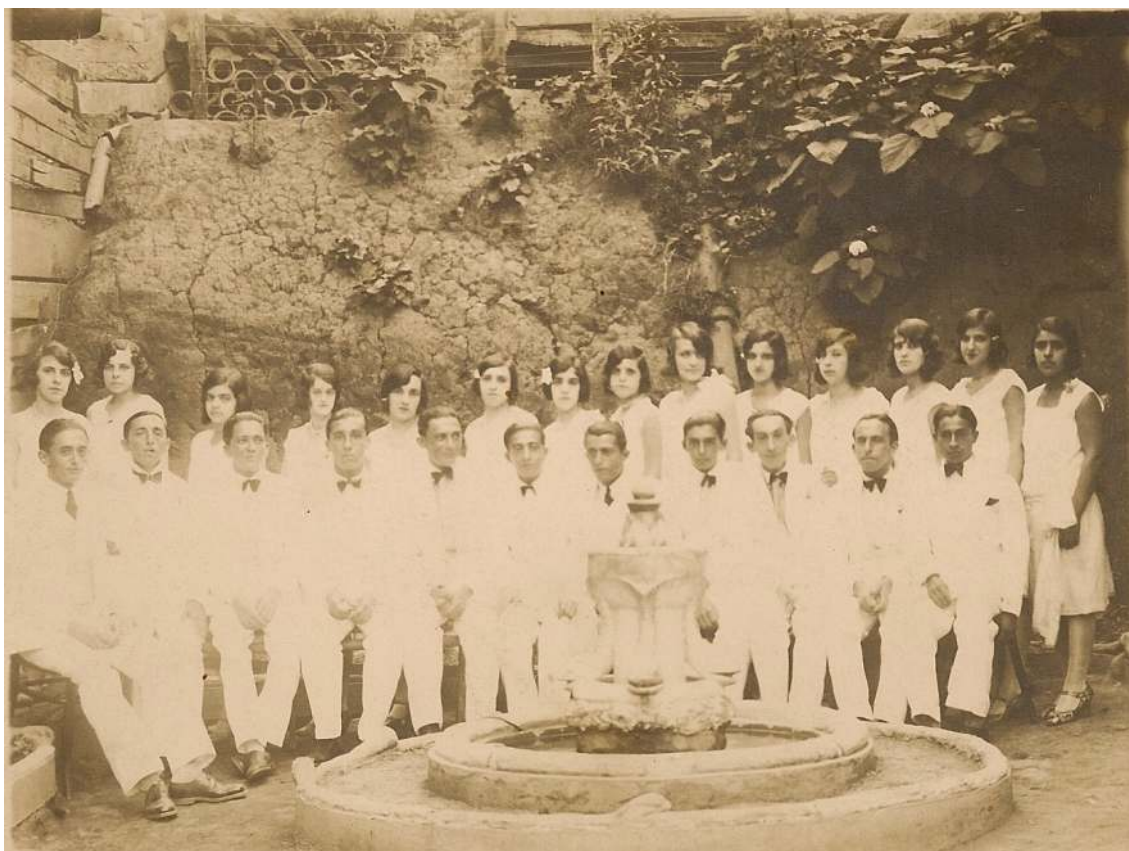
f10



f11



f12 - Rapazes e moças que tomaram parte no baile da primavera realizado no dia 21 de setembro de 1929.



f13 - Rapazes e moças que tomaram parte no baile da primavera realizado no dia 21 de setembro de 1929.

De acordo com Carlos Fernando de Moura Delphim em seu *Manual de Intervenções em Jardins Históricos*, foi a partir do primeiro plano urbanístico para o Rio de Janeiro implementado pelo Prefeito Pereira Passos (1902-1908) (...) *quando a cidade conservava ainda o aspecto colonial, com ruas estreitas e casas de dois andares (...) que ocorreram as transformações urbanas, (...) modificando-se a implantação das construções nos terrenos residenciais, abriram-se espaços laterais para construção de jardins. Os muros foram substituídos por grades de ferro, o jardim separou-se da horta e do pomar e foi confiado a jardineiros franceses que passaram a promover o uso das espécies européias e o gosto pelo pitoresco, cujo auge foi a deturpada arte dos cascadeiros, trabalhadores especializados na imitação de árvores e pedras, que deixou muitos vestígios nos jardins brasileiros do XIX, continuando até o romantismo kitsch da jardinagem do século XX. (...)* (1) Como ressaltou Burle Marx, *uma elite e burguesia ávidas do nível e da maneira de ser 'civilizados' que manteve no Brasil, até a quarta década do Novecentos um resíduo da Belle Époque. Nos seus hábitos constatava que: desde a poesia até o estudo das casas imperava a rosa, avencas, bambus chineses, cravos, crisântemos, dalias, samambaias, pequenas palmeiras em vasos etc. constituíam o consumo botânico de finalidade decorativa.* (2).

Os proprietários mantêm uma série de objetos antigos como um dos pregos utilizados na construção da casa encontrado durante obras de reforma (f14); uma curiosa bateadeira de fabricar manteiga, composta de uma pá com manivela, de alumínio fundido e vidro (f15); um antigo moinho de café (f16) e uma forma vazada (f17) utilizada para marcar sacos de café com as iniciais do proprietário e de sua fazenda, nesse caso, a Fazenda do Cruzeiro, de Arlindo Oliveira.



f14



f15



f16



f17

Estado de conservação

De acordo com as informações deixadas por João Damasceno de Figueiredo, em um documento intitulado de *Histórico*, escrito em 11/07/1973, em que diz ser esse um documento necessário, onde narra a história da aquisição da casa por seu sogro para sua filha Amélia, que acabou ficando apenas com a metade, tendo sido a outra parte dividida entre os herdeiros de sua sogra, que a casa na época foi avaliada em (...) *um conto de réis porque eu a reformei toda pondo telhas que era de taboinhas, pus alicerces de pedra, cerquei-a quase toda de tijolos, tudo a minha custa, assim como todas as demais benfeitorias feitas fora da casa (...)*.

Apesar de uma série de intervenções realizadas ao longo de cento e vinte e sete anos, o imóvel ainda conserva a volumetria do projeto inicial e mantém o jardim original. Possui grande valor histórico por ter sediado desde 1889 o Cartório de Registro Civil e a Subdelegacia de Polícia de Varre-Sai.

O imóvel até 1884 pertenceu a João Antunes de Siqueira, época em que foi adquirido por Leopoldo de Vargas Corrêa para servir de residência de sua filha Amélia de Vargas Corrêa, casada com João Damasceno de Figueiredo em junho de 1885 (f18).



f18

De acordo com a pesquisa sobre a família, intitulada de *João e Amélia – antes, durante, depois*, realizada por Maria Conceição Vargas, João Damasceno de Figueiredo era um dos dez filhos de Damasceno José de Figueiredo e de Leopoldina Carolina de Oliveira. Os Figueiredo se instalaram na região da Jacutinga, em Varre-Sai, por volta de 1880, após terem saído de Conceição da Estrada Nova, município de Cantagalo.

João Damasceno de Figueiredo nasceu em Cantagalo, em 6/4/1858, casou-se em 1885, em Varre-Sai, com Amélia Vargas de Figueiredo. Era intenção de João tornar-se comerciante. Tempos depois de estabelecido viu-se obrigado a fechar a casa por falta de capital. (...) *Com a República (1889) vem a exigência dos Cartórios de Registro Civil e João é nomeado Oficial do Registro Civil de Varre-Sai, cargo que ocupou até sua morte. (...) (3).* E prossegue: *Muito querido e respeitado por todos na comunidade, era chamado de Barão do Rio Branco por sua semelhança física com o mesmo. Católico convicto participava intensamente dos ofícios religiosos, cantava e regia o coral da Igreja, amigos dos Padres, em especial do Pe. Simões.*

Certamente um autodidata (como seus irmãos), tinha grande facilidade para redigir, criou seu próprio logotipo, na época chamado de sinal público, lia o jornal todos os dias e revistas do Rio (O Malho), que vinham de trem de ferro até Natividade e daí pelo estafeta até Varre-Sai. Com grande habilidade manual João Damasceno consertava relógios, fazia enfeites para festas de rua e Igreja, trabalhava com madeira, tintas e verniz. Depois da morte de sua esposa ele tomou a si a educação de seus sete filhos – o mais velho com 14 e a mais nova com 8 anos. Ensinou-lhes a viver: aos homens o respeito, a responsabilidade, a escolha de um caminho. Às mulheres o cuidado com a casa, as artes de cozinha e a consciência do dever. A todos transmitiu o amor, o apego à família, deu o exemplo de dignidade, mostrou que ser honesto é a maior virtude.

Numa época de poucas informações, ensinou aos filhos o gosto pela leitura, música e cinema – sempre que havia sessões do cinema local, ele levava as filhas e sobrinhas, tinha o hábito de pagar o ingresso a quantos estivessem esperando na bilheteria, o privilégio de ter sua cadeira preferida reservada e saber que a projeção só começaria depois que ele chegasse. Ia com a família aos bailes da casa do Juca Pinto, onde Hercília tocava piano e Vadinho a flauta, ele, porém não dançava. (...) (4).

Ainda de acordo com o trabalho de Maria Conceição Vargas, João gostava de viajar. Uma vez por ano ia a Guaçuí, a Alegre visitar uma de suas filhas e a Vitória para rezar no Convento de Nossa Senhora da Penha de quem era devoto.

Pai zeloso não se descuidava dos filhos. No momento de terminar a brincadeira e voltar para casa João os chamava através de uma buzina de caça, confeccionada de chifre, tocada da janela.

Tratava-se com homeopatia, entendia de manipulação farmacêutica e prestava socorro às doenças dos mais humildes. Fazia apenas uma refeição ao dia, acompanhada de um copo de cerveja e temperada com pimenta – gostava tanto desse tempero, que criou uma fórmula que chamou de Extracto de Pimenta, mandando analisá-la no Laboratório Bromatológico do Ministério da Agricultura (RJ), que lhe enviou uma certidão onde aprovava e registrava a fórmula. (...) (5).

(...) Em princípio de 1928 um fato o aborrece – era a época em que os Cartórios enviavam para o Exército a lista dos jovens com 18 anos que poderiam ser chamados em caso de guerra ou revolução. Uma determinada família, inconformada com o nome de seu jovem na lista, simula um princípio de incêndio no Cartório, queimando a relação de nomes. João Damasceno é acusado desse fato (grave para a época!) e logo no dia seguinte prepara outra lista igual a que foi destruída e a envia ao órgão competente; enquanto isto as pessoas dignas e/ou influentes de Varre-Sai reúnem-se e vão às autoridades falar em favor dele. Dessa ocasião há uma foto belíssima, onde nosso João aparece meio cansado; mas há por ali uma luz e um brilho que impressionam. (...) (6).

Em 18 de abril de 1928 João Damasceno acidentou-se com fogo enquanto preparava um verniz, quando se confundiu e adicionou álcool a vasilha que ainda estava no fogo. As chamas o atingiram por grande parte do corpo. Embora assistido por um médico, apresentou complicações cardíacas graves, vindo a falecer no dia 25 de abril de 1928.

Com o falecimento de João, assumiu o Cartório, seu filho José Vargas de Figueiredo, mais conhecido como Juquinha que já trabalhava com o pai (f19). (...) *era um iluminado. Muito à frente de seu tempo, Juquinha foi um batalhador em sua terra, incentivando, participando, organizando, tomava a pulso as empreitadas a que se propunha; um bravo empreendedor, preocupado com o progresso e o bem estar de seu povo. (...) (7).* Dentre outras coisas participou da fundou, em 1948, da Sociedade de Amigos de Varre-Sai (SAVS), da Associação Hospitalar São Sebastião de Varre-Sai, do Serrano Esporte Club, além da Lira Santa Cecília, da qual tempos depois se tornou presidente.

Como o pai também era auto didata, redigia bem e se correspondia com jornais. Gostava de dançar, a ponto de fazer aulas numa academia instalada na Av. Passos no Rio de Janeiro. Como religioso, participou da Liga Católica Jesus, Maria e José, onde exerceu por vinte anos a função de secretário.

José Vargas de Figueiredo nasceu em 17/12/1901, em Varre-Sai. Casou-se com Odete de Oliveira de Figueiredo, nascida em Santa Clara, em 16/01/1911, com quem teve quatro filhos: Amélia, João, Getúlio e Yeda. Foi nomeado Escrivão em 1926 (f20).



f19 - Juquinha, 1929.



f20 - Octacílio 1, Filomena Vargas de Figueiredo, com filhas Odisséa (na cadeirinha) e Amelinha 2, Maria Vargas de Figueiredo 3, Odete de Oliveira e sua filha Amélia Vargas de Oliveira 4, José Vargas de Figueiredo 5.

Dos onze aos dezoito anos Amélia ou Memélia como era carinhosamente conhecida, foi auxiliar o pai no Cartório. Depois de seu pai o titular do Cartório foi seu irmão Getúlio, nomeado em 1954. Em 1968 Getúlio foi nomeado Juiz Federal de Territórios e Memélia foi então nomeada responsável pelo expediente (f21). A fim de compatibilizar o novo cargo com as funções de dona de casa transferiu o Cartório da casa de seu avô para sua residência de onde só saiu após sua aposentadoria em 1998 (f22).

Essa casa onde funcionou o Cartório de Paz e de Registro Civil de Varre-Sai, sempre foi local de reuniões para resoluções de assuntos importantes. No século passado, reunia-se ali uma junta Distrital Administradora do Distrito que, na época, era dividido em quarteirões. Serviu também, por muitos anos, como sede da Subdelegacia de Polícia do distrito. Nessa mesma sede eram guardadas armas, processos e vários outros documentos. Ali também se reuniam as pessoas da cidade para tratarem de assuntos como a Sociedade de Amigos de Varre-Sai, da Associação Hospitalar São Sebastião e do Clube dos Treze.

Memélia nos contou que o Livro de Notas nº 1 desapareceu durante uma viagem a Campos, onde ficava a Comarca. Parece que durante a referida viagem o livro desprendeceu-se da bagagem, naquela época transportada em lombo de burro, perdendo-se para sempre. Memélia desconfiava que nesse livro estivesse a escritura de doação que Felicíssimo de Faria Salgado fez à Igreja de São Sebastião.



f21



f22

O Cartório de Paz, Registro Civil e Tabelionato foram criados em 1889. O primeiro nascimento, de Maria Roza de Figueiredo foi registrado a 30 de outubro de 1889. O primeiro casamento de Elias José Fernandes e Roza Maria da Conceição, em 15 de novembro de 1889. Em 1890, deu-se o primeiro alistamento eleitoral. Era Juiz do Termo o Sr. Antônio Pedro Ferreira Lima.

Em 1891 foram nomeados Alferes: Francisco Lopes da Silva, João Ferreira da Fonseca, Lucio Moreira Pontes, para fazerem o alistamento militar. Um dos primeiros a alistar-se foi José Machado Vieira (Zequinha Vieira).

Infelizmente Memélia faleceu uma semana após sermos recebidos por ela em sua residência, oportunidade em que nos forneceu informações importantes sobre as pessoas e sobre Varre-Sai, emprestou-nos fotografias que foram devidamente copiadas, que além de ilustrarem esse Inventário, possibilitou que conhecêssemos a Varre-Sai do início do século XX. Percebemos durante aquela visita, que durou cerca de três horas, que Memélia tinha muito mais para contar. Talvez essa tenha sido a sua última contribuição dada à cidade que tanto amava. A ligação de Amélia Vargas de Oliveira e de sua família com o Cartório de Varre-sai é muito profunda. Trata-se de três gerações – avô, pai e filha, que durante cento e nove anos participaram das alegrias e das tristezas de toda uma cidade.



f23 - Canteiro lateral.



f24 - Detalhe da cercadura do canteiro.



f25 - Detalhe da fonte.

Bibliografia e Fontes:

(1 e 2) Delphim, Carlos Fernando de Moura. *Intervenções em Jardins Históricos: Manual*. IPHAN. Publicação editada com o apoio do Programa Monumenta. Brasília. 2005.

(3 a 7) VARGAS, Maria Conceição. *João e Amélia – antes durante depois*. Rio de Janeiro. 1991.

Entrevista com Amélia Vargas de Oliveira e Maria Amélia Vargas Medeiros.

Fotografias:

Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f09, f12, f13, f18, f19, f21 e f22.

Acervo de Sebastião Odithes Lopes: f20

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa do Dr. Jácomo José Fabbri

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 19

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Jácomo José Fabbri



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Dr. Jácomo José Fabbri.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

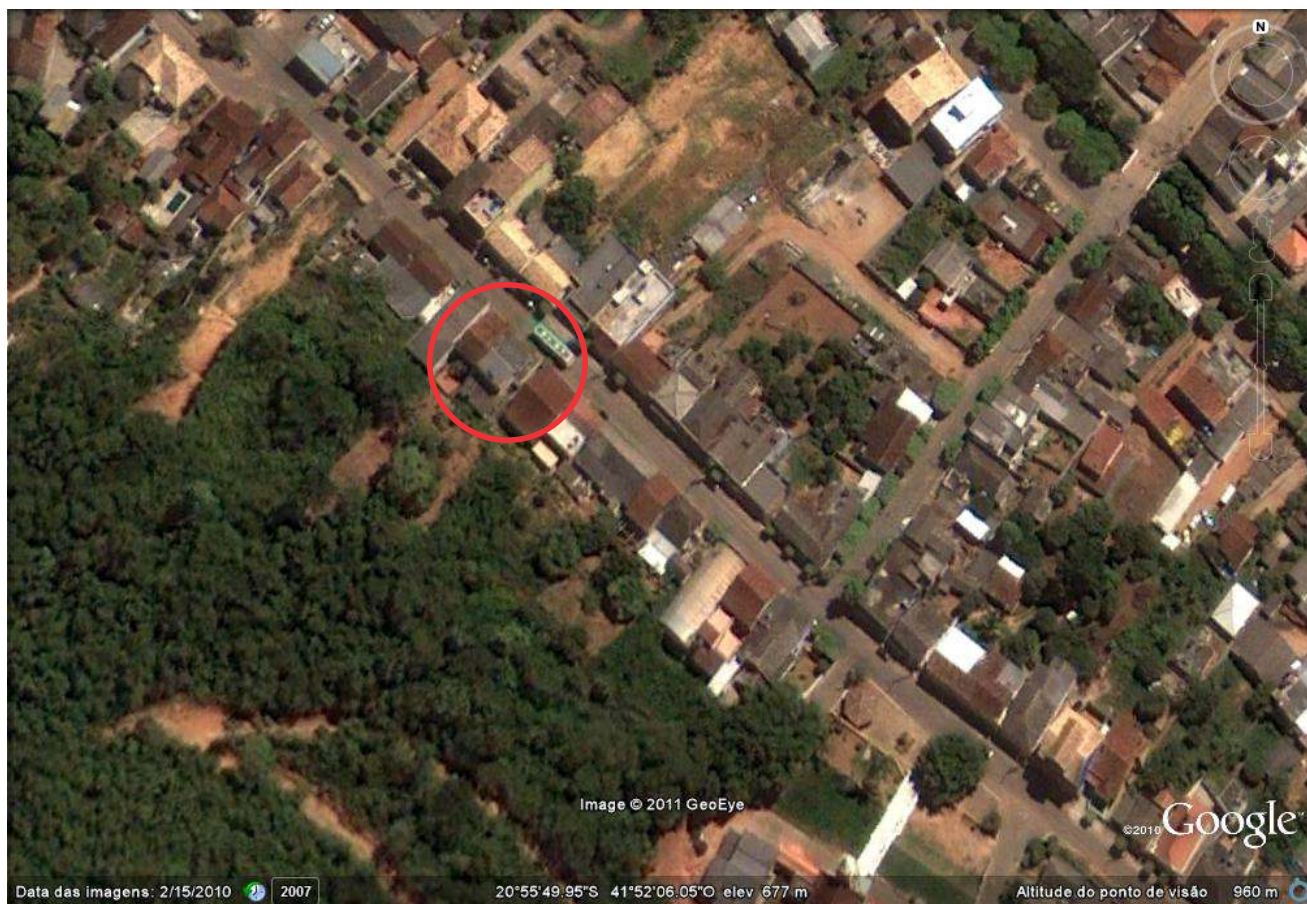
Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado também conhecida como Rua de Baixo. Construção de frente de rua, junto ao alinhamento da calçada.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Data das imagens: 2/15/2010 2007

20°55'49.95"S 41°52'06.05"O elev 677 m

Altitude do ponto de visão 960 m

Google Earth.

Descrição arquitetônica

Construção em dois pavimentos, de tendência Kitsch, caracterizada pelo uso e excesso de heterogeneidade decorativa. Neste caso, foram utilizados elementos da arquitetura moderna brasileira, como a reprodução dos pilares do Palácio da Alvorada, residência oficial do Presidente da República (f01) e da platibanda com abas triangulares laterais, característica marcante das construções da década de 60 do século XX (f02).

Esses pilares sustentam uma larga marquise onde está instalada uma ampla varanda, que ocupa toda extensão da fachada frontal do segundo pavimento. Possui platibanda adornada com duas abas triangulares recuadas da fachada frontal. O térreo possui um cômodo comercial onde está instalado um gabinete dentário (f02).



f01



f02

Estado de conservação

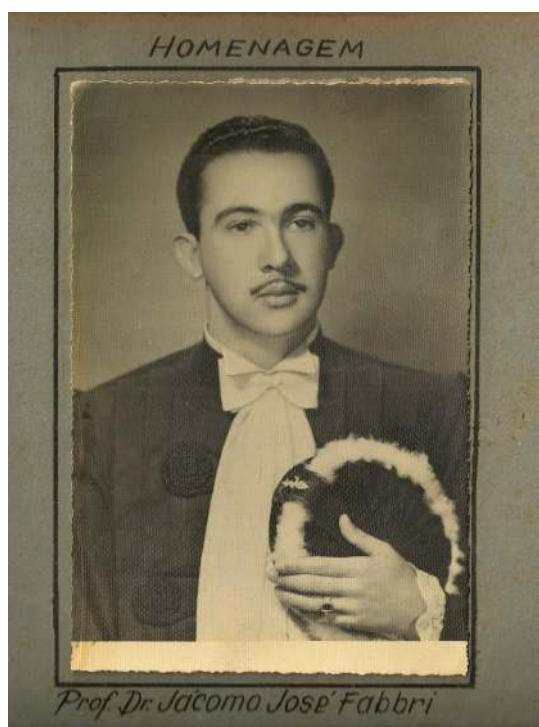
O estado de conservação da casa é bom. Recentemente, a parte térrea recebeu revestimento cerâmico.

Dr. Jácomo José Fabbri (f03), é filho de Godofredo Fabbri e de Maria Aguiar Fabbri, casados em 1926. Neto dos imigrantes italianos Jácomo Fabbri e Inêz Capacia Fabbri, casados no Brasil.

Seu pai teve grande atuação pública em Varre-Sai, onde participou da fundação de partidos políticos. Foi Subdelegado de Polícia em 1940, fez parte da diretoria que fundou o Serrano Esporte Club, em 1931, participou por diversas vezes da diretoria do Hospital São Sebastião e da primeira diretoria do Ginásio Varre-Sai, atual Instituto João XXIII. Faleceu aos noventa e um anos, deixando numerosa prole.

Dr. Jácomo José Fabbri também participou, por reiteradas vezes, da Diretoria do Setor Local do Ginásio João XXIII, tendo sido, inclusive, seu Presidente. Foi, também, um dos sócios fundadores do Clube dos Treze.

De acordo com registros familiares, a casa foi construída em 1963 (f04). Os proprietários gostaram do estilo do arquiteto Oscar Niemayer, que teve seus projetos de Brasília divulgados em jornais e revistas de circulação nacional e resolveram reproduzir alguns desses elementos em sua residência. No térreo foi instalado o primeiro consultório odontológico de Varre-Sai.



f03



f04



f05 - Detalhe dos pilares.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Dr. Jácomo José Fabbri. 2011.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo da Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho: f03.

Acervo do Dr. Jácomo José Fabbri: f04.



Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Lira Santa Cecília

Localização

Av. Felicíssimo de Faria Salgado, nº 21 e 33

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

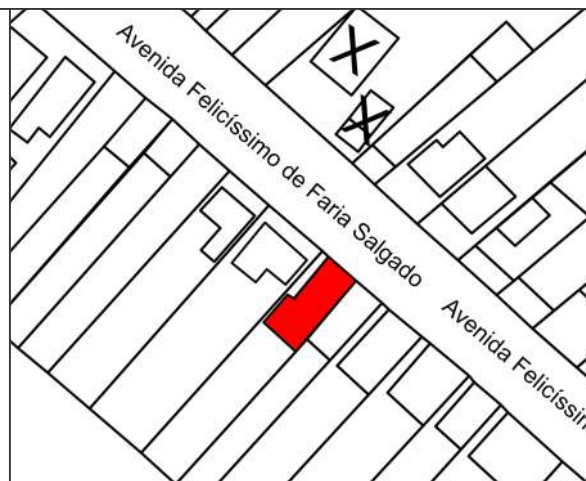
Câmara Municipal - Sede da Lira / Sede da Lira

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Lira Santa Cecília



Planta Esquemática



Fachada da Lira Santa Cecília.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, também conhecida como Rua de Baixo.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Construção em dois pavimentos, sendo originalmente destinado a abrigar no térreo, espaço comercial e no segundo pavimento, a sede da Lira Santa Cecília. O imóvel apresenta tipologia correspondente à linguagem arquitetônica das décadas de 50/ 60 do século XX (f01).

Construído no sistema de balanço, a fachada possui uma varanda, para onde abrem quatro portas almofadadas, sendo as duas centrais de duas folhas e as duas laterais, dobráveis.

O segundo pavimento é composto de amplo salão, utilizado para ensaios da corporação, festas e reuniões diversas (f02). Possui palco (f03), espaços que podem ser usados como camarins, uma pequena secretaria e banheiros. As janelas são de estrutura metálica com caixilhos de vidro. Possuem uma parte fixa e outra que se abre em duas folhas (f04).



f01



f02



f03



f04

Estado de conservação

O estado de conservação é bom. Com a emancipação política administrativa de Varre-Sai, o térreo foi adaptado para receber a Câmara de Vereadores. Painéis fixos de vidros foram instalados, além de uma porta de vidro temperado (f01).

A Lira Santa Cecília foi fundada em 17 de abril de 1917 pelo operário italiano Tupini Giuseppi de Nicola (f05), que chefe de tradicional e numerosa família contou com a participação de seus filhos Orlando, Norival e Saladino e de netos para sua manutenção e de Dante Daleoli, que logo após a fundação da Lira, retornou à Itália. Na época de sua fundação funcionava com apenas oito músicos. Os instrumentos usados eram: um piston, uma clarineta, um bombardino, dois sax-hornes, uma tuba, um bumbo e um par de pratos, que custaram 170 mil réis. Segundo consta, Tupini Giuseppi participava da Lira tocando sanfona (f06).

A Lira Santa Cecília se apresentou pela primeira vez na Fazenda do Castelo, no Estado do Espírito Santo. Em Varre-Sai, apresentou-se, publicamente, no dia 22 de novembro de 1917, dia de Santa Cecília, Padroeira da Música. A partir dessa data, passaram a ser comemorados os festejos da Banda. No final da década de 60, a festa dedicada a Santa Cecília foi transferida para o mês de abril devido às fortes e incessantes chuvas que ocorrem na região durante os meses de novembro e dezembro. (1).

Em 1942, a Lira Santa Cecília passou por uma reorganização administrativa, oportunidade em que foi elaborado um plano de mensalidade de \$2000, em troca de uma tocata gratuita no baile do primeiro sábado de cada mês, independente das retretas que se fariam pelo menos dois domingos ao mês. (2).

(...) Acaba de ser organizada a sociedade musical Lira Santa Cecília, conforme foi previsto em correspondência anterior, cuja diretoria ficou assim constituída: presidente, José Vargas de Figueiredo; vice-presidente, Sebastião Alves Figueira; tesoureiro, João Gouvêa Lima; vice-tesoureiro, Dr. Cícero Brugger de Oliveira Machado; secretário, Sebastião Oliveira Vargas; vice-secretário, Godofredo Fabbri e procurador Antonio Augusto de Faria. (3).



f05



cada de 20

f06

Ainda em 1942, foi realizado pelas senhoras da parte central da Vila de Varre-Sai, um leilão com valiosas prendas para aquisição de uniforme para os músicos da Lira Santa Cecília. No ano seguinte, o Jornal Brasil Novo noticiava: (...) *No dia onze deste mês, as gentis senhoras do “Bairro Chic” desta vila ofereceram belo leilão de valiosas prendas, para auxiliar a compra do uniforme da Lira Santa Cecília, abrindo assim precedentes as senhoras de outras ruas.*

Em 1943, a Sociedade Musical Lira Santa Cecília, com aprovação dos sócios transformou-se em Sociedade Recreativa Lira Santa Cecília, oportunidade em que adquiriu vasto salão para sua sede, com o objetivo de realizar bailes e representações teatrais em benefício de melhoramentos de sua nova sede. Vários foram os sócios que contribuíram com empréstimos a fim de levar a efeito obras de adaptação provisória do prédio. (4). Essas obras custaram CR\$ 722,80.

Nesse mesmo ano, a Sociedade Recreativa Lira Santa Cecília inaugurou sua sede (...) *localizada num amplo e vistoso prédio que foi feericamente iluminado, destacando-se dentre os demais prédios da Vila (...).* (5).

Em 1952, a Lira comemorou o dia de Santa Cecília, sua padroeira com apresentação de Tiquinho, o menor sanfoneiro da Rádio Nacional.

Em 1954 a Lira Santa Cecília foi oficialmente registrada como corporação musical. Nessa oportunidade, o Sr. Giuseppe Tupini, fundador da corporação musical, foi eleito Presidente de Honra.

Em 1957 surgiu a idéia de construir uma sede para a Lira e para isso contou com a colaboração da população (f07).



f07

Em 1962, mais precisamente no dia 15 de novembro, a Banda se apresentou na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, no Programa Lira de Xopotó. Segundo os anais da Lira Santa Cecília, o violonista varressaense Baden Powell, prestigiou a apresentação.

Em 1971, foi finalmente concluída a construção e puderam inaugurar sua tão almejada sede (f08).

Em 1979, conforme noticiou O Varressaense, foi criada a Lira Mirim Santa Cecília, sob a regência do maestro Geraldo Medonça, que logo recebeu o título de Caçulinha do Norte Fluminense.

A Lira Santa Cecília está presente em todos os momentos da vida dos varressaenses desde sua fundação (f09). De aniversários a enterros (f10), de festas religiosas a comemorações cívicas (f11) como a vitória das duas guerras mundiais (f12) e o centenário da Independência do Brasil, em 1922.



f08



f09



f10



f11



f12

Histórico

Em 2001, foi criado o Coral da Lira Santa Cecília, antigo sonho de seu Presidente Waldir Antônio Fabbri, cuja coordenação ficou a cargo de Sylvania Azevedo Vargas (f13).

A atual diretoria, presidida desde 2006, pelo Sr. Waldir Antônio Fabbri, mantém uma escola de música. Possui a corporação cerca de trinta músicos com ensaios semanais. Além da bandeira sempre hasteada na sacada, em seu interior há uma exposição que registra toda sua trajetória que exigiu de seus participantes muita garra, determinação e amor à música durante seus noventa e quatro anos de atividades (f14 e f15).



f13



f14



f15

Do texto de apresentação da exposição permanente sobre a Lira Santa Cecília destacamos o seguinte trecho: (...) *Que as gerações vindouras tenham o mesmo entusiasmo e amor pela música que os nossos antepassados tiveram, e que estas não deixem morrer o que existe de mais puro nas artes: a expressão de nossas emoções e sentimentos através de um instrumento musical.* Varre-Sai, 08/11/1999. Waldir Antônio Fabbri – Presidente.

Maestros:

Seu primeiro maestro foi o Sr. Vicente Thomaz de Aquino (f16), vindo de Mimoso do Sul a convite do Sr. Bernardino de Oliveira, tendo prestado relevantes serviços a Varre-Sai. Vicente formou numerosa família. Com sua esposa D. Nicolina, exímia modista, teve sete filhos: Lisandro; Dona Vivina (Neneca), foi professora particular na vila e nas fazendas da redondeza por muitos anos; Egite; Tic casado com D. Adelina Gonçalves, pais de Vera e Baden, nascidos em Varre-Sai. Esse último tornou-se Baden Powell, músico consagrado, reconhecido internacionalmente; Lírio, Dudu e Laíde. Com o falecimento do esposo, constituiu família com o farmacêutico Teóphilo de Oliveira. Desta união nasceram: Irene, Dalila e Teóphila. Essas duas últimas também professoras. Por volta de 1938 mudaram-se para o bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

O segundo maestro foi o Sr. Carolino Haussmam (f17), descendente de alemães, excelente músico, que se radicou na região no início do século XX. Era pai de Carolino e de Euclides Haussmam. Foi também professor do maestro Orlando Tupini.

O terceiro maestro foi o comerciante Ernestino Antônio de Faria (f18), proprietário da Casa Santa Cruz, que comercializava fazendas, armarinho e louças em geral. Ernestino nasceu em Varre-Sai, em 1892, filho de Cafuncho Faria e Augusta Faria. Pai de renomados musicistas como Caseca, Nico, Lilice, Dorinha e outros. Foi o primeiro integrante da Banda do Batalhão da Guarda do antigo Estado da Guanabara. Seu sobrinho Augusto Antônio Faria foi prático da Lira Santa Cecília por mais de quarenta e cinco anos. Tempos depois, Sr. Ernestino mudou-se para Miracema onde manteve uma escola de música, dedicada, principalmente, ao ensino do acordeão, tendo participado também, das bandas de música da cidade.



f16



f17



f18

O quarto maestro foi o Sr. Eutímio José da Costa (f19). Natural de Sergipe, radicado em Varre-Sai, onde faleceu. É o autor do hino de Varre-Sai. Integrou por muito tempo a Banda do afamado Circo do Carequinha.

O quinto maestro foi Euclides Haussmam (f20), popularmente conhecido por Zito. Filho do também maestro Carolino, faleceu no Rio de Janeiro.

Orlando Tupini (f21), nasceu em Varre-Sai, em 25 de maio de 1898, filho dos italianos Tupini Giusepe e Nicola Rita Moscardi. Foi o sexto maestro da Lira Santa Cecília. Grande entusiasta da música viveu exclusivamente para a Lira, acompanhando-a em suas apresentações dentro e fora da cidade, desde sua fundação em 1917. Foi casado com a Sra. Adalgisa Silveira Tupini, deixando numerosa descendência, dentre os quais Hélio, José, Luiz e Orlando Filho que se destacaram também como músicos. Foi funcionário do Instituto Brasileiro do Café. Sr. Orlando foi quem iniciou a construção da sede da Lira Santa Cecília, mas não chegou a vê-la inaugurada porque faleceu em 10/08/1969, antes da conclusão das obras. Para homenageá-lo, o maestro José Carlos Ligiero compôs o dobrado ORLANDO TUPINI.

Após a morte de Sr. Orlando Tupini a regência foi entregue a seu irmão Norival Tupini (f22), nascido em Varre-Sai, no dia 10 de fevereiro de 1910. Por muitos anos foi contra mestre da banda. Sr. Norival dedicou-se a sua Banda desde a infância, chegando a tocar sete instrumentos, sagrando-se exímio pistonista. Trabalhou incansavelmente para angariar fundos para a construção da sede da Lira. Foi fabricante de vinho e responsável pelo Cine Brasil. Foi casado com a Sr.^a Ana Machado Tupini. Faleceu no dia 23 de abril de 1977. Deixou cinco filhos, sendo três músicos.



f19



f20



f21



f22

(...) Na Lira Santa Cecília, foi aluno, músico, arranjador, compositor, reparador de instrumentos e, às vezes fabricante de alguns destes. Um contador de histórias, um sonhador, um ser com mentalidade além de seu tempo. (...). E prossegue: (...) Tive a oportunidade de ver o maestro executar vários instrumentos, todos de maneira categórica, com sons fluindo de maneira simples e ordenada (...). (Trecho do depoimento do sr. Waldir Antônio Fabbri, Presidente da Lira Santa Cecília, sobre o Sr. Norival Tupini, arquivado no Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas).

O oitavo maestro foi o Sr. Sebastião Ferreira de Assis (f23). Filho de José Ferreira de Assis e de D. Clara de Assis casou-se com Nilza Figueiredo de Assis. Foi comerciante durante toda sua existência. No período do carnaval, comandava um conjunto denominado de Ritz Orquestra, que também fazia sucesso na região.

O nono maestro foi o Sr. José Carlos Ligiéro (f24). Filho de Franciso Mattos Ligiéro e Maria do Carmo Goulart Ligiéro. Juca, como era mais conhecido pela família, nasceu no dia 04/12/1930, em Comendador Venâncio, distrito de Itaperuna. Com toda certeza herdou do avô, o imigrante italiano Giovane Francesco, o gosto pela música. José Carlos Ligiéro aprendeu a tocar com o maestro e professor Orlando Tupini. Na década de 40 muda-se para Itaperuna. Em 1953 fundou com outros amigos a Sociedade Musical Itaperunense. O maestro, compositor e arranjador José Carlos Ligiéro possui mais de 900 obras registradas. Em 2004 recebeu o Prêmio Golfinho de Ouro, categoria: Preservação do Patrimônio Cultural.(6).



f23

O décimo maestro foi o Sr. Geraldo Soares Mendonça (f25). Sr Geraldo também montou um conjunto de carnaval chamado Os Falcões da Serra. Formou, ainda, uma banda marcial para o Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho.

O décimo primeiro maestro foi o Sr. Wildes José Ferreira (f26), natural de Guaçuí - ES, antigo músico da Lira Santa Cecília no período dos maestros Norival Tupini e Sebastião Ferreira de Assis. Por muitos anos foi regente da Lira Santa Cecília de Guaçuí.



f24



f25



f26

História de Santa Cecília:

Santa Cecília (f27) foi escolhida padroeira dos músicos porque quando estava morrendo, cantou a Deus. Conforme a Paixão de Santa Cecília, narrativa que registrou sua existência no século V, Cecília descendia de família romana nobre – Metelos. Desde criança foi prometida em casamento a um jovem de nome Valeriano. Mesmo Cecília tendo alegado aos pais os motivos pelos quais a levaram a não querer o casamento, a vontade dos pais prevaleceu e o casamento foi marcado. Ao revelar, porém, a Valeriano o seu voto de guardar sua pureza virginal para Deus, o mesmo não só respeitou os votos de sua noiva como se converteu. Ao tomar conhecimento de sua conversão e de seu irmão, o Prefeito de Roma, citou-os perante o tribunal, exigindo sob pena de morte, que abandonassem a religião pela qual haviam se convertido. Como recusaram, receberam como pena de morte a decapitação. Iniciou-se em seguida, uma perseguição a Cecília por não revelar onde Valeriano e seu irmão haviam enterrado seus tesouros. Enfurecido, Turcius Almacius, ordenou que Cecília rendesse homenagens aos deuses do templo. Lá, falou com tanta convicção da religião de Cristo, que os soldados se colocaram a seu favor. O Prefeito de Roma determinou, então, que Cecília fosse trancada em seu próprio palacete para ser asfixiada pelos vapores d'água. Submetida a uma temperatura elevadíssima, ela nada sofreu. Não satisfeito, recorreu Almacius à pena capital. (...) *Três golpes vibrou o algoz sem conseguir separar cabeça do tronco. Cecília mortalmente ferida caiu por terra e ficou três dias nesta mesma posição. (...).* (7). Seu corpo, por causa das invasões dos godos e lombardos ficou desaparecido por muitos anos. Somente através de uma aparição ao Papa Pascoal I é que o corpo foi finalmente encontrado. A Igreja a celebra no dia 22 de novembro, dia da Música e dos músicos.

f22

Cecília Mártir na Terra – Iluminada no Céu

Diante do suplício terreno, sacrifícios iluminados.

Distante música ecoa nos ares, ouvidos límpidos a receptor.

Névoas claras se desintegram em sinfonias.

Célebres notas e compassos divinos falceteiam por sobre o universo.

É Cecília a comunicar com o Espírito Soberano.

É sintonia de ir e vir com a finalidade musical.

Surreal sentimento puro d'alma.

O Anjo interpelativo evidencia o inevitável.

Valeriano, Cecília, arredores d'Itália.

No jazigo marmóreo: três sentidos plenos.

Figuras trinas vencendo o tempo e revelando virtudes.

Anos seculares... Vidas metamorfoseadas...

Mistérios revelados...

Cecília... Cecília... Sons dourados...

Dourados sons...

Waldir Antônio Fabbri

18/10/2002



f27



f28 - Lira Santa Cecília nas décadas de 30/40 do século XX



f29 - Apresentação na inauguração do Banco.
Década de 50 do século XX.



f30 - Apresentação em Guacuí-ES.
Década de 60 do século XX.



f31 - Década de 70 do século XX.



f32 - Apresentação de Baden Powell no palco da Lira Santa Cecília no Centenário de Varre-Sai em 1979.

FESTA CÍVICA EM VARRE-SAI

NOVEMBRO

22

1981

Em homenagem ao 44º aniversário da «Lira Santa Cecília»

Os dirigentes Musicistas e demais componentes da LIRA SANTA CECÍLIA, vêm convidar ao povo desta futura Cidade e das cidades circunvizinhas, para as festividades que serão alvo a nossa garbosa corporação musical, ao ensejo do seu 44º aniversário de fundação, sendo, para tanto, elaborado o seguinte programa:

Do dia 12 a 21 de Novembro Leilão de ricas prendas oferecidas pelos musicistas da corporação.

DIA 22 — DIA DA FESTA Às 5 horas - A população local será despertada por um salva de 21 tiros e pelos máximos sons da corporação aniversariante, que percorrerá as principais ruas desta vila.

Às 19 horas - A rainha eleita receberá a coroa das mãos de Adriana Maria, rainha de 1980.

Às 20 horas - Desfilarão em passarela, trajes característicos, as mais elegantes senhoritas da alta sociedade local.

Após a coroação, a rainha de 1981 será homenageada pela Banda Marcial de Santidade do Carangola, estando esta, perto a cargo dos professores do pré-escolar sras. Cezy Rubeiro Viana, Maria de Lurdes Tupini Figueredo e Silene Aparecida Fabbril.

O Serrano E. C. oferecerá neste dia, uma grandiosa partida de futebol, estando em entendimentos com um dos times mais categorizados da região.

O Clube dos 12 fará realizar um monumental baile neste dia.

Teremos ainda neste dia a visita de outras bandas, bem como muitas brincadeiras para a garçada de 7 a 70 anos, tais como: corrida de velocípedes, corrida do saco, corrida do ovo, cabo de guerra, pau de coelho, etc.

Toda renda da festa revertirá em benefício da construção da sede da LIRA SANTA CECÍLIA.

Varre Sai, Outubro de 1981

José Moreira de Azevedo - Presidente
Americo Henriques do Valli - Vice-Presidente
José Rubens Ramos - Tesoureiro
Pedro de Assis Moraes - Secretário
Augusto Antonio de Farias - Procurador
Teobaldo Peligrini e José A. Vargas - Leiloeiros

Vizita: ORLANDO TUPINI - Presidente da Lira Santa Cecília

A Comissão:



f34 - Fachada atual.



f35 - Placa de inauguração da Sede em 1971.



f36 - Conjunto da Avenida Felicidade de Faria Salgado.



f37 - Alegoria comemorativa dos 80 Anos da Lira Sta. Cecília.



f38 - Corporação musical por ocasião dos seus 80 Anos.

Bibliografia:

Fabbri, Waldir Antônio. *Histórico da Lira Santa Cecília*, 23/02/1006.

Jornal O Varressaense, nº extra, de 18/11/1979. Editado por um grupo comunitário por ocasião das comemorações do Centenário.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 /1302 do curso de Formação de Professores, do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da professora de Metodologia dos Estudos Sociais, Edilma Fontes Vargas Martins.

(1) Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro – TurisRio. CABRAL 2000 – Varre-Sai 1998.

(2) Jornal Brasil Novo, de 01/11/1942.

(3) Jornal Brasil Novo, de 15/11/1942 .

(4) Jornal Brasil Novo, de 14/02/1943.

(5) Jornal Brasil Novo, de 28/03/1943.

(6) Informações do site: <http://radioitaperunafm.com>.

(7) Informações do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Cec%C3%ADlia.

Fotografias:

Acervo da Lira Santa Cecília: f05 a f13, f16 a f26, f28 a f33.

Acervo de Nilce Augusta Machado Tupini Vieira: f09, f11.

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f37 e f38.

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa do Sr. Abib

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 28

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Abib Antonio



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Sr. Abib.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A casa fica na Avenida Felicíssimo Faria Salgado esquina com a Rua José Tupinni (f01). Recentemente, a residência da família Tupini, composta de ferraria, adega, pomar com parreiras e jabuticabeiras, remanescente do núcleo inicial de Varre-Sai foi demolida (f02 e f03).



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.



f01



f02



f03

Descrição arquitetônica

Construção do século XIX, assentada sobre porão elevado do solo (f01), com estrutura de madeira, embasamento de pedra solta (f04) e vedações em taipa de mão (f05 e f06), o que pode ser facilmente verificado por antigo registro fotográfico e através de um recorte (prospecção) na alvenaria, que deixa a mostra essa tecnologia construtiva.



f04



f05



f06

Descrição arquitetônica

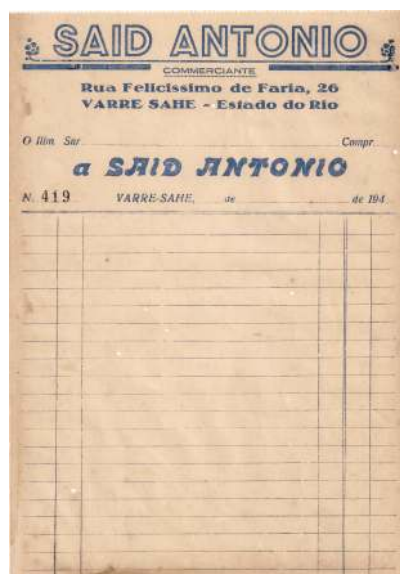
O imóvel possui um bloco principal onde estão instalados dois cômodos comerciais (f07). O primeiro, onde funcionava a loja do Sr. Felício (f08 e f09) e o segundo, onde está instalada uma tradicional barbearia (f10). A outra parte é a residência da família. Nos dois blocos que fazem o prolongamento do imóvel encontram-se outras dependências da residência como quartos, sala de jantar, cozinha e banheiro (f11).



f07



f08



f09



f10

Descrição arquitetônica

O telhado do corpo principal da casa é de quatro águas, coberto de telhas francesas de fibrocimento que, segundo o proprietário, substituíram as telhas originais que eram do tipo capa e canal (f01), com beiral encachorrado (f12), único elemento decorativo da edificação. O restante do imóvel é coberto com telhas de zinco (f13).



f11



f12



f13

Descrição arquitetônica

A fachada possui duas tipologias de portas e janelas. Uma parte possui duas folhas cegas, ensilhadas, com bandeiras de madeira gradeada (f14 e f15). A outra é de duas folhas almofadadas (f16). As janelas da fachada lateral direita são de veneziana com caixilhos de vidro (f17).



f14



f15



f16



f17

Descrição arquitetônica

Internamente a casa possui assoalho de madeira do tipo pranchão (f18) e ladrilho hidráulico na copa e cozinha (f19). Parte da forração é de madeira, do tipo saia e camisa (f20). O restante é do tipo paulista (f21). Uma das peculiaridades da casa são as paredes internas que são de madeira (f22 e f21), inclusive as escadas que acessam ao porão (f23 e f24).

A família ainda conserva o antigo relógio de parede (f25) e o candeeiro de metal (f26) do século XIX, com manga de opalina, originalmente movido a querosene e adaptado para energia elétrica, que outrora pertenceu à casa comercial de Said Antonio, atualmente instalado na residência de sua neta Nazira Abib de Oliveira Vargas.



f18



f19



f20



f21



f22



f23



f24



f25



f26

Estado de conservação

O estado de conservação da casa é bom. Verificamos que o imóvel foi pintado recentemente (f27). Um basculante circular de perfil metálico foi instalado na parte comercial da fachada frontal.

O proprietário realiza com frequência pequenos reparos e manutenção do madeiramento que corresponde a 80% do material empregado na construção do imóvel.

Os pilares foram refeitos com pedra de mão e cimento a fim de dar uma maior sustentação aos barrotes de madeira que sustentam o assoalho (f28 e f29).



f27



f28



f29

Este imóvel pertenceu ao libanês Said Antonio Abib (f30), também conhecido por Sr. Felício, nascido em Remhala, distrito de Aley, região do Mount Lebanon que, como muitos de seus conterrâneos veio para o Brasil fugido da guerra e da perseguição imposta pelos turcos otomanos que barbarizaram o Líbano, disseminando o medo e o terror, trucidando famílias inteiras. Muitos libaneses e sírios que migraram para o Brasil, ao desembarcarem no Rio de Janeiro, tomaram conhecimento de que essa nossa região prosperava, sobretudo com as lavouras de café. Alguns se tornaram agricultores, mas a grande maioria se dedicou mesmo à atividade comercial. Said Antonio, depois de mascatear na região com seus baús, se estabeleceu em Varre-Sai com uma casa comercial. Segundo sr. Abib, *a casa comercial de papai vendia de tudo: armarinho, ferragens, tecidos, painéis, louças e roupas prontas, confeccionadas por costureiras e alfaiates locais. O sal era depositado com outros materiais lá no porão, de modo que toda vez que chegava um freguês querendo sal, tínhamos que descer as escadas para servi-los.*

E prossegue: *aqui dessa nossa região até Santa Clara, os libaneses foram muito perseguidos pelos comerciantes brasileiros, que os viam como concorrentes. Em Varre-Sai só o papai conseguiu ficar porque era bem relacionado e casado com uma camponesa brasileira.*

De acordo com Nazira Abib Vargas, neta de Said Antonio, *a perseguição foi tamanha que chegaram a dizimar uma família inteira. No caminho de Varre-Sai para Natividade existiam, aproximadamente, dez casas comerciais de libaneses. A única que permaneceu foi a de meu avô.*

Said Antonio tinha mais dois irmãos: Rachid Antonio e Antonio José.

De acordo com informações prestadas por seu filho Abib, Said Antonio, só adicionou o Abib ao nome anos depois, a fim de receber uma herança que lhe cabia no Líbano.



f30

Said Antonio Abib casou-se em 27 de setembro de 1915 (f31 e f32) com Francisca Rosa de Jesus, a D. Chiquinha, com quem teve oito filhos: Nazira, casada com José Vargas Oliveira (Bituta) que foi o maior atacadista da região; Philomena, casada com Manoel Ramos; Maria, casada com Antonio Capita; as gêmeas Edith e Julith. Edith casou-se com Perilo de Oliveira Vargas, Julith, com Antonio Camilo de Oliveira; Abib, casou-se com Maria da Conceição; José Antonio era solteiro e a caçula Julia casou-se com Sebastião Batista de Menezes (f33).



f31



f32



f33

Said Antonio Abib quando completou dezenove anos retornou ao Líbano. Lá chegando, só encontrou um primo. Estava tudo arrasado. Conforme depoimento de sua neta Nazira, ele voltou e nunca mais falou no Líbano e na família que lá ficou. No dia em que faleceu disse que havia sonhado com a Terra, (que é a forma de como os libaneses se referem ao Líbano), e que estava tudo tão lindo e logo depois faleceu.

Sr. Abib em 1948 foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na loja *A Seda Moderna*. Em 1955 retornou a Varre-Sai, oportunidade em que o pai lhe entregou a loja.

Rachid Antonio casou-se com Haifa Salim, residia em Natividade onde era comerciante e tiveram sete filhos: Emílio, Antonio, Rachid, Alvina, Larhia, Penha e Amélia. De acordo com Nazira Vargas, Larhia fazia parte do coro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. *Era uma figura muito bonita, vaidosa. Ela sobressaia das demais porque amava o canto.*

Antonio José casou-se com Maria Mansur com quem teve cinco filhos. Maria faleceu primeiro. Tempos depois, faleceu Antonio José, de câncer, no Rio de Janeiro, onde está sepultado. Os cinco filhos passaram a morar com o tio Said Antonio e a serem criados por Chiquinha.

Farid José, o mais velho, foi para Natividade onde já estava o tio Rachid e depois partiu para Miracema onde se tornou comerciante. Primeiro como proprietário da *Casa Ideal* que comercializava tecidos, armarinho, louças, ferragens, calçados, secos e molhados, depois, a partir da década de 30, quando quebrou com a baixa do café ocorrida em virtude da crise da Bolsa de Nova Iorque, passou a ter um botequim que foi até sua morte na década de 70, ponto de encontro da boemia e da mocidade miracemense. Farid José faleceu e foi sepultado em Miracema.

Antonio José, o Careca, se desentendeu logo com o tio, tornou-se comerciante em 1941 de uma grande casa em Varre-sai e proprietário rural. Casou-se com Augusta Ramos, com quem teve quatro filhos: Maria Nilda, Margarida Nilza, Magdalena Neusa e José Antonio, que continuou mantendo a popular *Casa do Careca*, que ainda possui características das antigas lojas do interior, comercializando de tudo um pouco: torradores para café, trespes para fogão a lenha, panelas, tecidos, sapatos, roupas de cama, mesa, banho, roupas prontas, armarinho, brinquedos e uma variedade enorme de produtos. Dentre outras curiosidades, podemos citar que Sr. Careca foi proprietário do primeiro caminhão, da primeira máquina de picolé e do primeiro rádio de Varre-Sai. Segundo seu filho José Antonio, seu pai cobrava 500 réis para os passeios que fazia da pedreira, localizada na entrada da Rua Felicíssimo de Faria Salgado, até o Colégio João XXIII. Foi, ainda, o primeiro habitante de Varre-Sai a ter carteira de habilitação para o trânsito. O apelido Careca surgiu por causa de um galo, que de tanto brigar ficou careca.

O terceiro filho, Miguel Jorge (Flor) casou-se em Varre-Sai, com Zenaide, filha do Sr. Juca Pinto. Miguel Jorge e Zenaide depois se mudaram para Bom Jesus do Itabapoana e tempos depois para Barra Mansa.

Olinda casou-se com Francisco Ramos e Genita com Manoel de Souza Ramos.

Sobre D. Chiquinha (f34), esposa de Said Antonio, que hoje é nome do Centro de Convivência de Varre-Sai, encontramos o seguinte texto de autoria de sua neta Nazira Abib Oliveira Vargas:

Varre-Sai

Centro de Convivência Vó Chiquinha

Quem foi Vó Chiquinha? Francisca Rosa de Jesus... nasceu em 16 de março de 1894; faleceu em 16 de junho de 1976. Pessoa iluminada. Sábia, sendo analfabeta. Com a Vó Chiquinha, aprendia-se a amar as flores, os frutos, os animais, o vento, a chuva... Assim, nas estrelas do céu, nas hortas e quintais, nos doces e comidas gostosas, nas músicas alegres, nas sanfonas, nos palhaços de circo, nos bibelôs que enfeitam as casas, nas colchas de retalhos e de chitão, nas toalhas de saco, branquinhas e cheirosas, nos bolos de aniversário, presente está Vó Chiquinha. Sobretudo em cada criança que precisa de roupinhas; em cada doente que precisa de uma presença amiga, um remédio caseiro, uma benção, aí está Vó Chiquinha. Amava a vida. Principalmente, amava os pobres, seus iguais. Remendava, costurava panos novos e usados e os transformava em enxovais para crianças que não os tinha. Alegrava-se distribuindo alegria. Amava os filhos, sem distinção. Amava Varre-Sai. Dizia sempre: "Tenho vontade de morrer dando viva a Varre-Sai!" Convivência, em Vó Chiquinha, foi a maior experiência e lição de sua vida. Por isto, nosso Centro de Convivência tem o seu nome.



f34

Bibliografia e fontes:

Entrevista com Abib Antônio, Nazira Abib Oliveira Vargas, Regina Vargas Braga, José Antônio e Margarida Nilza Ramos.

Fotografias:

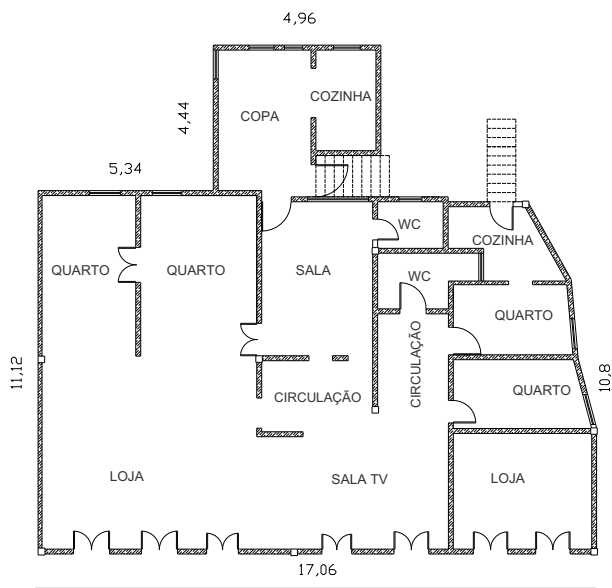
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f02 e f27.

Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Varre-Sai: f05.

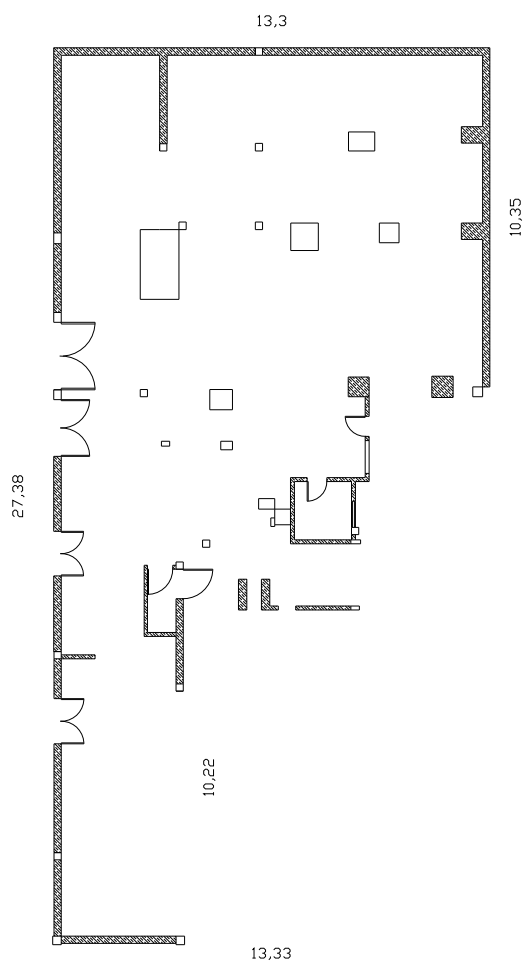
Acervo de Abib Antônio: f09 e f33.

Acervo de Nazira Abib Oliveira Vargas: f30, f31, f32 e f34.

Planta baixa / residência



Porão



CASA DO ABIB

escala gráfica 0.5 1 5



Denominação

Casa do José Antônio

Localização

Av. Felicíssimo de Faria Salgado, nº 34 e 36

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

José Antônio



Planta Esquemática



Fachada da Casa do José Antônio.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel, implantado em extenso terreno, integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, também conhecida como Rua de Baixo.

Segundo D. Philomena de Sá Vieira, *entre a casa do Sr. Abib e a casa do José Antônio, exatamente onde hoje estão instaladas duas garagens ficavam a residência e o bar do italiano Túlio Righetti, que ali permaneceu por muitos anos. Era uma casa comprida, onde criou toda sua família.*



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Casa térrea, construída sobre terreno em declive, com uma linguagem arquitetônica de inspiração déco, construída entre as décadas de 40/50 do século XX, provavelmente como uma das primeiras tentativas de renovação e de modernização da arquitetura do então distrito de Varre-Sai, em substituição as técnicas tradicionais do adobe e da taipa de mão pela alvenaria de tijolos (f01). Esse estilo em nossa região é marcado pela simplicidade e ausência de elementos decorativos. A fachada possui platibanda com predomínio de linhas retas, tendo como elemento decorativo um ornato compondo um desenho escalonado que é ressaltado por frisos, sendo protegida por uma fiada de telhas cerâmicas.

O imóvel residencial possui três janelas, uma entrada social, uma garagem com duas entradas e um portão leva ao quintal (f02).



f01



f02

Estado de conservação

O imóvel está em ótimo estado de conservação. Recebe manutenção periódica como pintura.

Histórico

Esse imóvel pertence ao Sr. José Antônio, filho de Antônio José e de Augusta Ramos, nascido no dia 26 de janeiro de 1934. Seu pai, de origem libanesa, foi comerciante, proprietário da *Casa do Careca*, em funcionamento desde 1941, produtor rural e militante da União Democrática Nacional – UDN.

Sr. José Antônio casou-se com Maria Silvina Rosa Ramos. José Antônio tem participação ativa na vida da comunidade onde já exerceu inúmeras funções, dentre as quais destacamos: Membro do Conselho da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, entidade que manteve o Colégio João XXIII, tendo atuado de 1959 a 1970, de Presidente a Conselheiro Fiscal; Presidente, Tesoureiro e membro do Conselho Fiscal do Serrano Esporte Club, entre 1971 e 1981; Presidente da Lira Santa Cecília de 1978 a 1982; Participou da fundação do Village Club em 1979, onde também foi Presidente no período entre 1982 e 1987; Vice-Presidente e 1º Secretário da Sociedade de Amigos de Varre-Sai – SAVS; membro da Comissão de Emancipação de Varre-Sai; um dos participantes da Elite Orquestra, de Natividade; um dos sócios fundadores do COOPERCANOL e contribuinte de obras sociais da cidade, chegando a ter uma Kombi, que recebeu o nome de Caridosa, por levar as gestantes de Varre-Sai para darem à luz em outras cidades da região, o que lhe rendeu um número considerável de afilhados.

Arquivo fotográfico



f03 - Aspecto parcial da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com José Antônio.

Trabalho de pesquisa realizado em 1992, pelas turmas 1301/1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

Denominação
Casa do Careca

Localização
Av. Felicíssimo de Faria Salgado, nº 38 e 40

Município
Varre-Sai

Época de construção:
Século XX

Estado de conservação:
Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:
Residencial-Comercial / Residencial-Comercial

Proteção existente / proposta:
Nenhuma

Propriedade:
Herdeiras de Antonio José



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Careca.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, também conhecida como Rua de Baixo. Está implantado em extenso terreno que se limita, pelos fundos, com a Av. Francelino Bastos França.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Casa térrea, construída sobre vasto terreno em declive que, originalmente, se estendia até a Rua Francelino Bastos França (f01). Possui linguagem arquitetônica de inspiração déco, construída entre as décadas de 40/50 do século XX, por Romeu Poli que, provavelmente, foi uma das primeiras tentativas local de renovação e de modernização da arquitetura do então distrito de Varre-Sai, para substituir as antigas e tradicionais técnicas do adobe e da taipa de mão pela alvenaria de tijolos. Esse estilo em nossa região é marcado pela simplicidade e ausência de elementos decorativos. A fachada possui platibanda com predomínio de linhas retas, tendo como elemento decorativo um ornato vertical escalonado no centro da platibanda (f02).



f01



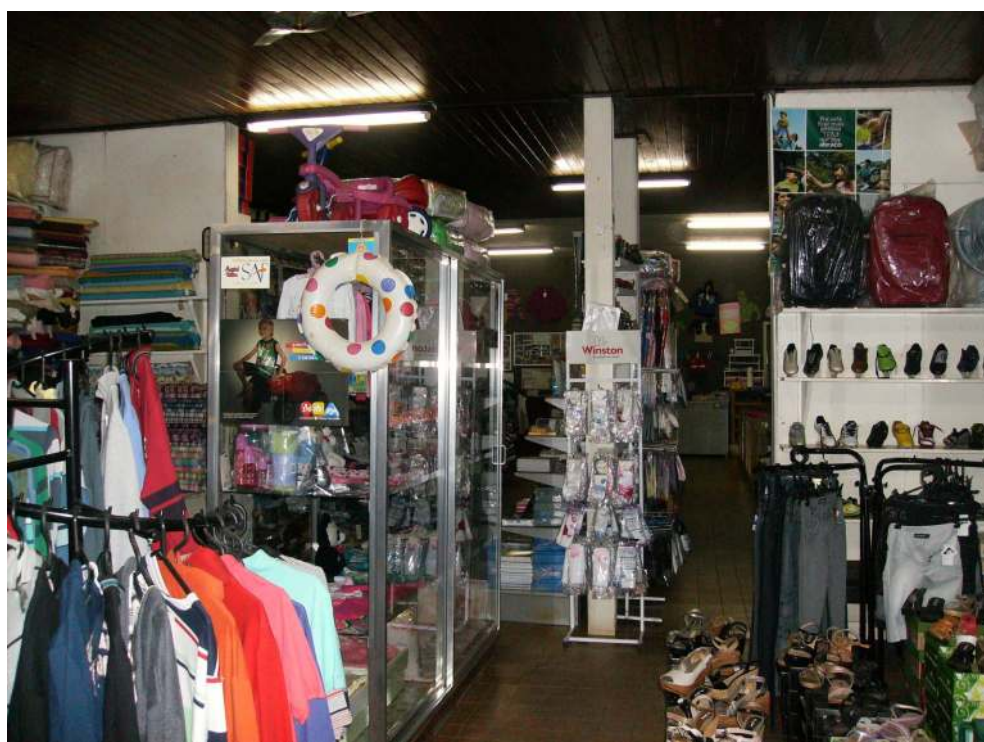
f02

Descrição arquitetônica

O imóvel possui uma parte comercial onde está instalada a tradicional Casa do Careca (f03 e f04), com cinco portas de enrolar com bandeira de ferro forjado e de uma residência, composta de três janelas e de uma garagem, através da qual acessamos à entrada principal do imóvel.



f03



f04

Descrição arquitetônica

Internamente possui forração de madeira do tipo paulista (f05), envernizado, em substituição ao antigo forro que era pintado de branco, ainda preservado num pequeno trecho da casa (f06). As portas são de calha, com bandeiras de vidro, ombreiras e vergas retas (f07). O assoalho é de madeira do tipo paralelo (f08).

As proprietárias conservam antigas lembranças da antiga residência como um lustre de cobre com globos de opalina (f05) e os móveis dèco (f09 e f10).



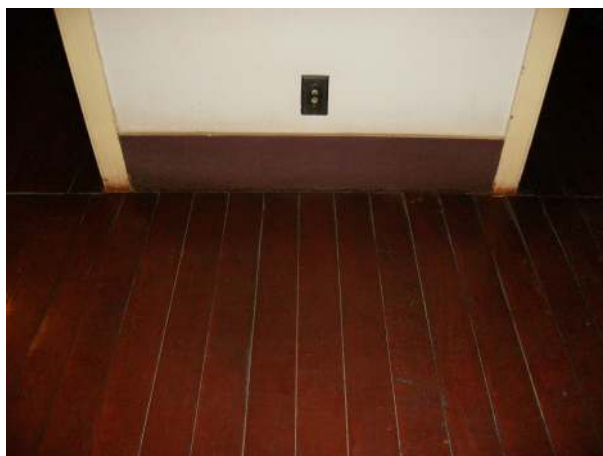
f05



f06



f07



f08



f09



f10

Estado de conservação

O imóvel está em bom estado de conservação. Recebe manutenção periódica como pintura. No local da atual garagem ficava o antigo jardim, exatamente onde está localizada a entrada principal da residência (f11).



f11

Histórico

Esse imóvel foi construído pelo libanês Antonio José (f12), filho de Antonio José e Maria Mansur (f13), que vieram do Líbano, já casados e com o filho Farid José. No Brasil nasceram: Antonio José (Sr. Careca), Miguel José (Sr. Flor), Olinda José, Genief José (Genita) e Isai José (f14). Maria Mansur faleceu primeiro. Tempos depois, morreu Antonio José, de câncer, no Rio de Janeiro, onde está sepultado. Os seis filhos passaram a morar com o tio Said Antonio e a serem criados por Chiquinha.



f12



f13

Farid José, o mais velho, foi para Natividade onde já estava o tio Rachid e depois partiu para Miracema onde se tornou comerciante. Primeiro como proprietário da Casa Ideal que comercializava tecidos, armarinho, louças, ferragens, calçados, secos e molhados, depois, a partir da década de 30, quando quebrou com a baixa do café ocorrida em virtude da crise da Bolsa de Nova Iorque, passou a ter um botequim que foi até sua morte na década de 70, ponto de encontro da boemia e da mocidade miracemense. Farid José faleceu e foi sepultado em Miracema (f15).

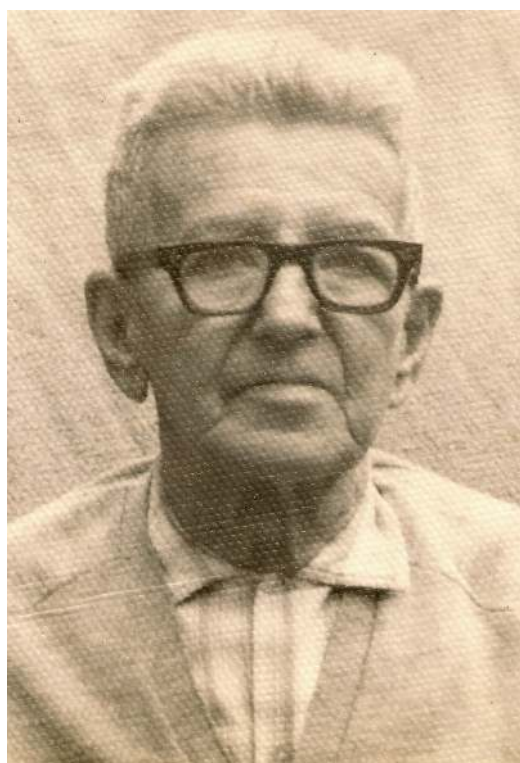
Antonio José, o Careca, se desentendeu logo com o tio. Com ajuda do irmão Farid comprou um caminhão, que foi o primeiro de Varre-Sai e tempos depois, em 1941, tornou-se comerciante, proprietário de uma grande casa comercial em Varre-Sai e proprietário rural. Casou-se com Augusta Ramos, com quem teve quatro filhos: Maria Nilda, Margarida Nilza, Magdalena Neusa e José Antonio, que continuou mantendo a popular Casa do Careca, que ainda hoje possui características das antigas lojas do interior, comercializando de tudo um pouco: torradores para café, trespes para fogão a lenha, panelas, tecidos, sapatos, roupas de cama, mesa, banho, roupas prontas, armarinho, brinquedos e uma variedade enorme de miudezas. Dentre outras curiosidades, podemos citar que Sr. Careca foi proprietário da primeira máquina de picolé e do primeiro rádio de Varre-Sai. Segundo seu filho José Antonio, seu pai cobrava 500 réis para os passeios que fazia com o caminhão, da pedreira, localizada na entrada da Rua Felicíssimo de Faria Salgado, até o Colégio João XXIII. Foi, ainda, o primeiro habitante de Varre-Sai a ter carteira de habilitação para o trânsito. O apelido Careca surgiu por causa de um galo, que de tanto brigar ficou careca, sem penas. Na política foi militante da União Democrática Nacional – UDN.

O terceiro filho, Miguel Jorge (Flor) casou-se em Varre-Sai, com Zenaide, filha do Sr. Juca Pinto. Miguel Jorge e Zenaide depois se mudaram para Bom Jesus do Itabapoana e tempos depois para Barra Mansa.

Olinda casou-se com Francisco Ramos e Genita com Manoel de Souza Ramos.



f14 - Em pé, no meio, Miguel José (Flor), sentado, Antonio José (Careca), em pé, Olinda (maior), Genita (menor).



f15



f16 - Aspecto interno das janelas da fachada principal.



f17 - Aspecto interno da porta principal.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Margarida Nilza Ramos e José Antônio.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f12.

Acervo de José Antônio: f13.

Acervo de Margarida Abib Ramos: f14.

Acervo de Margarida Nilza Ramos: f15.

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Padaria Santo Antônio

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 41

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Lauria Vincenzo



Planta Esquemática



Fachada da Padaria Santo Antônio.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

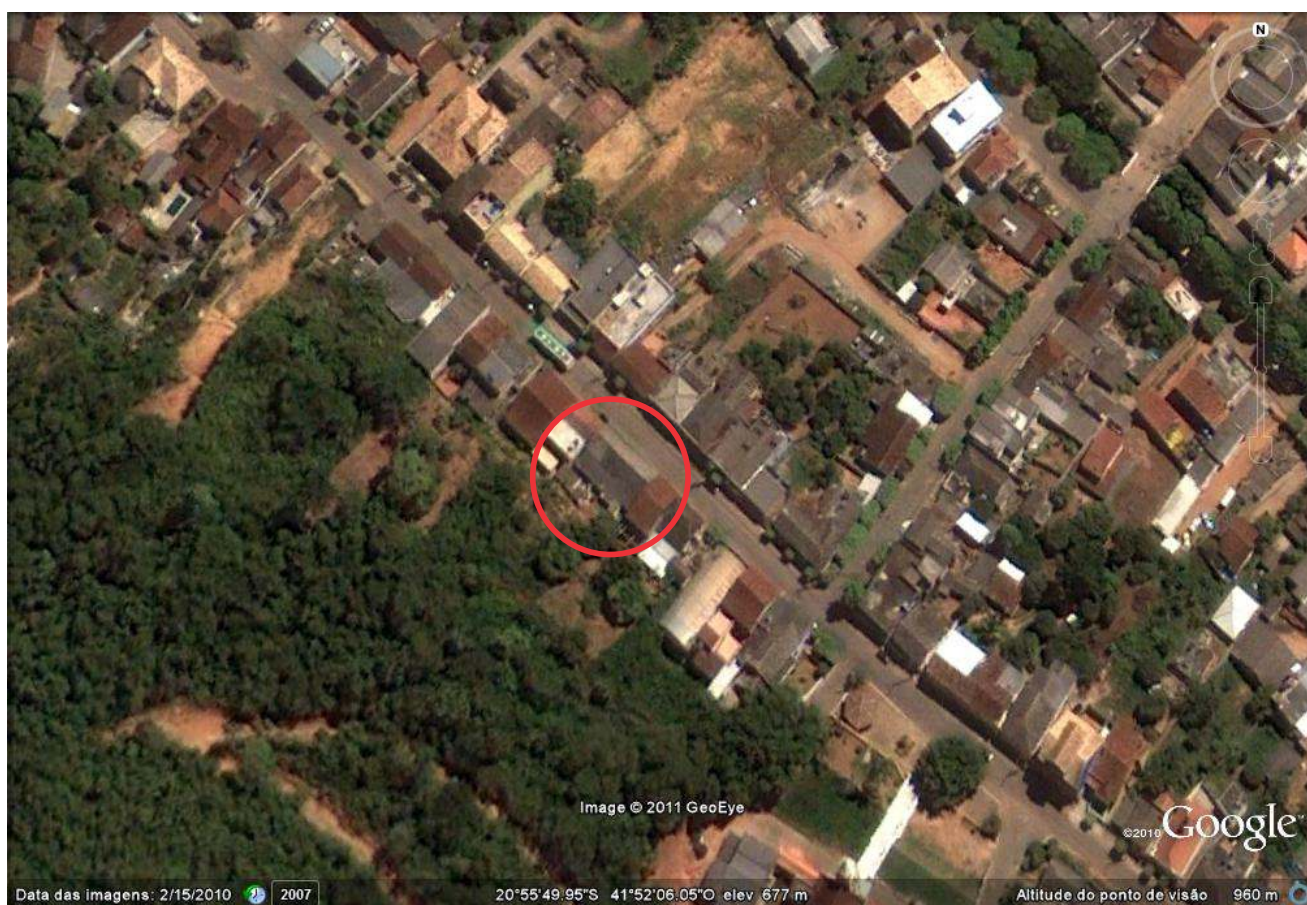
Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico ao longo da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, a principal da cidade. Ocupa toda a parte frontal do lote urbano, junto à calçada, para onde se abrem todas as suas portas.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Construção em estilo colonial como é a grande maioria dos imóveis de Varre-Sai, legado da arquitetura civil mineira introduzida por seus colonizadores (f01).

Apesar de ter passado por reformas que descaracterizaram parte do imóvel como as janelas e basculantes de esquadria metálica, o prédio ainda conserva os vãos originais das portas do térreo e de algumas janelas de duas folhas cegas instaladas no segundo pavimento (f02), com peitoril, ombreiras e vergas retas, além do telhado coberto de telhas francesas e do beiral forrado.

A fachada frontal possui no pavimento térreo, uma barra de proteção com textura de gosto eclético, provavelmente aplicada durante obra de reforma.

De original em seu interior, apenas as portas de duas folhas com bandeiras de madeira (f03) e um pequeno trecho que mantém a forração de madeira (f04), exatamente onde ficava a primitiva escada de madeira em “L”, atualmente revestida com caco de mármore. No térreo, onde por muitos anos funcionou a Padaria Santo Antonio, há vestígios do forro original do tipo saia e camisa.



f01



f02



f03

Descrição arquitetônica



f04

Estado de conservação

O estado geral de conservação é razoável. Apesar das obras e reformas realizadas a casa ainda guarda alguns elementos remanescentes da arquitetura colonial mineira como a volumetria e a relação entre os panos cheios e vazios da fachada.

A Padaria Santo Antonio, inicialmente denominada de Padaria Popular, foi fundada pelo italiano Jácomo Fabbri, mais conhecido como sr. Mino, que era filho de Fabbri di Lucca e de Prisca Boschi e nasceu em 1874, em Arezzo, Província da Toscana.

Em 1893, uma leva de imigrantes italianos da região da Toscana, embarcaram no vapor Andes e vieram para o Brasil. Desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, dirigiram-se para a Fazenda Bela Vista. Durante dois anos Jácomo trabalhou na Fazenda Santa Maria, propriedade da família Oliveira Vargas, situada no município de Natividade, nas lavouras de café. Nessa época, levava-se dois dias para chegar até Natividade que era a Freguesia mais próxima de Varre-Sai.

Jácomo contava aos filhos que, quando chegou ao Brasil teve muitas dificuldades, sobretudo com a língua portuguesa que não entendia. De acordo com os relatos familiares, havia um intendente que os colonos lembravam com muito carinho. *Através de gestos, ele explicava o serviço e como deveriam trabalhar. Quando os via capinando a cana sem saber o que era, cortava em pedaços, descascava e os fazia experimentar para que eles pudessem saber no que trabalhavam. Eles também não conheciam o bambu e o confundiam com a cana de açúcar e ele, com gestos, mostrava como cortar e informava mostrando com a mão que o bambu era utilizado para fazer cercas.* (1).

Em 17 de outubro de 1898 casou-se em Varre-Sai, com a italiana Ignez Capaccio (f05), nascida em Água Prudente, Província de Viterbo, em 1878, filha de Ângelo Capaccio e de Gioseppa Capeloni, que veio da Itália no mesmo grupo de Jácomo. Ele estava com 24 e ela com 20 anos de idade.

Na Fazenda Santa Maria, Jácomo plantou as famosas jabuticabeiras que lá existem até hoje. Nessa Fazenda o casal teve os três primeiros filhos: José (que faleceu ainda jovem), Godofredo (agricultor) e Anna (que foi casada com o agricultor Sebastião Veloso Martins). Já em Varre-Sai nasceram: Torino (comerciante e chefe político do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB), Irene (casada com o industrial José Veloso Martins) e Izolina (casada com Romeu Poly).



f05 - Jácomo Fabbri e Ignez Capaccio.

Com muita dificuldade adaptaram-se à nova vida, que contava com costumes diferentes, incluindo a língua portuguesa que não dominavam. Trabalharam duro por alguns anos na lavoura de café até que conseguiram adquirir uma pequena casa que, atualmente, pertence ao bisneto Joaquim Luiz Fabbri e montaram, em Varre-Sai, uma padaria, pois tinham grandes conhecimentos no ramo.

Segundo consta em registros no Centro Cultural, de autor desconhecido, (...) *tudo foi construído por pessoas e matéria prima do local: o tijolo para o forno, a madeira da masseira, dos balcões, prateleiras e pás. As formas confeccionadas em folhão. Todos trabalhavam, pois tudo era feito manualmente com carinho e qualidade. E prossegue: Após alguns anos de trabalho duro, o Sr. Jácomo resolve arrendar seu negócio por dois anos a terceiros. Num desses arrendamentos, houve certa complicação e o Sr. Jácomo resolve vender a padaria, comprar outra casa e montar uma nova padaria, que funciona até hoje. Seu filho Torino Fabbri conta que o concorrente não agüentou e fechou a padaria e a Padaria Popular continuou sendo a única na localidade.*

Todos os filhos ajudavam na padaria já que era tudo feito manualmente. Eles tinham que amassar nas mãos 60 quilos de farinha para fazer o pão. Era um trabalho bastante pesado que não impedia a boa qualidade do pão feito pelo Sr. Jácomo e seu filho Torino. As entregas eram feitas em lombo de burro aos lugares mais distantes do município. (2).

Com idade avançada, Sr. Jácomo transfere os negócios para seu filho mais velho Godofredo Fabbri, popularmente conhecido por Sr. Gôdo, permanecendo a frente da Padaria Popular até se estabelecer economicamente, quando então, a passou para o irmão Torino Fabbri (Sr. Nêgo) e para D. Alcedina Fratejani (D. Ceci), que mantiveram a tradição, repassando para filhos e netos as técnicas familiares.

Em 3 de junho de 1963, faleceu às 21 horas, aos oitenta e cinco anos, a matriarca da família D. Ignez Fabbri. Como noticiou o Jornal O Regional de junho de 1963: (...) *Ela e o marido chegaram a Varre-Sai no final do século passado, contraíram matrimônio e uma grande prole com numerosíssimos descendentes.*(...)

Como Torino Fabbri era devoto de Santo Antonio, muda o nome do estabelecimento para Padaria Santo Antonio. A Padaria ainda preserva um quadro com uma gravura de Santo Antonio, enviada diretamente da Itália, pela Irmandade de Santo Antonio, da qual era associado (f06).



f06

Sr. Torino associou-se após convite do conterrâneo Angelino Ridolphi, que veio da Itália já pertencendo a essa entidade religiosa, continuando aqui, no Brasil, a propagar sua devoção a Santo Antonio e sua fidelidade a Irmandade. Filiação aprovada na Itália, após carta de encaminhamento feita por Angelino Ridolphi, Sr. Torino é presenteado com imagem e gravura de Santo Antonio encontrada ainda hoje, ao lado da fotografia dos pais no estabelecimento comercial.

De acordo com Jamil Nunes Vieira, Sr. Torino e família, festejavam Santo Antonio no lugar denominado Jacutinga. A festa tomou vulto maior que a do padroeiro S. Sebastião e um determinado padre chegou a interditar sua realização.

Sr. Jácomo Fabri era conhecido como exímio contador de histórias. Gostava de reunir as pessoas em sua casa para ouvi-lo. Dramático, houve época de levar até uma semana para concluir uma história.

Torino Fabri foi Subdelegado, apoiou clubes esportivos da cidade e por dezesseis anos foi vereador, tendo ajudado na construção do Ginásio João XXIII, Hospital, calçamentos de diversas ruas e construção da escola municipal na Fazenda Taquara Branca. Antes da construção dessa escola, sua filha, que era a professora, lecionava na tulha da fazenda.

Em reconhecimento aos serviços prestados a Varre-Sai e ao noroeste fluminense, recebeu do Conselho Regional do Noroeste Fluminense, formado pela FIRJAN, SENAI, SESI E CIRJ, uma placa e um certificado como contribuinte exemplar.

Os pães atualmente são fabricados por sua filha, genro e netos que mantêm a tradição familiar de aproximadamente 117 anos.



f07 - Aspecto do imóvel na década de 90.



f08 - Aspecto do imóvel na década de 90.

Bibliografia e Fontes:

(1 e 2) Cabral 2000. *Varre-Sai 1998*. TurisRio - Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro.
LYRA, Cyro Corrêa. *Documenta Histórica dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro*. Documenta Histórica Editora. Rio de Janeiro, 2006.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da professora de Metodologia dos Estudos Sociais - Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f07.

Acervo do Dr. José Antônio Abreu de Oliveira: f08.

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Casa da Berenice

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 45/47

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

João Batista Fabri



Planta Esquemática



Fachada da Casa da Berenice.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

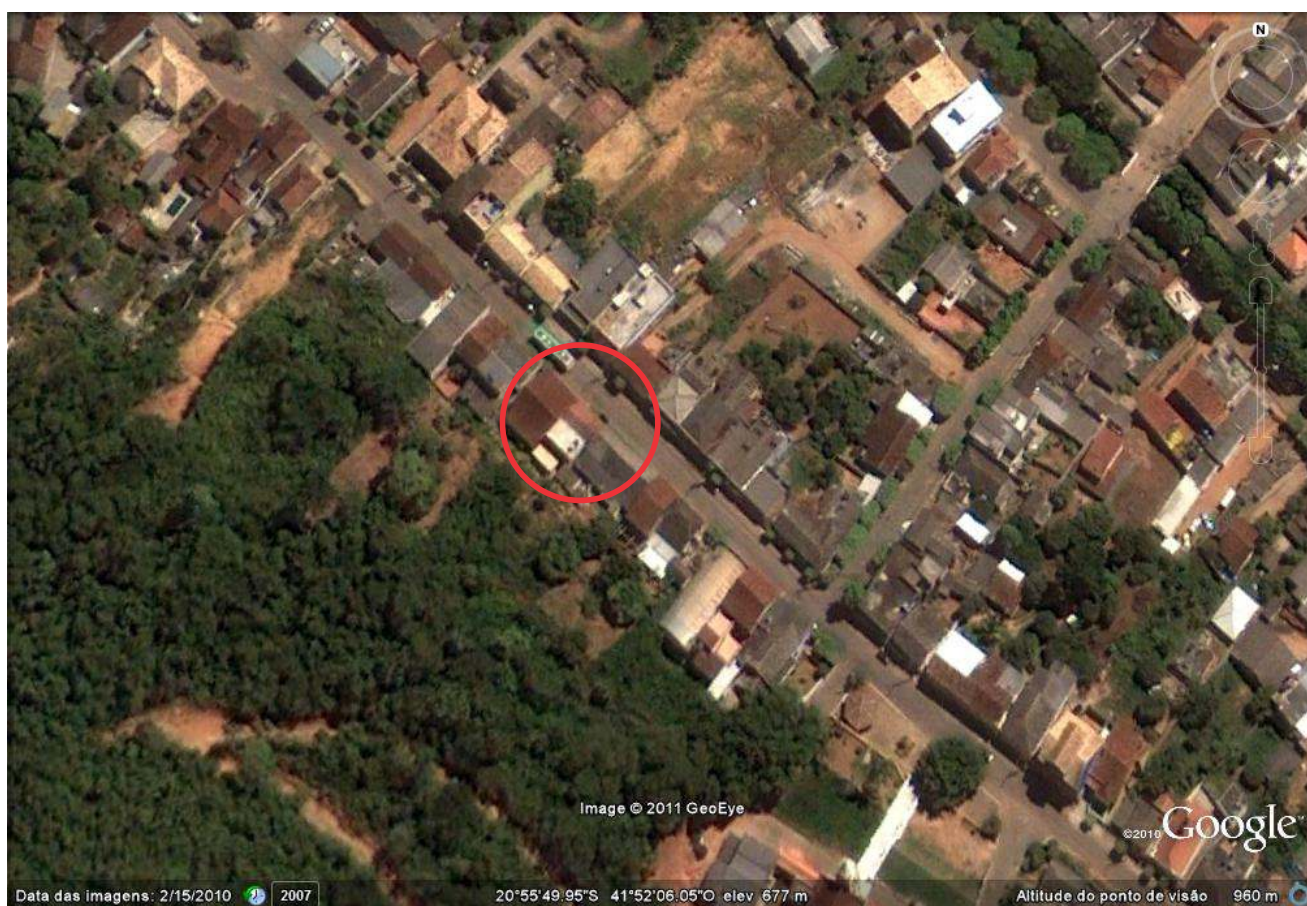
Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico ao longo da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, a principal de Varre-Sai. Grande parte das edificações situadas neste trecho da avenida foi substituída por construções mais recentes ou sofreu intervenções na sua arquitetura. No entanto, mantiveram a escala volumétrica padrão que caracteriza o conjunto e a mesma forma de implantação no lote: frente de rua, junto ao alinhamento da calçada.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Imóvel em dois pavimentos, apresentando uma tipologia arquitetônica característica do período colonial, de linhas bastante simples (f01). Possui três janelas de duas folhas cegas lisas (f02), telhado de duas águas, coberto com telhas cerâmicas do tipo capa e canal, arrematado por beiral forrado.



f01



f02

Estado de conservação

O imóvel encontra-se em bom estado. Portas de aço e de blindex foram instaladas no térreo, além de uma barra de revestimento cerâmico.

Apesar de não se ter conseguido levantar maiores informações sobre a história do imóvel e de seus proprietários, a sua preservação é relevante e contribui para salvaguardar a paisagem cultural que compõe o patrimônio ambiental e urbano do centro histórico de Varre-Sai (f03 e f04).



f03



f04

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Pousada Sobradinho

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 59

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

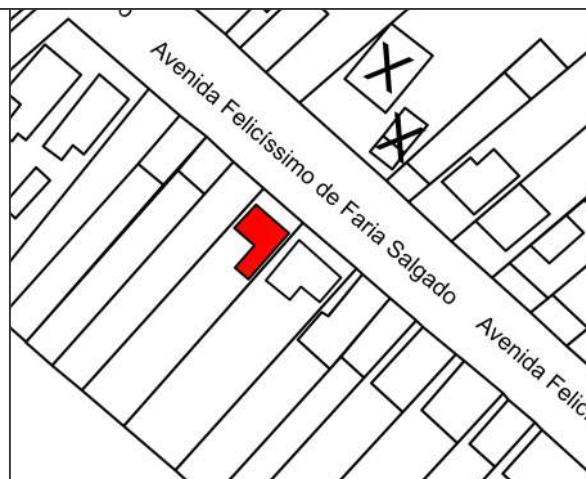
Desocupada / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Antonio José dos Santos



Planta Esquemática



Fachada da Pousada Sobradinho.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico disposto ao longo da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, a principal do centro de Varre-Sai, também conhecida como Rua de Baixo (f01). Sua implantação é a tradicional dos prédios mais antigos, ocupando a parte frontal do lote, junto à calçada.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.



f01

Descrição arquitetônica

Construção marcada pela simplicidade arquitetônica, característica das edificações do interior das Minas Gerais do século XIX e início do século XX, destacando-se pela sobriedade, total ausência de adornos e de elementos decorativos (f02).

A fachada frontal possui quatro janelas de duas folhas, cegas com ombreiras, peitoril e vergas retas de madeira, que se repetem nas fachadas laterais (f03).

O telhado é do tipo duas águas, coberto com telhas do tipo capa e canal, arrematado com beiral forrado (f03).



f02



f03

Algumas reformas foram realizadas como a instalação de portas de aço, de correr, no térreo (f04). Uma construção foi edificada aos fundos, recuada da rua, entre o imóvel vizinho de nº 61 e este, a fim de promover a ligação entre ambos os prédios ultimamente usados como pousada e bar temático (f05).



f04



f05

Histórico

Conforme depoimento de D. Philomena de Sá Vieira, 95 anos, o primeiro morador do imóvel de que tem lembrança é a Sra. Regina Dalbeni, mais conhecida por Carlota, que veio da Itália com o filho Gentil. O marido ficou na Itália, onde faleceu e foi sepultado. Primeiro, se estabeleceram na região antigamente conhecida como Paineira, atual bairro Santa Teresinha, onde possuíam terras. Anos depois residiu a Sra. Helena Ramos.

De acordo com as lembranças de Nazira Abib Oliveira Vargas e Julith Abib ali residiram: Erotides Pires dos Santos casado com Emília. Tempos depois transferiram o imóvel para sua filha Neguita. Depois residiu Miguel Jorge, popularmente conhecido como Flor, sua esposa Zenaide e seus filhos: Minaid, Léa e Décio. Lá também residiu o farmacêutico Sr. Domingos Jannotti.

Ultimamente, abrigou um restaurante típico. *Entrando lá a gente podia sentir que estava entrando nas origens de Varre-Sai. A decoração com fotos antigas da cidade, os arranjos, tudo nos remetia às nossas origens, a nossa história*, comentou, Nazira, penalizada com a mudança do mesmo.

Arquivo fotográfico



f06 - Aspecto da Av. Felicíssimo de Faria Salgado na década de 20.



f07 - Trecho da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.



f08 - Trecho da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com D. Philomena de Sá Vieira, Nazira Abib Oliveira Vargas e Julith Abib.

Fotografias:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f06.

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Anexo Pousada Sobradinho

Localização

Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, nº 61

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

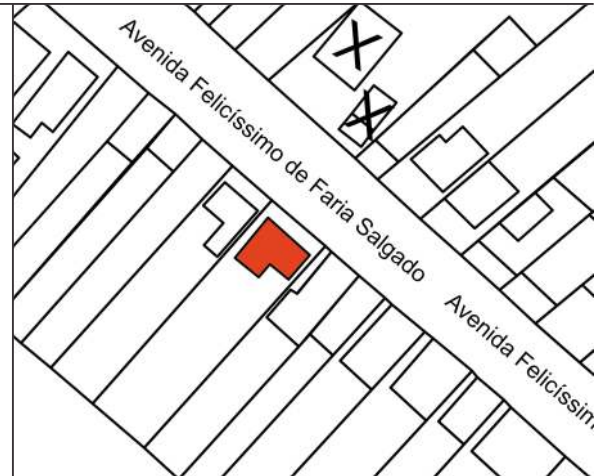
Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Antonio José dos Santos



Planta Esquemática



Fachada do Anexo da Pousada Sobradinho.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico disposto ao longo da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, a principal do centro de Varre-Sai, também conhecida como Rua de Baixo. Apresenta características tipológicas e de implantação similares ao vizinho de nº 59, inclusive funcionando como anexo do mesmo.



Vista do conjunto da Avenida Felicíssimo de Faria Salgado.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Edificação modesta, de acabamento simples, sem apuros estéticos ou construtivos (f01).

Construção característica do final do século XIX e da primeira metade do século XX, legado da colonização mineira, com madres e esteios aparentes, janelas de folhas cegas com ombreiras, peitoril e vergas retas.

Possui telhado de duas águas coberto com telhas cerâmicas do tipo capa e canal. Os beirais das fachadas laterais são forrados e arrematados com lambrequins (f02).

A entrada fica localizada numa pequena área descoberta na fachada lateral esquerda que, além de porta lisa, possui duas janelas de folhas cegas, com ombreiras, peitoril e vergas de madeira (f03).

No porão foram instalados dois portões de madeira gradeados pois, atualmente é utilizado como garagem para veículos (f01).



f01



f02



f03

Estado de Conservação

O estado de conservação do imóvel é bom. Uma construção foi realizada entre o nº 59 e este, a fim de promover a ligação entre ambos, ultimamente usados como pousada e bar temático (f04).



f04

Histórico

Ultimamente, abrigou um restaurante típico. *Entrando lá a gente podia sentir que estava entrando nas origens de Varre-Sai. A decoração com fotos antigas da cidade, os arranjos, tudo nos remetia às nossas origens, a nossa história,* comentou, Nazira Vargas, penalizada com a mudança do mesmo.



f05 - Detalhe do conjunto da parte central da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.



f06 - Detalhe de parte do conjunto da Av. Felicíssimo de Faria Salgado.

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Casa da Carmem Lúcia

Localização

Praça Antonio Camilo, nº 35

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Carmem Lúcia Oliveira



Planta Esquemática



Fachada da Casa da Carmem Lúcia.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A casa forma com os imóveis de nº 37, 361, 83 e 43, importante conjunto arquitetônico da Praça Antonio Camilo (f01 e f02), que é um prolongamento da Avenida Felicíssimo Faria Salgado. Esse trecho da cidade compreendido pelos logradouros: Avenida Felicíssimo Faria Salgado, Largo Santa Filomena e Rua José Vargas de Figueiredo é utilizado pelo trânsito com mão única (f03).

O corpo principal e mais antigo da construção destaca-se a frente do lote junto ao arruamento. Este é revestido por paralelepípedos cujas pedras avançam até o embasamento da casa, no lugar da calçada. O acesso aos fundos do terreno, onde se localizam os anexos mais recentes, se dá pela viela lateral.



Vista do conjunto da Praça Antonio Camilo.



Google Earth.



f01



f02



f03

Descrição arquitetônica

O corpo principal e mais antigo da construção apresenta no despojamento de sua arquitetura traços da influência mineira, com seus esteios aparentes de madeira, planta retangular compacta, porão alto, panos brancos de alvenaria com suas janelas características. O acesso ao alpendre é feito através de uma escada de lance único (f04). Tanto a escada quanto o alpendre possuem guarda-corpo de madeira vazada. Nesse alpendre (f05) estão localizadas a porta principal de entrada e uma janela. A porta é lisa, de uma única folha e possui como decoração, caixilhos de vidros, além de bandeira também envidraçada (f06). A janela do alpendre, como as outras duas também instaladas na fachada principal, é de duas folhas cegas internamente e do tipo guilhotina com caixilharia de vidro, externamente (f07).



f04



f06



f05



f07

Descrição arquitetônica

O telhado do corpo principal da casa é de quatro águas, coberto com telhas cerâmicas do tipo capa e canal (f08). Beiral e alpendre são forrados com madeira (f09 a f11).



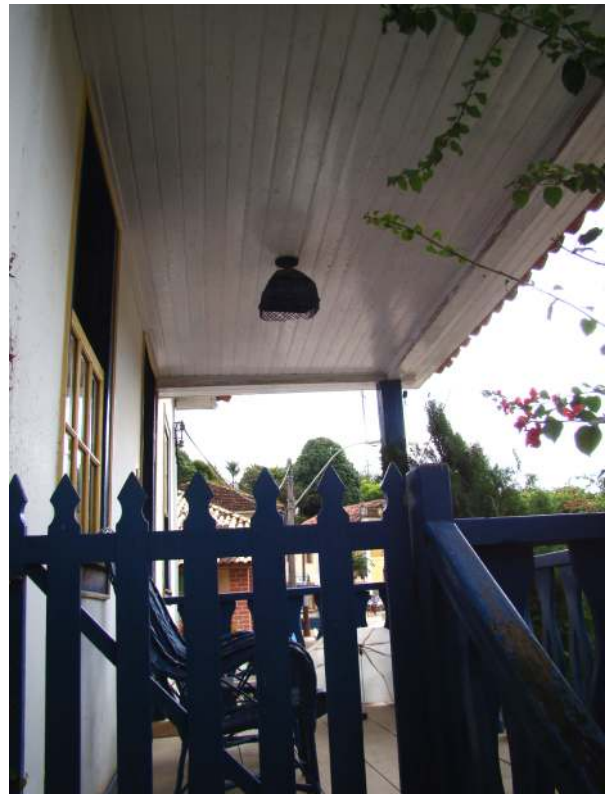
f08



f09



f11



f10

Descrição arquitetônica

O porão por ser alto, é utilizado como garagem para veículos, motivo pelo qual foram instalados portões de madeira com elementos vazados repetindo o modelo existente no guarda-corpo do alpendre (f05).

O bloco principal da casa onde estão instaladas a sala de visitas, a sala de jantar e os quartos possui assoalho do tipo paralelo (f12). A forração varia de forro de madeira do tipo saia e camisa a esteiras de taboa (f13 e f14).

Separando a sala de visitas da sala de jantar existem duas janelas do tipo guilhotina com caixilhos de vidro, idênticas as utilizadas nas fachadas (f15). As portas internas possuem bandeiras envidraçadas.



f12



f13



f14



f15

Descrição arquitetônica

O segundo bloco da construção (f16), onde estão localizadas a sala de TV, a ampla copa/cozinha e a área de serviços é mais recente, é de alvenaria de tijolos e a forração é de madeira.

A casa é adornada com móveis de época como o aparador estilo eclético com mármore e espelho, da segunda metade do século XIX (f17) e de muitos objetos e pertences de valor afetivo como o enxoval dos filhos cuidadosamente conservado pela proprietária. O destaque fica por conta da miniatura da residência confeccionada em madeira por Tancredo Righetti (f18).

No quintal possui, além da piscina, alguns anexos que servem como depósito da residência e que também podem ser acessados por uma entrada lateral onde está instalado um oratório de madeira (f19).



f16



f17



f19



f18

A casa está em bom estado de conservação. Constantemente a proprietária realiza obras de reparos e de manutenção da pintura. Atualmente está recuperando o emboço e aplicando uma barra de pedra na fachada do porão, tendo em vista que o revestimento original ficou comprometido com a hera que se alastrou nessa parte da construção (f20 e f21).



f20



f21

Segundo Carmem Lúcia, a casa (f22) pertenceu a seu avô, o comerciante Romeu Oliveira, que chegou a ter uma loja que vendia chapéus de Panamá no Rio de Janeiro. Em Varre-Sai, foi sócio com o Sr. Bernardino de Oliveira do Armazém São Sebastião. Foi ainda fundador e proprietário da Padaria do Juca, atualmente denominada de Padaria Santa Filomena.

Durante as acirradas campanhas eleitorais da década de 50, Amaral Peixoto, político fluminense, genro do Presidente Getúlio Vargas, um dos fundadores do PSD, Interventor do Estado entre 1937 e 1939 e Governador eleito para o exercício de 1951/1954, discursava para a população de Varre-Sai do alpendre da casa do Sr. Romeu Oliveira.

Na década de 90, a casa também serviu de palco para reuniões políticas que lançaram seu marido Francisco José de Souza Thomé candidato a vereador da primeira Câmara de Varre-Sai. Eleito, foi Presidente e relator da Lei Orgânica, além de inúmeros projetos apresentados e aprovados na área do turismo.

De acordo com Carmem Lúcia, a primeira grande reforma da casa foi realizada por seu pai, por volta dos anos 80, onde foi feita uma recuperação do telhado e do forro e a pavimentação da antiga cozinha com revestimento cerâmico em substituição ao primitivo piso de terra batida.

A segunda reforma aconteceu por volta dos anos 90 que compreende a atual copa/cozinha, banheiro e a área de serviços, segundo Carmem Lúcia *sempre procurando seguir o estilo da casa*.



f22 - Lira Santa Cecília - Inauguração Banco Predial
Década de 50.



f23



f24



f25

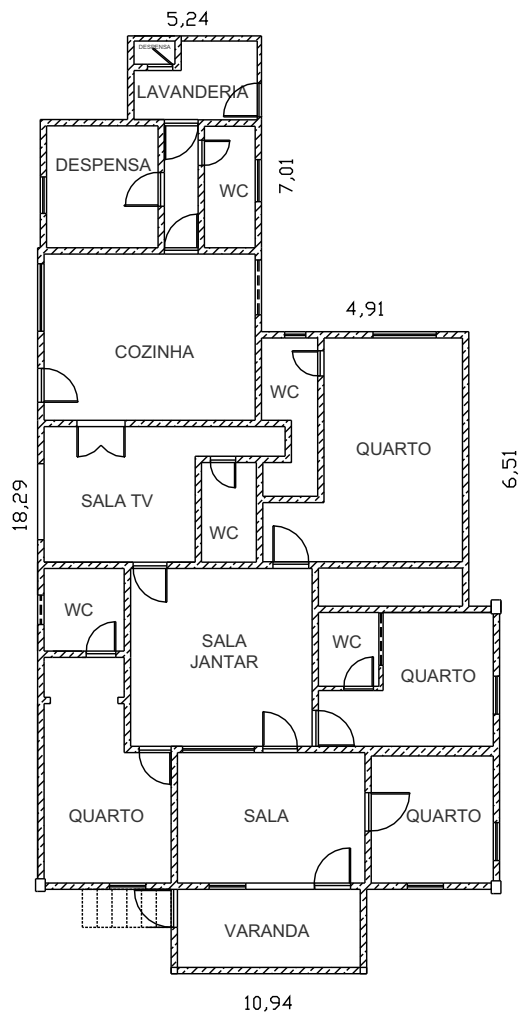


f26

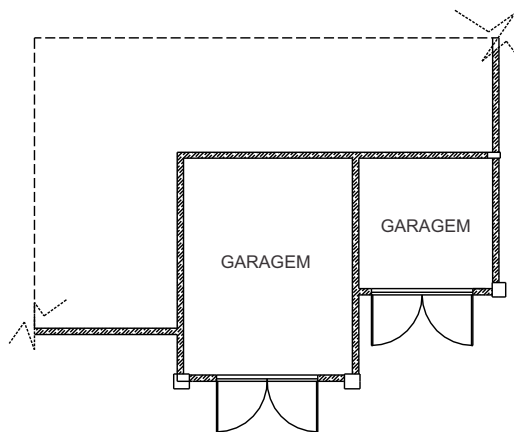
Bibliografia e Fontes:
Entrevista com a Sra. Carmem Lúcia de Oliveira.

Fotografias:
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f22.

1º Pavimento



Porão / garagem



CASA DA CARMEM LÚCIA
escala gráfica 0.5 1 5

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa da Memélia

Localização

Praça Antonio Camilo, nº 37

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX / Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Amélia Vargas de Oliveira



Planta Esquemática



Fachada da Casa da Memélia.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

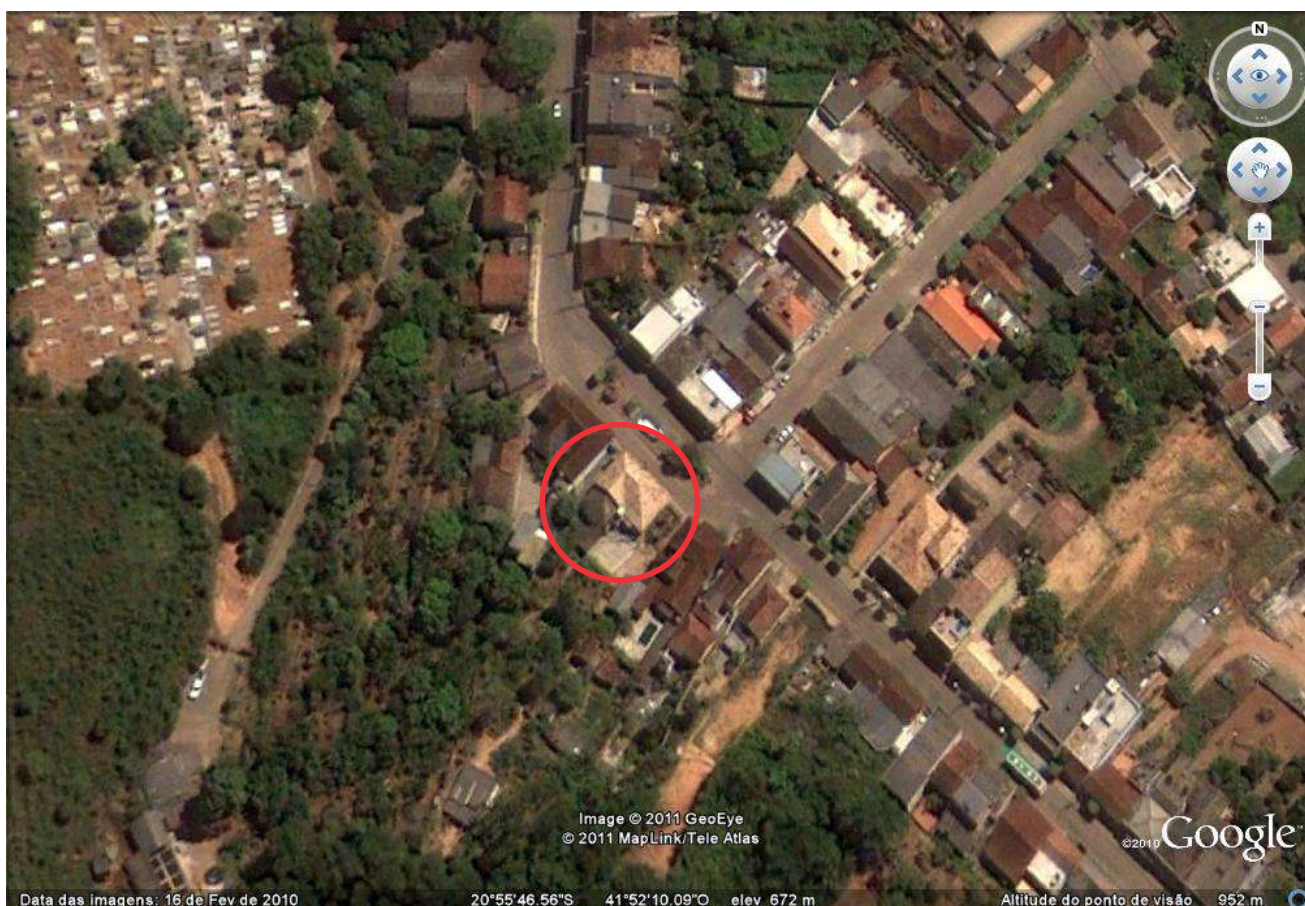
Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A casa forma com os imóveis de nº 35, 361, 83 e 43 importante conjunto arquitetônico da Praça Antonio Camilo, que é um prolongamento da Avenida Felicíssimo Faria Salgado. Esse trecho da cidade compreendido pelos logradouros: Avenida Felicíssimo Faria Salgado, Largo Santa Filomena e Rua José Vargas de Figueiredo é utilizado no trânsito com mão única.



Vista do conjunto da Praça Antonio Camilo e do Largo Santa Filomena.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Imóvel de planta em “L”, construído entre o final do século XIX e o início do século XX, com telhado em quatro águas, coberto com telhas do tipo capa e canal (f01). Em 2006, foi feito um prolongamento da água do telhado do lado esquerdo, em substituição ao antigo telhado de copiar existente na varanda, entrada principal da residência, e um jardim (f02).

A fachada frontal (f03) é formada por cinco janelas de duas folhas, com venezianas e caixilhos de vidro com ombreiras, peitoril e vergas retas. Ambas possuem um painel móvel de venezianas, de uso muito comum nas cidades pequenas, permitindo que a janela fique aberta sem ter o interior da residência devassado (f04).



f01



f02



f03



f04

A casa preserva as portas internas originais, de duas folhas, do tipo ensilhada e com bandeiras de vidro (f05). O piso original foi substituído por tacos. Ainda em 2006 foi revisado todo o engradamento do telhado (f06) e a forração de madeira também foi substituída por forro de PVC.

O bloco dos fundos onde fica a cozinha, onde ainda funciona um velho fogão a lenha, preserva a cobertura de telhas francesas (f07). Segundo D. Memélia, como é carinhosamente conhecida por toda a comunidade, ninguém visita sua casa sem se sentar no antigo pilão, hoje usado como banco, instalado próximo do fogão, sempre fumegante (f08). *Aqui nessa cozinha, Baden Powell que sempre se hospedava aqui em casa, gostava de ficar sentado nesse pilão, aquecido pelo calor do fogão tocando seu violão.*



f05



f06



f07



f08

O quintal da casa fica numa área remanescente de mata nativa que é farta em água. Possui cinco olhos d'água que nascem na propriedade do Sr. Luiz Sobreiro e abastecem sua casa e a de alguns vizinhos. A sobra dessa água é desviada para o bueiro de águas pluviais.

A proprietária, D. Amélia, preserva inúmeras lembranças da família como o antigo relógio de pêndulo (f09 e f10), de pé, desmontável em três partes, que possui rico trabalho em bronze dourado, onde se lê a seguinte inscrição em francês: *LE RETOUR AU FOYER OP* (A VOLTA AO LAR) que guarnece o mostrador em ágata com números romanos, que pertenceu ao seu avô João Damasceno de Figueiredo. De acordo com Memélia, *o relógio foi herdado por meu irmão Getúlio, que tentou por consecutivas vezes consertá-lo num relojoeiro estabelecido em Porciúncula. Quando foi dado o diagnóstico de que o mesmo não funcionaria mais, Getúlio, enraivecido, o vendeu ao Dr. Silvestre, que tempos depois, conseguiu colocá-lo, novamente, em funcionamento. Porém, na residência do Dr. Silvestre ninguém queria ouvi-lo tocar. As badaladas eram muito altas e quebravam o silêncio do lugar. Certo dia, bateu em minha porta o Dr. Silvestre perguntando se eu queria comprar o relógio do meu avô e eu lhe disse que sim. Desta maneira confirmou-se a inscrição gravada em seu mostrador e o relógio retornou a nossa família.*



f09



f10

A casa está bem conservada, apesar de não possuir mais sua fachada original. Verificamos que obras foram realizadas ao longo dos anos, o que pode ser facilmente comprovado pela cobertura do telhado, pela aplicação de revestimento cerâmico do tipo tijolinho e da laje na cobertura da varanda (f11).



f11

D. Amélia Vargas de Oliveira, com seus bem vividos oitenta e dois anos, é uma das guardiãs da memória de Varre-Sai.

Os Cartórios de Paz e de Registro Civil pertenceram ao seu avô João Damasceno de Figueiredo, nascido em 06/04/1858, em Cantagalo. Foi casado com Amélia de Vargas. Foi o primeiro escrivão de Varre-Sai. Tempos depois, o cargo foi repassado ao seu pai, José Vargas de Figueiredo, nascido em Varre-Sai, a 17/12/1901, casado com Odette Figueiredo, com quem teve quatro filhos: Amélia, João, Getúlio e Yeda. José de Figueiredo foi presidente da Lira Santa Cecília e secretário por mais de 20 anos da Liga Católica Jesus, Maria e José. Foi um dos fundadores da SAVS – Sociedade de Amigos de Varre-Sai e da Associação Hospitalar de Varre-Sai.

Foi nesse período, dos onze aos dezoito anos, que Memélia, ao auxiliar o pai, folheava os grandes e pesados livros de notas, de registro de nascimentos, de casamentos e de óbitos, anotava tudo que achava interessante e que pudesse contribuir para o registro da história local, como a lista com os troncos dos imigrantes italianos. A partir de 1968, retornou ao serviço cartorário, desta vez, para auxiliar o irmão Getúlio Vargas de Figueiredo que era o titular. Com a nomeação de Getúlio como Juiz Federal de Territórios, foi nomeada responsável pelo expediente e transferiu o Cartório com todo seu acervo, que ainda funcionava na casa de seu avô, para a sua residência a fim de compatibilizar as novas funções com as de mãe e dona de casa. Tempos depois, por determinação da justiça, o cartório foi transferido para Natividade. *Eu ia todos os dias trabalhar em Natividade, mas os livros continuaram aqui em casa, guardados por mim.* Não demorou muito, veio a emancipação política e administrativa e o Cartório retornou para Varre-Sai, continuando em sua casa até sua aposentadoria compulsória em 1999.

D. Amélia costuma dizer que o pai lhe ensinou o trabalho do cartório, de lavrar certidões, escrituras e registros, mas que foi com o povo que lidava diariamente que aprendeu as coisas da vida e as histórias das pessoas da cidade.

O Escrivão antigamente era um cargo muito importante no interior. *Meu pai costumava dizer que era da época em que Varre-Sai possuía apenas três autoridades: o subdelegado, o escrivão e o padre.*

Do antigo Cartório ainda preserva o mobiliário do tempo do avô, e a última máquina de escrever, testemunha silenciosa dos tempos que antecederam ao avanço tecnológico e ao uso do computador, além de um interessante exemplar de telefone de parede, a manivela (f12 e f13).

É detentora de um acervo numeroso de fotografias e documentos, muitos dos quais copiados e expostos no Centro Cultural da cidade. Muito zelosa com suas preciosidades vai logo avisando: *Não costumo abrir meu baú para qualquer pessoa não!* (f14) Encontramos uma poesia, de autor desconhecido que a define muito bem:

Memélia

*Pesquisar seu arquivamento
É reviver Varre-Sai
Com todo seu firmamento*

*Letras e mais letras
Palavras e mais palavras
Frases e mais frases
Textos e mais textos
Foram, por nós, revistos
Jamais serão esquecidos*

*Agradecê-la é muito pouco
O tanto que você nos ajudou
Ao criador iremos pedir
A sua proteção
Por você nos ajudar
O nosso trabalho concretizar*



f12



f13



f14

Histórico

De acordo com Memélia (f15) essa casa foi adquirida por seu sogro para o seu primeiro marido Arlindo de Assis Oliveira (f16). Era propriedade do Sr. Carlos Ferreira Machado e sua esposa D. Mariquinhas (f17), que residiam e mantinham a *Farmácia Santa Margarida*, herdada do sogro. Esse Sr. Carlinhos era conhecido como *o homem alegre que não sabia sorrir*. Nasceu em São Miguel do Veado, hoje Guaçuí-ES, em oito de junho de 1886 e faleceu em seis de agosto de 1941. Casou-se por duas vezes. Primeiro em 18/03/1911, com Lívia Brügger de Oliveira em Varre-Sai e o segundo com Maria Antunes de Siqueira, em 15/05/1924, em Santa Clara.

A Farmácia Santa Margarida era do sogro Sr. Theóphilo Paulo de Oliveira (f18).



f15



f16



f17



f18

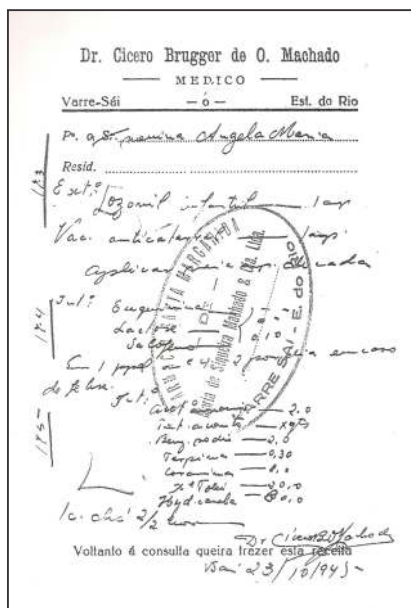
Segundo sua filha Edmêe Siqueira Machado, *partiu (...) daí, talvez, a escolha de sua profissão que já se esboçava como vocação e à qual se dedicou até os últimos dias de sua vida. O que sei é que ele era um homem inteligente, dedicado e com certeza, dotado de qualidades para transformá-lo numa espécie de médico que se atrevia a diagnosticar, receitar, manipular remédios e até executar pequenos e grandes curativos. Acredito que muita saúde foi restabelecida e até vidas foram salvas.* (f19 e f20)

Virou farmacêutico da Pharmácia Santa Margarida, Santa que tutelou seu trabalho dando seu nome e sua proteção, enquanto existiu aquela farmácia e aquele homem corajoso e trabalhador.

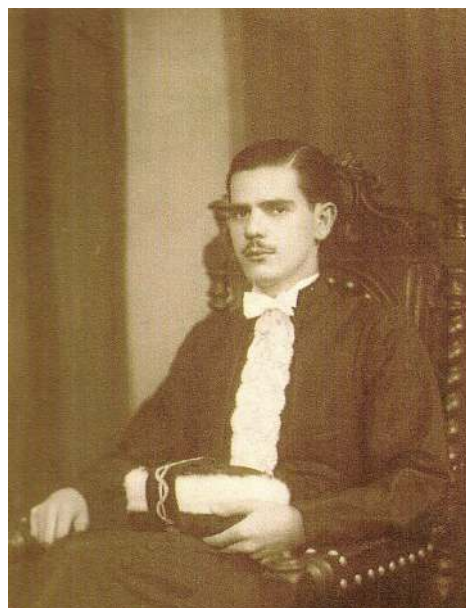
O primeiro médico nascido em Varre-Sai foi seu filho Cícero (f21), formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Retornou após sua formatura em 1936, onde exerceu por muitos anos o exercício da profissão, realizando em parte, o sonho de seu pai.



f19



f20



f21

Bibliografia e Fontes:

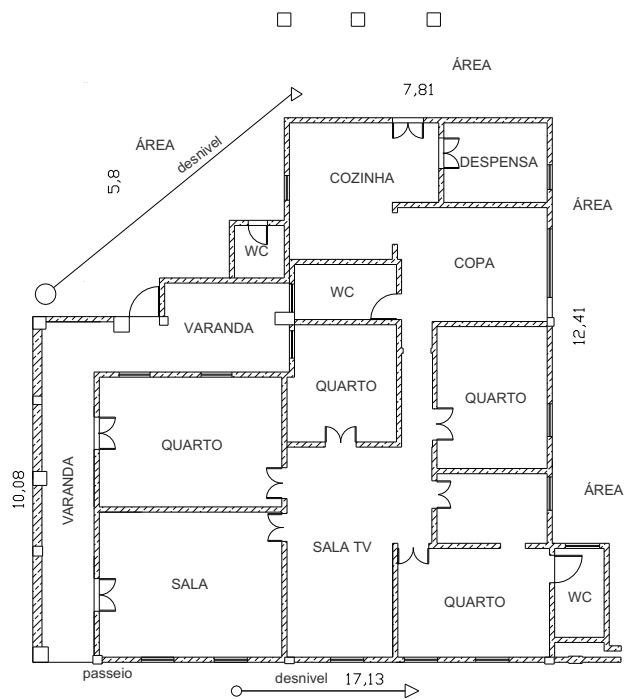
Entrevista com D. Amélia Vargas de Oliveira.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo de Amélia Vargas de Oliveira: f02, f05, f06, f14, f15 e f16.

Planta baixa / residência



CASA DA MEMÉLIA

escala gráfica 0,5 1 5

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação
Casa do Bituta

Localização
Largo Santa Filomena, nº 361

Município
Varre-Sai

Época de construção:
Século XIX (1870/1880)

Estado de conservação:
Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:
Residencial / Residencial-Comercial

Proteção existente / proposta:
Nenhuma

Propriedade:
Herdeiros de Sebastião Oliveira Vargas



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Bituta.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o segundo maior conjunto arquitetônico da cidade. O Largo Santa Filomena fica numa elevação entre a Praça Antonio Camilo, que é um prolongamento da Avenida Felicíssimo Faria Salgado e a Rua José Vargas de Figueiredo (f01).

A casa do Sr. Bituta como é mais conhecida, fica implantada no alinhamento da rua, ocupando toda a parte frontal do lote urbano que possui numa área remanescente de mata nativa, que possui com nascentes d'água e muitas árvores frutíferas (f02).



Vista do conjunto da Praça Antonio Camilo e Largo Santa Filomena.



Google Earth.



f01



f02

Casa desenvolvida numa planta em “L”, com porão habitável, para uso comercial construída sobre platô em aclave, o que determina que a fachada principal apresente porão alto e a parte dos fundos seja térrea.

A fachada principal possui cinco portas de folha cega no térreo. O pavimento superior possui seis janelas internas com duas folhas cegas de abrir, pintadas de azul colonial. Externamente, possui uma interessante janela de guilhotina pintada de branco, sendo metade com caixilho de vidro e metade com venezianas de madeira. Possui cercaduras, vergas e sobrevergas retas, sendo essas últimas em cimalha de estuque pintada de azul e branco (f03).

Esteios e madres também foram pintados de azul colonial, estabelecendo a separação entre o térreo e o pavimento superior.

O telhado em quatro águas é coberto por telhas francesas, arrematado por beiral forrado, seguido de calha (f04).

Posteriormente, na década de 50, foi construída na fachada lateral direita, em substituição ao alpendre original que era em “L”, uma varanda de alvenaria de tijolos com forro de madeira e, na fachada principal, uma larga marquise de cimento armado sustentada por pilares de concreto (f05).



f03



f04



f05

Descrição arquitetônica

Essa marquise atualmente funciona como uma espécie de escudo de proteção do imóvel. Depois que construíram a Praça Antonio Camilo na parte central da rua, o espaço para o tráfego que é de mão dupla diminuiu, fazendo com que veículos maiores passem rente as construções, sobretudo os de carga pesada que utilizam a RJ 214, que liga Varre-Sai ao município de Guaçuí, no Estado do Espírito Santo, recentemente asfaltada.

Destaca-se uma curiosa e bem conservada bomba de querosene instalada junto da calçada do imóvel (f06 a f10).



f06



f07



f08



f09



f10

Descrição arquitetônica

O térreo, onde esteve instalado o Armazém São Sebastião (f11 a f13), preserva o piso de ladrilho hidráulico (f14), o forro do tipo saia e camisa (f15 e f16), além de vitrinas e armações de madeira que serviram ao antigo estabelecimento (f17). As portas possuem uma curiosa abertura, em meio círculo, provavelmente utilizada para promover a circulação do ar (f18).



f11



f12



f13



f14



f15



f16

Descrição arquitetônica

Internamente, a ala principal da casa possui assoalho de madeira, do tipo paralelo (f19) com junta seca e forração do tipo saia e camisa (f20 e f21). Na sala principal da casa, o destaque é para um candeeiro de metal, do século XIX, com manga de opalina, originalmente movido a querosene e adaptado para energia elétrica. Esse candeeiro pertenceu a casa comercial de seu outro avô de origem libanesa Said Antônio (Felício) (f22).



f17



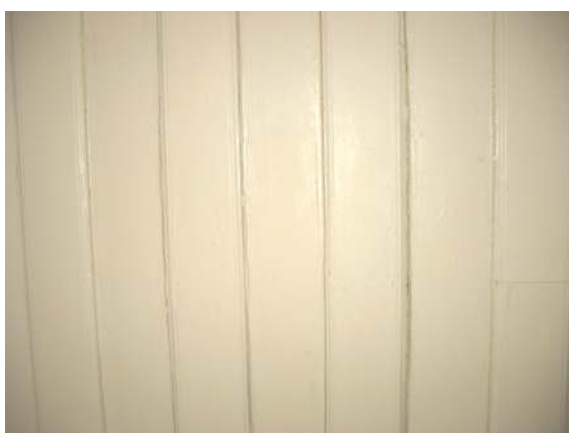
f18



f19



f20



f21



f22

Descrição arquitetônica

Na pequena saleta de entrada, além de conservar a mobília da época (f23), os proprietários mantêm diversos aparelhos antigos como máquina de escrever, aparelhos telefônicos (f24 e f25), moinho de café (f26), prensa para papéis, mata borrão e uma infinidade de fotografias familiares dispostas pelas paredes.

Onde outrora esteve instalada a sala de visitas, atualmente é um arejado quarto (f27), embora tenha-se mantido o quarto principal da residência original.



f23



f24



f25



f26



f27

A ala composta pela copa, cozinha, banheiro e quarto é mais recente, data da década de 60 do século XX e possui elementos marcantes como o acabamento recortado em linhas retas que remete ao gosto déco, como um pequeno pórtico existente entre a copa, quartos e o banheiro (f28). Essa parte da casa é de alvenaria de tijolos com laje em concreto armado (f29). As esquadrias seguiram o estilo da construção com caixilhos de vidro (f30). Na copa há uma clarabóia (f29). Segundo Regina, o pai resolveu reformar a casa e dotá-la de melhoramentos logo após uma visita do Dr. Miguel Couto que para ir ao banheiro na residência do Sr. Bituta teve que passar pela cozinha porque o banheiro era o último cômodo do imóvel. Nesse dia a cozinha estava cheia de mulheres da casa e de empregadas preparando o banquete que seria servido ao Dr. Miguel Couto. Depois desse episódio papai fez a obra, conclui Regina.



f28



f29



f30

A casa ainda possui dois anexos, provavelmente construídos na mesma época da residência, que conservam o telhado de duas águas com cobertura com telhas cerâmicas do tipo capa e canal (f31 e f32) e assoalho com pranchões de madeira (f33), originalmente utilizados como depósitos do armazém para a guarda de sal, cal e cimento. Atualmente são utilizados como biblioteca e sala de estudos (f34), onde Nazira Abib Oliveira Vargas, antropóloga, mantém um vasto e importante acervo bibliográfico, iconográfico e de cerâmicas brasileiras (f35 a f37), artefatos indígenas e artesanato nordestino (f38), adquiridos durante viagens que realizou ao nordeste brasileiro para pesquisas de sua tese. *Isso aqui é um local sagrado! Essas peças não foram simplesmente compradas em feiras e lojas. Eu convivi com os mestres e artesãos que as confeccionaram*, observou a proprietária. Nazira é autora de dois livros: *Beiradeiros do Baixo-Açu*, literatura de cordel, Prêmio Silvio Romero 1986, editado pela FUNARTE em 1987 e *História que o Povo Conta: Opressão & Sobrevivência*, primeiro lugar do Prêmio Concurso de Teses 80/85 da Fundação Joaquim Nabuco. Série Estudos e Pesquisas, 1987. Destaca-se, também, o antigo balcão (f39) do Armazém São Sebastião, conservado pela família. Nazira foi Presidente da SAVS – Sociedade Amigos de Varre-Sai entre 1986 e 1992, época em que o Casarão do Felicíssimo foi adquirido da Mitra Diocesana de Campos pela municipalidade após intenso trabalho de mobilização. Para Nazira não houve campanha com adesão popular tão grande quanto essa realizada para salvar o casarão da destruição.



f31



f32



f33

Descrição arquitetônica



f34



f35



f36



f37



f38



f39

O imóvel está em bom estado de conservação. Uma rampa de acesso foi instalada junto à varanda (f40). Obras de limpeza e pintura são realizadas com frequência, conforme registro fotográfico realizado entre 2001 e 2004 (f41).

No quintal cimentado foi construída outra edificação em dois pavimentos que serve de moradia a membros da família.

O térreo passou por pequenas reformas e adaptações realizadas por inquilinos que o alugaram ao longo dos anos.



f40



f41

De acordo com as irmãs Regina e Nazira Abib Oliveira Vargas, o pai contava que a casa havia sido construída por um português chamado Bento Gonçalves (f42). Era de propriedade de dois irmãos: Bernardino e Antônio de Oliveira Santos, portugueses, comerciantes, proprietários do *Armazém Dois Irmãos*, instalado no térreo do prédio.

Segundo recordações que D. Philomena de Sá Vieira possui dos tempos idos, nessa época do Sr. Bernardino, a casa não possuía banheiro. No Beco da Pendência, atual Rua Bernardino de Oliveira Santos, naquela época não existia casas. Havia uma máquina de arroz localizada mais ou menos na parte central da rua, a nossa casa lá na esquina e a máquina de café do outro lado. Lá na parte de baixo existiam duas privadas. Uma pública, que ficava aberta e, outra fechada a chave, que pertencia ao Capitão Bernardino de Oliveira Santos e a sua família. De modo que para usá-la, eles tinham que andar bastante e não podiam se esquecer de trazer a chave. Os dejetos eram despejados numa valeta que desembocava no Ribeirão Varre-Sai.

Tempos depois, seu avô, João de Oliveira Vargas, adquiriu a casa de Romário de Oliveira Santos, filho de Bernardino. Na partilha dos bens, o imóvel coube a seu pai Sebastião Oliveira Vargas (f43), carinhosamente conhecido por Bituta que manteve em funcionamento o *Armazém São Sebastião* que, naquela época, comercializava de tudo um pouco: tecidos, querosene, gasolina, louças, ferragens, ferramentas agrícolas e gêneros alimentícios. Eram os chamados secos e molhados.



f42



f43

Segundo Regina, a sala de visitas era forrada com papel de parede português com motivo pastoral.

Na varanda há pendurado uma placa de madeira vazada com uma flor de lis, que é uma figura heráldica muito associada à monarquia francesa que, segundo Regina, era usada como símbolo da casa (f44).

Regina nos contou que quando eram crianças e faziam arte o irmão mais velho logo falava: *Olha o Chico Bento!* Referindo-se ao construtor da casa.

Sebastião Oliveira Vargas, filho de João Oliveira Vargas e Balbina de Assis, mais conhecida por Dona Bininha, casou-se com Nazira Abib Vargas (f45). Desta união nasceram seus filhos: Nazira, Sebastião, João Said, Maria, Neila e Regina.

Projetou-se na política pelo antigo PSD. Foi vereador em Natividade entre 1948 e 1960, período em que lutou e conseguiu dotar Varre-Sai de muitos melhoramentos como: Serviço Telefônico da Light, calçamento dos primeiros logradouros do perímetro urbano, construção de escolas municipais em Cruz da Ana e a da Prata, solicitação ao governador do Estado para a construção do Grupo Escolar Dr. Miguel Couto Filho, dentre outras inúmeras obras e realizações em prol da população de Varre-Sai. Em 1948, ao lado de outros varrissaenses, idealizaram a criação de uma associação que teria por meta a construção de um hospital e a emancipação política e administrativa do município de Natividade. Assim surgiu a SAVS – Sociedade Amigos de Varre-Sai, uma entidade suprapartidária, sem credo e independente. Bituta, recém eleito vereador, com expressiva votação de seus conterrâneos, (...) *teve a sabedoria e dignidade de não propor seu nome entre os membros da primeira diretoria executiva da SAVS tendo em vista não permitir que à associação nascente, fosse dado qualquer caráter político partidário. A esse gesto de grandeza e sabedoria se explica o fato de não ter sido Sebastião de Oliveira Vargas integrante da primeira diretoria executiva da SAVS.* (1). Com a emancipação foi eleito, em 1992, primeiro vice-prefeito de Varre-Sai, época em que também participa do projeto que transformou o Casarão do Felicíssimo em Centro Cultural que atualmente leva o seu nome, como reconhecimento aos serviços prestados a um dos mais atuantes filhos de Varre-Sai (f46). Durante a solenidade de entrega do título de Sócio Honorário, conferido pela SAVS, proferiu a seguinte declaração que escolhemos para encerrar esse pequeno histórico: *Tudo o que me foi possível fazer, eu fiz. Mas tudo só se tornou possível, graças a união e idealismo de alguns companheiros. Em meu nome, e em nome deles, recebo e agradeço esta homenagem.* (2).



f44



f45



f46

Bibliografia e Fontes:

(1 e 2) Artigo de Nazira Abib Oliveira Vargas, publicado Jornal A Folha, Páginas 06 e 07, Ano XVII, nº 369, de 08/03/1997, propriedade da Editora Folha Paduana Ltda.

Entrevistas com Nazira e Regina Abib Oliveira Vargas.

Jornal A Folha, Ano XVII, nº369 de 08 de março de 1997.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

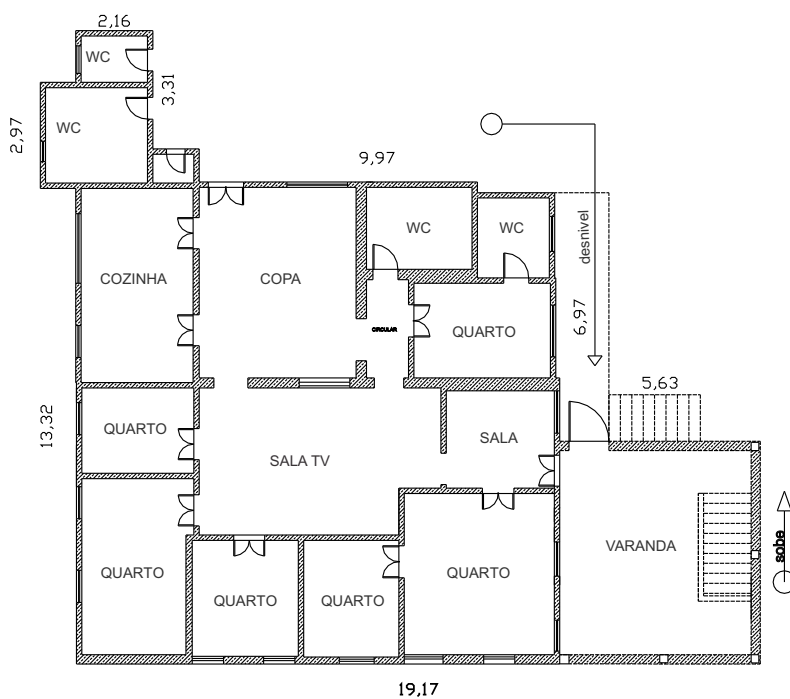
Fotografias:

Acervo de Nazira Abib Oliveira Vargas: f11, f42, f43, f44 e f45.

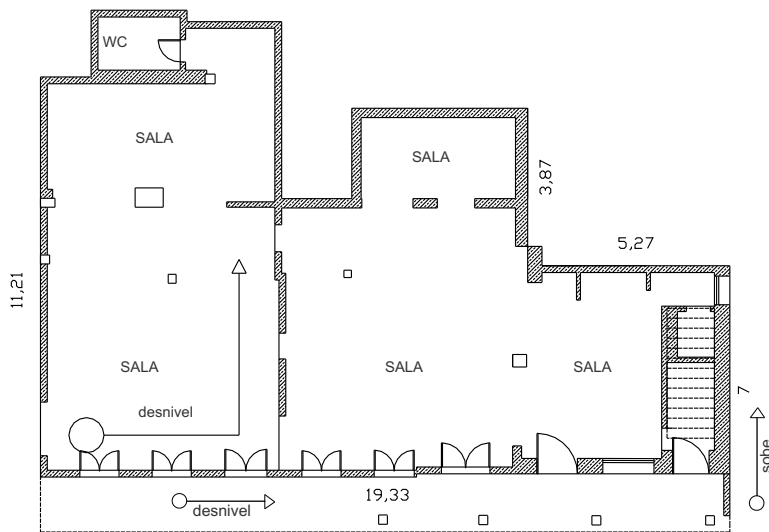
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f41.

Acervo de Francisco Bernardino de Oliveira Poli: f42.

1º Pavimento



Térreo / Lojas



CASA DO BITUTA

escala gráfica 0,5 1 5

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Biblioteca Municipal Professora Helena Magalhães Giovanini

Localização

Largo Santa Filomena, nº 43

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Biblioteca-Comercial-Residencial / Residencial-Comercial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Herdeiros de Maria Siqueira Machado



Planta Esquemática



Fachada da Biblioteca Municipal.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Praça Antônio Camilo, exatamente na elevação onde tem início o Largo de Santa Filomena (f01). A calçada frontal se desenvolve em três níveis, em extensos degraus, de forma a permitir o acesso ao seu interior. A casa está situada em terreno em acive possuindo amplo pomar aos fundos. Ao lado, está localizado o imóvel nº 83 (f02), também de propriedade da família que, apesar de ter passado por muitas intervenções conforme atesta fotografia da época (f03) contribui para a valorização do referido conjunto. (Esse imóvel, segundo D. Philomena de Sá Vieira, pertenceu ao Sr. João Evangelista, também conhecido por Janjão, que era carpinteiro e que mantinha uma oficina no térreo e residia na parte de cima.)



Vista do conjunto da Praça Antônio Camilo e do Largo Santa Filomena.



Google Earth.



f01



f02



f03

De acordo com iconografia da época (f04), o sobrado original, com sua arquitetura impregnada pela linguagem do ecletismo, era constituído por um corpo principal, com dois pavimentos e um anexo lateral, que possuía apenas 1 pavimento, recoberto por um terraço.

Sobre o antigo terraço foi acrescentado mais um andar resultando na conformação plástica atual, que reúne num único volume, com uma mesma modenatura de vãos e mesmo colorido, dois blocos distintos em alvenaria de tijolos, com tratamentos estéticos diferenciados nos respectivos panos de fachada.

O bloco maior, correspondente ao corpo principal, possui no térreo, três portas de duas folhas, almofadadas, em arco pleno, com bandeiras em leque (f05) e requadro de massa. Este mesmo detalhe se repete nas janelas do andar superior, acrescentadas externamente por folhas em veneziana e caixilhos de vidro (f06). Logo abaixo do peitoril, barras de alvenaria simulam um guarda-corpo gradeado.

No bloco menor, que sofreu acréscimos, os vãos das portas mantiveram o mesmo padrão, mas tiveram substituídas as folhas cegas por esquadrias com venezianas de madeira e vidro, sendo que suas janelas receberam uma delicada sobreverga em massa (f07).



f04



f07



f05



f06

Descrição arquitetônica

Os dois blocos têm o enquadramento de suas fachadas bem marcado pela presença de largos cunhais, encimados por vasos decorativos e embasamentos ressaltados em massa (f08), além de coroamentos distintos.

A platibanda do corpo original principal é centralizada por um frontão em meio círculo, possuindo uma cartela com a data da construção “1917”, e as iniciais “JRS” aplicadas sobre uma placa (f09).

O telhado que o recobre é de duas águas com telhas tipo italiana e beiral forrado (f09 e f10).

No coroamento do segundo bloco, a platibanda segue vazada por uma balaustrada que o arremata.

O acesso ao segundo pavimento é realizado por uma escada externa localizada do lado direito da construção (f11) que, primitivamente, além de conduzir à entrada da residência levava também ao terraço ali instalado, conforme atestam os registros fotográficos da época (f04).



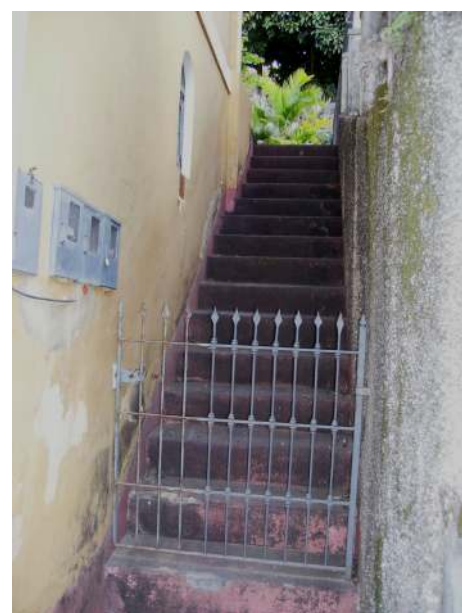
f08



f09



f10



f11

Posteriormente, no lugar onde esteve o primitivo terraço foi construído um cômodo fechado, com entrada independente da residência, talvez para ser usado como escritório ou consultório (f12). O terraço foi reconstruído acima desse cômodo, ficando paralelo à cobertura do imóvel (f13), atualmente acessado através de uma escada triangular de ferro fundido (f14), de onde se tem uma vista privilegiada do trecho central da cidade. Essa parte da construção possui um pequeno caramanchão (f15) e uma passagem que, por meio de uma escada, liga essa casa ao imóvel ao lado (f16 e f17).

Internamente possui três tipos de pisos: uma parte recebeu assoalho com madeira, do tipo pranchão (f18); outra com parquet, composto de tacos de madeira (f19) e um terceiro, de ladrilho hidráulico utilizado no revestimento do banheiro (f20), da cozinha (f21) e da parte comercial no térreo, tendo numa das portas a data da construção do imóvel (1917) (f22). As portas internas possuem bandeiras de vidro (f23).



f12



f13



f14



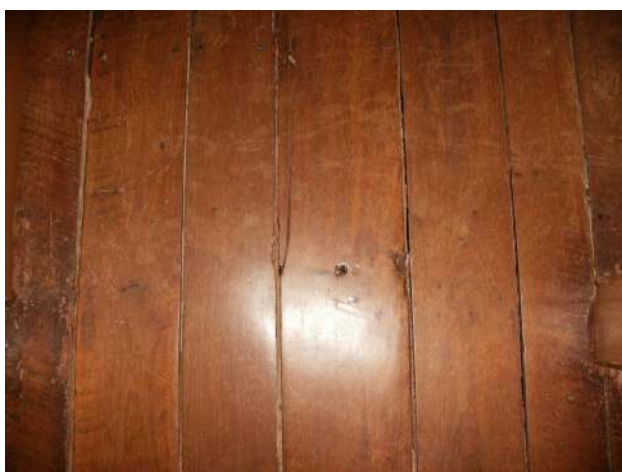
f15



f16



f17



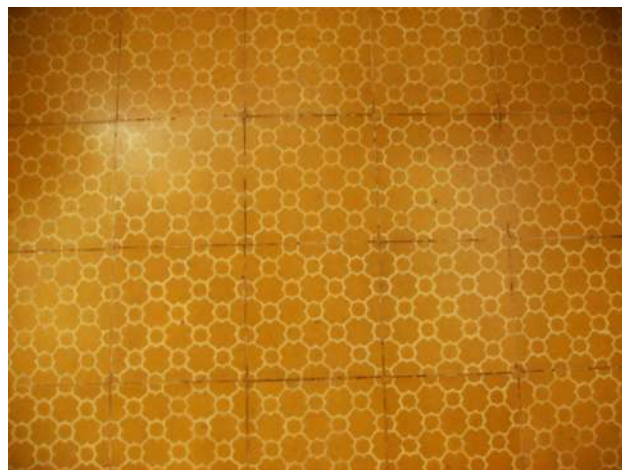
f18



f19



f20



f21

Descrição arquitetônica

A forração de madeira é do tipo paulista, arrematado por uma estreita moldura ou aba, pintado de rosa antigo (f24). Destaca-se o grande lustre de ferro instalado na sala de jantar (f25).



f22



f23



f24



f25

Um pequeno acréscimo foi realizado na parte dos fundos da residência para instalação de uma copa, de uma cozinha e de outro banheiro, seguindo, contudo, a mesma linha arquitetônica utilizada na construção do imóvel (f26).

O banheiro primitivo, que recebeu nova instalação hidráulica aparente (f27), mantém a antiga banheira estilo vitoriano em ferro fundido esmaltado, embutida num box com revestimento de azulejos (f28) e aquecedor a gás.

O estado de conservação do imóvel é bom. Verificamos que pequenas obras foram realizadas a fim de adaptar o imóvel construído na segunda década do século XX às necessidades de seus proprietários, sem perder, contudo, as características arquitetônicas originais.



f26



f27



f28

Na sala de entrada da residência há uma placa de madeira onde se lê o seguinte: *Casa construída em 1917, por J. R. Santoro. Reformada no período de 1986-1994; consoante manifesto desejo da proprietária Maria Siqueira Machado (*1906 + 1982) a quem rendem sincera homenagem seus filhos Edimêe e Luiz. Rua Felicíssimo Faria Salgado, 43 – Varre-Sai – RJ (f29).*

Não se sabe ao certo o motivo pelo qual levou o proprietário, o farmacêutico Joseph R. Santoro a leiloar o imóvel (f30 e f31). Muito embora algumas pessoas acreditem que tenha sido por dívidas acarretadas com a construção do referido imóvel, Joseph R. Santoro publicou uma nota de despedida no *Jornal A Vedeta*, nº 5, Ano 21, de 30 de julho de 1922, justificando que não sendo possível despedir de todos os amigos e clientes que fez no distrito de Varre-Sai e no município de Itaperuna no momento de transferir sua residência para a Capital Federal, o fez por meio do já citado *Jornal*, ao mesmo tempo em que colocou a disposição de todos a sua *Pharmácia Phenix*, instalada na Avenida Mem de Sá, nº 11. Declarou ainda que (...) *desta terra abençoada e próspera só levo saudades e recordações. Natividade, 24/07/1922.* Ainda no mesmo *Jornal*, declara que tendo concluído um acordo com seu sucessor, Sr. Sylverio J. de Vargas Netto, autorizava o mesmo a receber as contas que ainda estavam por serem liquidadas, ao mesmo tempo em que se alguém se julgasse seu credor que apresentasse as contas para serem igualmente saldadas. O certo é que o mesmo foi rifado pelo valor de dez mil réis cada bilhete, pela Loteria de São João do ano de 1922. No final de nossa pesquisa, soubemos através do Sr. Carlos Monerat que o bilhete com o número sorteado não foi vendido. Santoro continuou sendo o proprietário do imóvel e o vendeu posteriormente.



f29



f30



f31

D. Philomena de Sá Vieira confirma o funcionamento da escola pública no segundo pavimento do prédio, que só ia até a terceira série primária. *Eu mesma estudei lá. As professoras vinham de fora, a maioria era de Campos. Lembro-me de D. Salvadora Agda de Assis, D. Gabriela Brandão, também conhecida por Bilé, D. Leonor Viana e de D. Elizabeth Gatto. Quando ela chegou houve até um caso muito engraçado. Havia um menino, um aluno, na janela. Ao se apresentar, pronunciou seu nome Elizabeth Gatto e o menino disse: miau!* Houve um período, quando Varre-Sai já era um pouco maior e tinha escola particular e pública em que os alunos usavam uniforme que eram iguais: azul marinho e branco. A única diferença era que o da escola particular tinha um coletinho azul marinho. Essa escola era da D. Vivina de Aquino, tia do músico Baden Powell.

Posteriormente a casa foi adquirida pelo Sr. Sebastião Machado de Moraes (*14/04/1895 +8/06/1967) (f32), filho de Virgínia Machado Rodrigues (*11/05/1868 +05/03/1964) e de Manoel Rodrigues de Moraes, popularmente conhecido como Zeca Nunes, proprietários da Fazenda do Paraíso (f33), adquirida em 1915 do Sr. João Carlos Machado (*1/04/1863 + 3/11/1948), pai do Sr. Carlos Ferreira Machado (f34), irmão de D. Virgínia. Sr. Sebastião, mais conhecido como Tião Nunes, foi casado com D. Dalila Assis, com quem constituiu numerosa família. Casou-se em 1946 (f35), em segundas núpcias com a viúva de seu primo Carlos Ferreira Machado (*08/06/1886 +06/08/1941), mais conhecido como “seu” Carlinhos, Maria de Siqueira Machado (f36) (*28/03/1906 + 15/05/1983), que passou a ser Maria de Siqueira Moraes, conhecida como Dona Mariquinha, filha de Porphírio Antunes de Siqueira e Ana Maria de Siqueira.



f32



f33

Os proprietários guardam importante acervo composto de documentos familiares destacando-se uma carta datada de 11 de novembro de 1944, em que a remetente diz ter recebido notícias de um parente ou amigo que dava notícias da II Guerra Mundial (f37 e f38); fotografias de vistas panorâmicas de Varre-Sai de diferentes épocas; móveis; um grande baú (f39); além de louças como um pote de porcelana que pertenceu a Farmácia Santa Margarida (f40), um jarro com bacia de porcelana inglesa (f41); um pequeno oratório de parede (f42) e de muitas outras peças que compõem a coleção da família (f43).



f34



f36

Varre-Sai, 11 de Novembro de 1944
 Saudosa Siginha.

Que estejam bem é o que posso desjar-lhes primeiramente. Aqui sempre no mesmo ciclo vicioso: come-se, trabalha-se e dorme-se.

Contão, madame, já te acostumaste aos tumultos da cidade macarrilhoza? Bem aí estão, se Deus quizer.

O meu casamento está marcado p^a 14 ou 15 de Junho, depende do padre. Espero que não faltem, lembra-te porém, que deves vir muito antes pois que corral na panela.

Siginha, gostei imenso da fazenda que compraste para Filomena, tanto que ela depois de muita insistência resolveu cedê-la-me. Pedi-me contudo que te escrevesse, para ver se encontra igual, ou parecido. Ela não quer estalampado grande. Eu não te encomendei porque vou quarta-feira para Siquiera-Bompos, e não tenho tempo de esperar. Filomena pede-te para mandar a fazenda, o sapato e o preço dos dois cortes, tudo com a maior brevidade.

Ficou a cáda do bomcado. Linda bem que ele lá da Europa tenha se lembrado de nós. Temos rezado muito por ele, aliás euço quasi sempre os comentários

f37

Sebastião Machado Morais
 e
 Maria Siqueira Morais

participam o seu casamento
 realizado em 14.7.1946

VARRE SAE E. DO RIO

f35

de guerra e tramo ao euvie os nomes dos mortos.
 Todos te mandam lembranças.
 Sem mais, agradece-te a sobrinha
 Edmê
 Recomendações ao "laxeta" como escreveu o lamcado.

f38



f39



f40



f41



f42



f43

A título de curiosidade, reproduzimos aqui uma cópia de uma carta, datada de 13 de abril de 1954, encaminhada pelo Sr. Sebastião Machado de Moraes ao Governador do Estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto, solicitando a intervenção do governo estadual para coibir as bancas de jogos de azar e o meretrício ocorrido no lugar denominado Cruz da Ana, situada na Fazenda do Paraíso, de sua propriedade, onde acontecia, anualmente, entre os dias primeiro e três de maio, uma grande romaria com milhares de pessoas provenientes de todo o Brasil e da resposta encaminhada em nome do Governador pelo Secretário de Governo, Demerval Moraes, em que o mesmo acusa o recebimento da carta e comunica que providências serão tomadas pelo Delegado de Polícia de Natividade (f44 e f45).

No térreo do imóvel já funcionaram diversos estabelecimentos comerciais e órgãos públicos. O primeiro, em 1917, foi a farmácia do proprietário J. R. Santoro, anteriormente instalada no porão do casarão do Felicíssimo de Faria Salgado, onde hoje é o Centro Cultural da cidade. Tempos depois ali funcionou o primeiro posto de saúde de Varre-Sai, dirigido pelo médico Cícero Brugger de Oliveira Machado (f46 a f48).

Sediou também a farmácia do Sr. Domingos Janotti e a farmácia do Sr. Luiz Siqueira. Houve um período que foi até Posto Policial. Sobre essa época, Jamilton Vieira nos contou um caso de um policial que foi assassinado na escada do prédio. Durante sua infância, as crianças da época subiam o morro do cemitério para escorregar na casca do cacho que dá numa espécie de palmeira. Numa dessas vezes um brilho intenso, vindo de uma árvore do cemitério despertou atenção da garotada, que provavelmente ficou mais forte por entrar em contato com o sol. Imediatamente, essas crianças assustadas, chamaram alguém da Farmácia Vieira para verificar, oportunidade em que ficou constatado existir no oco daquela árvore um punhal, que foi imediatamente atribuído ao assassino do policial, que segundo consta teria fugido pelo cemitério.

Varre-Sai, 13 de abril de 1954 .

Exmo. Snr. Almirante Ernani do Amaral Peixoto,
Dignissimo Governador do Estado do Rio de Janeiro.

Niteroi.

Com todo respeito a V. Excia. e ao vosso digno Governo, venho expor ~~aspás~~ o seguinte:
Sou proprietário da Fazenda do Paraizo onde se encontra a denominada Cruz da Ana e que todos os anos de 1º a 3 de maio ali se ocorre em grande romaria milhares de pessoas vindas de todos os recantos do Brasil. Infelizmente dentre essas inumeras pessôas muitos são os jogadores e exploradores do povo que acompanhados de suas bancas de jogos de azar e proibido por lei, aqui vem localizar protegidos pelas autoridades civis e militares interessados nas polpudas gratificações, não respeitando os meus direitos de protestos como proprietario dos terrenos e muito menos aos protestos das autoridades eclesiasticas.
É testemunha destas fatos o então Secretario do Interior e Justiça que por certa vez apreendeu varias bancas de jogos de azar, quando visitava dita Cruz.

Assim, venho solicitar de V. Excia. que faça proibir terminantemente os jogos de azar e o meretrício que anteriormente vinham sendo permitidos pelas autoridades civis e militares do municipio, durante os dias primeiro e três de maio, época em que se ocorre a romaria no lugar denominado Cruz da Ana, na fazenda do Paraizo, de minha propriedade.

Estou certo de ^{que} logo agora V. Excia. tem conhecimento da coopartipação das autoridades Estaduais em tão vergonhosa e deprimente exploração do povo humilde desta zona, e, por este motivo evitará a repetição de tais fatos, neste ano com as energicas providencias antes do dia primeiro de maio.

Sou de V. Excia., amigo, admirador e corregionário

(Sebastião Machado de Moraes)

f44

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DO GOVERNO
GABINETE DO SECRETARIO

Niterói, 5 de maio de 1954.

Ilmo. Sr. Sebastião Machado de Moraes.

Em nome do Sr. Governador, acuso o recebimento da carta em que solicitais providências a fim de ser proibida a prática de jogos de azar e do meretrício que se tem verificado todos os anos, de 1º a 3 de maio, por ocasião da romaria à "Cruz da Ana", que se encontra na Fazenda Paraíso, de vossa propriedade.

Em resposta, comunico-vos que o Secretário de Segurança Pública determinou ao Delegado de Polícia de Natividade do Carangola fossem tomadas medidas a respeito.

Cordiais saudações,
Demerval Moraes,
Secretário do Governo.

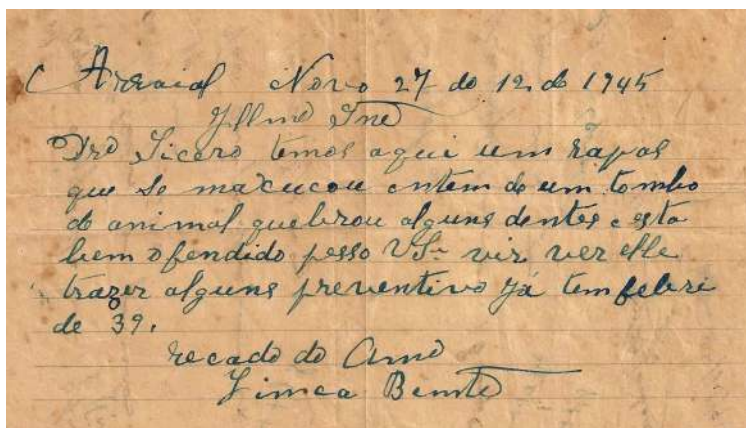
aan/aan

f45

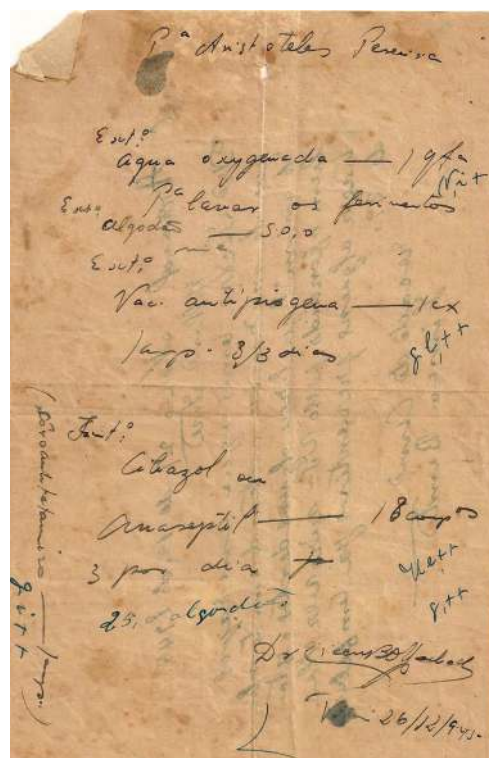
Atualmente, no térreo, funciona a Biblioteca Municipal Professora Helena Magalhães Giovanini (f49 e f50). Antes de abrigar a biblioteca funcionou como farmácia, Secretarias Municipais de Administração e de Turismo.



f46



f47



f48



f49



f50



f51 - Conjunto da Av. Felicíssimo de Faria Salgado, Praça Antônio Camilo e Largo Santa Filomena.



f52 - Números 83 e 43 do Largo Santa Filomena.



f53 - Detalhe externo da mureta balastrada.



f54 - Detalhe da fachada lateral esquerda.



f55 - Detalhe do quintal.



f56 - Detalhe do jardim existente entre os números 83 e 43.



f57 - Detalhe da forração interna.



f58 - Detalhe da cozinha primitiva.



f59 - Detalhe da entrada do número 83.

Bibliografia e Fontes:

Acervo da família.

Entrevista com D. Vivalda Moruci Machado, Jamilton José Vieira e D. Philomena de Sá Vieira.

MACHADO, Edimêe Siqueira, Seu Carlinhos - O homem alegre que não sabia sorrir, Varre-Sai, 2007.

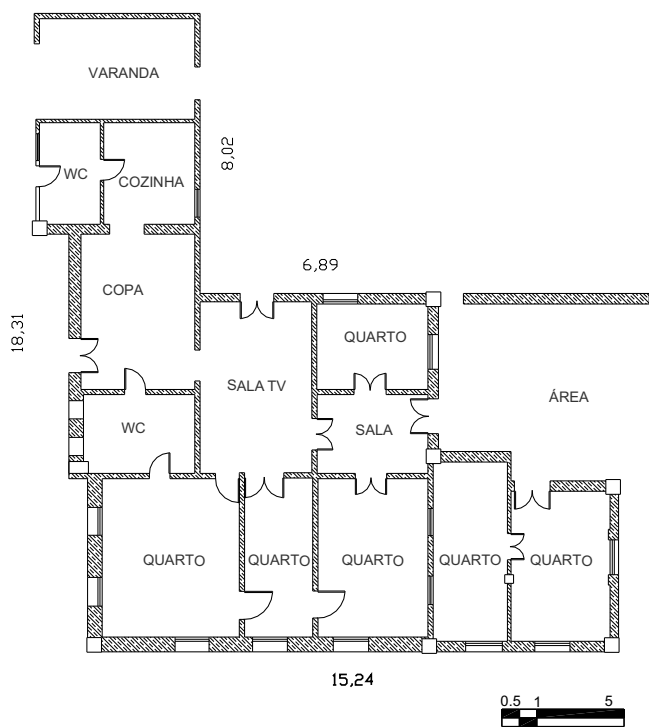
Fotografias:

Acervo de D. Vivalda Moruci Machado: f03.

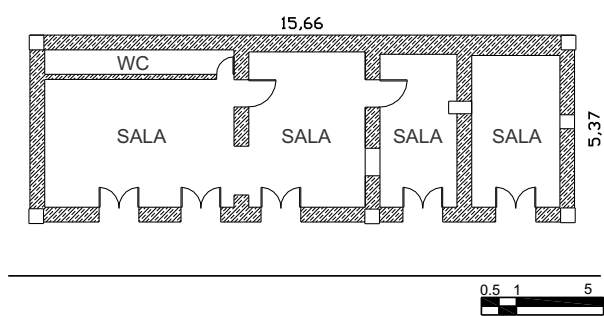
Acervo da família: f04, f31 a 38, f44 a f48.

Acervo do Museu de Natividade: f30.

1º Pavimento



Térreo / biblioteca



*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação
Bar do Sapato

Localização
Largo Santa Filomena, nº 82

Município
Varre-Sai

Época de construção:
Século XX

Estado de conservação:
Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:
Comercial / Comercial

Proteção existente / proposta:
Nenhuma

Propriedade:
Maria Elmira Rosa Corrêa



Planta Esquemática



Fachada do Bar do Sapato

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico do Largo Santa Filomena, localizado numa pequena elevação, próximo a igreja do mesmo nome.

Construção de frente de rua, de pequenas dimensões, junto ao alinhamento da calçada, colada nas divisas, que se estende até o fundo do terreno, em declive.



Vista do conjunto do Largo Santa Filomena.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Construção térrea de uso comercial e arquitetura singela. Sua pequena fachada possui dois vãos de portas vedados por folhas cegas. O único elemento decorativo que se destaca é a platibanda alteada que forma um quadro único de fachada, marcado por acabamento recortado em linhas retas. Este detalhe típico do estilo déco, é muito encontrado na região noroeste do Estado do Rio de Janeiro, sobretudo a partir das décadas de 30 e 40 do século XX, em substituição ao colonial mineiro que predominava na composição das fachadas, legado da colonização mineira dos séculos XVIII e XIX (f01).

Seu interior possui uma pequena saleta (f02), seguido de uma sala maior onde ficam o balcão e as mesas. Um pouco mais ao fundo estão localizados os banheiros. O piso é de madeira do tipo aparelhado.



f01



f02

Estado de conservação

O estado de conservação do imóvel é bom. A proprietária empreendeu recente reforma no local como pintura interna e externa (f03 e f04).



f03



f04

O Betu's Bar, atualmente conhecido por Bar do Sapato, foi fundado por Antonio Alberto de Oliveira Rosa, filho de D. Hilma de Oliveira Rosa, em 1977. O local era ponto de encontro da mocidade varrissaiense e por todos que visitavam a cidade. O bar fechou em 1984 devido ao falecimento de seu fundador e proprietário. Em 1985 foi reaberto pela irmã de Antonio Alberto, Maria Elmira Rosa Corrêa, que o manteve em funcionamento até 1991, quando o fechou novamente. Em 1993, atendendo a forte apelo popular, sobretudo dos mais jovens que ouviam sempre alguém falar do bar, realizaram um abaixo-assinado, que contou com mais de mil assinaturas para que Maria Elmira o reabrisse novamente. Então, no dia 12 de dezembro de 1993, por vontade popular (f02), como está registrado numa pequena placa afixada no portal de entrada, foi reaberto para felicidade dos mais novos e alegria dos saudosistas de então, o Betu's Bar.

O local anteriormente era utilizado como depósito de materiais e, tempos depois, como sapataria.

Desde que foi reaberto, sua proprietária decorava o ambiente com variados temas. Em 1998 inovou com uma curiosa decoração feita com sapatos que despertou atenção da comunidade e também das cidades vizinhas, talvez pela sua originalidade (f05).



f05

De acordo com Maria Elmira, o tema foi escolhido para homenagear um andarilho, descendente de ex-escravos, de nome Salvador, nascido em 1880 e falecido em 1979 (f06 e f07) e que, segundo ela, fez parte do imaginário de crianças de diversas gerações. Pacífico, quase não falava. Trajava-se de trapos. Dentre seus pertences carregava muitas latas e panelas velhas. Por toda sua existência nunca calçou um par de sapatos, motivo que fez Maria Elmira escolher esse tema como forma de homenagear uma figura tão marcante de sua infância.



f06



f07

Atualmente, o espaço transformou-se numa grande instalação artística de Jamilton Vieira com sapatos de todos os tipos, modelos, épocas, tamanhos, cores e materiais que foram doados pelos frequentadores e pela população de Varre-Sai que logo entendeu o espírito da homenagem (f08).

SALVADOR(1880 – 1979)

PÉS DESCALÇOS

DANÇA MISTERIOSA

ENCANTO DA CRIANÇADA

PÉS DESCALÇOS

PASSOS MANÍACOS

PÉS DESCALÇOS

PASSOS E COMPASSOS

PÉS RITUAL PASSOS

PASSOS PASSOS PASSOS PASSOS

PASSOS PASSOS PASSOS PASSOS

PASSOS PASSOS

Instalação Artística - Jamilton Vieira.

O Bar do Sapato possui um cardápio especial e original. Dentre as bebidas o destaque é para o vinho de jabuticaba feito em Varre-Sai.



f08

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Maria Elmira Rosa Corrêa

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo do Bar do Sapato: f07



*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Casa da D. Hilma

Localização

Largo Santa Filomena, nº 04

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Maria Elmira Rosa Corrêa



Planta Esquemática



Fachada da Casa da D. Hilma

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel está localizado numa pequena elevação no Largo Santa Filomena, próximo à igreja do mesmo nome. Outros imóveis do entorno compõem o conjunto de bens arquitetônicos que conferem a Varre-Sai características únicas.



Vista do conjunto do Largo Santa Filomena.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Casa térrea, construída sobre terreno em declive, com uma linguagem arquitetônica despretensiosa característica do final do século XIX, do tipo chalé, com telhado coberto com telhas do tipo capa e canal, arrematado por beiral forrado (f01).

Destaca-se na sua fachada frontal, intencionalmente, como uma pequena vitrine, um recorte (prospecção) na alvenaria, que deixa a mostra a tecnologia construtiva do adobe (f02).

O imóvel possui duas janelas e uma porta, ambas de duas folhas cegas com bandeiras de vidro (f03 a f06). Telhado em duas águas coberto por telhas cerâmicas do tipo capa e canal, arrematado por beiral forrado.

Possui assoalho do tipo paralelo de junta seca (f07). Alguns cômodos possuem forração original em madeira, outros, mais recentes em PVC. As portas internas são de duas folhas sem bandeira (f08).



f01



f02



f03



f04

Descrição arquitetônica



f05



f06



f07



f08

Estado de conservação

O imóvel ao longo dos anos passou por obras de melhorias e acréscimos como a reforma do banheiro. Atualmente, a casa se comunica pela parte dos fundos com o imóvel ao lado onde está instalado o tradicional *Bar do Sapato*. Nessa parte da construção a proprietária mantém uma ampla cozinha que atende ao bar. A copa, a cozinha e a área de serviços foram revestidas com piso cerâmico. O estado geral de conservação é bom.

Na casa de D. Hilma de Oliveira Rosa (f09) funcionou o posto da Companhia Telefônica Brasileira - CTB, instalado em 10 de agosto de 1948. D. Hilma foi a primeira e única telefonista de Varre-Sai porque tempos depois o serviço foi desativado.

D. Hilma nasceu em Cachoeiro do Itapemirim a 12 de novembro de 1920 e mudou-se para Varre-Sai com apenas seis meses de idade. Casou-se em 03/12/1941 com seu Altayr de Oliveira Rosa, filho de Alberto de Oliveira Santa Rita e de Rita de Cássia Avelar Santa Rita, a D. Ritinha do Hotel, com quem teve quatro filhos: Ana Maria, Antonio Alberto, Maria Elmira e Rita de Cássia. Sr. Altayr era alfaiate e vendedor de utilidades domésticas. Foi o primeiro servidor público da CEDAE de Varre-Sai. Foi Juiz de Paz, membro do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB e um dos líderes do movimento pela criação do Ginásio de Varre-Sai, atual Instituto Educacional João XXIII.

Do histórico de D. Hilma exposto no Centro Cultural consta o seguinte: *Foi uma figura de destaque na vida do lugar. Em época anterior aos telefones residenciais, ao celular e internet, D. Hilma era a telefonista da cidade, a dona do PS1, o local de ligação de Varre-Sai com o resto do Planeta e foi uma vida de total dedicação a esse Ofício. Foi também bilheteira, vendia passagens para o Rio de Janeiro e Niterói, época esta da linha de ônibus Alegre-Rio, da Auto Viação Natividade.*

D. Hilma faleceu aos oitenta e nove anos e deixou muitas saudades. *D. Hilma, uma lição de vida, de bom humor, de amor à família, ao trabalho, aos seres humanos. Ela era do bem e vivia em paz entre os seus. Agora fica a lembrança dos bons momentos vividos com ela. Alô, PS1 Varre-Sai, bom dia!* Conclui o texto de autor desconhecido em exposição no Centro Cultural em homenagem a primeira telefonista da cidade.



f09 - Dona Hilma.

Bibliografia e Fontes:

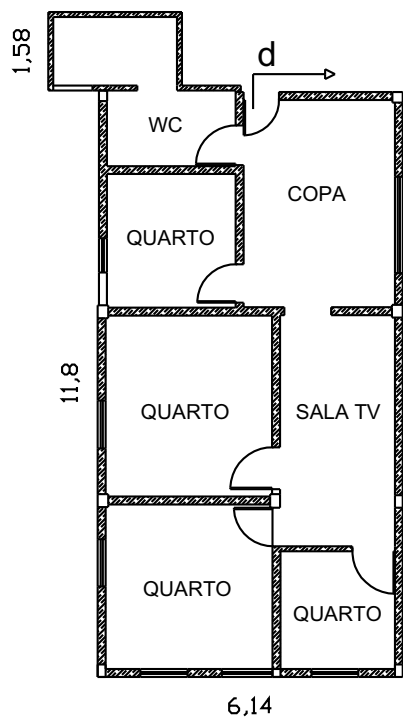
Entrevista com Maria Elmira Rosa Corrêa

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais Edilma Fontes Vargas Martins.

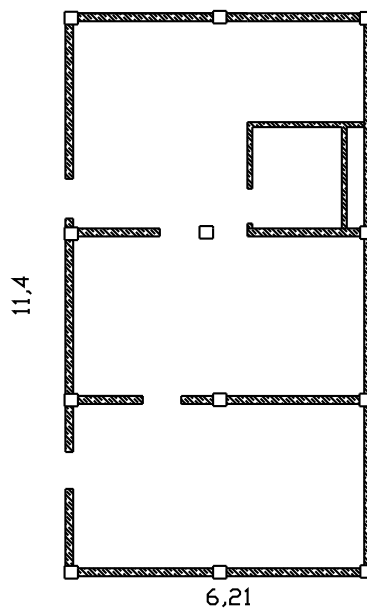
Fotografias:

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f09

Planta baixa / residência



Porão



CASA DA D. HILMA

escala gráfica 0,5 1 5

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Igreja de Santa Filomena

Localização

Largo Santa Filomena, s/nº

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX - 1950

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

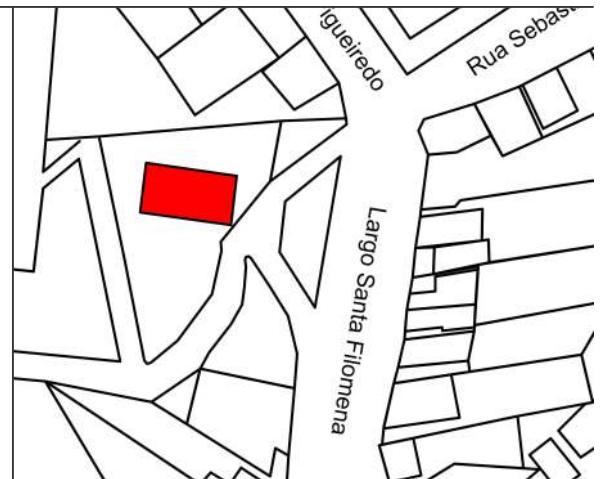
Templo Religioso / Templo Religioso

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Mitra Diocesana de Campos



Planta Esquemática



Fachada da Igreja de Santa Filomena.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A Igreja de Santa Filomena foi construída numa elevação localizada no Largo que leva seu nome, ao lado da primitiva capela, exatamente onde termina a Praça Antônio Camilo e onde inicia a Rua José Vargas de Figueiredo. Duas rampas calçadas com paralelepípedos levam ao adro da Igreja (f01). Do lado esquerdo, um pouco mais acima, localiza-se o cemitério municipal (f02 a f04), (...) *A saída do mundo dos vivos se faz pelos fundos da Igreja de Santa Filomena, situada no plano Oeste da serra que margeia o vale. (...) (1).*



Vista do conjunto do Largo Santa Filomena e da Rua José Vargas de Figueiredo.



Image © 2011 GeoEye

© 2010 Google

Data das imagens: 2/15/2010 2007

20°55'44.04"S 41°52'11.17"O elev 674 m

Altitude do ponto de visão 970 m

Google Earth.

Características do lote



f01



f02



f03



f04

A Igreja de Santa Filomena é uma construção muito atípica. Foi erguida durante a década de 50 para substituir a pequena capela de madeira construída no início do século XX que não mais comportava seus fiéis (f05).

Seu estilo é eclético, composta por elementos mouriscos, influenciado pela arquitetura árabe (f06), como a cúpula da torre sineira que se assemelha ao de torres de mesquitas (f07) e nártex, que é um pórtico alpendrado formando pequeno corpo avançado na fachada frontal, delimitado por colunas torsas (f08), onde estão instaladas as quatro portas de acesso a igreja e outra que leva a torre (f09). Possui adufas, que são peças inclinadas, instaladas nos vãos das janelas das torres para proteger os sinos (f07).

A fachada principal possui frontão curvilíneo movimentado, arrematado por volutas estilizadas. No centro, foi instalado um óculo com esquadria metálica e vidros coloridos, com requadro de massa, utilizado para ventilar e iluminar o coro. Possui função decorativa também (f09).

Possui telhado de duas águas, coberto com telhas cerâmicas do tipo paulista, arrematado por beiral forrado.



f05



f06



f07



f08



f09

Descrição arquitetônica

O templo possui nave única e capela-mor. Ambas com forração do teto em PVC, com desenho inspirado nos antigos forros do tipo gamela, trapezoidal, arrematado por cimalthas (f10). O piso da nave é de ladrilhos hidráulicos com fundo branco e detalhes em dois tons diferenciados. A composição dos ladrilhos no corredor central destaca-se pelo tom ocre formando uma espécie de passarela (f11). No restante, utilizaram o mesmo padrão em preto e branco (f12). Nas paredes laterais, foram instalados arcos plenos com esquadrias metálicas e vidros coloridos (f13).

Uma estreita escada de alvenaria leva ao coro (f14) que possui guarda-corpo de alvenaria.



f10



f11



f12



f13



f14

A capela-mor não possui altar. Em seu lugar destaca-se um grande crucifixo. Do lado esquerdo, em um nicho, acha-se instalada a imagem de Santa Filomena (f15 e f16). Do lado direito, sobre uma coluna de mármore, o sacrário de metal. O conjunto é completado pela mesa de celebração também em mármore branco (f17).



f15

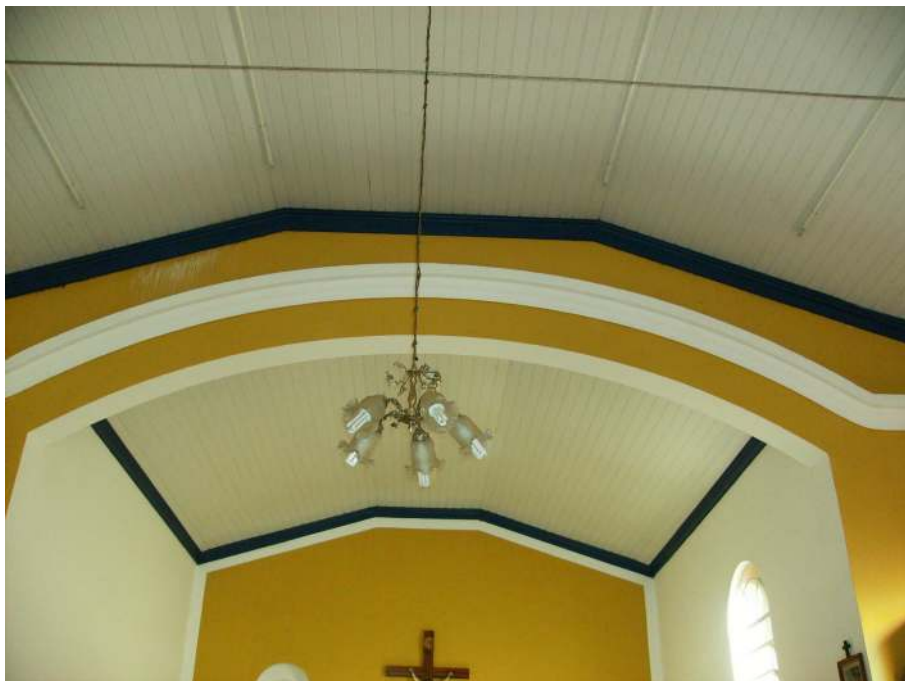


f16



f17

A Igreja está em bom estado de conservação. Registramos que algumas obras foram realizadas recentemente, como a substituição do forro de madeira por forro de PVC (f18) e o revestimento do piso da capela-mor por granito. O ladrilho hidráulico está em perfeito estado e mantém suas cores fortes e vibrantes (f19).



f18



f19

A primitiva Capela de Santa Filomena (f20) foi construída em terreno próximo a entrada do cemitério de Varre-Sai. Sobre o cemitério, a primeira notícia que temos, data de 1885, onde o Presidente da Província do Rio de Janeiro recomenda à Comarca de Campos, através de portaria datada de 10 de junho, (...) *que atendesse convenientemente a uma representação que me dirigiu o subdelegado do distrito de São Sebastião de Varre-Sahe sobre a conveniência de ser aumentada e murada a área do cemitério da localidade.* (2).

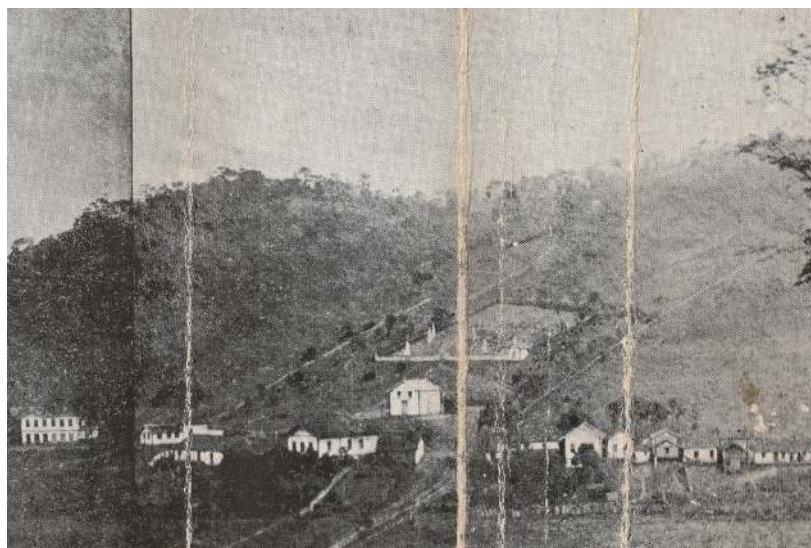
Esse cemitério possuía um cruzeiro. Lúcia Maria Sobreira Lopes revelou-nos que D. Antonia Lopes de Faria, filha do Cap. Francisco Lopes da Silva, contava que depois do falecimento de sua mãe, o pai queria iluminar o cemitério, chegando para isso organizar um livro de ouro para arrecadar fundos para a realização da obra. Em 1946, o Prefeito determinou ao Fiscal de Varre-Sai, (...) *que procedesse por conta da Prefeitura, a instalação elétrica do cruzeiro no cemitério, atendendo aos desejos de um dos mais antigos cidadãos varressaenses Cap. Francisco Lopes da Silva.* (3).

Esse logradouro, nos primórdios, tinha o nome de Largo do Cruzeiro. Tempos depois é que mudou para Largo Santa Filomena.

A devoção a Santa Filomena surgiu em Varre-Sai depois que sua imagem foi trazida da ilha de Funchal, em Portugal, pelo português Capitão Alexandre Ignácio da Silveira. Segundo relatos familiares, o mesmo adquiriu a imagem durante uma de suas viagens a seu país natal, provavelmente no início do século XX, período em que estava havendo uma grande devoção por essa Santa na Europa, conforme nos foi revelado por seus bisnetos Jamilton Vieira e Filomena Silvia Nunes Figueira.

Alexandre Ignácio da Silveira, proprietário da Fazenda Vai e Volta foi nomeado primeiro Juiz de Paz de Varre-Sai, em 1889. Ainda segundo informações de Jamilton, Sr. Alexandre foi quem trouxe, também, para Varre-Sai, as primeiras mudas de uva, de marmelo e de pera.

Há, porém, no Jornal A Vedeta, nº 6, Ano 7, de 21 de junho de 1908, publicado em Natividade do Carangola, uma nota do correspondente local em que o mesmo comunica que: (...) *A 17 do corrente chegou nesta localidade a Imagem de Santa Philomena, que os devotos da Inclicta Santa mandaram vir da Europa por intermédio do nosso amigo Antônio Oliveira Santos.* (...). De fato, Antônio era português, de tradicional família radicada em Varre-Sai. Com seu irmão Bernardino de Oliveira Santos, foi proprietário de uma usina de beneficiar café e do Armazém Dois Irmãos.



f20

No dia 12 de julho de 1908, A Vedeta, anunciava que estava marcada para o dia 10 de agosto a festa de Santa Filomena e que os encarregados de promover os festejos estavam tomando as providências necessárias. (...) *Os fogos que vem abrilhantar esses festejos, foram encomendados ao hábil pirotécnico Raymundo de Assumpção Vieira. Nesse dia haverá um esplêndido espetáculo no Teatro desta localidade. (...).*

O correspondente do Jornal A Vedeta de 2 de agosto de 1908 comunicava que a comissão encarregada de promover os festejos de Santa Filomena, a realizar-se no dia 10 de agosto, pretendendo benzer a imagem da Santa, convidou o Cônego Dr. Cesar Iera, para celebrar a cerimônia dos dias 9 e 10 de agosto.

Sobre o culto de Santa Filomena em Varre-Sai, sabe-se pela tradição oral que a imagem foi adquirida em Portugal no começo do século XX, uma vez que data dessa época a proliferação, em escala industrial, de imagens sacras confeccionadas em gesso. Acredita-se que foi após a aprovação de seu culto pelo Papa Gregório XVI, em 1837, que a devoção tenha sido mais propagada pelo mundo.

A história de Santa Filomena (f21) remonta ao início do século XIX, mais precisamente em 1802, quando os ossos de uma mulher entre 13 e 15 anos foram descobertos no Cemitério de Santa Priscila, nas escavações das catacumbas romanas. Sua sepultura estava lacrada por três placas com a seguinte inscrição: *LUMENA PAXTE CUMFI* (A paz esteja contigo, Filomena), uma âncora, três flechas e uma palma. Próximo aos ossos estava um vidro com um depósito de sangue ressequido. Por ser costume dos primeiros mártires deixarem símbolos e sinais como estes, foi fácil determinar que Santa Filomena fora sido uma virgem mártir. Muitos Papas foram devotos de Santa Filomena, mas foi Gregório XVI, que tendo recebido o parecer favorável da Sagrada Congregação dos Ritos à canonização de Santa Filomena, elevou-a ao altar, instituiu seu culto e festa, proclamando-a *A Grande Taumaturga do Século XX, Padroeira do Rosário Vivo e Padroeira dos Filhos de Maria*. Porém, em 1904, o arqueólogo Oracio Marucchi, partindo dos princípios de que as placas encontradas com as inscrições poderiam ter pertencido a outra pessoa ali enterrada que na ânfora havia perfume e não sangue e que o único relato disponível sobre Santa Filomena eram as revelações de Maria Luisa de Jesus, colocou em dúvida a existência histórica de Santa Filomena. (4).



f21

Em 2005 foi realizado um congresso pelo Reitor da Basílica de Santa Filomena, em Roma, onde ficaram esclarecidos os seguintes pontos:

(...) “1- As relíquias encontradas em 1802, não podem ser comprovadamente de uma jovem mártir, conforme atestou a Santa Sé na ocasião; 2- O culto a Santa Filomena foi aprovado oficialmente pelo Papa Gregório XVI em 1837; 3- Dezenove atos da Santa Sé, ao longo do reinado de cinco Papas atestam, afirmam, promovem e incrementam o culto a Santa Filomena, o que por si nada prova; 4- As conclusões arqueológicas de Oracio Marucchi foram devidamente e inutilmente “contestadas” já em 1906 e ainda em 1963 pelos estudos feitos pelo padre Antônio Ferrua (fonte duvidosa por fazer parte da igreja Católica), jesuíta, arqueólogo e secretário da Comissão Pontifical de Arqueologia Sagrada e professor de arqueologia da Pontifícia Universidade Gregoriana; 5- A supressão de 1961 é litúrgica, isto é, diz respeito à missa própria e leituras do Breviário (Liturgia das Horas), e não à santidade em si de Santa Filomena, cuja canonização procedeu-se como pede a praxe (isto é, através de um milagre que de fato foi verificado, estudado, analisado e aprovado – o que não prova que a estória fantástica acerca da alegada “santa” possa ter sido verdade); 6- O Martirológico Romano não constitui uma complicação exaustiva de todos os mártires ou supostos santos reconhecidos pela Igreja, nem a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos jamais teve tal intenção, contudo contém todos os santos que foram canonizados pela Igreja Católica, sem exceção.” (...) (5).

De acordo com informações prestadas por Filomena Silvia Nunes Figueira, bisneta do Cap. Alexandre, proprietário das terras no local conhecido como Vai e Volta, a imagem foi instalada numa das salas da Fazenda, que logo ficou pequena devido ao grande número de pessoas que participavam das rezas, obrigando o proprietário a improvisar uma capela no paiol. Com o passar do tempo, o número de devotos foi aumentando, fato este, que levou o Cap. Alexandre a decidir pela construção de uma capela na então Vila de Varre-Sai. Acontecia, porém, que todas as vezes que marcavam uma procissão para transferir a imagem de Santa Filomena do Vai e Volta para Varre-Sai, chovia de maneira intensa, impedindo que os fiéis saíssem de suas casas.

De fato, as ladainhas eram realizadas na propriedade do Major Alexandre Ignácio da Silveira, a partir do dia primeiro de agosto, conforme noticiou *A Vedeta*, nº 10, Ano 4, de 23/07/1905, onde a comissão encarregada dos festejos da *Gloriosa Martyr Santa Philomena*, composta pelos srs. Alfredo José Sobreiro, João Ignácio da Silveira e sras. D. Maria Vieira Sobreiro e D. Maria Emília Sobreiro, convidavam o povo para acompanharem os festejos presididos pelo padre Frederico Rabe, ao mesmo tempo em que convocavam devotas para prontarem grande número de virgens e de anjos.

Às 10 horas foi celebrada missa incensada e às 4 saiu a procissão que percorreu as ruas da localidade, com grande número de devotos que assistiram os festejos, que contou com a participação da banda de música local. (6).

Quando a capela já estava pronta e a chuva havia cessado, a imagem foi festivamente entronizada. O Capitão Alexandre Ignácio da Silveira reuniu toda sua família, mandou ornamentar um carro de boi com flores e iniciou uma caminhada em direção ao distrito. Coincidentemente, anos após, descobriram que o dia 10 de agosto era o dia dedicado ao culto à Santa Filomena. (...) *A devoção dos fiéis era tão grande que Dona Memélia me disse que em agosto terminava a colheita do café e as famílias se mudavam para a Vila para participarem do novenário e dos festejos da Santinha. Outras pessoas me disseram que esta festa mantinha a igreja com seus gastos durante o ano, pois era época que tinham mais dinheiro por causa da colheita do café. (...) (7).*

Em 11 de novembro de 1905, faleceu o Major Alexandre Ignácio da Silveira, importante fazendeiro que sempre trabalhou em prol de Varre-Sai, onde constituiu numerosa família. No dia 12 foi celebrada missa de corpo presente, cujo enterro foi muito concorrido e acompanhado por grande número de amigos. De acordo com o correspondente de A Vedeta os moradores mais antigos do lugar informaram que o Major Alexandre mudou-se para Varre-Sai no ano de 1863. A reportagem prossegue dizendo que o Major Alexandre soube conquistar as maiores amizades e simpatias dos antigos moradores, tendo sempre ao seu lado o italiano Domingos Caramelli, um dos primeiros negociantes de Varre-Sai, naquela época já falecido, que também era dotado de grande inteligência. O Major Alexandre, assumiu a chefia política, rompeu dificuldades e conseguiu criar o Distrito de Paz, que até então pertencia ao de Bom Jesus do Itabapoana. Na época em que ainda era Capitão, foi visto, muitas vezes, convidando eleitores para irem votar em Bom Jesus, com todas as despesas feitas as suas custas. Seu maior intento era criar em Varre-Sai uma freguesia. O Major Alexandre foi ainda responsável pela criação da Agência do Correio, de duas escolas públicas, uma para cada sexo, destacamento policial, além de ter sido eleito Juiz de Paz, cargo para o qual foi reeleito por diversas vezes. Por reiteradas vezes exerceu o cargo de Subdelegado de Polícia, continuando mesmo depois de proclamada a República, conforme noticiou A Vedeta nº 26, de 12 de novembro de 1905. (...) *Desta ocasião em diante o major Alexandre Ignácio da Silveira, que era de sentimentos monarquistas retirou-se para Portugal, sua terra natal, aonde se demorou dois anos, voltando foi de novo eleito Juiz de Paz. (...).* (8).

Encontramos, porém, no Jornal A Vedeta nº 45 a seguinte matéria sobre o lançamento da pedra fundamental da Igreja Santa Filomena: *Vindos de Tombos do Carangola, chegaram no dia 6 deste os dignos sacerdotes Miguel e Salvador Cetrangulo que vieram coadjuvar o reverendíssimo Pe. Mello que aqui se achava na cerimônia da benção e colocação da pedra fundamental para edificação da capela de Santa Filomena, cuja obra se acha a cargo do nosso amigo João Guimarães. Apesar de ser quase uma surpresa para os varressaenses esta cerimônia mesmo assim foi muito além da expectativa geral. A concorrência de fiéis e o brilhantismo da encantadora festinha. Domingo, sete, foram celebradas três missas na matriz, pelos já mencionados sacerdotes, findas as quais seguiram este e o povo para o Largo do Cruzeiro, onde foi erguida a referida capela. Depois de importante leilão de prendas em benefício da mesma obra, teve lugar a cerimônia que foi assistida debaixo de completo silêncio, dando assim os varressaenses provas de verdadeiros crentes da religião católica.* (9).

Em 1910, foi publicado no Jornal A Vedeta nº 16, Ano 9, de 31/07/1910 uma nota comunicando que no dia 10 de agosto, no vizinho distrito de Varre-Sai, durante os festejos de Santa Filomena seria inaugurada a capela dedicada a S.S. Virgem.

Em 1911, a comissão encarregada dos festejos, composta por: Maria Galvêas dos Santos, Virgínia Machado Moraes, Manoel Maximo Moreira, Joaquim Ladislau de Oliveira, Procurador - José Antônio Soares e Mordomo do Mastro – José Pereira de Jesus Sobrinho, divulgou no Jornal A Vedeta, extensa programação, da qual destacamos as seguintes partes: (...) *1º de agosto – Novenas abrilhantadas pela banda musical Lyra Varre-noite, haverá transladação da bandeira que será erguida no adro da Capela. Sairá a procissão da Rua do Teatro e fará o giro pela Rua Affonso Penna, precedida de banda musical. Ao ser levantado o mastro, cujo mordomo é o sr. José Pereira de Jesus Sobrinho, subirá ao ar, sob a luz cambiante de fogos de bengala, grande quantidade de dinamites, girândolas e dois enormes balões preparados para esse fim. A nova capela será ornada com todo o gosto*

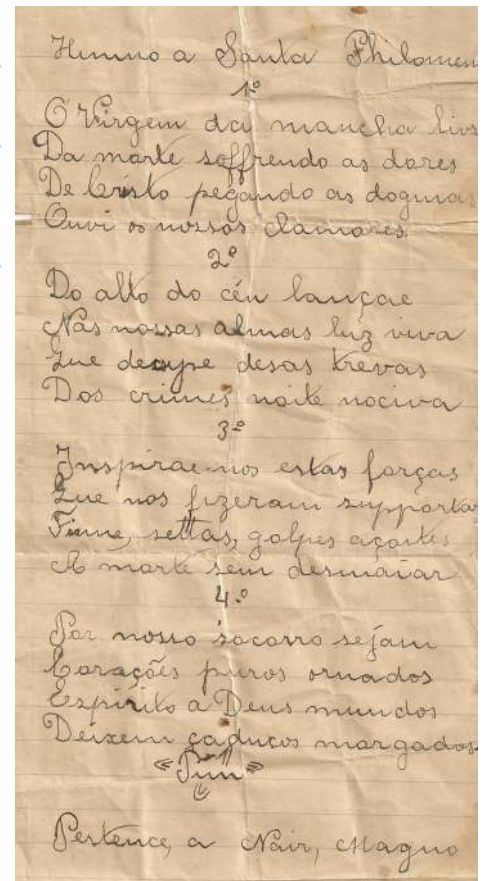
artístico, estando encarregada desses trabalhos, a exma. Sra. D. Maria Galvêas dos Santos. As ruas e largos principais serão luxuosamente aformoseados com bandeirolas, arcos, flores, etc. No dia 10, as comemorações terão início com a missa incensada celebrada pelo Pe. Antônio Bernardino da Fonte; após, leilão acompanhado da bandamusical; às 4 horas procissão partindo da Capela e a noite queima de fogos. (...) (10) (f22).

Com o falecimento do Capitão Alexandre a imagem acabou voltando para a família, talvez por conta das controvérsias levantadas sobre a existência histórica de Santa Filomena naquela época. Com a construção da atual Igreja que contou com a colaboração da comunidade a imagem foi definitivamente entronizada na capela-mor onde permanece até os dias de hoje.

Deve-se muito à emigração italiana acontecida entre o final do século XIX e o início do século XX, a divulgação e a devoção a Santa Filomena. Os italianos ao deixarem sua pátria carregavam consigo suas crenças, suas tradições e suas devoções.

Jamilton Vieira, guarda na lembrança a avó dizer que muitas famílias italianas participaram da construção da antiga capela, pintada de azul e branco, em estilo colonial, que ficava numa elevação gramada, uma área de pasto, onde antigamente eram montados os circos que passavam pela cidade. Tempos depois construíram uma escadaria, que também desapareceu com sua demolição. Dentre essas famílias destacou a participação da Família Morucci e Ladislau. *Eu ouvia minha avó dizer que a imagem ficou por muito tempo instalada na sala da sede da fazenda do pai dela onde, frequentemente, aconteciam ladainhas, rezas e novenas, que em determinadas ocasiões chegava ocupar todo o terreiro de café, de tanta gente. Essa imagem veio de trem do Rio para Natividade. De Natividade para Varre-Sai foi transportada num balaio de palha, amarrado no lombo de burro, da mesma maneira como tudo era transportado naquela época. Essa área em frente à antiga Capela era conhecida como Avenida. As casas eram recuadas, onde moravam as pessoas mais humildes como lavadeiras, lenhadores, etc. Na esquina havia um lindo chalé, com parreira de uva, de propriedade do italiano Ludovico Gorini. A chave da Capela primitiva ficava com o Sr. Guimarães, que morava bem em frente, onde hoje é a Drogaria Ideal.* D. Philomena de Sá Vieira, 95 anos, confirma que o local, apesar de não ter semelhança alguma com uma avenida, era conhecido como *Avenida Guimarães*, talvez pelo fato do terreno ter sido propriedade do Sr. João Guimarães.

Em 1918, o Jornal *A Vedeta*, nº 12, impresso em Natividade do Carangola, em 18 de agosto de 1918, noticiou que no dia 10 de agosto, (...) *as solenidades religiosas revestiram-se de importante pompa havendo missa cantada e sermão pelo vigário Janeiro Moita, de São Fidélis. A tarde foi organizada uma procissão que percorreu as ruas do adiantado distrito, queimando-se em seguida fogos no ar. A noite realizaram-se diversas festas familiares e bailes que se prolongaram até a madrugada de 11. A festa contou com a participação da Banda XV de Novembro de Natividade.* (11).



f22

Em 1921, a tradicional Festa de Santa Filomena aconteceu nos dias 9 e 10 de agosto, abrilhantada em todos os atos pela Lira Santa Cecília, sob a regência do maestro Zito Hausmann. (12).

Em 1927, a já tradicional festa de Santa Filomena teve início na madrugada do dia 10 de agosto com Lyra de Santa Cecília percorrendo as principais ruas da povoação tocando vários dobrados de seu repertório. Logo depois, houve missa cantada na Capela de Santa Filomena, fazendo parte do coro: Ondina Guimarães, D. Maria José Poli, Carmen Guimarães e o Sr. José Vargas, acompanhados pela orquestra formada pelos srs. Oswaldo V. de Figueiredo, Orlando Tupini e Ernestino Antônio Faria. Após a procissão aconteceu o esperado leilão de prendas, fogos de artifício e o animado baile no salão do cinema. (13).

Em 1928, tal como acontece nos anos anteriores, realizou-se no dia 10 de agosto a festa de Santa Filomena. A novidade do ano foi a que as noites foram iluminadas a luz elétrica. (14).

Em 1942, a Festa de Santa Filomena, realizada entre os dias 1 e 10 de agosto, que arrecadou a importância de dois contos, setecentos e doze mil e duzentos réis, gastando com as festividades, dois contos e quarenta e quatro mil e oitocentos réis, sobrando, portanto, seiscentos e sessenta e sete mil e quatrocentos réis, que ficaram em poder do Sr. Sebastião Oliveira Vargas, presidente da comissão, a fim de dar início a construção da escada para acesso à Capela. (15).

A comissão pró-construção da atual Igreja foi presidida por Sebastião Oliveira Vargas (Bituta), após nomeação em 11 de outubro de 1953, pelo Padre Abaeté Cordeiro.

A festa de Santa Filomena de 1951, presidida pelo Sr. Arlindo Pereira da Cruz, rendeu à Capela a importância de Cr\$ 8.445,70. Essa importância foi empregada na construção da nova capela, devido ao estado de ruínas em que se encontra a atual, conforme noticiou O Norte Fluminense, nº 240, de 17/02/1952.

A atual Igreja de Santa Filomena foi construída por Romeu Poli, filho do italiano Francisco Poli, que edificou grande parte das igrejas da região, inclusive, a de São Sebastião de Varre-Sai. De acordo com as informações prestadas por Francisco Bernardino de Oliveira Poli, *a única coisa que tio Romeu fez de diferente da planta foi a cebola (cúpula) da torre, que era meio quadrada. Depois eles resolveram desmanchar e fizeram a cebola (cúpula) conforme a planta.*

Segundo as reminiscências de Filomena Silvia, houve um período em que a capela ficou meio que desativada. *Nessa época existiam dois padres em Varre-Sai: o Padre Oto que ficava na Matriz e o Padre Cordeiro que atuava no Seminário. Na década de 50 houve um desentendimento porque o Padre Oto começou a levar peças e alfaias da Igreja Santa Filomena para a igreja de Santa Clara. Imediatamente o Sr. Edicyr Figueira, mais conhecido como Sininho, que anos mais tarde iria tornar-se meu sogro, procurou minha avó Albertina, que sempre dedicou sua vida a religião para saber se esse fato era verdadeiro. A partir daí, muitas imagens foram entregues as famílias varressaenses e a de Santa Filomena ficou sob os cuidados de Philomena Pires, a Neguita, também neta do Capitão Alexandre, onde permaneceu até sua morte, quando então foi restaurada e retornou ao altar-mor da Igreja que tem o seu nome. Essa imagem só era vista pelos fiéis uma vez por ano, quando participava da procissão, retornando em seguida à casa da Neguita. Em 2005, no centenário da construção da capela, que foi edificada em terrenos do Cap. Alexandre, foi feita uma encenação relembrando a chegada da imagem.*

Filomena Silvia nos contou que seu nascimento foi complicado. Sua mãe entrou em trabalho de parto, mas não dava à luz. Então mandaram chamar um médico em Itaperuna para fazer o complicado parto. D. Albertina deixou a filha e se dirigiu à Capela de Santa Filomena, oportunidade em que prometeu que, se sua filha obtivesse sucesso no parto e que se a criança fosse menina dar-lhe-ia o nome de Filomena. Como o médico não chegava Sr. Lindolpho e D. Albertina, já desesperados com o sofrimento de sua filha Cicéa Nunes Vieira de Menezes, verificaram que a criança havia virado e que era aquela a oportunidade para realizar o parto. O pai, inspirado numa artista de novela do rádio, queria dar-lhe o nome de Silvia, quando foi impedido por D. Albertina ao dizer que sentia muito, mas que havia prometido à Santinha de devoção familiar que daria o seu nome em cumprimento a uma promessa que fizera minutos antes de seu complicado nascimento. Para satisfazer à avó e ao pai recebeu o nome de Filomena Silvia.

A escada da Igreja Santa Filomena foi durante as décadas de 50 e 60 do século XX local preferido dos jovens, inclusive para namoro. Tempos depois, o local preferido passou a ser os bancos instalados em frente à Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho (f23 e f24).

Depois de muitos anos, prepararam para o mês de agosto do corrente ano o retorno da procissão de Santa Filomena, com saída da região do Vai e Volta em direção a Igreja da referida santa, no centro da cidade como no tempo antigo em que as mulheres e as crianças acompanhavam a pé, os homens a cavalo e a imagem de Santa Filomena carregada num carro de bois ornamentado com flores.



f23



f24



f25 - Aspecto da Igreja na década de 80/90 do séc. XX.

Bibliografia e Fontes:

- (1) SEIBLITZ, Zélia. *Conflito na Diocese de Campos*.
 - (2) Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro. 1885, página 46.
 - (3) Jornal Brasil Novo, de 11/08/1946.
 - (4 e 5) Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Filomena
 - (6) Jornal A Vedeta nº 13, Ano 4, editado em Natividade do Carangola, em 13 de agosto de 1905. Redator Chefe – Antônio de Lannes Rabello.
 - (7) Anotações sobre o dia 10 de agosto de 2005, de Filomena Sílvia Nunes Figueira.
 - (8) Jornal A Vedeta nº 28, Ano 4, editado em Natividade do Carangola, em 20 de novembro de 1905. Redator Chefe: Antônio de Lannes Rabello.
 - (9) Jornal A Vedeta nº 45, Ano 7, editado em Natividade do Carangola, em 14 de março de 1909. Redator-Chefe: Antônio de Lannes Rabello.
 - (10) Jornal A Vedeta nº 10, Ano 10, editado em Natividade do Carangola, em 23 de julho de 1911. Redator-Chefe: Antônio de Lannes Rabello, Sub-Redator: Astolpho Oliveira Dias.
 - (11) Jornal A Vedeta nº 12, Ano 17, editado em Natividade do Carangola, em 18 de agosto de 1918. Diretor: Tancredo Lopes e Redator: Agenor F. Rabello.
 - (12) Jornal A Vedeta nº 11, Ano 20, editado em Natividade do Carangola, em 7 de agosto de 1921. Redatores: Dr. Tancredo Lopes e Major Astolpho Oliveira Dias.
 - (13) Jornal A Vedeta nº 11, Ano 26, editado em Natividade do Carangola em 21 de agosto de 1927. Redator – proprietário: Dr. Tancredo Lopes.
 - (14) Jornal A Vedeta, nº 6, Ano 27, de 22/07/1928.
 - (15) Jornal Brasil Novo, de 30/08/1942.
- Entrevista com Jamilton Nunes Vieira, Filomena Sílvia Nunes Figueira e D. Philomena de Sá Vieira.

Fotografias:

- Acervo de Margarida Abib Ramos: f05.
Álbum do município de Itaperuna: f20.
Acervo de Edith Vieira Santos: f23 e f24.
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f25.

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação
Bar do Fernando

Localização
Rua José Vargas de Figueiredo, nº 13

Município
Varre-Sai

Época de construção:
Século XX

Estado de conservação:
Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:
Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:
Nenhuma

Propriedade:
Kátia Vieira Santos



Planta Esquemática



Fachada do Bar do Fernando.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel integra o casario que compõe o conjunto histórico arquitetônico da Rua José Vargas de Figueiredo, também conhecida como Rua de Cima, onde estão concentrados muitos estabelecimentos comerciais da cidade (f01).

Localiza-se num lote de esquina tendo sua fachada principal junto ao alinhamento da Rua José Vargas de Figueiredo, e mantendo em relação à rampa da Igreja Santa Filomena, um afastamento pelo qual se tem acesso à parte posterior da construção.



Vista do conjunto da Rua José Vargas de Figueiredo.



Google Earth.



f01

Descrição arquitetônica

Imóvel em dois pavimentos construído entre as décadas de 40/50 do século XX, em alvenaria de tijolos, com platibanda marcada pela ausência de elementos decorativos (f02).

Janelas e portas possuem esquadrias de perfil metálico com vidro (f03 e f04).



f02



f03



f04

Descrição arquitetônica

O imóvel possui um pequeno jardim (f05) do lado direito do térreo, pelo qual chegamos ao segundo pavimento onde está localizada uma extensa varanda (f06). Essa varanda contínua possui uma galeria de três vãos em arcos retos adoçados nos extremos, suportada por duas colunas (f06 a f8). Uma jardineira externa, paralela ao guarda corpo de alvenaria contorna a varanda em todo seu comprimento (f09). Nessa varanda está localizada, também, a porta principal de acesso guarnecida por duas janelas de modelo idêntico ao da fachada frontal.



f05



f06



f07



f08



f09

Estado de conservação

O estado de conservação é bom, apesar das evidentes intervenções realizadas ao longo do tempo, especialmente em relação ao alteamento das platibandas/coroamento das fachadas frontal e lateral.

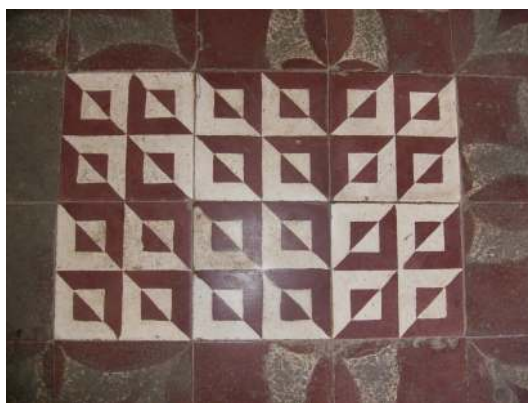
Atualmente, funciona no térreo uma lanchonete e uma choperia (f10), que conserva o revestimento de ladrilho hidráulico (f11 e f12). No segundo pavimento do imóvel está instalado o Prójuvem (f13), programa social da Prefeitura Municipal de Varre-Sai.



f10



f11



f12



f13

O imóvel, construído pelo Sr. José Duarte dos Santos, abrigou o CLUBE DOS 13, fundado no dia 13 de janeiro de 1958, às 13 horas, por treze sócios: Dr. Jácomo José Fabbri, Getúlio Vargas de Figueiredo, João Damasceno Figueiredo, Wilson Vieira, Américo Henrique do Vale, Francisco Edalmo de Assis, Milton Rangel, Frilson Mateus Vieira, Altacir de Oliveira, Antonio Fabbri, Mário Jannot, Godofredo Fabbri Filho e Luiz Carlos Machado. O Clube funcionava no segundo pavimento, contando inclusive, com palco para apresentações musicais (f14 e f15).

No térreo funcionava o Bar do Juca, José Duarte dos Santos, campista que fixou residência em Varre-Sai, após casar-se com Edith Vieira (f16), filha do farmacêutico Lindolpho Nunes Vieira e D. Albertina Machado Vieira. Nesse Clube a sociedade se reunia em bailes dançantes, de carnaval e domingueiras (f17 a f19).



f14



f15 - Desfile das Nações. Década de 60.



f16

NOVEMBRO
21
-1955-

CLUBE DOS 13

DE VARRE-SAI

oferecerá à sociedade local e visitantes, dois grandiosos bailes:

Dia 21 - Domingo
Ao som de **CHIQUITO E SEU CONJUNTO**,
(de Itaperuna), estreitando seu órgão elétrico.

Dia 22 - Segunda-feira
Colaborando com os festejos de que será alvo a **LIRA SANTA CECÍLIA**, ao ensejo do seu 48º aniversário de fundação, uma animadíssima noite dançante com o **CONJUNTO RITZ**.

MUITA ALEGRIA!...

O CLUBE DOS 13 estará rigorosamente ornamentado!

RESERVAS DE MESAS: Lala Carlos de S. Machado e Osvaldo Janotti
Varre-Sai, outubro de 1955

NOVEMBRO
22
-1955-

f17



f18



f19

Após o aniversário de quinze anos de Sheila (f20 e f21), filha de Juca e Edith, na década de 60, os casamentos e os aniversários da elite varressasense que, anteriormente, eram realizados nas residências e nas sedes das fazendas conforme o costume da época, passaram a acontecer no referido Clube.

Segundo D. Philomena de Sá Vieira, o *Clube dos 13* era muito organizado, não entrava qualquer um não. Os bailes eram chiques. As moças se vestiam muito bem. Aqui tinha boas costureiras e bordadeiras. Eu mesma bordei muito para fora, bordado a máquina, ponto cheio e aberto. Eu não dava conta do serviço que tinha. Se fosse hoje, eu morria de fome. Há poucos dias quando estive na matriz ainda vi uma toalha lá no altar com bordado cheio feita por mim. Os vestidos eram quase todos abertos em bordado. Eu trabalhava até uma hora da madrugada. Nessa época aqui já tinha luz elétrica, mas era muito fraquinha e tinha hora para desligar. Mas eu ainda sou do tempo do lampião, que era ainda muito mais difícil.

O Clube dos 13 contou com destacada participação Francisco Edalmo de Assis que, como Diretor Social, organizava os eventos. As despesas com a manutenção, com o aluguel do imóvel e aquisição do mobiliário eram pagas com a renda dos bailes e eventos como os desfiles representando as estações do ano.



f20



f21



f22 - Aspecto do imóvel no período em que abrigou os Juizados Especiais Cível e Criminal.



f23 - Modelo de ladrilho hidráulico utilizado no revestimento do segundo pavimento.



f24 - Concurso da Rainha realizado na década de 60.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Jamilton José Vieira, Edith e Kátia Vieira Santos.

O Varressaense – Jornal do Centenário, nº extra, de 18/11/1979.

Trabalho de pesquisa realizado em 1992, pelas turmas 1301/1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais – Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo de D. Edith Vieira Santos: f14, f16, f17, f19, f20 e f21.

Acervo de Maria Elmira Rosa Corrêa: f15, f24.

Acervo da Lira Santa Cecília: f18

Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f22

Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano do Núcleo Histórico de Varre-Sai



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação
Casa do Pão

Localização
Rua José Vargas de Figueiredo, nº 99

Município
Varre-Sai

Época de construção:
Século XIX

Estado de conservação:
Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:
Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:
Nenhuma

Propriedade:
Edith Vieira Santos



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Pão.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel está localizado na Rua José Vargas de Figueiredo e compõe com os prédios vizinhos de número 13 e 17, um trecho representativo do conjunto arquitetônico do centro histórico de Varre-Sai. Sua fachada frontal acompanha o alinhamento da calçada e apresenta um pequeno afastamento lateral por onde se tem acesso ao segundo pavimento.



Vista do conjunto da Rua José Vargas de Figueiredo.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Imóvel de planta retangular, com telhado de duas águas, disposto paralelamente à fachada principal, com cobertura de telhas do tipo romana com beiral forrado (f01).

A parte térrea teve os vãos das portas alterados. Uma extensa e larga barra de pedra madeira revestindo dois terços do trecho da fachada correspondente ao primeiro piso, contribuiu bastante para a descaracterização da construção, além da instalação de basculante, porta e painel fixo de estrutura metálica (f01).

No segundo pavimento foram conservadas as janelas originais do tipo guilhotina com caixilhos de vidro, com peitoril, ombreiras, vergas e sobrevergas de estuque retas (f02), que remete a tipologia da arquitetura mineira.

Um prolongamento do imóvel foi construído do lado direito do mesmo. O acesso ao segundo pavimento é realizado através de uma escada do lado esquerdo (f03).



f01



f02



f03

Verificamos através de registros fotográficos que a casa é de alvenaria de tijolos maciços e que o emboço original foi substituído (f04). A escada de acesso ao pavimento superior, originalmente de madeira, foi substituída por outra de concreto revestida com ladrilhos hidráulicos (f03). Na década de 70, foi construída uma varanda, que ainda mantém o revestimento de cacos cerâmicos, muito em voga naquela época (f05). A copa, a cozinha e o banheiro foram construídos posteriormente. Parte do forro de madeira (f06 e f07) foi substituído por forro de PVC. Segundo os proprietários o banheiro era externo, fora da casa, e a cozinha era uma puxada, exatamente onde mais tarde foi construída essa parte mais atual. Contudo, foi mantido o piso de tábua corrida (f08) e de pranchão, alguns lustres (f09), as portas de duas folhas com ombreiras e vergas retas (f10), as janelas de guilhotina com caixilharia de vidro externas e as de duas folhas internas (f11).

O estado de conservação é bom, apesar das intervenções realizadas, ainda mantém características das antigas construções mineiras.



f04



f05



f06



f07



f08



f09



f10



f11

Histórico

De acordo com a proprietária, sra. Edith Vieira Santos, que conta com seus 90 anos, a casa foi adquirida em 1943 após o seu casamento com o Sr. José Duarte dos Santos (f12). *Antes, pertencia aos Vieira de Natividade. Quem residia aqui era a tia Maria Vieira. No térreo, funcionava a padaria da família Spalla de Natividade.* Tempos depois, seu marido José Duarte, montou a *Padaria Santa Filomena* (f13), com pães, roscas, biscoitos, conservas, bebidas e secos e molhados. D. Edith (f14) guarda boas recordações de sua mocidade. *Antigamente aqui tinha muito baile, bloco de carnaval e no mês de junho, o Baile da Chita. Depois de casada, meu marido construiu aqui ao lado um bar e na parte de cima fez um salão a que deu o nome de Clube dos 13. Nesse Clube eram realizados bailes, desfiles de modas, festas e aniversários.* Atualmente, no térreo, funciona a Casa do Pão (f15 a f20).



f12



f14



f13



f15



f16



f17



f18



f19



f20



f21 - Família de D. Albertina Vieira (filhos, noras, genros e netos, dentre eles o Sr. José Duarte dos Santos e sua esposa, D. Edith Vieira Santos).

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com a Sra. Edith e Kátia Vieira Santos.

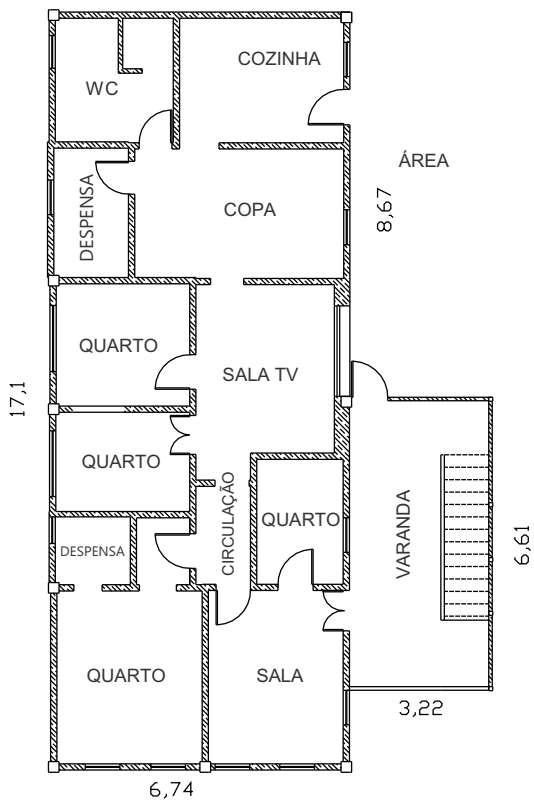
Fotografias:

Acervo da Família Vieira Santos: f04, f12, f14 e f21.

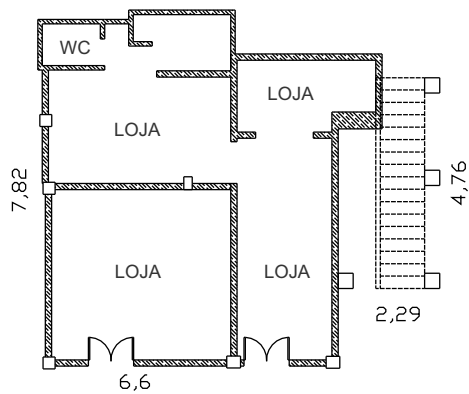
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f13.

Trabalho das Agentes Culturais, realizado em dezembro de 1999: f15 a f20.

1º Pavimento



Térreo / Lojas



CASA DO PÃO

escala gráfica 0,5 1 5



*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Casa do Sr. Lindolpho

Localização

Rua José Vargas de Figueiredo, nº 17

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX (1860/1870)

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Comercial - Residencial / Comercial - Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Herdeiros de Lindolpho e Albertina Vieira



Planta Esquemática



Fachada da Casa do Sr. Lindolpho.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

O imóvel está localizado na Rua José Vargas de Figueiredo, que com a Praça Pe. Abaeté Cordeiro, Avenida Felicíssimo Faria Salgado, Largo Santa Filomena e Praça A. Camilo integram o Centro Histórico de Varre-Sai.

Encontra-se implantado junto ao alinhamento da calçada mantendo um pequeno afastamento da divisa lateral do lote, por onde se tem acesso à escada que leva ao pavimento superior através de um alpendre.



Vista do conjunto da Rua José Vargas de Figueiredo.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

A casa do Sr. Lindolpho é uma versão simplificada dos chalés românticos que povoaram os centros urbanos no final do século XIX. Sua construção, datada do período de 1860/1870, em dois pavimentos, abriga no térreo o comércio e no sobrado a parte residencial. Com arcabouço estrutural de madeira (pilares, frechais, madres e barrote), a cobertura, em duas águas, em telhas do tipo capa e canal é arrematada por beiral forrado que se prolonga na lateral sobre um alpendrado (f01 e f02) um pouco recuado da fachada frontal. Este apresenta forro, guarda-corpo de madeira torneada (f03 e f04) e lá estão localizadas as duas portas, em folhas cegas (f05), de entrada da residência.



f01



f02



f03

Descrição arquitetônica

As janelas da fachada frontal e laterais possuem cercaduras externas, com vão em vergas retas (f06). Externamente são do tipo guilhotina com caixilharia de vidro e, internamente, são de duas folhas cegas (f07).



f04



f05



f06



f07

Descrição arquitetônica

Na empena, estão instalados dois pequenos óculos arrematados por molduras de estuque, que têm a função de promover a ventilação entre o telhado e o forro (f08).

No térreo localiza-se a parte comercial do imóvel que possui três portas lisas, de duas folhas, com interessante ornamento em forma de estrela recortada na madeira, que tem o objetivo de iluminar e ventilar o interior do estabelecimento (f09 e f10). Do lado direito, recuada do passeio, fica o portão e a escada de acesso ao pavimento superior.

A escada e o alpendre passaram por processo de reforma o que pode ser verificado pela substituição da escada original de madeira por outra de concreto com revestimento cerâmico (f11).



f08



f09



f11



f10

Descrição arquitetônica

A sala principal possui forração de madeira com interessante detalhe em forma de losango na parte central, executado entre as décadas de 40/50 do século XX (f12); piso do tipo paralelo com junta cega (f13) e uma galeria de pinturas parietais que circundam toda a sala. Segundo informações prestadas por seu neto Jamilton José Vieira, as pinturas que retratam trechos da cidade como a Igreja Matriz de São Sebastião (f14) e a própria farmácia instalada no térreo do imóvel (f15), além de paisagens da cidade do Rio de Janeiro (f16 a f18), cenas campestres (f19 a f21), rurais (f22) e urbanas (f23) dentre outras (f24 a f29), foram executadas na década de 30 pelo proprietário da casa Sr. Lindolpho Nunes Vieira e por sua filha Edith Vieira, que na época contava com apenas dez anos de idade. *A tinta era em pó e era manipulada por meu avô. Na parte de baixo da parede havia uma barra com medalhões que reproduziam paisagens do Rio de Janeiro como a Ilha das Cobras e a Baía da Guanabara, o que pode ser verificado por essa foto de família (f30).*



f12



f13



f14



f15



f16



f17



f18



f19



f20



f21



f22



f23



f24



f25



f26



f27



f28



f29



f30 - Família de D. Albertina Vieira (filhos, noras, genros e netos).

Descrição arquitetônica

O imóvel, além dessas pinturas, guarda lembranças da antiga residência como o relógio de parede e a fotografia de seus proprietários (f31 a f33).



f31



f32



f33

A casa que foi construída entre 1850 e 1860 passou por uma reforma na década de 20 do século XX, sobretudo no térreo, que foi preparado naquela época para instalar a Pharmácia Vieira. Anteriormente, o local era utilizado como depósito de arreios para cavalos e ferramentas.

Fato curioso nos foi contado por Jamilton sobre o alpendre que teve que ser modificado em virtude do falecimento de um tio que foi velado no imóvel. Na hora de sair, a urna não passava pela escada que era muito estreita, obrigando os presentes a transportarem o caixão com o corpo pelo jardim, que além de difícil e incômodo, acabou constringendo os proprietários que trataram de alargar a escada.

Na década de 80 do século XX, Celma Maria Vieira, filha do Sr. Lindolpho, teve que fazer uma reforma na parte da residência que cedeu, onde hoje localizam-se uma sala, um quarto e uma cozinha (f34). Nessa parte, o piso foi substituído por tacos de madeira (f35) e o forro também de madeira, por laje (f36).



f34



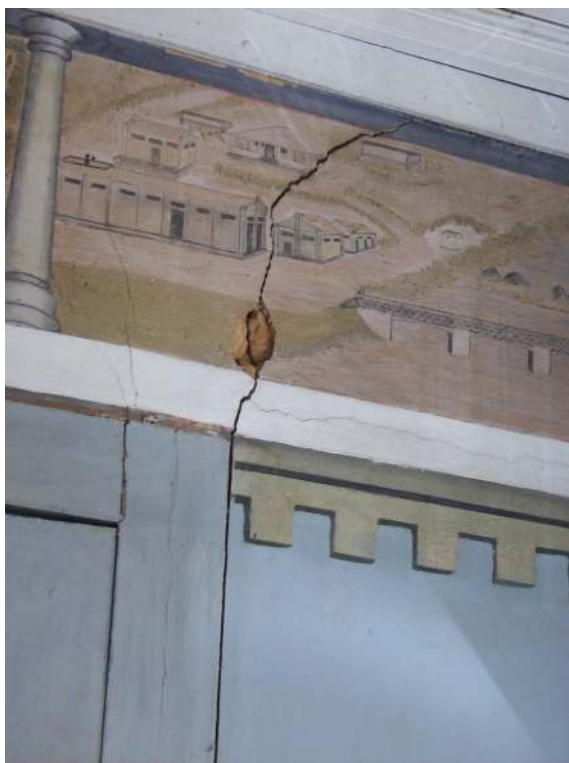
f35



f36

Estado de conservação

O estado geral de conservação da casa é regular. O imóvel necessita de obras de restauração, sobretudo nas pinturas parietais que possuem muitas trincas e pequenos descolamentos do reboco, o que poderá comprometer, futuramente, a conservação das obras (f37). Essas trincas (f38 e f39) provavelmente surgiram em decorrência de movimentações originárias de trepidações do solo, provocadas pelo movimento de veículos pesados após o asfaltamento da RJ 214, que liga Varre-Sai ao município de Guaçuí no Estado do Espírito Santo.



f37



f39



f38

Esse imóvel pertenceu a Lindolpho Nunes Vieira, nascido em Carangola – MG, no dia 02/10/1882. Era filho de Joaquim Nunes Vieira e de Maria Antonia Evarista. Estudou no Liceu de Campos e fez um curso prático para farmacêutico, trabalhando por sessenta anos nessa área. Teve farmácia em Varre-Sai e em Santa Rita do Prata. Como farmacêutico prático que era, prestava serviços médicos em Varre-Sai. Com a esposa Albertina, que atuava como enfermeira, fez muitos partos, numa época em que a locomoção era realizada a pé ou em lombo de animais.

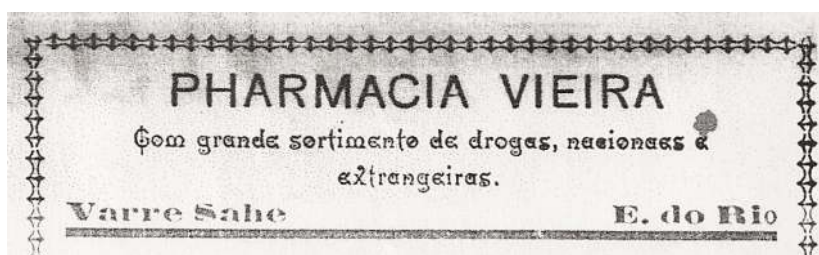
Falava italiano, foi professor de francês, de música e fazia a contabilidade de muitas fazendas da região. Em 1924 foi subdelegado de polícia do distrito.

Conforme informações prestadas por Jamilton José Vieira, seu avô, Lindolpho Nunes Vieira foi casado com Albertina Machado Vieira, com quem teve onze filhos (f40): Hercília, Wilson, Edith, Zilá, Maria de Lourdes, Ezerina, Walter, Montano, Cicéia, Helena e Selma. Era proprietário da *Pharmacia Vieira* (f41), que funcionava no térreo do prédio, tocava piano, violino, clarineta e realizava saraus com o pai do violonista e compositor Baden Powell. De acordo com sua filha Cicéia, todos os filhos trabalharam com o pai na farmácia. *Uns mais, outro menos, mas todos nós passamos por lá.*

Sr. Lindolpho era também carpinteiro, costurava e revelava fotografias. Foi meu pai quem ensinou costura e etiqueta a minha mãe. Ela era muito fina, educada. Casou-se ainda criança, com apenas treze anos e meu pai com trinta anos. À noite, gostava de ler seus livros de medicina e de farmácia que eram escritos em francês, comentou Selma.



f40



f41

Histórico

Da farmácia, que tinha piso original de ladrilho hidráulico, resta, apenas, a antiga engenhoca de madeira com uma polia, usada para processar o rapé (f42 e f43), cujo uso muito difundido no Brasil até o início do século XX, foi muito contraditório, pois era visto por uns como vício e por outros como hábito elegante, que, em alguns lugares, persistiu ao modismo da época. Jamilton nos contou que veio morar ainda criança com os avós e que Sr. Lindolpho o colocava para tocar a máquina de fabricar o rapé. O acervo da farmácia, incluindo o mobiliário, vitrinas, vidros e potes foram vendidos para Belo Horizonte.

Nessa parte da construção podemos ainda observar a entrada de um pequeno túnel que Jamilton disse ter sido escavado no período do integralismo para, no caso de necessidade, esconder a família (f44).



f42



f43



f44

D. Albertina Machado Vieira, nasceu em Varre-Sai, no dia 11/03/1899. Estudou entre 1907 e 1910. Católica praticante contribuiu, ativamente, para a construção da Igreja Matriz de São Sebastião e da Capela de Santa Filomena, cuja imagem foi trazida de Portugal por seu avô, o Capitão Alexandre Pires da Mota. Foi zeladora do Apostolado da Oração por quarenta e cinco anos.

Testemunho importante sobre a religiosidade e solidariedade da avó nos foi dado por Jamilton. Certa ocasião a avó foi chamada para fazer um parto de uma senhora muito humilde, esposa de um carpinteiro de religião evangélica, antigamente conhecido como crentes. Quando fez o parto, percebeu que a senhora não tinha nem um lençol para embrulhar o recém-nascido. Assim sendo, foi até sua residência trouxe lençóis, cobertas e outros tecidos necessários para agasalhar o bebê. Na época, o padre ficou sabendo e questionou D. Albertina por ter feito parto e frequentado a casa de uma pessoa de outra religião, e esta lhe respondeu: Olha, Padre, eu estou seguindo o que determina o evangelho.

Em 1929, o Sr. Lindolpho Vieira adquiriu o primeiro automóvel de Varre-Sai e para satisfazer a curiosidade das pessoas, ficava passeando de automóvel da rua de baixo para a rua de cima e vice-versa.

Foi a primeira residência de Varre-Sai a ter uma banheira em estilo vitoriano, em ferro fundido esmaltado, posteriormente embutida num box com revestimento de azulejos, construído provavelmente durante alguma reforma (f45).

Faleceu no dia 25 de março de 1968.

Jamilton lembra-se com muito carinho dos avós. Com Sr. Lindolpho aprendeu as histórias das pessoas e de Varre-Sai. *A farmácia de vovô não está só na minha lembrança, mas na de muitas crianças daquela época. Lembro-me da D. Maria Celebrini Canhaci visitando meus avós na farmácia, vestida à moda antiga.* Com a avó D. Albertina, que mantinha sempre a despensa cheia de compotas de doces, aprendeu a seguir seu caminho com respeito e dignidade, ensinamento que lhe valeu para a toda a vida. *Minha avó faleceu com 105 anos, mas possuía uma mente aberta e atualizada.*



f45



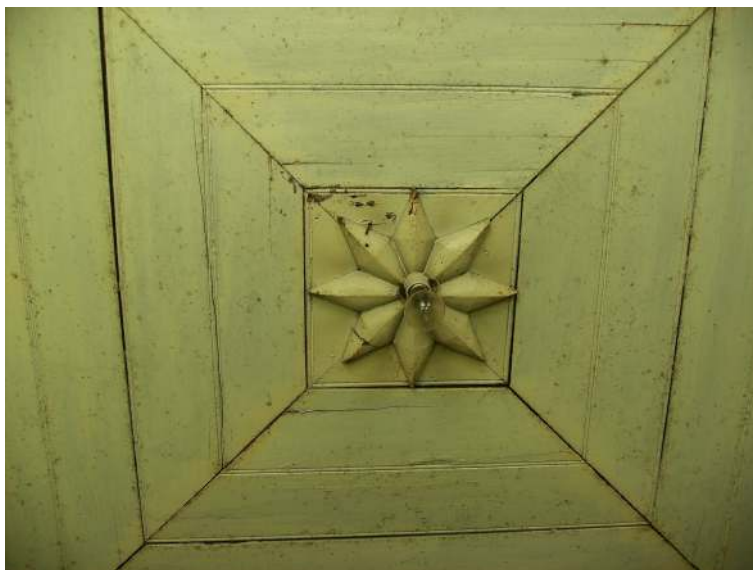
f46 - Detalhe interno da porta da entrada principal.



f47 - Porta interna.



f48 - Forração de um dos cômodos da residência.



f49 - Detalhe da forração de madeira.



f50 - Detalhe do forro do tipo saia e camisa empregado no corredor.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Jamilton José Vieira, Selma Maria Vieira, Edith Vieira Santos e Cicéia Nunes Vieira de Menezes.

Trabalho de pesquisa realizado em 1992, pelas turmas 1301/1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da Professora de Metodologia dos Estudos Sociais – Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo de Selma Maria Vieira: F32 e f33

Acervo de Cicéia Nunes Vieira de Menezes: F40

Acervo de Amélia de Oliveira Vargas: f41.

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ**

Denominação

Hotel da Ritinha

Localização

Rua José Vargas de Figueiredo, nº 34

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX/XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Hotel

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Léia Maria Sobreira Prudente



Planta Esquemática



Fachada do Hotel da Ritinha.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A Rua José Vargas de Figueiredo tem passado, ao longo dos anos, por um acelerado processo de verticalização com a construção de novos imóveis residenciais e comerciais em substituição as antigas casas de adobe e de taipa. A antiga residência da D. Ritinha, que manteve preservada sua volumetria original, possui hoje, em ambos os lotes vizinhos, duas construções recentes altamente impactantes, que interferem negativamente na composição estética do conjunto urbano.



Vista do conjunto da Rua José Vargas de Figueiredo.



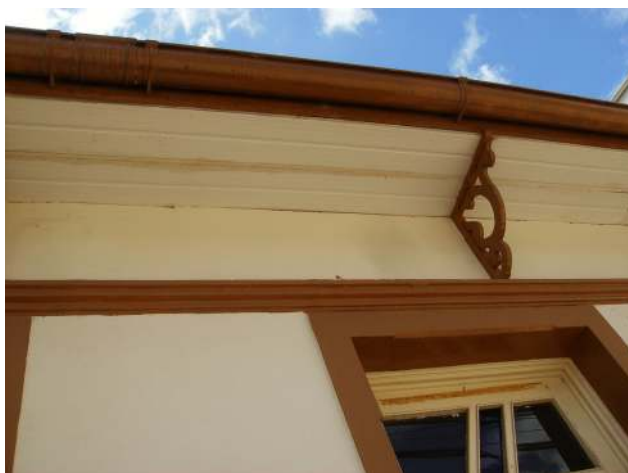
Google Earth.

Descrição arquitetônica

Imóvel de planta retangular, construído em terreno em declive. A fachada principal é composta por uma porta central, de duas folhas, ladeada por duas janelas de veneziana de madeira com caixilhos, bandeiras de vidro e requadro de massa, largamente utilizado em construções de estilo eclético, muito comuns na região noroeste do estado a partir da década de 20 do século XX (f01). Uma cimalha de madeira arremata porta e janelas (f02). Possui telhado de duas águas, coberto com telhas cerâmicas do tipo romana, arrematado por beiral forrado, suportado por mãos francesas (f03).



f01



f02



f03

Descrição arquitetônica

As portas internas são do tipo calha, com bandeiras de vidro (f04 e f05).

Na fachada lateral direita foi instalado um portão de ferro através do qual chega-se ao quintal da residência.

O porão é habitável e nele pode-se vislumbrar o embasamento de pedra solta (f06) e os baldrames (f07) que sustentam o antigo assoalho de madeira, em algumas partes do tipo pranchão (f08), em outras, do tipo paralelo (f09).



f04



f05



f06



f07



f08



f09

Estado de conservação

O estado de conservação da casa é bom. As telhas originais, provavelmente do tipo francesas, foram substituídas por telhas do tipo paulista. Muitas obras de reforma foram realizadas ao longo dos anos. O forro original foi substituído por forro de PVC, mantendo, porém, a altura original do pé direito. A parte mais recente é de laje. As esquadrias da parte dos fundos são de estrutura metálica.

Histórico

Esse imóvel foi propriedade de D. Rita de Cássia Santa Rita, que ficando viúva do alfaiate Alberto de Oliveira Santa Rita, muda-se da zona rural para Varre-Sai na companhia dos três filhos: Altair, Altacir e Ari.

Casou-se em segundas núpcias com Arlindo Pereira da Cruz, transformando sua residência num hotel que hospedava viajantes e professores que lecionavam no Grupo Escolar Dr. Miguel Couto Filho.

De acordo com as lembranças de Jamilton Vieira, que foi Diretor de Cultura de Varre-Sai entre 2001/2008, D. Ritinha era uma pessoa especial. *Gordinha, baixinha e muito engraçada. Na sala de chegada, na década de 70, havia uma pintura feita com rolo que imitava papel de parede, feita por uns profissionais que apareceram aqui em Varre-Sai oferecendo esse tipo de serviço. Em cima de uma das portas havia um quadro interessantíssimo com a fotografia do Presidente Getúlio Vargas e de outras autoridades da época. Havia uma mesa grande que ficava também nessa sala. Sobre ela, uma farinheira de madeira, um vidro grande com pimenta e um elefante vermelho para dar sorte. No quintal havia um pomar enorme com muitas jabuticabeiras e goiabeiras.*

Tempos depois, a casa foi adquirida pela Srta. Elza Gorini, natural de Faria Lemos – MG, filha de Atílio Gorini e de Glicélia Gonçalves Gorini, nascida aos sete dias do mês de outubro de 1924.

Fez parte da primeira turma formada pelo Colégio João XXIII. Dedicada professora de história, com grande conhecimento, sempre auxiliou os alunos em suas pesquisas com as informações que trazia de suas viagens pelo Brasil.

Era presença marcante nos eventos carnavalescos, festas juninas e bailes da cidade, onde se destacava como exímia dançarina.



f10 - Trecho da Rua José Vargas de Figueiredo.



f11- Detalhe interno da janela da fachada.



f12 - Porta principal vista de dentro.



f13 - Detalhe da bandeira da porta principal.

Bibliografia e Fontes:

Entrevista com Jamilton Nunes Vieira.

Trabalho de pesquisa realizado pelas turmas 1301 e 1302 do Curso de Formação de Professores do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto, sob orientação da professora de Metodologia dos Estudos Sociais - Edilma Fontes Vargas Martins.

*Inventário do Patrimônio Ambiental e Urbano
do Núcleo Histórico de Varre-Sai*



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ

Denominação

Casa da Maria Helena

Localização

Rua José Vargas de Figueiredo, nº 50

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XIX/XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

Residencial / Residencial

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Herdeiros de Manoel Ramos



Planta Esquemática



Fachada da Casa da Maria Helena.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

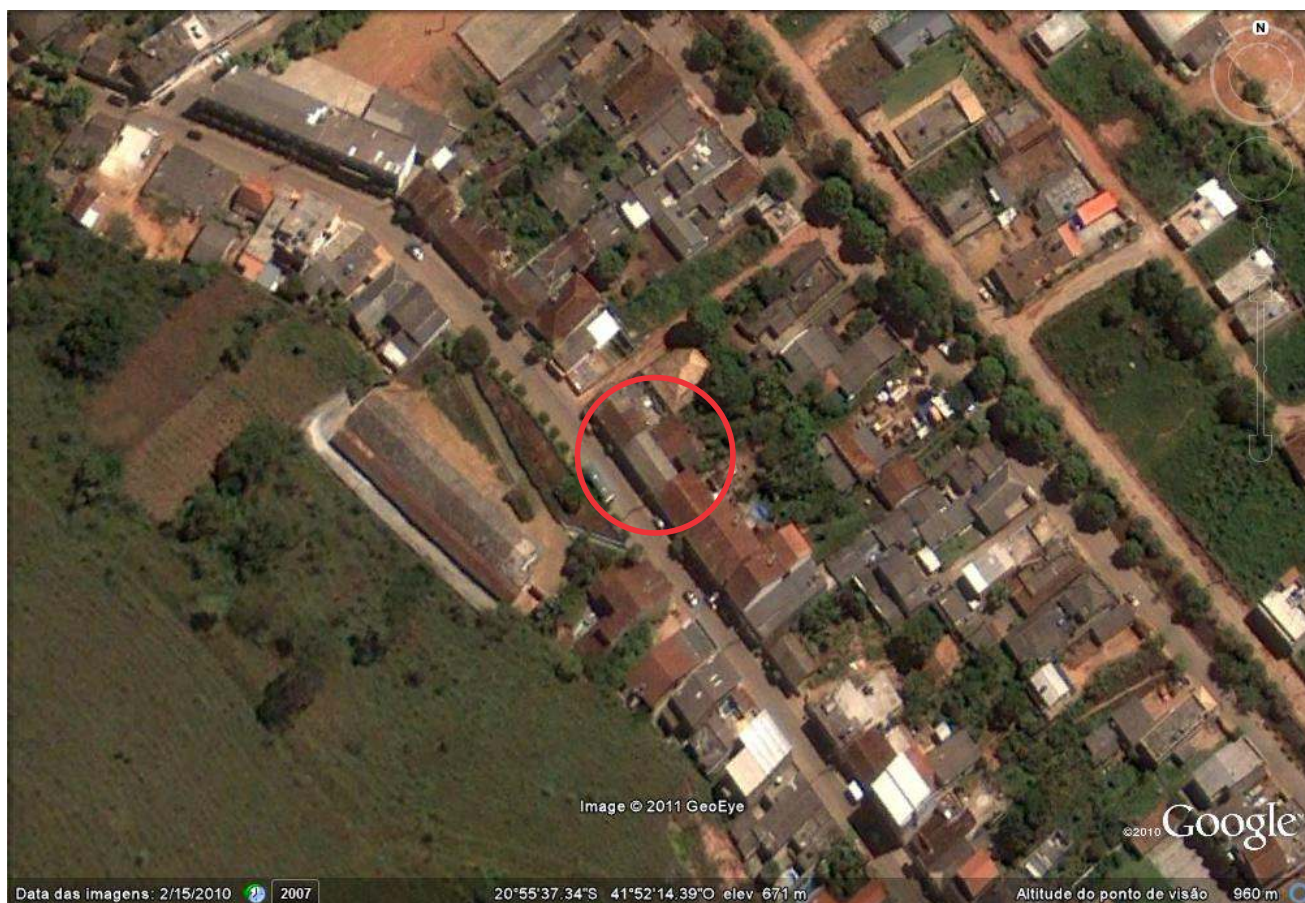
Revisado por: DPCN / INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

Características do lote

A Rua José Vargas de Figueiredo tem passado, ao longo dos anos, por um acelerado processo de verticalização com a construção de novos imóveis residenciais e comerciais em substituição às antigas casas de adobe e de taipa (f01). Como na Avenida Felicíssimo de Faria Salgado, as casas dispostas desse lado foram construídas em grandes lotes de um terreno em declive que se limita com a Rua Otílio Gorini. O quintal ainda mantém muitas árvores frutíferas, merecendo destaque uma centenária figueira que ainda frutifica. Infelizmente, na época de nossa visita havia sido podada, mas mesmo assim, pudemos observar seus velhos troncos que se esparramaram pelo terreno (f02).



Vista do conjunto da Rua José Vargas de Figueiredo.



Google Earth.



f01



f02

Descrição arquitetônica

Imóvel com planta em forma de “L”, provavelmente edificado entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, com porão habitável, de onde podemos observar os barrotes que sustentam o assoalho e as sapatas de pedra de mão (f03 e f04). Possui telhado de duas águas, coberto por telhas do tipo francesa, arrematado por beiral forrado (f05 e f06).



f03



f04



f05



f06

Descrição arquitetônica

A fachada principal é composta por cinco janelas de duas folhas, de veneziana de madeira, com bandeiras e caixilhos de vidro, arrematadas por um requadro contínuo de massa que, ao contornar metade superior da janela, toma a forma de uma grega, o que permite dar à fachada frontal um interessante tratamento de cor em duas faixas em tons amarelo-ocre e cerâmico. Esse requadro, muito utilizado em construções de estilo eclético, caracteriza a reforma da fachada, provavelmente realizada durante as primeiras décadas do século XX (f07 e f08).

Um friso de estuque, aplicado sobre a verga das janelas, delimita uma estreita barra, onde são reproduzidos losangos que, junto de pequenos florões, são os únicos elementos decorativos destacados (f06).

A casa é toda revestida com assoalho de madeira do tipo pranchão, incluindo a cozinha (f09). As portas internas são de duas folhas, de calha, com bandeira de vidro (f10). A porta principal também é de duas folhas com caixilhos e bandeiras de vidro, sendo uma parte com veneziana e outra almofadada (f11). As janelas seguem o mesmo padrão da porta principal. A forração é de madeira, do tipo paulista (f12).



f07



f08



f09



f10



f11



f12

De acordo com Maria Helena Ramos Belford, a casa era pequena, só tinha quatro janelas. Seu pai, tempos depois fez uma obra de ampliação, aumentando mais uma janela, idêntica ao modelo original. *A atual garagem do imóvel vizinho, localizada do lado direito, pertencia a nossa casa. Era o local onde o carro de boi entrava para descarregar a lenha a ser usada na casa.*

Posteriormente uma garagem foi construída onde havia um quarto (f13 e f14). A proprietária aproveitou as janelas, mudando apenas a forma de abrir que era para dentro e agora se abrem para fora (f15). A entrada principal da casa foi mantida na fachada do lado direito.



f13



f14



f15

Essa casa pertenceu ao Sr. Manoel Ramos Pereira casado com D. Maria Margarida de Souza Vieira (f16), mais conhecido como Manduca. João Ramos a recebeu de herança de seu pai. Manduca (f17) era fazendeiro importante, proprietário da Fazenda Azul (f18), que pertenceu ao sr. Joaquim Ladislau. Foi Cap. da Guarda Nacional e um dos vereadores mais votados em Natividade.



f16



f17



f18

Histórico

De acordo com informações prestadas pela Agente Cultural Teresa Cristina Coutinho, o *Manduca* quando chegou aqui, essa parte da cidade ainda era composta de matas. Ele foi desbravando, desmatando a área, ao ponto de conseguirem matar uma onça (f19).

João Ramos (* 02/05/1877 + 14/11/1966) casou-se duas vezes e teve dezenove filhos. Em primeiras núpcias com D. Antonia, teve onze filhos. No segundo casamento, aos cinquenta e dois anos com D. Aydée (f20), teve mais oito. Quando sua última filha nasceu Sr. João estava com 72 anos e D. Aydée com 46 anos de idade.



f19



f20

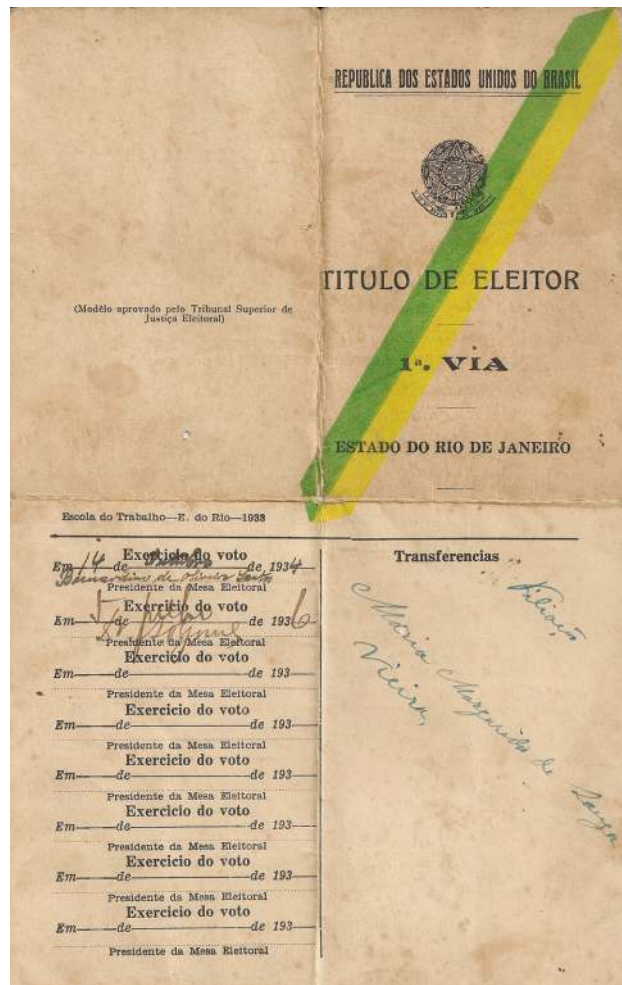
Maria Célia nos contou um caso interessantíssimo sobre seu pai. Na época da II Guerra Mundial, tempo em que Getúlio Vargas era Presidente do país, seu pai foi participar de uma comemoração no Rio de Janeiro. Lá chegando, foi imediatamente detido pela polícia do governo sob acusação de ser espião nazista. *Papai era muito branco, olhos azuis, parecia mesmo um alemão. Quando pediram seus documentos, ele mostrou a carteira de Capitão da Guarda Nacional, oportunidade em que ficou esclarecido o engano e papai foi, então, liberado pelos agentes policiais. Provavelmente, por causa de suas características físicas o confundiram com o tal espião nazista* (f21 e f22).

No dia 17 de maio de 1947, o Jornal A Voz do Povo publicou uma nota sobre as comemorações dos setenta anos de João Ramos Pereira, que contou com a celebração de uma missa na Matriz de Varre-Sai com a presença de seus familiares e amigos, seguido de lauto banquete servido na Fazenda Azul. (...) *A noite, compareceu a Lira Santa Cecília que compartilhou da homenagem e da farta mesa com finos doces, regada a champagne.* (...).

A família guarda alguns móveis e objetos que pertenceram ao Sr. João Ramos como um relógio de parede (f23), algumas peças do mobiliário da época (f24), documentos pessoais, um pequeno cálice utilizado para fazer higiene dos olhos (f25) e uma curiosa e resistente bengala fabricada com o pênis do boi, que depois de retirado é colocado numa espécie de forma enquanto aguarda a secagem natural ou obtida com o auxílio de produtos químicos (f26).



f21



f22



f23



f24



f25



f26



f27 - Detalhe interno da Janela.



f28 - Detalhe dos fundos da construção.



f29 - Aspecto da residência antes da construção da garagem.



f30 - Casamento de uma das filhas do Sr. João Ramos na década de 60.



f31- Sr. João Ramos no portão de entrada de sua casa.



f32 - Sr. João Ramos em frente a sua residência.

Bibliografia e Fontes:

Entrevistas com Maria Helena Ramos Belford e Maria Célia Ramos de Oliveira.

Fotografias:

Acervo de Maria Célia Ramos de Oliveira: f16, f18, f20, f21 e f22.

Acervo de Maria Helena Ramos Belford: f30, f31 e f32.

Acervo de Margarida Abib Ramos: f17 e f19.

Acervo do Dr. José Antônio Abreu de Oliveira: f29.



Denominação

Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho

Localização

Rua João Ramos Pereira, s/nº

Município

Varre-Sai

Época de construção:

Século XX

Estado de conservação:

Detalhamento no corpo da ficha

Uso atual / original:

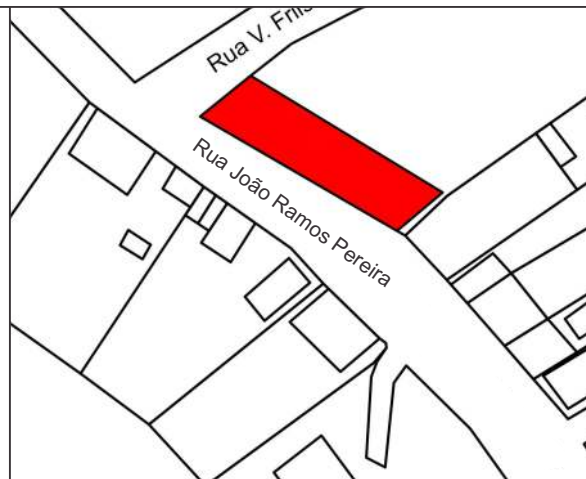
Escolar / Escolar

Proteção existente / proposta:

Nenhuma

Propriedade:

Governo do Estado do Rio de Janeiro



Planta Esquemática



Fachada do Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho.

Levantado por: Marcelo Salim de Martino
Vitor Caveari Lage
Data: Abril/Maio 2011

Revisado por: DPCN /INEPAC
Data: Agosto/Setembro 2011

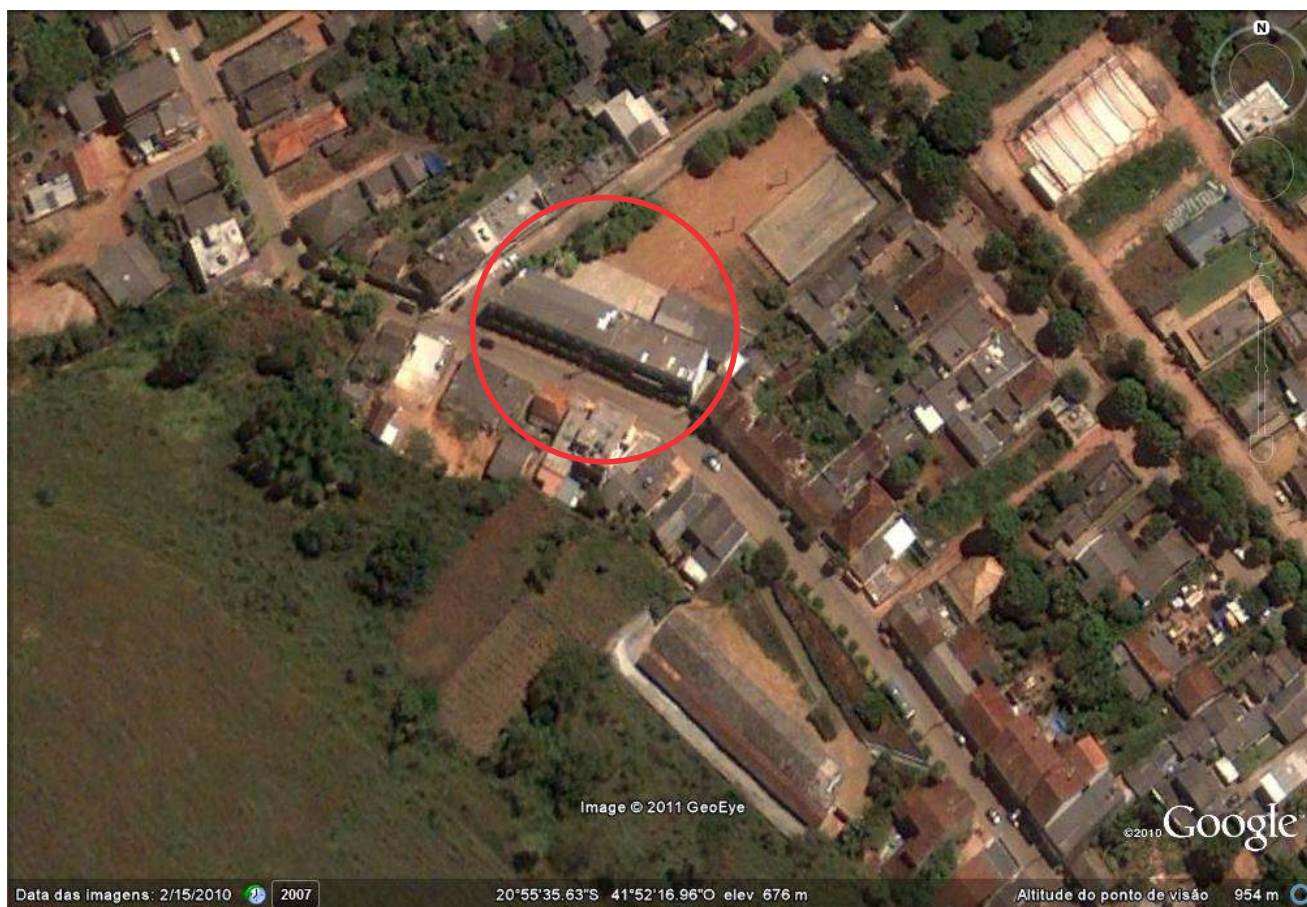
Características do lote

O imóvel integra o conjunto do centro histórico arquitetônico de Varre-Sai que se estende até a Rua João Ramos Pereira, que é um prolongamento da Rua José Vargas de Figueiredo. O Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho está localizado no centro, próximo ao bairro Santa Teresinha.

A sua construção, apesar de manter o gabarito de dois pavimentos predominante na cidade, permitindo integrar-se a volumetria do conjunto, rompe com o padrão de implantação tradicional, a partir do remembramento e ocupação de diversos lotes. O Colégio, com sua dimensão grandiosa e arquitetura diversa do casario histórico, foi identificado como sendo um marco na delimitação do setor considerado de interesse para preservação cultural, que se desenvolve a partir da Praça Pe. Abaeté Cordeiro e ao longo da avenida principal.



Vista do conjunto da Rua João Ramos Pereira.



Google Earth.

Descrição arquitetônica

Construção térrea, com linguagem correspondente ao estilo contemporâneo, edificada na década de 60 do século XX, identificado pelos pilares triangulares que suportam a marquise da entrada principal e pelas molduras retilíneas que formam uma espécie de pregueado entre o térreo e o segundo pavimento (f01).

O imóvel tem ainda como características dessa época a horizontalidade e amplas janelas com esquadria de ferro com caixilhos de vidro (f02).



f01



f02

Descrição arquitetônica

Inicialmente era composto, apenas, pelo bloco onde estão instaladas a porta de entrada principal e seis janelas. O outro bloco de oito janelas foi erguido entre os anos 1993-1998, durante a administração da Diretora Filomena Sílvia Nunes Figueira, seguindo o mesmo estilo arquitetônico do projeto original (f03).



f03

Estado de conservação

Do Jornal A Tribuna de Natividade, de 27 de setembro de 1980, encontramos uma nota de autoria de Sebastião Odithes Lopes, denunciando o precário estado do prédio do Instituto Estadual João XXIII, atual Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho. Em sua matéria, Sebastião revela que a cor original do prédio era verde. Vejamos: (...) *O prédio próprio deste estabelecimento, apresenta sua pintura ofuscada pelo tempo, onde o tradicional verde de sua primeira e única pintura, tenta de toda forma a sobreviver a caminhada do tempo (chuva, sol, poeira).* (...).

O estado geral de conservação atual do imóvel é bom.

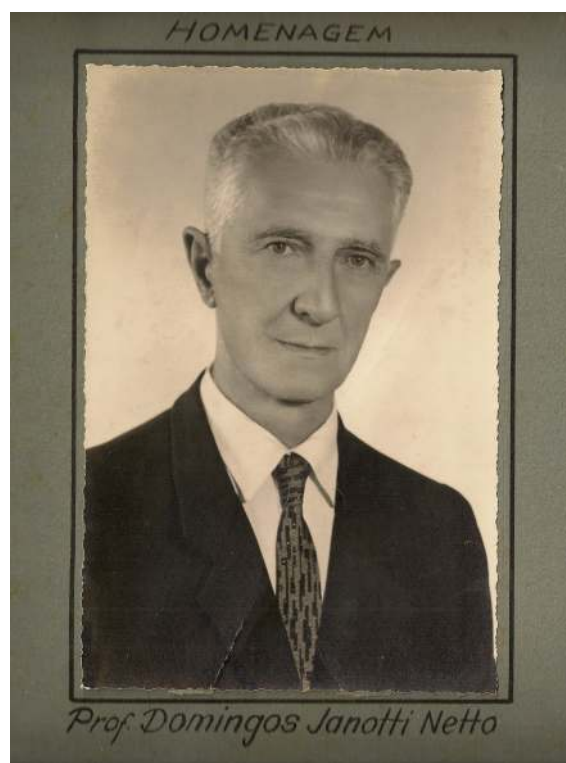
Esse imóvel foi construído para sediar o Colégio João XXIII, anos mais tarde absorvido pelo Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho.

De acordo com informações do histórico escrito por Domingos Jannotti Netto, o antigo ginásio foi idealizado em 1959, pelos srs. Walter Vieira (f04) e Altair Rosa, que chefiavam o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Nessa mesma época, porém, falece, vítima de um acidente, o Sr. Walter Vieira. Altair Rosa assumiu a liderança da campanha, convocando uma reunião na ocasião presidida pelo professor Antônio Carneiro. Nessa reunião foram traçadas as estratégias a fim de que o projeto se tornasse realidade.

Em 19 de setembro de 1959, no Clube dos Treze, foi fundado o Ginásio da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos de Varre-Sai - CENEG, sendo a primeira diretoria, eleita por aclamação pela maioria dos presentes, composta pelos senhores: Domingos Jannotti Netto – Presidente (f05), Godofredo Fabri – Vice-Presidente, Getúlio Vargas de Figueiredo – 1º Secretário, Dr. Jácomo Fabbri – 2º Secretário, Altacir Alves de Oliveira – 1º Tesoureiro, Wilsom Machado Vieira – 2º Tesoureiro, Altacyr de Oliveira Rosa – 1º Procurador, José da Silva Martins – 2º Procurador e Conselho Fiscal: Dr. César da Costa Abelha – Presidente e membros: Dra. Myriam Lúcia de Souza Pereira, Roberto José Pereira (Prefeito Municipal), Vereadores Aracy Giovanini, Torino Fabbri e Frilson Matheus Vieira, Orlando Tupini, José Duarte dos Santos, Manoel Duarte Ramos, Elson Campos Faria, Atilio Gorini, José de Souza Vieira, José Antônio, José Silvério Dutra, José Velloso Martins, Jesuíno Velloso Martins, Arlindo Pereira da Cruz, Elza Gorini e Norival Tupini. Ainda nessa mesma reunião foi deliberado que todos os sócios deveriam contribuir financeiramente, de acordo com suas possibilidades, até alcançarem a importância mínima de 50 mil cruzeiros, indispensáveis para fundação e funcionamento do Ginásio. Em seguida, o Presidente eleito convidou a todos para participarem da coleta que a diretoria iria realizar no dia seguinte pelas ruas da vila.



f04



f05

Convocada a segunda reunião, ficou determinada a criação de uma comissão que ficaria encarregada de executar o projeto da tão sonhada e necessária escola. Foi indicado o Sr. Altair Rosa, Chefe do PTB para Presidente. (...) *Na ocasião a política era chefiada por três partidos adversários, e que, não se entendiam: o PSD, o PTB e a UDN. Compreendendo essa adversidade dos partidos e sua posição de chefe do PTB, o Altair achou que a comissão presidida por ele, ia sofrer dura campanha do PSD e da UDN, o que dificultaria o apoio total de Varre-Sai, para que ele levasse o projeto ao final com êxito; propôs que o presidente deveria ser um elemento neutro na política, e bem relacionado com as chefias de todos os partidos, para conseguir apoio total, para vencer a dura tarefa em vista. (...).* (1). Assim sendo, escolheram uma pessoa neutra e que por ser farmacêutico vivia em perfeita harmonia com toda a população de Varre-Sai.

Conforme o testemunho do Sr. Domingos Jannotti Netto, a campanha foi muito dura porque estavam no mês de outubro de 1959 e queriam que o ginásio funcionasse já a partir de 1960. A partir dessa época passaram a contar com o apoio do Deputado Dr. Luiz Braz, também membro do setor Estadual da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos – CENEG. No dia 9/03/1960, receberam a visita do Inspetor Federal, que prometeu cooperar com o intento. No dia 12 do mesmo mês e ano, receberam um telegrama para que fossem realizadas as provas do exame para admissão escolar.

No dia 15/01/1960, foi realizada uma reunião no salão do Grupo Escolar Dr. Miguel Couto Filho para escolha do mandato bienal da diretoria do ginásio recém fundado, oportunidade em que foi mantida a diretoria anterior.

No dia 16/03/1960, o Ginásio de Varre-Sai deu sua aula inaugural e iniciou o funcionamento com seus vinte e um alunos matriculados, a saber: América Araújo Aguiar, Antônio Alberto de Oliveira Rosa, Antônio Oliveira Figueiredo, Cecília de Oliveira, Celso Guimarães de Oliveira, Cicéa de Oliveira, Elza Fontes Vargas, Elza Gorini, Geraldo Purificati, Ilton Alves Moreira, José Augusto Boechat, Léa Maria Sobreira, Luiza das Graças Alves, Maria do Cramo Jannotti, Maria Margarida Ramos, Marilda Almeida Reis, Saloneia de Oliveira, Sebastião Luiz de Oliveira, Sirléa Maria das Graças, Yvone Gomes da Rocha e Yonne Jannotti (f06).

Tempos depois Em 13/03/1962, foi eleita nova diretoria. Presidente: José de Souza Vieira, Vice-Presidente: Frilson Mateus Vieira, Secretário: Luiz Ramos Vargas e Diretor: Antônio Carneiro Ribeiro.

Em 02/10/1962, foi adquirido um terreno (f07) pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, do Sr. Adhemar Bandoli e de sua esposa sra. Edy Vargas de Oliveira Bandoli (f08), medindo 2.700 m², desmembrado do imóvel denominado Chácara, na Fazenda Santa Cruz, pelo valor de 100 mil cruzeiros, para construção do Ginásio Varre-Sai. Esse terreno dividia-se e confrontava-se pelo lado esquerdo com o Patrimônio de São Sebastião de Varre-Sai, do lado direito com os vendedores, fundos com o Ribeirão Varre-Sai e frente para a estrada de rodagem que vai até o Seminário Maria Imaculada, estrada essa que é continuação da Rua Afonso Pena.

Em 09/12/1962 foi realizado o lançamento da pedra fundamental da construção do Ginásio com a presença do Prefeito de Natividade José Roberto Ferreira e do Inspetor Federal de Ensino Secundário Pedro de Assis Moraes, Vereador Aracy Giovanini, políticos, homens de negócios, autoridades policiais e judiciárias, alunos do Ginásio, Lira Santa Cecília, professores e um grande número de pessoas. A solenidade obedeceu a seguinte programação: a) desfile pelas vias públicas principais da vila, acompanhado pela Lira

Santa Cecília; b) Hino Nacional entoado pelos alunos do Ginásio Varre-Sai; c) discurso do professor Antônio Carneiro Ribeiro, diretor do Ginásio; d) discurso da aluna Eliane Maria Barboza de Azevedo e e) discurso da aluna Maria Helena Ramos, ressaltando a importância da criação do Ginásio e da construção de seu prédio próprio, sugerindo, inclusive que fosse criada no mais curto prazo possível, a Escola Normal Varre-Sai. Nessa ocasião a direção foi repassada ao Sr. Aderbal Teixeira Dinis. Nesse mesmo ano, foi criado através do Decreto Estadual nº 8167, de 08/05/1962 o Jardim de Infância anexo ao Grupo Escolar Dr. Miguel Couto Filho.



f06



f07



f08

Em 1963 formou-se a primeira turma do Curso Ginasial (f09).

Em 25/03/1964, foi eleita nova diretoria. Presidente: Getúlio Vargas de Figueiredo, Vice-Presidente: Domingos Jannotti Netto, Secretário: Jácomo José Fabri. Nessa época foi proposta a mudança do nome de Ginásio de Varre-Sai, sugestão do Dr. Getúlio Vargas de Figueiredo, aprovada pela CENEG para Ginásio João XXIII, uma homenagem ao Papa que convocou o Concílio Vaticano II, que visando a renovação da igreja e uma nova forma de explicar a doutrina católica ao mundo moderno. Foi aclamado mundialmente como o *Papa Bom ou Papa da Bondade*.

Em 01/02/1965, nova diretoria foi eleita para gerir o Ginásio João XXIII. Presidente: Dr. Jácomo Fabri, Vice-Presidente: Domingos Jannotti Netto, Tesoureiro: Orlando Machado Tupini.

Em 16/08/1966, foi inaugurado o prédio com a presença dos srs.: Antônio Carneiro Ribeiro, Altacir de Oliveira Rosa, Dr. Jácomo José Fabri, Deputado Luis Braz, Secretário da CENEG, Dr. Felipe Thiago Gomes, Presidente da Campanha e do Diretor João Said Abib Vargas (f10). Entre 1959, ano em que foi fundado e 1966, quando foi inaugurada sua sede, o Ginásio João XXIII funcionou no Colégio E. Dr. Miguel Couto Filho.



f09



f10

Em 27/03/1966, foi eleita nova diretoria composta pelos srs: Dr. Jácomo José Fabri - Presidente, Domingos Jannotti Netto - Vice-Presidente e Joaquim Luis Fabri - Tesoureiro permanecendo até 1968.

Em 01/02/1968, nova diretoria foi eleita para gerir o Ginásio João XXIII. Presidente: João Said Abib Vargas, Vice-Presidente: José Antônio e Tesoureiro: Luiz Ramos Vargas.

Em 22/04/1968, com o afastamento do Diretor Geral Professor Antônio Carneiro Ribeiro, assumiu a direção o Presidente João Said Abib Vargas e o Vice-Presidente José Antônio passou a exercer a residência do Setor Local.

Em 23/03/1970, foi eleita nova diretoria composta pelos srs.: Francisco Edalmo de Assis, Vice-Presidente: Luís Carlos de Oliveira Ramos e Secretária: Teresinha Coimbra Sobreira.

Em 13/08/1970, com o afastamento do Diretor João Said Abib Vargas, o cargo foi repassado ao Sr. Luís Ramos Vargas.

Em 15/10/1972, foi realizada uma Assembléia Geral do Setor Local da CENEC, aprovada por unanimidade, com o objetivo de instituir na Escola o ensino de 2º Grau, especificamente, o curso de Formação de Professores habilitados ao exercício de magistério da 1ª a 4ª séries do primeiro grau.

Em 15/01/1973, foi realizada uma reunião com o objetivo de adequar a Escola às exigências da Secretaria de Estado de Educação e Cultura para o funcionamento do Curso Normal. A partir dessa época, a Escola contava em sua diretoria com o médico Dr. Silvestre José Gorini que passou a orientar a Educação Física, João Said Abib Vargas como Orientador Educacional, Luís Ramos Vargas como Diretor Geral e Joaquim Luis Fabri como Secretário. Nesse período, o Ginásio passou por uma grande reforma curricular.

A partir de 17/01/1973, devido a introdução do Curso Normal, houve a mudança de Ginásio para Colégio João XXIII.

Em 31/07/1973, nova diretoria foi eleita. Presidente: Luiz Ramos Vargas, Vice-Presidente: João Said Abib Vargas, Secretária: Teresinha Coimbra Sobreira e Tesoureiro: Joaquim Luís Fabri.

Em 16/12/1974, o Colégio João XXIII passa a denominar-se Instituto de Educação João XXIII, criado pelo Parecer do Conselho Estadual de Educação nº 1096 (f11).



f11

Em 02/03/1975, a diretoria passou a ser composta pelos srs.: Presidente: João Said Abib Vargas, Vices-Presidentes: José Geraldo Fabri e Sebastião Ferreira Assis e Secretária: Cicéa Nunes Vieira.

Em 05/08/1976, com o afastamento do Diretor Luis Ramos Vargas, assumiu, novamente, a direção o Presidente João Said Abib Vargas. E a presidência foi passada ao Sr. José Geraldo Fabri.

Em 07/03/1977, nova diretoria foi empossada. Presidente: José Geraldo Fabri, Vices-Presidentes: Pedro Ramos de Oliveira e Manoel Porfírio Ferreira e Secretária: Eloísa Helena Vieira Oliveira.

Em 10/03/1977, foi convocada uma reunião com o diretor João Said Abib Vargas, para relatar que nesse ano não houve matrículas para a 5ª série, uma vez que a Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho oferecia ensino gratuitamente. Sendo o distrito muito pequeno, não havia nessa época, alunos suficientes para manter duas escolas em funcionamento.

Em 09/05/1977, foi convocada uma Assembléia Geral do Setor Local da CENEC, para avaliar a possibilidade de o Instituto de Educação João XXIII firmar um convênio com a Secretaria de Estado de Educação e Cultura, para cessão das salas ociosas para o funcionamento das turmas de 5ª a 8ª séries da Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho o que foi aprovado por unanimidade.

Em 14/02/1978, nova reunião foi realizada com a presença da comunidade local, que aceitou, por unanimidade, em ceder as dependências ociosas para o funcionamento de turmas da Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho. Nessa época, o Colégio João XXIII era dirigido pelo Sr. João Said Abib Vargas, que o repassou para Amália Dutra Sobreira, tendo como Presidente do Setor Local: José Geraldo Fabri e Secretária: Eloísa Helena Vieira de Oliveira.

De 1979 a 1983, o Colégio João XXIII cedeu suas dependências à Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho, cuja diretora era a sra. Marlene Abib Oliveira Fabri.

Em 1982, através da Portaria nº 3034, de 04 de junho, a Secretaria de Estado de Educação autorizou o Instituto de Educação João XXIII a ministrar o Ensino de 2º grau com habilitação de Formação de Professores especificamente para o ensino de 1º Grau, de 1ª a 4ª séries.

De 1984 a 1986, foi dirigido pela sra. Amália Dutra Sobreira.

De 1987 a 1990, assume, novamente, a direção a sra. Marlene Abib Oliveira Fabri.

Em 1991, ano em que se deu a emancipação político-administrativa de Varre-Sai, a Escola foi dirigida pela professora Ana Rita de Oliveira Vargas.

Em 1992, foi nomeada, novamente, a professora Amália Dutra Sobreira.

De 1993 a 1998 dirigiu a Escola a professora Filomena Sílvia Nunes Figueira. Foi em sua gestão que o antigo prédio do então Instituto João XXIII foi ampliado. De acordo com Filomena Sílvia, ela administrou essa obra com 60 mil reais e com o apoio total dos pais.

Em 1994, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, através do Decreto nº 20.588, de 28/09/1994, transformou em Colégio Estadual a Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho.

A partir de 1997, o curso de Formação de Professores que funcionava no Instituto Educacional João XXIII, passou a funcionar no Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho.

De 1999 a 2001, foi nomeado diretor o professor Josimar Luís Vieira.

De 2001 a 2009, foi nomeada diretora a professora Fabíola Fabri. Durante a sua gestão, mais precisamente no dia 12/05/2006, foi realizada a desapropriação do imóvel do Colégio João XXIII pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, após entendimentos mantidos com a Campanha Nacional de Educandários da Comunidade.

Em 2010, foi nomeada diretora a professora Marlene Abib Oliveira Fabri.

Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho:

O Grupo Escolar Dr. Miguel Couto Filho (f12) foi criado através do Decreto nº 3076, de 08/11/1956, funcionando com esta denominação até 14/07/1976. O nome foi uma homenagem ao médico Dr. Miguel Couto Filho, Governador do Estado do Rio de Janeiro entre 1954 e 1958.

Em 1968, através do Decreto nº 13.324, de 31/05/1968, foi criada a Escola Estadual de Ensino Supletivo Dr. Miguel Couto Filho.

Através do Decreto Estadual nº 804, de 15/07/1976, o Grupo Escolar passou a ser denominado Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho, funcionando até 27/09/1994.

Em 1976, através do Decreto nº 804, de 15/07/1976, passa a ministrar o ensino de 5ª a 8ª séries do primeiro grau.

Em 1978, a Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho absorve a Escola Estadual de Ensino Supletivo Dr. Miguel Couto Filho, através do Decreto nº 2.027, de 10/08/1978.

Em 1984 foi criado o CA do Ensino Supletivo, por Deliberação de junho de 1984.

Através do Decreto nº 20.588, de 28/09/1994 a Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho passou a ser denominado Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho. Nesse mesmo ano é criado o Curso de Formação Geral e municipalizado o ensino do primeiro seguimento do primeiro grau (1ª a 4ª séries), passando a funcionar no CIEP Primo José Sobreira. O Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho a partir dessa época administra o segundo segmento do primeiro grau (5ª a 8ª séries), o Segundo Grau e o Ensino de Jovens e Adultos (Fases I e IV).



f12

Em 1997, o curso de Formação de Professores que funcionava no Instituto Educacional João XXIII, passou a funcionar no Colégio Estadual Dr. Miguel Couto Filho, autorizado pela Lei nº 3.076, de 07/11/1979. Somente após a transformação do Colégio em Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho é que o curso de Formação de Professores pode ser absorvido, definitivamente, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1998, através da Resolução SEE nº 2163, de 09/11/1998, passa a Unidade Pólo 76/01.

Em 2006 a Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho comemora seu cinquentenário de fundação.

Diretores:

1956/1968: Helena de Magalhães Giovanini (f13).

1968/ 1977: Margarida Nilza Ramos.

1968/1978 – Ensino Supletivo: Jecenaide de Bretas e Vargas.

A partir de 1978, conforme os termos do convênio firmado com a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, o Instituto de Educação João XXIII e a Escola E. Dr. Miguel Couto Filho passam a ter um único diretor (f14 e f15).

1978: Amália Dutra Sobreira.

1979/1983: Marlene Abib de Oliveira Fabri.

1984/1986: Amália Dutra Sobreira.

1987/1990: Marlene Abib Oliveira Fabri.

1991: Ana Rita de Oliveira Vargas.

1992: Amália Dutra Sobreira.

1993/1998: Filomena Sílvia Nunes Figueira.

1999/2001: Josimar Luis Vieira.

2001/2009: Fabíola de Oliveira Fabbri.

2010: Marlene Abib Oliveira Fabri.





f14



f15



Em frente ao Colégio (da esquerda para direita)
No muro: Zilda, Betinho, Helena, Euciene, Margesse,
Ana Célia, Sotima Nunes, Sebastião, Ângela Viôti,
Carminha, Sairo, Rita de Cássia, Clara, Siete.
Na calçada: M^ã das Graças Gêldu, Ana Clara,
Maria Helena, Joana D'arc, Sibile, M^ã das Graças Amite,
Ângela Dutra, M^ã Aurora, Ana Célia.

f16 - Aspecto de uma das turmas da Escola.



Em pé (da esquerda para direita)
Carminha, Zilda, Clara, M^ã Aurora, Siete, M^ã das
Graças Amite, Ângela Dutra, Sibile, Joana D'arc,
M^ã Helena, Euciene, Sotima Nunes, Ana Clara,
M^ã das Graças Gêldu.
Sentados: Sebastião Nunes, Ângela Viôti, Sairo,
Rita de Cássia, Betinho Purificati, Margesse, Clara,
Ana Célia e Helena Pirozzi.

f17 - Aspecto de uma das turmas da Escola.



f18 - Desfile Escolar.



f19 - Coroação da Rainha dos Estudantes.



f20 - Coroação da rainha dos estudantes.

Bibliografia e Fontes:

(1) NETO, Domingos Jannotti, Histórico da Criação do Ginásio. 1982.
Acervo e Trabalho organizado pela professora Edilma Fontes Vargas Martins.

Fotografias:

Acervo da Escola Estadual Dr. Miguel Couto Filho: f04 a f06, f09, f11 a f13.
Acervo de Edilma Fontes Vargas. Martins: f07 e f08, f14, f16 e f17, f19 e f20.
Acervo do Dr. Jácomo José Fabbri: f10.
Acervo do Centro Cultural Sebastião Oliveira Vargas: f18.

